

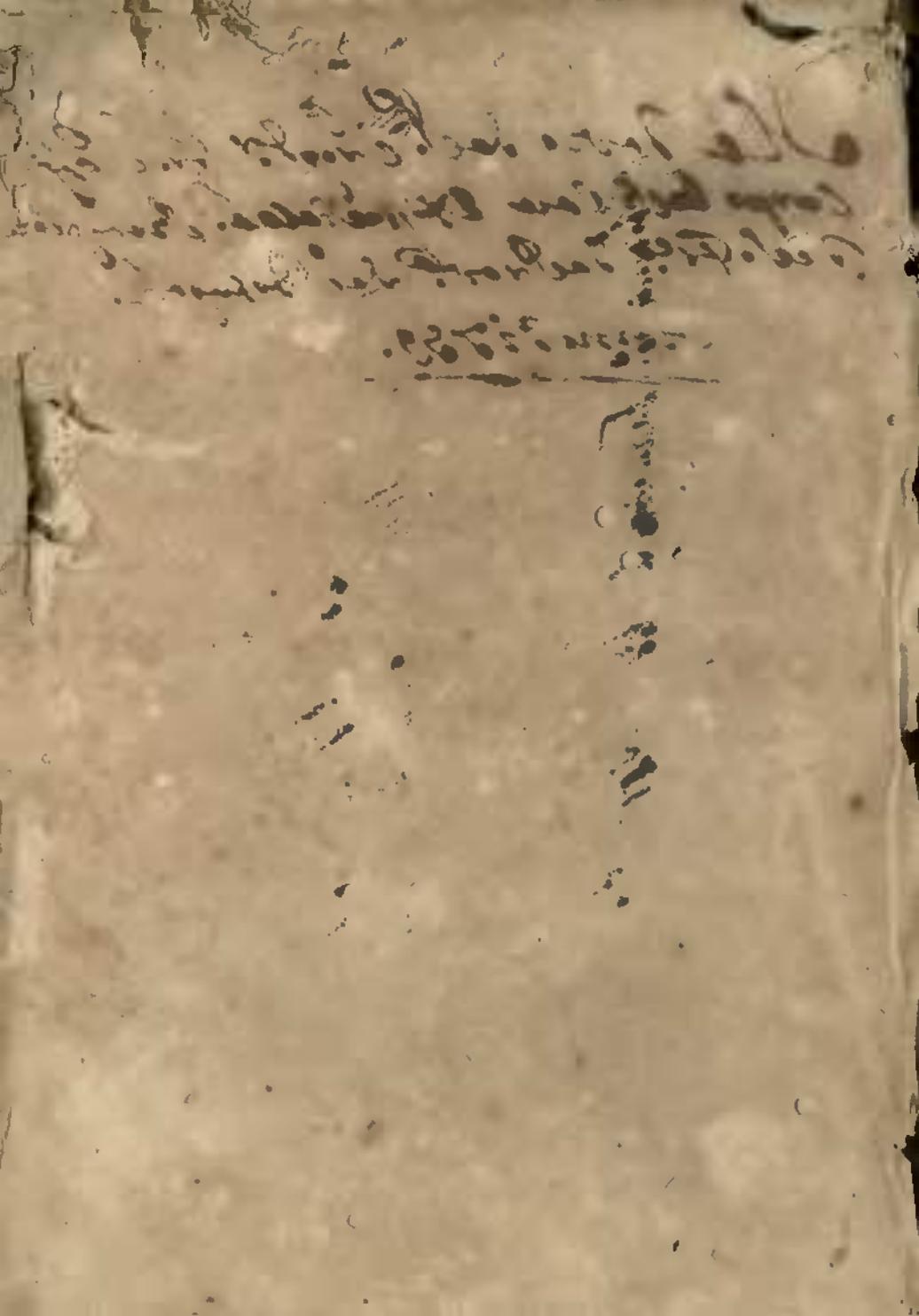


Aut

7864

At





# GEMIDOS SERAFICOS,

DEMONSTRACOENS

fentidas, e obsequios dolorofos nas Exe-  
quias funeraes, que pela morte

DO FIDELISSIMO, E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR

## D. JOAÕ V.

FEZ CELEBRAR NOS CONVENTOS

*da Provincia de Santo Antonio do Brasil, entre*

*Bahia, e Pernambuco, e confagra*

A SEMPRE GRANDE, EXCELSA, E SOBERANA SENHORA

### D. MARIA ANNA DE AUSTRIA,

Rainha Mãy,

O REVERENDISSIMO PADRE

### Fr. GERVAZIO DO ROSARIO,

*Prégador, Ex-Diffinidor, e Ministro Provincial da mes-  
ma Provincia.*



## LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO DA SILVA.

Anno de MDCCLV.

*Com todas as licenças necessarias.*



GENERAL  
SERVICES  
THE FIRST PART OF THE  
... ..  
... ..  
... ..

D. J. O. A. V. I.

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..

... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..  
... ..

---

... ..



# SENHORA.



*O* Efeito grande do sempre lamentavel golpe, com que a tyrannã parca chegou a provar a Real Constancia de V. Magestade,

tãde , cortando o precioso fio da mais estima-  
vel vida do Senhor Rey D. Joã V., mereci-  
do Conforte de V. Magestade , foy taõ excessi-  
vo , como o publicarãõ as demonstraçoens de  
magoa de todos os seus amantes , e leaes Vas-  
sallos , que ao incomparavel da perda soube-  
raõ ajuntar o inimitavel do sentimento. E se  
este se deve tributar á proporçaõ dos benefi-  
cios ; sendo taõ notorios , os que esta Provin-  
cia de Santo Antonio do Brasil, entre a Bahia,  
e Pernambuco, recebeu da Real Grandeza de  
Sua Magestade, que Deos tem em Gloria, pe-  
lo excesso de amor , e benevolencia , com que  
a favoreceo , e amparou , naõ devia ella ser  
menos expressiva nos effeitos da magoa ; pois  
foy a mais singularizada nos favores do  
affecto.

Com este taõ acertado , e bem fundado  
juizo, se vio precisada esta Provincia a sa-  
zer pela ditosa alma de Sua Magestade pu-  
blicas , e piedosas Exequias , levantando á  
sua inconsolavel memoria tantos padroens  
da

da sua saúde, quantos Mausoleos fabrica-  
raõ os seus Conventos. Não puderaõ ser pro-  
porcionados á grandeza do objecto, tanto por  
não o permittir a capacidade dos Templos, e in-  
digencia dos lugares, como por lhe ser muy de-  
siguaal a força do braço. Mas como sobrou de  
impulso, quanto faltou do poder; não se de-  
ve regular a offerta pelo avultado, e precio-  
so da fabrica, como pelo generoso, e activo  
da vontade.

As ofertas não se conhecem melhores;  
nem se fazem mais acceitas pela grandeza,  
que tem em si; mas sim pela intenção, que  
levaõ consigo: pois não olhaõ as Deidades  
para a extensão do holocausto; só attendem  
para a pureza do sacrificio: e he certo, que  
mais se agrada huma Magestade, ainda a  
mais Divina, do pouco, que nos Altares offe-  
rece o coração, do que do muito, que nas aras  
largão as mãos. Nas letras sagradas refere S.  
Marcos, que a Christo, Divino Rey, mais lhe  
arreatára a attenção a pequena offerta, que

com toda a alma largara no cofre do Templo,  
a pobre viuva de Jerusaleem, do que as gran-  
des oblaçoens, que só por cerimonia deixa-  
vaõ alli os mayores do povo. E nas humanas  
escreve Tacito, que os Principes grandes  
sempre se contentaõ, e satisfazem mais, com  
pequenos, e sincéros dons.

Este pouco, ou este nada, que esta hu-  
milde, e pobre Provincia do Brasil offerece  
às Reaes Aras de V. Magestade, he taõ sincê-  
ramente puro, e leva consigo huma taõ affe-  
ctuosa vontade; que se assim, como legitima  
e verdadeira, fosse cabalmente penetrada, e  
conhecida; bastaria a fazer muy avultada,  
e grandiosa a offerta: porque ainda que lhe  
naõ era possível pela sua limitada pequenez  
igualar a alteza taõ elevada do objecto; com-  
tudo, pelo affectuoso, e sincéro da vontade,  
com que o faz, bem póde de algum modo ser-  
vir de desempenho á divida; de que se con-  
fessa, e confessará eternamente obrigada; ja  
que se vê impossibilitada de condignamente sa-  
tisfazer.

Este

Este foy o justificado motivo ; que teve esta Provincia para offerecer tantos cultos, e Officios funeraes á alma de S. Magestade, que piamente a suppõem ja collocada entre os espiritos bemaventurados: e o que a excitou a consagrá-los aos Reaes pés de V. Magestade, não he menos justificado. A razão he clarissima: porque se d' El Rey defunto recebeu esta Provincia tantas esmólas, e graças muy especiaes, que planamente confessa; a V. Magestade reconhece dever tudo o que recebeu. Muito deve a El Rey, pelo que obrou, e não menos a V. Magestade pelo que cooperou. Grande foy a piedade, devoção, e affecto d' El Rey para os Templos, e casas de Deos; mas tambem não se póde negar, que a V. Magestade deveo El Rey a approvação de todas as idéas, que respeitavaõ o culto do mesmo Deos: donde procedia realçar tudo na sua ultima perfeição, para melhor comprazer ao Regio; e divinizado espirito de V. Magestade.

He

He notorio a todo Reyno , e ainda ao mundo todo, o animo piedoso, e devoto de V. Magestade, além das mais graças, e virtudes moraes, de que Deos ornou a alma de V. Magestade: tambem não:he occulto , que estes foram os incentivos mais efficazes , que teve El Rey para a execuçaõ das suas mayores piedades , e para a praxe das suas acçoens mais devotas. Nem isto póde diminuir em El Rey a grandezza de animo ; e menos deslustrar a sua grande piedade. Rey dos Astros he o Sol; e com tudo, ao primeiro movel deve o acerto, ou concerto do seu natural curso , sem que por isso fique com detrimento na sua grandezza ; antes se ostenta mais acertado na participaçã das suas luzes ; que com liberal equidade reparte ao mundo todo. Do mesmo modo não póde diminuir em El Rey a soberania do seu obrar , o ser o claro Ceo de V. Magestade o primeiro movel das suas piedades, que com discreta , e igual liberalidade communicou a todos os seus leaes, e amantes Vassallos;

sallos; e em especial aos desta pobre, e hu-  
milde Provincia Franciscana, que nunca  
cessará de rogar a Deos pela alma d'ElRey,  
e pela Pessoa de V. Magestade, que a guarde,  
como todos, fiel, e cordialmente, desejamos,  
e havemos mister.

...a un ...  
...que ...  
...  
...  
...



GEMIDOS SERAFICOS,  
DEMONSTRAC, OENS SENTIDAS,  
e obsequios dolorosos pela morte

DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR

D. JOAÕ V.



Chando-se em o dia 22. de Outubro do anno passado de 1750. na Cidade de Olinda o Illustriſſimo e Excellentiſſimo Senhor Luiz Jozé Correa de Sá, Governador, e Capitão General de Pernambuco, para com a ſua aſſiſtencia fazer mais ſoleinne o acto, que na manhã deſſe dia na Cathedral ſe celebrava dos annos feliciffimos do Sereniſſimo Rey e Senhor D. Joaõ V. de glorioſa memoria;

e eterna ſaudade, com grande regozijo, e acclamação de todo o povo, acompanhada do eſtrondoso ſom da artilheria das Fortalezas, que medção por eſpaço de huma legoã deſde a Cidade de Olinda até a Villa do Recife; e das repetidas cargas da Infantaria de huma, e outra Praça, que ſe achavaõ ambas encorporadas na meſma Cidade, ſe deixou ver pela tarde do meſmo dia huma Náo, a qual pela oppoſição dos ventos contrarios não pôde tomar o porto, em que lançaſſe as anchoras, ſenaõ no outro dia pelas tres horas da tarde.

O goſto, com que a viſta da Náo alvoroçou toda a Cidade,

de, foy annuncio da pena, que depois se certificou: porque a falva costumada, com que devia a Não festejar a terra, por se achar ja á vista della, se trocou em tiros vagos, e alternados de quarto em quarto, com que significava a funesta noticia, que trazia, de que tinhaõ naufragado as nossas esperanças. As bandeiras, que largas ao ar, e levantadas ao alto, deviaõ espalhar o contentamento da sua chegada, baixadas ao pé da haste, se não de todo colhidas, todas tremulas, mostravaõ receyo, e sentimento de publicar huma fatalidade, que, sendo tão universal, e commua á natureza humana, não podia deixar de ser estranhada pela singularidade do objecto. Viraõ-le quasi ao mesmo tempo deus'extremos muy encontrados, hum do mayor gosto na terra, e outro da dor mais sensível no mar: no mar á vista da terra o lamentavaõ morto; na terra com os olhos no mar o festejavaõ vivo: de manhã applaudido como vivo; de tarde pranteado como morto. Foraõ exequias triste de tarde; o que de manhã tinhaõ sido festivos obsequios: a manhã alegre foy annuncio da borrasca da tarde.

Mas quando deixou hum gosto grande de ser preambulo de huma dor mayor! Foy a pena a mayor, que podia ser; porque ja não pode ser na occasiaõ mayor o gosto. Tinha-se festejado aquelle dia annual do nascimento de Sua Magestade com o mayor prazer; porque corria noticia, ainda que vaga, vinda pelo Rio de Janeiro, de que Sua Magestade se achava com melhoraõ conhecida na sua enfermidade, q̃ havia oito annos padecia; e com esta noticia tão estimada, se augmentou summamente o gosto: e como chegou ao mayor excessõ, havia de encontrar hum summo desprazer. Na Medicina he aphorismo certo, que quando a natureza chega áquelle ultimo auge da faude, que não póde passar a mais, necessariamente ha de enfermar. A mayor valentia hê ensayo para a ultima ruina: quanto mais robusta, mais deprefsa enfraquece. A luz, quando quer acabar, entaõ resplandece mais: e o sinal mais certo de se extinguir, he o excessivo auge do seu resplendor. Em fim, sempre o remate do gosto foy exordio de pena: por isso o povo daquella Cidade de hum gosto tão excessivo, pelos sinaes da Não, e tiros tão demorados, e repetidos, começou a recear huma pena tão desmarcada. Não tardou em chegar a noticia do que receavaõ: porque correo veoz, por isso mesmo que trazia consigo tanta pena.

Assim que o Illustrissimo e Excellêntissimo Senhor Governador,

nador, e Capitão General daquelle Estado avistou do seu palacio de Olinda a Náo no mar, ainda que distante bastantemente de terra, logo a toda pressa pelas tres horas da tarde se retirou para o palacio da Villa do Recife a esperar carta, discorrendo prudentemente, que o Capitão da Náo, vendo que naquella tarde não podia dar fundo, esquiparia algum batel, ou bargantim de remos a trazer a noticia da sua chegada, e do que houvesse succedido na Corte. Correspondeo o successo ao discurso; porque pelas sette horas da noite chegou o bargantim a remos com carta do Capitão de mar, e guerra, e com a noticia infausta da morte de Sua Magestade, cuja noticia logo Sua Excellencia participou a todos os Prelados dos Conventos do Recife, e juntamente expedio logo hum proprio para Olinda, e a noticia ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo D. Fr. Luiz de Santa Tereza, e aos mais Prelados dos Conventos de Olinda, rogando, e recômandando a todos, mandassem fazer com os dobres dos sinos os sinaes de sentimento devidos a tanta perda.

Os primeiros sinos, que manifestaraõ esse justo sentimento, foraõ os do nosso Convento do Recife; não se se por ficar este menos distante do palacio de Sua Excellencia, donde com mais brevidade correo a noticia; ou se por destino da Divina providencia, que dispôs se anticipassem nesta demonstração; os que com mayor vehemencia participavaõ o sentimento de taõ grande perda. Ao triste som dos nossos sinos foraõ correspondendo com as suas funestas vozes os mais sinos do Recife. O mesmo succedeo na Cidade de Olinda, quasi ao mesmo tempo, principiando os sinos da Cathedral; e corresponderaõ igualmente todos os sinos das mais Igrejas, e Conventos. Os dobres dos sinos continuaraõ pelos tres dias seguintes com os seus costumados intervallos; a saber: ás cinco horas da manhã, ás nove, e doze do dia, ás tres da tarde, e ás sette da noite: pois em casos semelhantes de tanta dor, e taõ excessivo pezar só linguas de bronze, e vozes de metal pôdem dizer com viveza dura, o que o sensível, por amortecido, ou desmayado, não sabe explicar.

Recebida a noticia da morte do nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joã V. pela carta do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Governador, e Capitão General; o R. P. Guardião do Convento, antes que cõ o melancolico som dos sinos se publicasse, junta a Comunidade dos Religiosos na Capella mayor da

da Igreja, revestido de sobrepelliz, estóla, e capa de asperges; fez cantar com toda a solemnidade hum Responso, e offereceo pela alma do mesmo Rey defunto. Certamente, se pelo enternecido dos accents, que sahiaõ do intimo do peito, mostraraõ ser espiritos Seraficos, os que o entoãraõ; pelo suave, com que suspendiaõ as attençoens dos ouvintes, fizeraõ suspeitosas de Angelicas as suas vozes. A mesma cerimonia, ou tributo Catholico se observou sem discrepancia em todos os Conventos desta nossa Provincia, (por mandarem assim as nossas Leys, e Actas Capitulares) tanto que a elles chegou a lamentavel noticia da morte do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joã V.

Achava-se nesta occasiaõ o nosso Reverendissimo Padre Provincial Fr. Gervazio do Rosario visitando o Convento de Ipojuca, que fica distante da Villa do Recife, dez legoas para a parte do Sul, com deliberaçaõ de vir visitando os mais Conventos por terra até a Cidade da Bahia: mas tendo a infausta noticia da morte do nosso Soberano Monarca, mudou de parecer, e voltou para o Convento do Recife; donde tinha sahido, para nelle com mais acerto determinar as demonstraçoens de sentimento, que devia esta Provincia á saudosa memoria de hum Rey, de cuja grandeza, e liberalidade tinha recebido as mayores expressoens do seu agrado, e benevolencia, na especial graça de ser o seu Regio Protector, além de muitas, e grandiosas esmólas, que mais cabem no largo sacrario do silencio para se venerarem, do que nos breves caracteres deste papel para se dizerem. Chegado que foy ao Convento do Recife, logo sem demora resolveo sua Paternidade Muito Reverenda, que além dos suffragios, que para as Pelloas Reas determinaõ as Leys desta Provincia, devia esta, pela razãõ de mais obrigada, singularizar-se com mayor demonstraçaõ no sentimento da morte do nosso Monarcha, ainda que sempre menos ao muito que devia; e assim mandou, debaixo de preceito formal, o que melhor se vê pela seguinte Carta Pastoral.

**F**R. Gervazio da Rosario, Prégador, Fix Dissinidor, Padre, e Ministro Provincial desta Provincia de Santo Antonio do Brasil. *A todos os nossos amados Irmãos Guardiaens, e mais Religiosos nossos subditos, saude, e verdadeira consolaçaõ em o Senhor. Como quer que Deos, infinitamente justo, e misericordioso, pela primeira culpa de nosso pay Adãõ conde-*

condenasse a todos os homens ao fatal, e rigoroso tributo da morte, e de presente executasse esta terrivel, e indispensavel Ley na Soberana Pessoa do Muito Alto, e Muito Poderoso Rey, e Senhor D. Joao V. de laudosa, e gloriosa recordação; cuja fatalidade devemos lamentar com as mayores expressões do nosso sentimento; porque nelle perdemos hum Monarca tão pio, e tão Catholico, que por hum longo, e felicissimo Reinado tinha merecido o amor, e rendimento nos corações dos seus fieis, e leaes vassallos; e com muita particularidade lhe devia a nossa Religião Seráfica as mais exaggeradas venerações pelo cordialissimo affecto, com que sempre a estimou, e muito especialmente a esta nossa Provincia, de quem foy Protector em todo o tempo do seu felicissimo Reinado, favorecendo-a, amparando-a, e distribuindo-lhe muitos ornamentos, cortinados, sinos, e outras alheyas ricas, e preciosas, dignas todas da sua Real Grandeza, para as Igrejas dos Conventos desta nossa Provincia. Pelo que; attendendo a todos estes motivos, e a outros mais, que calam, pelos nao vulgarizarmos; e querendo gratificar na morte tantos beneficios, de q̃ na vida lhe fomos, e fomos devedores mandamos a todos os nossos amados Irmãos Guardiaens desta nossa Provincia, que, tanto que esta lhes for dada, fação hum Officio solemne, com a mayor pompa, e grandeza, que a opulencia do lugar, e a possibilidade do Convento permittir, pela alma d'El-Rey defunto, os Sacerdotes celebrem tres Missas, os Irmãos Chorislas tres Officios de defuntos rezados, e os Irmãos Leigos trezentos Padre nossos, e trezentas Ave Marias: tudo offerecido pela alma do mesmo Rey; alem dos mais suffragios, que pelas almas dos nossos Monarcas mandão fazer as nossas Leys. E para lhes não saltar o merito da Santa Obediencia, debaixo della assim o mandamos, em virtude do Espirito Santo: e de terem assim cumprido, se fará termo ao pé desta, assinado pelo Guardiaõ, e Discretos do Convento. Dada no Convento de S. Antonio da Villa do Recife, sob nosso Sinal, e Sello mayor do nosso Officio aos 12. de Novembro de 1750.

Loco ✠ Sigilli.

Fr. Gervazio do Rosario  
Ministro Provincial.

P. Mandado de S. P. M. R.

Fr. Joao de Jesus Maria,  
Secretario da Provincia.

Com

Com grande attençaõ foy ouvida; e com mayor vontade executada a Carta Pastoral do nosso Reverendissimo Padre Provincial, tanto pela complacencia; que reconciliava o objecto, a que se terminava; como pelo respeito devido de quem a mandou: e assim em todos os Conventos da Provincia, com a mayor brevidade, e solemnidade mais pomposa, que permittio o funebre, ou funesto do acto, se officiarão as exequias, e mais suffragios consagrados á alma d'ElRey defunto. Naõ descrevemos a fabrica, magnificencia, e perfeiçaõ dos Tumulos, que se erigiraõ nos Templos dos nossos Conventos; porque ainda que nelles houve distincçaõ nas architecturas, segundo as diversas idéas dos seus Artifices, huns levantados pela ordem Corinthia, outros pelo methodo Jonico, e os mais formados pelo que chamaõ regular, e esta variedade de tantos artefactos poderia dar algum delectavel pasto á attençaõ; com tudo pelo repetido, ou identico, naõ deixaria de enfastiar o delicado, ou melindroso paladar daquelles, que na brevidade do que lêm, põem todo o seu gosto: só notamos, que para demonstraçaõ da magnificencia, com que se levantarão, e para expressãõ do sentimento, que inculcavaõ, naõ faltaraõ aquelles indices costumados, que melhor explicaõ a grandeza do objecto, e a intensãõ do sentimento.

O sentimento se inculcava intenso pela negridaõ das baetas, com que se cobriaõ, e enlutavaõ os Tumulos: e algum houve, que com o preto veludo quiz testemunhar, ou o mais fino da sua magoa, ou o mais denegrado da sua pena: mas nõ que o vivo deste sentimento se deixou ver á melhor luz, foy nas poucas, que allumiavaõ os Mausoleos; porque em todos naõ passaraõ de oito tochas, que, dispostas, e assentadas no primeiro plintho dos monumentos, faziaõ huma bem ordenada cõfuzãõ de luzes, além das que distribuidas pelos Altares allumiavaõ os Templos. E se ja houve penna discreta, que das luzes de hum cenotaphio transformou estrellas para o firmamento, figurando que naõ sabia distinguir, se eraõ tochas, que brilhavaõ, ou estrellas, que resplandeciaõ; bem se pôde agora decifrar, que em serem as luzes poucas, foy, ou para se cumprir exactamente a vontade do Rey defunto; ou para se significar melhor, com a diminuiçaõ do luzimento, o excessõ da nossa magoa: pois he certo, que quanto menos estrellas se descobrem no Ceo, mayores sombras cobrem a terra.

Tambem

Tambem concorreraõ para a expressaõ deste sentimento summo os muitos cyprestes , que com pompa triste , e funebre verdor floresciaõ nos Tumulos : ou porque pela forma pareciaõ levantadas pyramides , em que a magoa gravou os seus effeitos ; ou porque se a natureza lhes deo por representaçaõ a melancolia , e a arte lhes appropriou por terreno a sepultura ; vinhaõ aqui nascendo para jeroglyphicos certos da mais lastimada morte : deforte que pelo funebre ornato dos Tumulos se descobria o intenco , e excessivo do sentimento : assim como pelo avultado , e arrogante de seus corpos , on maquinas ; pelo dourado , e prateado das rendas , e galoens , com que se orlavaõ as peças ; pelo rico dos véos , com que se cobriaõ os cofres ; e pelo precioso das almofadas , em que descansavaõ as Coroas , e os Ceptros , se ostentava a magnificencia , e o realengo do seu objecto .

Tinha determinado o Reverendissimo Padre Provincial , que o Convento do Recife fosse o primeiro nesta sentida demonstraçaõ , depois de celebradas as Exequias Reaes na Sé Episcopal : mas como as disposiçoens dos homens estaõ sujeitas aos juizos de Deos , permittio este mesmo Senhor , que no terceiro dia da sua chegada ao tal Convento , lhe sobreviesse , ou da violencia , e trabalho apressado do caminho , ou do aballo interior da infaulta noticia , a sua costumada molestia podagra , que padecenos pés : e como nesta occasiaõ foy mais impertinente , por accrescerem de novo tantas causas , e motivos , não lhe era possível assistir , como desejava , pessoalmente aos Regios funeraes ; e assim resolveo que se deferissem até a sua total melhoria : Esta dilaçaõ interina deo lugar a que as mais Familias Religiosas lhe precedessem nas expressoens funeraes , ficando as do nosso Convento do Recife destinadas para o Sabbado 11. do mez de Dezembro do mesmo anno de 1750 .

Com os dobres dos linos na noite de sexta feira se deo principio ás Exequias Reaes , que se celebraraõ no Sabbado . Capitulou o Officio , e cantou a Missa o nosso Charissimo Irmão Prégador Fr. Manoel de S. Jozé , por se achar o Reverendissimo Padre Provincial ainda mal convalescido da sua molestia ; que escassamente o deixou assistir no Coro ao Officio , e Missa , e na Capella mayor da Igreja ao Responso . A toda a funçaõ funeral esteve presente de huma das tribunás da Igreja o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Governador , e Capitão General daquelle Estado ; a cujo exemplo concorreraõ todos os Cabos principaes .

paes, e Subalternos da mesma Praça. Assistirão a este Regio Serafico acto os Prelados de todos os Conventos, com muitos Religiosos seus subditos, além de outras muitas pessoas graves, e particulares. Nem faltarão a tão pio, e religioso obsequio a Mesa da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, a que presidia o seu R. P. Commissario Fr. Jozé de Santa Clara, Ex Leitor da Sagrada Theologia, e o seu Irmão Ministro Joaõ da Costa Monteiro, Capitão mór daquela Villa, com hum grande numero de Irmãos Terceiros, todos com tochas, e brandoens de cera acesos nas mãos.

Acabado o Officio, e Missa, subio ao pulpito o nosso Charissimo Irmão Prégador Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, e tomando por thema as palavras do *Cap. 1. do Ecclesiastes*, orou com tanta energia, e propriedade, que aos circumstantes pareceo ouviaõ ao mesmo Salamaõ Author do thema. Nos bem fundados pontos da sua alta, e elevada Oração poderaõ melhor contemplar os discretos leitores as partes, de que se orna o engenhoso, e erudito discurso deste famoso Orador, que nós não sabemos julgar a quem ficou elle devendo mais na acertada e-leiçãõ do thema, se ao Sabio Rey de Jerusalem, que formou para elle aquelle texto; ou se ao Monarca mais entendido de Portugal, que com as suas singulares acçoens soube formalizar para si aquellas palavras.

No Convento da Cidade de Olinda ja antecedentemente em 16. de Novembro em huma segunda feira se tinhaõ celebrado pela felicissima alma do nosso Soberano Monarca defunto as Exequias funeraes com luzida pompa, e engenhosa architectura, em que se vio competir entre si a pericia da arte com a preciosidade da fabrica, tudo por industria, diligencia, e actividade do R. P. Guardiaõ do mesmo Convento o nosso Charissimo Irmão Prégador Fr. Ludovico da Purificação. Elle foy o que, com huma voz suavemente sonora, e com melodia muy terna, e attractiva, semelhante ao genio, de que he dotado, capitulou o Officio, e cantou a Missa, não sem grande renitencia, por desejar, para mayor honorificencia, e esplendor daquelle acto, capitulasse o Officio, e cantasse a Missa o nosso Reverendissimo Padre Provincial, o qual, como se achava gravemente molesto, não pôde condescender ás suas rogativas; antes lhe mandou ordem expressa para não deferir as Exequias, contentando-se, ainda que invito, com deferir as do Convento

tô do Recife, onde se achava enfermô, para quando se achasse com allivio, e melhora na sua queixa: e assim se vio precisado o dito R. P. Guardiãõ a fazer a funçaõ das Exequias no dia mencionado.

Ha accasõs, que parecem mysterios, ou mysteriosos: tal pareceo a enfermidade do nosso Reverendissimo Padre Provincial, ainda que muitas vezes repetida, muy casual nesta occasiãõ; porque tendo S. P. M. R. determinado, assim que recebeo a infaulta noticia da morte do nosso Soberano Monarca, que o Convento do Recife, onde por duas vezès tinhã sido Guardiãõ, fosse o primeiro, que prorompesse em demonstraçoens publicas de sentimento por taõ grande, e irreparavel perda, naõ furtio o effeito desejado a sua determinaçãõ, em razãõ da molestia podagra, que lhe sobreveyo nos pès; e assim veyõ a conseguir o nosso Convento de Olinda ser o primeiro, depois da Sé Episcopal, que solemnizou as Exequias funeraes do nosso Rey defunto. Primazia certamente devida de jure, e nisto consiste o mysterioso. Porque além de ser o Convento da Cidade de Olinda o Capital da Provincia, e muitos annos desde o principio da erecçaõ da Provincia Capitular, até que por Decreto Regio, e Pontificio passou a ser Capitular o Convento desta Cidade da Bahia, foy o primeiro Convento de Religiosos, que teve todo o Brasil; e a Igreja, em cujo ambito se fundou o Convento, foy a primeira, que venerou o Estado de Pernambuco, dedicada a noila Senhora das Neves; cuja invocaçãõ ainda hoje conserva o Convento. Com razãõ logo devia ser o primeiro em expressar o seu sentimento pela morte de hum Rey taõ pio, e Catholico, e sobre tudo taõ amante, e venerador dos Religiosos.

Assistio às Exequias celebradas no Convento de Olinda o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Luiz de Santa Tereza, Bispo de Pernambuco, com todo o seu Muito Reverendo Cabido. Assistiraõ tambem todos os Cabos, Officiaes mayores, e Subalternos daquella Cidade, toda a Nobreza, e pessoas principaes della; naõ faltando a este obsequio os Irmãos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, que formados em corpo de Mesa com o seu R. P. Commissario Fr. Diego de S. Diogo, e com o seu Ministro o M. R. P. Manoel Alexandre Pereira, Vigario collado da Villa do Penedo, assistiraõ com brandões accessos a todo o Officio, e Missa. Accesfereãõ na assistencia, à-

lêm dos Prelados locaes das outras Religioens, e muitos Religiosos seus subditos, os Prelados Provinciaes, que nesse tempo se achavaõ em Pernambuco, visitando cada hum os Conventos da sua jurisdicão. Foy Orador o nosso Charissimo Irmaõ Lente actual de Prima, em a Sagrada Theologia Fr. Serafim de Santo Antonio, o qual certamente satisfez, e adequou o grande conceito, que delle se tinha, e se tem, pelo elevado engenho, sublime talento, e nervosa facundia na arte Oratoria, em que he famigerado naquelle Bispaço, e ainda em toda a nossa Provincia.

Em o nosso Convento da Villa de Iguarassú em outra segunda feira 23. de Novembro do mesmo anno de 1750. se fizeram tambeem as Exequias funeraes pela morte do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V. não com menos solemnidade, e grandeza, conforme a possibilidade da terra, e industriosa diligencia, com que se mostrou empenhado na execucao do preceito do nosso Reverendissimo Padre Provincial, na sua Pastoral expressado, o nosso Charissimo Irmaõ Pregador Fr. Manoel das Chagas, Guardiaõ do mesmo Convento; o qual capitulou no Officio, e cantou a Missa, sendo o Orador nessa funcao o nosso Charissimo Irmaõ Lente actual de Vesperas em a Sagrada Theologia Fr. Jozé da Conceicão: o qual elegendo por thema as palavras, com que a Igreja forma o Invitatorio, e principia o Officio de defuntos, organizou huma discreta, e elegante Oraçãõ com tal subtilidade, e habilidade, que bem inculca o raro engenho, a singular talento de seu Author.

Na mesma segunda feira, e no mesmo dia 23. de Novembro, em observancia da Carta Circular do nosso Reverendissimo P. Provincial, se celebraraõ no nosso Cõvento da Cidade da Paraíba as Exequias funeraes pela alma do nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ V. de saudosa, e inconsolavel memoria, com toda a grandeza, e fasto em nada inferior ás que se fizeram nas duas Praças, de Olinda, e Recife, à contemplaçãõ, e obsequio do nosso Charissimo Irmaõ, Ex-Leitor de Prima em a Sagrada Theologia Fr. Antonio da Purificaçao, Guardiaõ do mesmo Convento, taõbemquisto, acceito, e estimado dos moradores daquella Cidade, que todos á porfia com generosa liberalidade concorreraõ com os melhores damascos, veludoes, e franjas, assim de ouro, como de prata, para o adorno, e ornato do Mausoleo com engenhosa traça, e admiravel architectura fabri-

fabeleando. Capitulou no Officio, e cantou a Missa o mesmo R. P. M. Guardiaõ.

Affistio a esta primorosa, e funesta funcão o Senhor Governador da Cidade, Antonio Borges da Fonseca, com todos os Cabos, e Officiaes de guerra da mesma Praça, e com as pessoas nobres da Governança, e principaes da mesma Cidade. Affistio tambem o M. R. Doutor Vigario Geral, e Parochiano da Matriz, Antonio Soares Barbosa, com toda a Reverenda Clerozia. Não faltaraõ os Muito Reverendos Prelados das Religioens, D. Abbadẽ de S. Bento, Prior do Carmo, e o Superior da Companhia de Jesus com os Religiosos seus subditos. Não menos empenhados se mostraraõ nesta funcão os Irmãos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, que formados em corpo de Mesa com o seu R. P. Commissario, o nosso Charissimo Irmão, Ex Leitor da Sagrada Theologia, Fr. Anselmo da Apresentação, e com o seu Ministro Manoel Antonio da Fonseca, assistiraõ ao Officio, e Missa com techas accetãs nas mãos. No fim de tudo subio ao pulpito, e orou o mesmo R. P. Commissario, o qual, valendo-se das palavras do *Cap. 30. do Ecclesiastico* para thema, com discreta erudição vivamente expressou os gemidos, e sentimentos, que a Ordem Serafica dava pela morte de hum Rey, que sendo verdadeiro filho da Ordem Terceira, era pay amoroso de todas as tres Ordens de Francisco meu Padre.

No Convento de Ipojuca, que fica ao Sul, onze legoas da Cidade de Olinda, ficando os de Iguaraçu, e Paraíba para a parte do Norte, com a Carta Circular do Reverendissimo Padre Provincial deo ordem o nosso Charissimo Irmão Prégador Fr. Jozẽ da Trindade, Guardiaõ do mesmo Convento, a fazer as Exequias funeraes pela alma do nosso Serenissimo Rey defunto D. Joaõ V. e de facto se celebraraõ no dia 24. de Novembro, em huma terça feira, com toda a solemnidade, e pompa, que permittio a possibilidade da povoação, e seu districto; capitulando o Officio, e cantando a Missa o mesmo R. P. Guardiaõ; a que assistio toda a Nobreza do lugar, que se compõem das mais principaes Familias de Pernambuco. Foy o Orador o nosso Charissimo Irmão Ex-Leitor da Sagrada Theologia Fr. Joaõ de Santa Angela Alagoas, o qual se-naõ excedeo aos mais Oradores, que nesta occasião de Exequias Reaes apparáraõ a penna, e apuraraõ a viveza dos seus engenhos, certamente de nenhum

nhum foy excedido, tanto pela erudição de noticias, como pela subtilidade dos conceitos, argucia, e formalidade das provas.

No Convento da Cidade da Bahia duas vezes se fizeraõ as Exequias funeraes pela morte do nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ V. de eterna, e gloriosa memoria; como este Convento sobre todos foy, e he o mais obrigado á alma do Rey defunto, pelas multiplicadas esmólas, continuos, e muy especiaes beneficios, que de sua Real grandeza, e liberalidade em vida recebeo, com singular destino dispôs a Divina Providencia, que se duplicassem no mesmo Convento as demonstraçoens funebres de sentimento. A primeira vez foy em huma sexta feira, dia 13. de Novêbro; em que feitos os sinaes dos sinos desde as sette horas da noite antecedente até ás onze do mesmo dia, capitulou o Officio, e cantou a Missa o nosso Charissimo Irmão Prégador Ex-Diffinidor Fr. Manoel de Jesus, Guardiaõ do dito Convento: pois assim que no ultimo de Outubro do anno passado de 1750. ás seis horas da tarde se publicou nesta Cidade a triste, e funesta noticia da morte do nosso muito amado, e estimado Monarca, pelos dobres dos sinos da Cathedral, a que corresponderaõ todos os mais sinos de todas as Igrejas Regulares, e Seculares, que faziaõ, e causavaõ huma horrorosa confuzaõ nos animos, e coraçõens dos moradores desta Cidade, como vassallos taõ fieis, e leaes á mesma Magestade, o R. P. Guardiaõ, depois de fazer cantar hum Responso solemne em a Capella mór da Igreja pela alma do Rey defunto, estando toda a Communidade dos Religiosos presente com luzes accesas nas mãos, logo determinou o dia mencionado 13. de Novembro para a fução das Exequias funeraes, q̃ com effeito se celebraraõ.

A segunda vez foy em huma terça feira 26. de Janeiro deste presente anno de 1751. porque chegando a Carta Circular do nosso Reverendissimo Padre Provincial em cinco de Dezembro; e querendo o mesmo Reverendo Padre Guardiaõ dar logo prompta execuçaõ ao seu mandato em 29. do mesmo mez, e estando juntamente prompto o Orador, que elle destinara; recebeo outra carta por mar, em que lhe avizava o Reverendissimo Padre Provincial, partia depois do Natal para esta Cidade da Bahia por mar, para se achar presente, e officiar as Exequias: mas como a chegada não foy taõ breve, como se suppunha, deferiraõ se as segundas Exequias para o dia 26. de Janeiro, em que se celebraraõ com toda grandeza,  
fasto,

facto ; e apparatus : levantou-se no meyo entre o cruzeiro da Igreja , e a Capella mór hum Mausoleo, rica, e custosamente artificioado pelo mais insigne Architecto da Cidade Paulo Franco, que tambem tinha engenhado , e assistido ao artefacto do Mausoleo da Cathedral. Solemnizou o Officio, e cantou a Missa o mesmo R. P. Guardiaõ , por não se achar o Reverendissimo Padre Provincial ainda com forças , e consistencia nos pés , para officiar , como desejava , e com essa terçoã partira de Pernambuco : e assim foy necessario contar por este desejo , e ceder ás multiplicadas instancias dos Medicos , que uniformes lhe prohibiraõ a assistencia officiosa dessa funcão.

Assistiraõ ás Exequias do Convento ambos os Principes, Secular , e Ecclesiastico , o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Jozé Botelho de Mattos, Arcebispo da Bahia, e Metropolitano do Brasil, no seu sitial, que se armou junto ao Mausoleo da parte do Evangelho; e o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Luiz Pedro Peregrino de Carvalho Menezes e Ataide, Conde de Attougua, e Vice-Rey deste Estado, em a primeira tribuna do corpo da Igreja da parte da Epistola defronte do pulpito. Assistiraõ tambem o Chanceler , e mais Dezembargadores da Relação, com os Doutores Juiz de Fóra do Civel, Juiz do Crime, e Juiz dos Orsaõs : os Coroneis, e mais Officiaes mayores de Infantaria, Auxillares, e da Ordenança: toda a Nobreza da Cidade, e os Prelados de todas as Religioens, além de innumeravel concurso de Ecclesiasticos, e Seculares. Foy Orador o nosso Charissimo Irmaõ Ex. Diffinidor Fr. Jozé dos Santos Cosme, e Damiaõ, Ex-Leitor de Prima em a Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, e Examinador Synodal do Arcebispado da Bahia, cujo engenhoso talento he publicamente celebrado, e applaudido nesta Cidade, assim pela subtileza, e formalidade, com que argue nas Aulas, como pela erudição, e facundia, com que discorre nos pulpitos; como testificaõ alguns Sermoens, que correm impressos, e melhor testificará a Oraçãõ, que aqui se offerece.

No Convento da Villa de S. Francisco, distante dez legoas por mar desta Cidade, o nosso Charissimo Irmaõ Fr. Laureano de S. Jozé, Ex-Leitor de Prima em a Sagrada Theologia, e Guardiaõ do mesmo Convento, tanto que recebeu a Carta Circular do Reverendissimo Padre Provincial, prõmptamente resolveo a executar o preceito nella intimado, sollicitando com dili-

gente cuidado tudo o que será preciso para se fazerem humas Exequias, que correspondessem á Magestade, e Soberania do objecto, a quem se terminavaõ, e com effeito celebrando-as em o dia 20. de Fevereiro deste presente anno de 1751. conseqüiu o seu intento, tanto no artificiozo, e polido do Mausoleo, como no esplendido, e precioso do ornato, com geral palmo, e admiração dos moradores do districto daquella Villa, que concorreraõ, e assistiraõ á função. Capitulou o Officio, e cantou a Missa o mesmo R. P. Guardiaõ: assistindo em todo acto funeral a Mesa plena da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, com o seu R. P. Commissario o nosso Charissimo Irmaõ Prégador Fr. Antonio do Loreto, e seu Ministro Balthazar da Costa Vulcão, tendo cada hum hum brandaõ de cera accefo nas mãos.

Celebrado o Officio, e cantada a Missa, subio ao pulpito o nosso Charissimo Irmaõ Ex-Leitor de Theologia Fr. Joaõ de Deos, o qual orou com tal erudição, e energia, que deixou todo aquelle povo, entre Nobres, e mecanicos, plenamente satisfeito, e gratulabundo de ouvirem as relevantes virtudes, e excellencias sublimes do nosso Monarca defunto, taõ vivamente recitadas, e taõ nervosamente applaudidas, que entre lagrimas, e suspiros reciprocamente se davaõ os pezames de huma taõ sensivel perda, que naõ podiaõ, nem com a propria vida reparar, passados ao mesmo tempo, e admirados de verem em taõ pequeno corpo, qual he o do Orador, talento taõ agigantado.

Em todos os mais Conventos da Provincia, a saber: da Villa de Serinhaem, da Villa das Alagoas, da Villa do Penedo, da Cidade de Sergipe, da Villa do Cayrú, e de Paraguassu consta por cartas dos seus RR. PP. Guardiaens, e por attestação dos Religiosos Discretos dos mesmos Conventos, se fizeraõ Exequias funeraes pela ditosa alma do nosso Soberano Monarca D. Joaõ V. de saudosa, e inconsolavel memoria, com toda a solemnidade, e grandeza possivel, segundo a opulencia, ou parcimonia dos seus districtos, sem omitir a menor diligencia; nem ainda escutar o mayor dispendio. Em todos houveraõ, além do Officio, e Missa cantada, Sermões muy famosos, como consta de relaçoens particulares: mas os Oradores revestidos da religiosa humildade, ou levados de algum outro motivo, sendo o mais certo, por naõ terem expressamente o preceito formal do Reverendissimo P. Provincial, para lhos remetterem manuscriptos, nos privaraõ, naõ sem grande magoa, do gosto de os expor neste papel, para se lerem.

LICEN.



# LICENÇAS.

## DA ORDEM.

CENSURA DOS MM. RR. PP. MM. Fr. MANOEL  
de Ferreira, e Fr. João de Penanacor; Qualificadores  
do Santo Officio &c.

NOSSO REVERENDISSIMO PADRE GERAL:

**T**anto que conhecemos que este livro, cujo titulo he *Gemidos Seraficos, Demonstraçoens sentidas, e obsequios dolorosos nas Exequias funeraes*, que pela morte do Fidelissimo e Augustissimo Rey o Senhor D. João V. fez celebrar nos Conventos da Provincia de Santo Antonio do Brasil, o M. R. P. Fr. Gervazio do Rosario, Prêgador, e Ex-Diffinidor, e Ministro Provincial da mesma Provincia, era parto admiravel de entendimentos tão fecundos, como são os Filhos de tão sabia, e douta Provincia, formámos delle tão alto, e sublime conceito, que nos persuadimos que não haveria nelle que censurar, pois são os sujeitos, que concorreraõ para esta Obra, tão famigerados em sciencias; e letras, que a qualquer delles se pôde applicar com verdade aquelle Elogio de Casiodoro: *Huic tantis meritis prælucenti, favendum est linguis, favendum eloquiis;* (Casiod lib. 5. Variar.) e assim he sufficiente saber de que Provincia são os O-adores destas Exequias funeraes, para evidente prova da sua bondade, pois nisso tem a *maior* recômmendação: *Sol, disse Philo Hebreo, non opus habet interprete, nam ipse splendore suo fidem oculis facit.* (Phil. Heb. de Sacrif. Abel.) fallando sobre outro assumpto.

Porém

Porém para não faltarmos ao preceito de V. Reverendíssima, e á satisfação do grande affecto ; com que veneramos aos filhos desta santa Provincia, com cuidado nos applicámos a examinar este livro, e nelle subio o nosso conceito de ponto para admirações, tanto dos Oradores nas subtilézas, proferindo a cada huma aquella sentença do Ecclesiastico: *Quis sufficit enarrare opera illius?* (Eccles. 17.) como do elevado da materia deste livro, dizendo outra sentença do mesmo Ecclesiastico: *Virtutem autem magnitudinis ejus quis enuntiabit?* (Ibid.) melhor se não pôd: n d:clarar as virtudes do nosso Monarca, nem com mais subtiléza.

Decifrarão estes Oradores as virtudes do nosso Monarca, de tal forte, que sendo muitas, e a diversos fins executadas, cada hum seguindo no seu discurso diversa idéa, compuzeram o corpo deste livro tão perfeito, que nos faz ficar em duvida, por qual das partes he a primazia, se pela formosura da fórma, ou pelo elevado da materia. Para elogio dos Estatuarios da Grecia, era tal o primoroso artificio de alguns, que huma Estatua feita de pedaços, por diferentes Mestres, a collocavam em união tão perfeita, que a julgava a vista fabricada de huma só peça. Esta Estatua, a nosso entender, he a Imagem do q se vé neste livro; pois sendo factura de tantos pedaços, quantas forão as acçoens, e virtudes do nosso Monarca, que no procedimento da sua vida lhe deo a excellenté materia; e os Oradores, sendo muitos, na declaração dellas lhe dão a fórma, com tal verdade, e clareza, que parece que á sua vista se obraraõ, quando vivião em tão remota distancia.

Seis forão os Oradores, que manifestarão estes Gemidos, e sendo seis pennas tão diversas as que escreverão esta Ora, se equivocão de tal sorte, que a não se distinguem pelos nomes, todas parecem do mesmo: *Æquum erat sex cala morum.* (Exod. 37.) Mas como todas erão partos da mesma mãy, que tanto resplandece em letras: *Qui procedebant de stipite candelabri;* assim se havião de haver para mayor realce de seus talentos, e gloria da sua mesma mãy; razão, porque a cada hum se pôde applicar o que a Igreja diz do nosso Santo Antonio: *Sapiente filio, Pater gloriatur.* (Ecclesia.)

Muitos creditos lhe tem adquirido com a singularidade dos engenhos, com que Deos os dotou, como pôdem publicar todos os que os conhecerão Oraculos consummados em toda a materia

materia de sciencias, não só na Theologia Sagrada especulativa, e pratica, mas tambem em os pulpitos, dando intelligencia aos lugares da Escritura mais reconditos, expondo-os com a energia mais clara, e dando á luz pelo prélo muitos Sermões eloquentes, e suaves, dos quaes se póde dizer aquella sentença de Santo Agostinho: *Qui eloquenter dicunt suaviter, qui sapienter, salubriter.* (D. Aug. lib. 4. de Doct. Chr.)

Em fim, muitas Oraçoens funebres se recitaraõ nas Exéquias do nosso Monarca Rey, e Senhor D. Joaõ Quinto de gloriosa memoria, e muitas se derã ao prélo para eternizada lembrança nos seculos futuros das suas virtudes, e não menos Epigrammas, Sonetos, e Epitafios, fazendo competencia qual excederia na Eloquencia, na Rhetorica, nos conceitos, e mais subtilezas literarias; porém o nosso affecto nos obriga a preferir, que as que lemos neste livro a tudo excedem, sem admitirem competencia.

Dizem que num famoso pintor chegou á officina de Apelles, e conhecendo que este estava ausente, pegou no pincel, lançou huma linha dentro de outra de Apelles, deixando dito a seus discipulos, que quando viesse seu Mestre, lhe dissessem, que quem havia lançado aquella linha, era quem o procurava:olveo Apelles, e lançou outra terceira linha dentro da segunda do seu competidor, porém tão primorosa, e subtil, que era inexcessivel, assim a seu competidor, como a todos os demais. Muitos engenhos, não só desta Monarchia, mas fóra della, formáraõ primorosos rasgos com as suas pennas no fallecimento do nosso Monarca, mas excedendo huns a outros deixaraõ sempre lugar a que se pudessem accrescentar, e addir novas subtilezas; mas este livro que se intenta imprimir, he tão elevado nas delicadezas de engenho, que duvidamos, que se possa accrescentar obra, que o exceda; quem emprender dar á luz Oraçoens funebres, Epigrammas, Sonetos, ou equivalentes Obras, não fará pouco se chegar a imitar, o que se diviza neste livro; que o excedê-lo será muy difficil.

Finalmente, nem a Provincia de Santo Antonio do Brasil podia eger mais dignos Heróes para manifestação dos seus Gemidos, e dolorosas demonstraçoens no fallecimento do Senhor Rey D. Joaõ V., nem este ter melhores Chronistas para a sua fama posthuma: pelo que julgamos este livro digno de se dar ao prélo. Este o nosso parecer, *salvo meliori.* Lisboa  
Hospicio

Hospicio do Duque de Julho 6. de 1752.

*Fr. Manoel de Ferreira. Fr. Joao de Penamacor.*

**F**R. Pedro Juan de Molina, Lector de Theologia, Theologo de la Magestad Catholica en la Real Junta por la Immaculada Concepcion, Ministro General de la Orden de Menores de N. S. P. San Francisco, y siervo &c. Por el tenor de las presentes, y por lo que à Nòs toca, concedemos nuestra bendicion, y licencia, para que con examen, y aprovacion *in scriptis* de los Padres Lectores Fr. Manuel de Ferreira, y Fr. Juan de Penamacor pueda darse à la prensa un tomo intitulado: *Gemidos Seraficos &c.* compuesto de varios Sermones, predicados en la muerte del Fidelissimo Rey de Portugal D. Juan V., en la santa Provincia de San Antonio del Brasil. Y en lo de más se observaran los Decretos del Santo Concilio de Trento, Reales pragmáticas, y lo que nuestras Constituciones Generales disponen. Dado en este nuestro Convento de San Francisco de Rioseco en 26. de Mayo de 1752.

*Fr. Pedro Juan de Molina,*

Ministro General.

P. M. D. S. Reverendissima.

Fr. Juan de Landa,

Pro-Secretario General de la Orden.

*Reg. tit. Prov.*

DO

# DO SANTO OFFICIO.

*CENSURA DO M. R. P. M. Fr. ALBERTO  
de S. Jozé Col, Qualificador do Santo Offi-  
cio &c.*

## ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

**L**Icom a devida attençãõ este livro intitulado *Gemidos Seraficos, Demonstraçoens sentidas, e Obsequios dolorosos* nas Exequias funeraes, que pela morte do Fidelissimo, e Augustissimo Rey o Senhor D. Joã V., de saudosa memoria, fez celebrar o Reverendissimo Padre Fr. Gervazio do Rosario, Prégador, Ex-Difinidor, e Ministro Provincial da Provincia de Santo Antonio do Brasil, entre Bahia, e Pernambuco; e constando este bem merecido obsequio pelo muito que aquella santa Provincia se confessa obrigada, e o deve ser todo o estado Ecclesiastico, de seis Sermoens, em nenhum encontreycoufa, que levemente offenda a nossa Santa Fé, nem a reatidaõ dos bons costumes. Abonadas testemunhas tenho nos dous Sapientissimos Censores, que viraõ este livro por commissaõ do Reverendissimo Padre Geral de toda a Ordem Serafica. Nem o serem domesticos póde diminuir o credito das suas approvaçoens; porque, além de serem conhecidos os seus talentos na Republica literaria, não haviaõ faltar á verdade em materia de tanto pezo. Assim fórho destes Sermoens o mesmo elevado conceito, que delles fizeraõ taõ sabios Censores, e julgo se deve dar a licença, que se pede, para se darem ao prelo. Carmo de Lisboa 7. de Outubro de 1752.

*Fr. Alberto de S. Jozé Col.*

Vista a informação, pôde-se imprimir o livro, que se apresenta, e depois voltará a conferção para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 10. de Outubro de 1752.

Fr. R. de Lancastré. Silva. Abreu. Paes. Trigofo.  
Silveiro Lobo. Castro.

---

## DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. MANOEL  
da Annunciaçãõ, Qualificador do Santo Offi-  
cio &c.

EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR.

M Andam-me V. Excellencia veja hum livro de seis Setmoens funebres, demonstraçoens sentidas nas Exequias funebres, que pelas morte do nosso Fidelissimo, e Augustissimo Monarca o Senhor D. João V. mandou fazer nos Conventos da sua Provincia o Reverendissimo P. Fr. Gervazio do Rosario, Prégador, Ex-Diffinidor, e Ministro Provincial da mesma; escolhendo para tão devida, e Regia empreza, entre tantos bons, os melhores Prégadores de sua Religiaõ sagrada: cuja eleiçãõ tão discreta me podia izentar da censura. Porém como V. Excellencia me ordena diga o que entendo nesta materia, devo dizer, que logo pelo titulo destes dolorosos obsequios vim no conhecimento de quaes poderião ser os seus assumptos, tendo Oradores tão doutos: não só porque *Gémidos Seráficos* explicaõ seus affectuosos sentimentos; mas tambem porque estes devem ser os Oradores em semelhantes assumptos, supprindo com gemidos mais dolorosos pelos discursos mais elevados, e suspendendo as palavras mais discretas, para que tenhaõ lugar as lagrimas mais sentidas: *Interdum lacryma pondera vocis habent.*

E como

E como estes Oraçõres tão doutos não só discorreram com tanto acerto nos seus assumptos, mas ja tem approvaçãõ dos seus domesticos; e de estranhos não meos doutos; com licença dos seus Prelados para dar ao prelo estes primorosos partos de seus entendimentos, e nelles não encontro cousa alguma, em que se opponhaõ aos dogmas da nossa Sãta Fé Catholica, ou bons costumes, me parecem dignos da licença, que pertendem; nem para conseguila necessitavaõ de Protectora tão Regia, como imploraõ na sua Dedicatoria offerecida á Rainha nossa Senhora, entendendo, que se no seu coração se formou hum mar de sentimento, para elle deviaõ correr agradecidos estes rios de seus Gemidos Seraficos. V. Excellencia mandarã (como costuma) o que lhe parecer mais acertado. S. Domingos de Lisboa 15. de Dezembro de 1752.

*Fr. Manoel da Annuniação.*

Vista a informaçãõ, pôde-se imprimir o livro, de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 15. de Dezembro de 1752.

*D. J. A. de Lacedemonia.*

---

## D O P A C, O.

*CENSURA DO M. R. P. M. Fr. ANTONIO  
da Nazareth &c.*

S E N H O R.

**S**endo os Reaes Decretos huns taes preceitos, que com a mais prompta obediencia devem ser executados; e mandando-me. V. Magestade ver este livro, cujo titulo he: *Gemidos Seraficos, Demonstraçoens sentidas, e Obsequios dolorosos,*

fos, nas Exéquias funeraes, que pela morte do Fidelíssimo, e Augustíssimo Rey o Senhor D. João V., o M. R. P. Prêgador, Ex-Distinctor, e Ministro Provincial Fr. Gervazio do Rosario mandou celebrar nos Conventos da sua Província, entre Bahia, e Pernambuco, e agora quer fazer imprimir neste Reyno, logo no exordio me vi perplexo se devia obedecer sem escrupulo a taõ Regio, e Augusto Decreto: obedei em fim como leal Vassallo, principiey a ler com gosto, continuey com affonbro, e acabey com tanto jubilo, que a minha obediencia se converteo em usura, e naõ menos interessada, que escrupulosa, fica a V. Magestade em divida da mayor parte do seu Real preceito, protestando; que a ser este livro, como he, de tanto credito para esta Província de Santo Antonio; o revê-lo naõ deve ser sacrificio, que eu faça, mas sim benefício, que agradeça.

Nasceo a Província de Santo Antonio do Brasil, desta Província de Santo Antonio de Portugal: esta lhe deo o ser como Mãe, e aquella como Filha agradecida se preza muito de que, a que he honra sua, seja gloria para a Mãe, que lhe deo o ser. Nascem os rios do mar, diz Salamaõ, e saõ os rios taõ primotosos, que sempre correm para o mesmo mar, donde nascê: *Ad locum, unde exeunt, revertuntur.* ( Eccl. cap. 1. n. 7. ) Generoso agradecimento, que, principiando correspondencia, se vem a fazer usura. Tantos talentos, com que a Província de Santo Antonio da Bahia se exalta: Tantos Oraculos, com que se honra, que saõ, senaõ rios de eloquencia, rios de sabedoria, que largando as correntes aos seus discursos, se bêm fecundaõ com a affluencia de seus estudos a Província em que existem, tambem com a abundancia de seus Escritos acreditaõ a Província donde nascem: varios volumes, com que tem sabido a publico, saõ desta verdade os mais claros indices; e quando naõ fossem tantos, este, que se pertende manifestar ao mundo, ainda que limitado na apparencia, he taõ avultado na substancia, que, tendo hum, vale por seis volumes, pois tendo cada Sermaõ deste livro seu Author diverso, a quem dá a primazia para o applauzo, cada Author distincto dá ao seu Sermaõ a mayoria para o apreço: he o que disse Cerdã em outro caso, se naõ identico, ao menos muito parecido: *Sermo Auctori suo compar, magnum dico, maius in pretio exclamare non potero.* ( Cerd. tract. 9. art. 5. )

Seis saõ os Authores, que escreveraõ estes seis Sermaões para o prêlo, tendo antes sido Oradores, que os recitaraõ no pul-

pulpito, empenhando-se, e dezempenhando-se todos seis, assim ao pré-gá-los, como ao escrevê-los; em descobrirem textos os mais ajustados, assumptos os mais genuinos, conceitos os mais selectos, e pensamentos os mais solidos; illuminando os pensamentos, e mais os textos, illustrando os conceitos, e os assumptos com Sonetos, e Epigrammas tão curiosos. que bem se póde gloriar a Bahia que em tão douta Provincia tem engenhos para tudo, e os melhores engenhos: engenhos para as letras, engenhos para Epigrammas, engenhos para as mayores empresas, em fim engenhos de tão iguaes predicadões, que na empresa de tão Augustas Exequias, sendo todos seis irmãos no habito, todos seis se devem reputar como primos no dezempenho, se não quizermos dizer como unicos; pois ja a obediencia os destinou para tão Regias empresas a todos seis, como primeiros, sem segúndos, e não sey se com grande mysterio entre tantos destino só o numero de seis.

Toda a Famua Serafica, e qualquer Provincia da mesma Familia, como tão obrigada, além das particulares; e domesticas, celebrou publicas Exequias pela alma do Fidelissimo, e Augustissimo Rey o Senhor D. Joaõ V. de gloriosa memoria, mas com esta differença: que algumas Provincias celebraraõ humas, outras duas; porém a Provincia de Santo Antonio da Bahia, sobre humas, celebrou mais cinco, que fazem seis; e seria o seu intento, celebrando cinco mais, proporcionar este numero com o Regio objecto, a quem diziaõ respeito: e muito mais quando ja os antigos, como disse Virgilio, é o referẽo Egnima Numerico, ornavaõ as Exequias dos seus Monarcas com cinco Quinas por escudo: *Cadit quinque quinas de more bidentis*; (Egn. Num. tract. 5. n. 1.) mas eu dissera que o destino foy ou querer exceder ás mais Provincias, ou querer mostrar-se agradecida ao muito que Monarca tão benevolo a venerava, favorecia; e amava entre as mais.

He o numero Quinario, diz Santo Isidoro, tão perfeito; que, multiplicado este numero, fórma hum circulo esferico; cinco vezes cinco, são vinte e cinco; cinco vezes vinte e cinco, são cento e vinte e cinco; e quanto mais se for multiplicando assim, achar-se ha que sempre principia em cinco, e acaba em cinco, formádo assim hum circulo perfeito, que acaba no mesmo ponto em que principia: *Quinarius numerus est sphericus, qui circulato numero multiplicatus, à se inchoat, & in se convertitur,*

*Situr, ut quinquies quini, viginti quinque, quinquies vigin-  
ti quinque, centum viginti quinque, & sic in cæteris. (D. Iliid.  
orig. lib. 3. cap. 7.)* Venerava, e amparava o Fidelissimo, e  
Augustissimo Rey o Senhor D. João V. á Provincia de Santo An-  
tonio, da Bahia sem quanto vivo como seu Real Protector, e  
como Bemfeitor seu especial a favorecia com excessivo amor: e  
se o amor deve ser como hum circulo, que principiando do amã-  
te para o amado, do amado, como agradecido, deve tornar para  
o amante, bulcando o seu principio, como diz o Doutor Mel-  
lissuo: *Magna res est amor, si ut circulus ad suum recurrat  
principium.* (D. Bern. sup. caat. Serm. 20.) Querendo taõ san-  
ta Provincia gratificar a Monarca taõ pio, tanto excesso de amor,  
que fez? Obrou como todas as Provincias, e como nenhuma;  
como todas, porque celebrou humas Exequias publicas como  
qualquer fez; e como nenhuma, porque, sobre humas, celebrou  
mais cinco, em que excedeo a todas: cinco mais, ou ja para  
eternizar o seu agradecimento neste numero, que multiplicado  
he esferico, e forma hum circulo: *Quinarius numerus est spher-  
icus*; ou tambem para dezerpenho do seu amor, que como  
circulo deve buscar o principio, donde emanou: *Magna res est  
amor, si ut circulus ad suum recurrat principium.*

Com este gratulatorio dezerpenho entre Seraficos Ge-  
midos, Demonstraçoens sentidas, e Obsequios dolorosos, quiz  
manifestar a Provincia de Santo Antonio da Bahia, e Pernam-  
buco, no pulpito, taõ preciso, e affectuoso holocausto; e agora  
deseja perpetuar no prelo este seu enternecido Regio, e Au-  
gusto agradecimento: Augusto, pelo Throno, a quem o con-  
sagra; Regio, pelo solio, a quem o dedica, e enternecido,  
pelo affecto, que o tributa. V. Magestade, a quem nesse Thro-  
no, em que se exalta, nesse Solio, em que se entroniriza, tam-  
bem este sacrificio respeita; como seu Rey Supremo, póde ac-  
ceitar este tributo como seu, e satisfazer ao seu dezejo; per-  
mittindo-lhe a licença, que pede, pois nada, do que neste livro  
se escreve, encontra as Leys, e Reaes Decretos de V. Mage-  
stade, que ordenará o que for servido. Lisboa no Convento de  
Santo Antonio dos Capuchos em 8. de Janeiro de 1753.

*Fr. Antonio da Nazareth.*

Que

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio;  
e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se  
conferir, e taxar, e dar licença para correr, que tem el-  
la não correrá. Lisboa 11. de Janeiro de 1753.

*Marquez P. Attayde. Castro. Mourão.*

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY



IN OBITU  
DOMINI JOANNIS V.  
PORTUGALIÆ REGIS.

EPIGRAMMA.

**J**oannes moritur? Minime; nam gratia nunquam  
Pote perire valet, cum super atra volet.

*Aliud.*

Si numerus quintus quinta est essentia rerum,  
Joannes Regum Quintus in orbe fuit.

*AD DOMINUM JOANNEM QUINTUM  
juxta traditionem referentem in ejus capite post obitum  
reperitum fuisse cerebrum amplius, ac diffusius, & si-  
militer majus pectus, ac magis amplum præter  
usitatum in reliquis.*

EPIGRAMMA.

**L**usitani Rex Joannes cognomine Quintus  
Mortuus ostendit, qualis in orbe fuit.

Nam reliquis hominum cerebrum multò amplius, æquè  
Amplius, & pectus, fertur habere suum.

Amplius in cerebro, in mente amplius: amplius ergo  
Pectore, corde (scies) amplius esse notat.

Amplius in Joanne quid amplius ipse requiris?

Si nihil amplius hoc amplius esse potest.

\*\*\* 3

D. JOAN:

D. JOANNI V.  
LUSITANIÆ REGI,

*Salomoni comparato.*

EPIGRAMMA.

**Æ** Dificat Salomon Domino memorabile Templum:  
Et Salomon melius dedicat alter ei.  
Collocat in Templo Salomon sibi. Fœderis Arcam:  
At Salomone novo vera locata mauet.  
Extiterat sapiens Salomon: sapientior iste.  
Dives erat Salomon: ditior iste fuit.  
Ille suis pacem semper dilexit, & auxit;  
Isteque multo magis pacis amator erat.  
Ille venustus erat: facie speciosior iste:  
Ille manus aperit: largior iste fuit.  
Plurima nē dicam, (mentis nisi fallit imago)  
Istius Salomon ille figura fuit.  
Ad tumulum quarè Joannis nomine Quinti  
= En plusquam Salomon = dicere quisque valet.

Luc. 11;  
v. 32.

DE ASSIMILATIONE

D. JOANNIS V.

*Cum Baptista Puer.*

EPIGRAMMA.

**J**oannes Quintus mundo cum lumina claudit,  
Baptistæ Pueri nomen, & omen habet.  
Hic Rex cur moriens pueri fit prorsus Imago?  
Nam mundo moriens nascitur ille Deo.

SUPER

SUPER NUMERUM QUINARIUM

omnia includentem.

Quinque  
sūt omnia  
Enig Num.  
pag. 2.

D. JOANNI V.

*Obeunti.*

EPIGRAMMA.

**S**I bene perpendas ; numero sunt omnia quinque :  
Omnia , quæ pereunt , cùm modò quinque cadunt.  
In numero quinto rerum est essentia Quinta :

Quinta essentia obit , cum nece Quintus abit.

A O S O B R E N O M E

DO SERENISSIMO REY

D. JOAÕ V.

*Em o seu Sepulchro.*

D E C I M A .

**S**E jurais , e dizeis que  
He das cousas quinta essencia  
O numero Quinto , advertencia  
Naõ jurais , porque he de fe.  
E se o numero Quinto he  
Das cousas (como dizeis)  
A quinta essencia , deveis  
Assentir ao que eu assinto,  
Que El Rey Dom Joaõ o Quinto  
Foy Quinta Essencia dos Reys.

MICHE

\*\*\* 4

D. D.

D. D. JOANNI V.

PORTUGALIAE REGI.

E P I T A P H I U M.

Joannes Quintus monumento clauditur intus;  
Regni liquit onus: nunc novus astra thronus.

E P I T A P H I U M

Acrostichon.

J	nclytus exanimis	J	acet hac sub fede sepulchr	J	O
O	rbis Rex ingens	O	lim memorabile mund	O	A
A	bsque pari exemplū	A	lcides virtute stupend	A	N
N	umise reetrici.	N	otus, lapsisque levame	N	O
O	rma, & virtutis	O	utrix, pacisque nutrim	O	A
A	folio ad folium	A	rectus, pacisque quiet	A	N
N	sydera subpeditans.	N	sapiens dominabitur astri	N	O

I N S C R I P T I O

Acrostichon.

J	ngemat	J	nteritu	J	oannis	J	actitet	J	mbres
O	mnis	O	lyssipo	O	fficiosis	O	brutus	O	rbis
A	stipuletur	A	quis,	A	ssistat	A	merica	A	manter
N	ec non	N	aiadam	N	utum	N	onnulla	N	egare
N	olit	N	obiscū	N	unc	N	otificare	N	ecessē
E	xitiū est;	E	uge	E	ffugiant	E	picedia	E	podon
S	uccedat	S	ubiit	S	upremus	S	ydera	S	alvus.

EIDEM

E I D E M

Subditorum lacrymis inconsolabiliter deplorato.

E P I G R A M M A.

**C**ursum agit ad manes Orbis mærore Joannes;  
 Dum nescit miro parcere Parca viro.  
 Lysia lamentat, Regi quoque terra parentat  
 Brasila, jure pati credo, dolore quati.  
 Impetus angoris, virtus violenta doloris,  
 Qua caput, ergo ferit subdita membra, perit.

A L I U D.

**P**ergit ad occasum Joannes Solis ad instar;  
 Lysia corda dolent, Brasila corda gemunt.  
 Sydera, si inspicias, cœlestia in axe polari  
 Sole cadente micant, sole micante cadunt.  
 Sydera Lusiadæ, mutata sorte, Paterno  
 Sole micante micant, sole cadente cadunt.

E I D E M

Liberalitatis virtute summopere insignito.

**G**Loria Lusiadum Joannes nomine Quintus  
 Prædives meritis sydera celsa subit.  
 Divitias Domino, thesaurum voverat omnem;  
 Voverat, & templis munera, largus opes.  
 Denique ut offerret totum statione sub una,  
 Vitam, animamque Deo tradidit ille suam.

PRÆCLARISSIMUS  
D. D. JOANNES V.  
LUSITANORUM REX,

*Cum se ostenderet pacis cultorem vigilantissimum, ad superos  
evolavit.*

EPIGRAMMA.

**D**esignat Urbs lacrymas, jam luctus desinat Orbis  
Numine Rex gaudet, gaudia pacis habet.  
Eximius pacis fuit usque fidelis amator  
Digna quidem merces visio pacis erit.

DESIDERATISSIMUS  
D. D. JOANNES V.  
LUSIADUM REX,

*Sepulto Sole, ad caelos transfertur.*

EPIGRAMMA.

**T**empore, quo Phœbus moriens sepelitur in undis,  
Tollitur è vivis Rex, super astra volat.  
Assuetus tenebris dare terga, adstantibus istis,  
Abs dubio caelos lumen adire subit.

ALIUD.

**O**bitupeat nullus, miretur nemo potentem  
Principem obire dii, non obiisse die.  
Dormire in Domino cupiebat, nocte salubri  
Non nisi de somno præveniente daret.

ALIUD.

A L I U D.

**N**Octe obiit veniente, diem Rex denique fatis  
 Succubuit Princeps: *Stat sua cuique dies.*  
 Si tantum stetit una dies tibi, Clare Joannes;  
*Heu quantum regnis nox stetit una tuis!*

A L I U D.

**L**Ucis ad occasum, atris succedentibus umbris,  
 Dirigit ad cœlos Rex venerandus iter.  
 Lux procul effugiat, jam tramite certus Olympi  
 Nescit ad empyream luce carere viam.

DIE VENERIS, CADENTE SOLE,  
 è vivis sublatus est.

E P I G R A M M A.

**L**Umen dat majus cœlo Deus; ecce Joannem  
 Terræ sic majus lumen & Ipse facit.  
 Sol, quia solus erat, sub cœlum dicitur illud,  
 Istud sub terram Sol, quia solus erat.  
 Omnia vivificat splendoribus illud, & istud;  
 Sol equidem eventu currit uterque pari.  
 Ille diem sextum cùm claudit luce minutus,  
 Protinùs extremum claudit & iste diem.

ELEGIA.

# ELEGIA.

**S**iste Saluator, paulisper siste Viator,  
 Te nunc invito plangere, flere cito.  
 Nunc tibi mirari liceat, liceatque morari;  
 Ut sentire queas, in lacrymas & fleas.  
 Ima dolor tangit cordis, violentus & angit,  
 Nulli vim placat; nemo dolore vacat.  
 Gloria Lusorum, decus immortale virorum  
 Busti in sede jacet; quid nisi flere placet?  
 Luce est extinctus Joannes nomine Quintus,  
 Hunc dum Parca necat, regia fila secat.  
 Olim Rex fortis, spoliū miserabile mortis  
 Nunc est; splendor abest, solus & horror adest.  
 Causa erat horrois, tristis nunc causa doloris,  
 Et causa est fletus, qui fuit usque metus.  
 Cui contracta ædes, cui Lysia parvula sedes  
 Claudit & urna levis, servat & urna brevis.  
 Jam non est lauro sedes redimita, nec auro  
 Regis nam summi gloria serpit humi.  
 Urnæ sit stemma istud deplorabile lemma:  
 Vix ventus, fumus, pulvis, & umbra fumus.  
 Infelix oh Parca, fuit quo jure Monarcha,  
 Sævitiæ scopus? Heu impietatis opus!  
 Sternere cur audes Regem? Cur impia gaudes?  
 Improbat en tellus tam exitiale scelus.  
 Me nosce invitam, & Joannis scindere vitam  
 Veni corda dolens, ausa venire solens.  
 Sæpè recusavi, Regemque ferire putavi  
 Jussa, sed in vanum; sustinuique manum.  
 Instare æternum, decretum urgere supernum  
 Postremum vidi; regia fila scidi.  
 Eu oh Parca veni, cunctos abscinde bipenni,  
 Quæ caput ense ferit, subdita membra terit.  
 Unum sit funus cunctis, ictusque sit unus,  
 Nullus inorte cavet, vivere nullus avet.  
 Plangere quid gisco? Quid deplorando fatisco?  
 Quò plorando feror? Quid lacrymando quæror?

Lysia quid ploras, luctuque Bahia laboras?  
 Mors ad celsa rapit, non quia terra capit.  
 Vita fuit laudanda, foret quare illa locanda:  
 Astris, sub tuto perpetuanda puto.  
 Quærat jure polum, solium sunt sydera solùm  
 Nunc sua sceptrâ novans regia, regnet ovans.  
 Æterno princeps cum Principe, credo, deinceps  
 Tutus regnabit, jura per œva dabit.  
 Jam non vincendus, nec mortis falce premendus  
 Vivet, erit finis vita soluta minis.  
 In melius sortem mutari, vincere mortem  
 Sic moriendo patet, fors neque tanta latet.  
 Proh dolor! Heu quantum tibi crescit gloria, tantum  
 Corda ærumna ligat, fletus & ora rigat.  
 Gloria Joannes tua reddit gloria inanes  
 Nos; via læta tibi, causa doloris ibi.  
 Quis nunc tutamen? Quis nobis dulce levamen?  
 Solamen vadit, subsidiumque cadit!  
 Cur nos dimittis? Cur lusam Lysiam omittis?  
 Jam, te absente, tremat; deficiente, gemit.  
 Vocibus his mutus minimè foret ille loquutus,  
 Lætus clamaret, talia verba daret.  
 Præmia tantorum, requies, & meta laborum  
 Jam propè sunt, fatis vita peracta fatis.  
 Vita peracta fatis curis, Deus ecce beatis;  
 Me invitat donis, quæ parat Iple bonis.  
 Linqüere mundanas fas est, calcare profanas  
 Res, istas nolo, cœlica dona volo.  
 Cœlica dona volo, Dominum pro munere tollo,  
 Cujus me pronum propicio ante thronum.  
 Ante thronum magnum spero lætabilis agnum  
 Perpetim adorare, & cum prece thura dare.  
 Regna beatorum, palatia quæro polorum,  
 Est ubi summa quies, & sine nocte dies.  
 Denique jam cursum morula sine dirigo sursum,  
 Jam sine fine Deo perfruiturus eo.  
 Eia? Age? Rumpe moras, cœlestes advola ad oras,  
 Splendor & inde fluit, delitiisque pluit.  
 Respice Rex flentes, orbos, tristesque clientes,  
 Ne subeat damnum Lysia, tende manum.

Crescunt

Crescunt fervorum gemitusque, precetque tuorum;  
His pietate fave : Rex venerandus; ave.  
Perpetuò gaude ; Numen per sæcula laude ;  
Sit tibi solamen, sitque beamen ; amen.



SUSPI-

# SUSPIROS SAUDOSOS

A LAMENTADA MORTE

DO SERENISSIMO SENHOR

# D. JOAÕ V.

REY DE PORTUGAL.

## S O N E T O.

**P** Rincipe Augusto, luz da Monarchia,  
Sendo Vós sempre firme, astro constante,  
Hoje vos vejo estrella mais que errante  
Nos limitados breves de hum só dia:

Quando a Vós todo o Orbe conhecia  
Por Lua nos crescentes rutilante,  
Em eclipse funesto, em hum minguante  
Com pranto vos lamenta hoje a Bahia:

Quando Sol vos mostraveis sublimado  
No Zenith mais brilhante, e mais luzente,  
No Occaso entao vos vemos sepultado!

Neste Sol a mudança he muy decente:  
Pois se a terra he theatro limitado  
Para o Sol, só o Ceo he competente.

SONE

# SONETO.

**C**Om incessavel pranto todo o mundo  
Lamenta tanta perda, e tanto damno;  
Pois perdeo hum Monarca Soberano,  
No mundo singular, e sem segundo:  
Com luto, dor, e pranto mais profundo  
Chora, pena, e padece todo o humano,  
Chegando o duro golpe, e taõ tyranno  
No intimo do peito, e no mais fundo:  
Com justiça, e razãõ damnos taõ fortes  
Com lagrimas se choraõ, repetidas,  
Que em azares se trocaõ hoje as fortes;  
Pois o golpe das Parcas constrangidas  
Na vida, que tirou, causou mil mortes;  
Na morte, que causou, tirou mil vidas.

# SONETO.

**O** Tu Parca cruel, morte tyranna,  
Suspende do teu golpe a valentia;  
Pois com taõ estranhavel ouzadia  
Offendes a Coroa Soberana.  
Buscas a Magestade toda ufana,  
A quem o mundo todo se rendia?  
Depõem, ó Parca atroz, essa porfia,  
Naõ te queiras mostrar taõ deshumana.  
Tantas queixas da Parca o mundo guarde,  
Porque sempre fugio do Rey potente  
Receozza em fazer do golpe alarde;  
Pois para a hum Rey buscar taõ excellente  
Obrigada até a morte vem cobarde,  
Naõ podendo fugir, vem reverente.

# S O N E T O.

**A** Quelle Heróe Preclaro, e Rey famoso  
 De todos tão amado, e tão temido,  
 Jaz do mundo apartado, e escondido  
 No grave Mausoleo, e magestoso:  
 Aquelle, a cujo zelo fervoroso  
 Todo o pobre se via soccorrido,  
 E de Deos qualquer Templo enriquecido,  
 Pois liberal gastava, e generoso:  
 Se do dar vem de Deos o nome eterno,  
 Por Excelso, Divino, e Soberano  
 Podia tambem ter-se elle Monarca:  
 Deos então, que só Rey he sempiterno,  
 Para tirar do mundo tanto engano,  
 Mostrou que era mortal, sujeito á Parca.

A<sup>c</sup> MAGESTADE AUGUSTA

DO SENHOR

D. J O A Õ V.

REY DE PORTUGAL

*Que se passou desta mortal vida a tempo, que tambem o Sol  
 buscava o seu occaso.*

# S O N E T O.

**Q** Uando da terra ao Ceo Joaõ subia,  
 E do mundo morrendo se apartava,  
 Tambem da terra o Sol ja se auzentava;  
 Porque do mundo a luz ja se escondia:  
 Ou porque deste occaso se doia,  
 E sentido nas sombras se enlutava:  
 Ou porque para o Ceo ja caminha  
 Outro Sol, que levava a primazia:

\*\*\*\*

Se

Se toda a luz porém no mesmo instante  
Da vista d'os mortaes se vio ausente,  
Outro motivo houve, e mais constante.

Em fazer aquella alma resfulgente  
De luzes se esmerou o Sol brilhante;  
Por isso ambos faltaraõ juntamente

## LENITIVO NA MORTE

DO SERENISSIMO SENHOR

D. JOAÕ V.

REY DE PORTUGAL

## SONETO.

Suspenda a terra a dor, cesse a tristeza,  
Da Parca não se mostre mais sentida;  
Porque esta sómente quiz dar vida,  
E não quiz ostentar sua fereza:

Foy o golpe da morte só destreza  
Para voar á gloria merecida,  
Huma alma, que do corpo supprimida  
Ja queria deixar tanta graveza:

Se da morte rendido, está prostrado,  
Nessa vida, que deo se teve a victoria,  
Quem hoje para Deos foy transportado;

Pois passando da vida tranzitoria,  
Quem na terra com Deos sempre ha reynado;  
Com Deos ja vay reynar lá nessa Gloria.

# EPITAFIO.

A Qui nesta Urna triste, ó.caminhante,  
Quem contempas a cinzas reduzido,  
Magellãde he Augusta, e dominante  
Do Rey mais Sabio, Douro, e Entendido:  
No Ceptro, que deixou por inconstante,  
Grangeou outro Ceptro merecido,  
Trocando o seu Imperio tranzitorio  
Por outro Imperio excelso, e eterno Emporio.



LUIZ ZEPH  
CORREDESA,

ANTONIO DE S. MARIA  
ESBOAÇO

ORA-

# EPITAFIO.

Qui nests Uma triste, e comilante,  
Quem contempnas a ciãza reduzido,  
Maga de se August, e comilante,  
Do R y mais nobre, Doute, e fãtozido:  
No Cãzo, que deixou por incozante,  
Gizgeou entre Copt e metido,  
Trocaõdo o seu Imperio maximoio  
Por outro Imperio axello, e eterno fãtozido.



ORACÃO  
NAS  
EXEQUIAS  
FUNERAES  
DO FIDELISSIMO, E AUGUSTISSIMO  
REY DE PORTUGAL

D. JOÃO V.

CELEBRADAS NO CONVENTO DE SANTO  
*Antonio do Recife em Pernambuco, pelos Religiosos  
Capuchos da Provincia de Santo Antonio do Brazil  
aos 12 do mez de Dezembro de 1750,*

QUE RECITOU,

Assistindo o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

LUIZ JOZEPH  
CORREA DE SA',

Governador, e Capitão General do Estado de Pernambuco;

O REVERENDO PADRE PREGADOR

Fr. ANTONIO DE S.<sup>TA</sup> MARIA

JABOATAO,

Filho da mesma Provincia.

ORACAO

EXEQUIAS

FUNERAS

DO SR. DR. JOAQUIM DE SA

REV. DE TORRE

D. JOAO V.

CHAVEIRO DA ALMA DO SR. DR. JOAQUIM DE SA

DESA. O SR. DR. JOAQUIM DE SA

FOI ENFERMO

DE

DESA. O SR. DR. JOAQUIM DE SA

LIXO DE SA

CONFERENCIA

DESA. O SR. DR. JOAQUIM DE SA



*Ego Ecclesiastes fui Rex Israel in Ierusalem...  
Ecce magnus effectus sum, & precessi omnes sa-  
pientiã, qui fuerunt ante me; & mens mea con-  
templata est multa sapienter.*

*Eccl. cap. 1. v. 12. & 16.*

**M** Onumêto tris-  
te, o que sus-  
tentas: Urna  
funesta, qual  
he o teu deposito: Mau-  
zoléo tenebro, de quem  
es memoria? Que es me-  
moria de huma Ma-  
gestade defunta; isso  
inculca essa tua, ao mes-  
mo tempo que grande,  
enlutada pompa: Que  
es deposito de hum Ce-  
ptro arrastado; isso vêm  
os nossos olhos. Que  
sustentas huma Coroa  
cahida; isso percebe a  
nossa vista. Mas a ca-

beça, de donde cahio a  
Coroa; a mão, que lar-  
gou o Ceptro, e a  
Magestade, que inculcas  
defunta; nem tu por  
insensível o saberás di-  
zer, nem o nosso senti-  
mento o poderá ouvir.  
Isso he o que está mol-  
trando em ti, entre tan-  
tas luzes, tantas som-  
bras; entre tantos rayos,  
tantas trevas, e tanto  
silencio entre tantas lin-  
guas. Mas, já que as  
tuas sombras offuscaõ  
as tuas luzes, já que  
as tuas trevas escure-

cem os teus raios , e já que o teu silencio embarça as tuas linguas ; ouve outra vez o repetido ecco das minhas vozes , que ainda que enfraquecidas pela mágoa , quebradas pela dor , e confusas pela perda , talvez exporãõ articuladas, o que tu callas immudecido.

Essa Coroa , que vês cahida ; esse Cep- tro, que divizas arrastado, e essa Magestade , que admiras defunta , he Magestade , he Cep- tro, e he Coroa de hum Rey ; que já o foy : *Fui Rex*. Mas adverte que foy hum tal Rey , que elle só póde dizer que o foy : *Fui Rex*. Hum Rey, que entre todos ; os que lhe precederaõ, elle só foy o Rey Grande : *Ecce magnus effectus sum, & precessi- mnes, qui fuerunt an-*

*te me*. Mas se, por- que foy sómente Rey ; o naõ conheces ainda, porque muitos ha , que foraõ Reys ; se, porq̃ foy hum Rey Grande, ainda o naõ alcanças, porque muitos se quizeraõ fazer tambem Grandes Reys ; olha para o Reyno , em que o foy , atende para o povo , de quem foy Rey, que certamente o conhecerás : *Fui Rex Israel in Jeru- salem, q̃ val tanto, como diremos logo ; Fuy Rey de Portuguezes em Portu- gal. Rey de Portu- guezes ? Rey mayor, que todos os que lhe precederaõ ? Rey Gran- de em Portugal ? Por mais que as tuas som- bras, ó Tumulo lastimoso, o queiraõ oc- cultar ; por mais que o teu silencio, ó Eça lamentavel, o naõ sai- ba dizer ; a nossa gran- de veneraçãõ, o nosso*

## Seraficos.

singular affecto, e a sua saudosa memoria estaõ publicando que ahi se deposita a Magestade suspirada d'El-Rey D. Joaõ V., ou o Grande, de Portugal.

Já agora, Rey, e Senhor nosso, já agora conhecemos todos que o theouro deitado, a perola perdida; que se deposita nesse horrorozo cofre, he' a memoria viva de Vossa Magestade defunto: porque, além de o conhecermos assim, assim o está publicando o nosso grande sentimento: Não houve vassallo de Vossa Magestade, de qualquer estado, ou condição q' fosse, que não sentisse, e sentisse muito a sua morte; que não chorasse, e chorasse com excesso a sua falta. Faltou a todos hum Rey taõ Grande; como V. Magestade: grande de:

via ser o sentimento em todos. Quando Christo morreo na Cruz, sentiraõ geralmente, e sentiraõ muito a sua morte as creaturas todas; rasgou o véo do Templo: *Velum Templi scissum est*; escureceo-se o Sol: *Obscuratus est Sol*; quebraraõ-se as pedras: *Petræ scissæ sunt*. Estes foraõ os generos de creaturas, que sentiraõ, e muito, a morte de Christo, e a razaõ de serem estes, foy; porque nestes tres generos de creaturas estaõ significados todos os estados de pessoas; de que se compõem hum Réyno. Compõem-se hum Réyno de Ecclesiasticos; de Nobres, e de Plebeos, e todos estes sentiraõ muito a morte de Christo: Por parte do estado Ecclesiastico sentio; e sentio muito; porque se rasgou o véo, a quem

Matth.  
27. 51.  
Luc.  
23. 45.  
Matth.  
ibid.

a sua sorte deo o primeiro lugar em o Templo: *Velum Templi scissum est.* Por parte do estado dos Nobres sentio; e sentio muito; porque se escureceo o Sol; a quem a sua luz deo o esplendor para a sua nobreza: *Obscuratus est Sol.* Por parte do estado da Plebe sentio; e sentio muito; porque se quebraraõ as pedras; a quem a sua fortuna pôs nõ humilde da terra: *Petræ scisse sunt.* Mas assim havia de ser, que sentissem; e sentissem o muito a morte de Christo todos os estados: era Christo nõ só o Rey de todos: *Si Rex Israel es;* mas o seu Grande Rey: *Rex Regum;* e na falta de hum Rey Grande; grande deve ser o sentimento em todos.

Todos, Senhor, sentimos; e sentimos co-

mo, devemos; e porque sentimos muito a morte de Vossa Magestade. Os Ecclesiasticos, os Nobres, e os Plebeos. O estado Ecclesiastico sentio, e sentio tanto, que se nõ se lhe rasgou: o véo exterior, partio-se-lhe no interior a alma; que he a vida do sentimento; porque em Vossa Magestade lhe faltou a sua Regia, e melhor Protecção: *Velum Templi scissum est;* e rasgou-se em duas partes de alto abaixo; isto he; do mayor ao menor: *Scissum est in duas partes à summo usque deorsum;* porque nõ só o sentio em eõmum todo esse grande Estado Ecclesiastico; e também em particular o sentio; e tal vez mais que todos, o Estado Menor, ou dos Menores, a Religião

Franciscana toda; por que em Vossa Magestade perdêo tudo, e mais que todos. Mais que todos; porque em Vossa Magestade perdêo Rey, perdêo Patrão, perdêo Bemfeitor, perdêo Pay, perdêo Amigo, e perdêo tudo; porque tudo perdêo; quando perdêo a Vossa Magestade: *Velum Templi scissum est in duas partes. à summo usque deorsum.* O estado dos Nobres sentio; e sentio de tal modo; que se não se lhe apagou de todo a luz, afimbrou-se-lhe de alguma forte o esplendor; porque em vossa Magestade lhe faltou aquella Regio Sol; que mais o illustrava: *Obscuratus est Sol.* O estado da Plebe sentio, e sentio de tal forte; que se não estalou de dor, partio-se de magoado; por

que em Vossa Magestade lhe faltou huma grande porção daquella Real substancia, que lhe dava alento: *Petrie scisse sunt.* Todos em fim sentimos; e sentimos com excessão a falta de Vossa Magestade; porque além de perdermos em Vossa Magestade hum Rey, que foy para todos; perdemos por isso mesmo hum Grande Rey; e na falta de hum Rey Grande, grande deve ser o sentimento em todos.

Este he todo o objecto triste desta presente accão: e este he o empenho toda funebre do meu discurso nesta hora. Depois de exprimir o sentimento grande, e a pena excessiva, e a dor sem medida; que nos acompanha a todos pela morte do nosso Grande Rey; segue-se

fazemos publicas ao mundo aquellas Reaes prendas, que o fizeraõ hum Rey Grande. Para taõ grande, como sentido assumpto; as palavras, que me occorreraõ mais proprias, naturaes, ou quasi profeticas, forraõ as que já referi ao principio, e saõ do Cap: I. daquelle famoso livro, que compõs Salamaõ; chamado do seu proprio nome Ecclesiastes, no qual este Rey se delcreve a si; naõ só como Rey, q̄ foy: *Fuy Rex*, mas como quem foy, entre todos, o mayor Rey; ou o Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum*, & *præcessi omnes*. Mas porque naõ basta que hum diga de si, que he grande, se naõ mostrar com obras; e acçoens o porque o he; com que acçoens; e com que obras mostrarã Salamaõ que foy

Grande Rey: *Ecce magnus effectus sum?* As suas ultimas palavras o dizem admiravelmente, que saõ humas como causaes das primeiras: *Mens mea cõttemplata est multa sapienter*. Porque fuy hum Rey naõ só sábio; mas o mais sábio de todos, os que me precederã: *Præcessi omnes sapientiã, qui fuerunt ante me*; porque tudo, quanto obrey, o fiz com huma contemplaçaõ a mais sábia; discreta, e acertada: *Mens mea contemplata est multa sapienter*; por isso fuy hum Rey mayor que todos; por isso fuy Grande Rey: *Ecce magnus effectus sum*, & *præcessi omnes sapientiã, qui fuerunt ante me*. Estas palavras disse-as Salamaõ pela sua Pessoa; mas o nosso discurso mostrarã que o espirito, ou alma dellas en-

## Seraficos.

9

cheo, e de tempenhou cabalmente o nosso Monarcha. As obras de Salamaõ compuzeraõ esta letra para Texto Sagrado; as acçoens do nosso Monarcha lhe darão a alma; ou espirito para Epitafio Real da sua sepultura. Para tudo isto não necessitamos, nem de authoridade; nem de exposiçaõ; porque a melhor exposiçaõ haõ de ser as suas mesmas obras, e a authoridade mayor he a da propria fama; que, já com as suas vozes, já com as suas pennas, lhe tem appropriado por estas acçoens o nome de Grande. E supposto foraõ as acçoens, as que lhe deraõ este Grande nome; como antes deste teve tambem Salamaõ o de Ecclesiastes demonstrado com este notavel pronome: *Ego*, começemos

por este; que elle nos mostrará melhor o que diremos daquelle.

Naõ quero porêr; que este meu discurso tenha outto nome, ou titulo, mais que o de huma Oraçaõ funebre: e porque, como Oraçaõ que he, deve constar de pontos, ou partes: seraõ as partes, e os pontos della tantos, quantos laõ tambem os pontos, ou partes da primeira Oraçaõ do meu Tema: *Ego Ecclesiastes. fuy Rex Israel in Jerusalem.* Naõ excitaremos duvidas; nem formaremos reparos, nem usaremos de outros tropos; ou figuras, que se permitem nos discursos panegyricos; porque neste, como Oraçaõ que he; só faremos muito por levantar o pensamento ao mais alto; a que puder subir a sua capacidade, para pon-

ponderar ; meditar, ou contemplar as acçoens mais notaveis do nosso Monarcha, tocando só de passagem aquelles Textos da Escritura, que occorrerem para authorizar os pontos desta Oração. Comeemos pelo primeiro.

*Ego*; Eu, diz Salamaõ. Com a demonstração deste pronome, disse este Sábio Rey de si tudo ; quanto podia dizer em ordem ao illustre da sua Pessoa, á nobreza do seu sangue, e á sua Real descendencia: *Ego*, Eu sou Salamaõ, hum Rey Grande, hum Rey mayor que todos os Reys ; porque eu venho não só de Reys, mas dos mayores Reys ; porque eu sou por descendencia ; e com communicação, da Real Tribu da Casa de Judá, Tribu sempre Real desde o seu principio ; Tribu

sempre Regio pela sua communicação. E assim digo bem, que em quanto á minha Pessoa ; ao meu sangue, e á minha nobreza, eu sou Salamaõ: *Ego*, que foy o mesmo que dizer: Eu sou quem sou : eu sou como nenhum ; eu sou melhor que todos: *Ego*. Desta frase usou Salamaõ para dizer de si o que era ; e com muito acerto ; porque desta mesma usou o proprio Deus, quando mandando a Moysés por Embaixador a Faraó, lhe disse assim. Dirás Moysés a este Rey intruzo, que Eu sou o que sou: *Ego sum qui sum* ; porque na grandeza, nobreza, e excellencia nenhum he como eu ; eu sou mayor, e melhor que todos ; porque eu sou Deus por natureza, e eu sou Deus por communicação, sempre Deus por

e Jen;

essência da minha Divina Natureza, e Deos sempre por comunicação com Pessoas Divinas, e assim nenhum mayor; nem melhor que eu; porque assim Eu sou o que sou: *Ego sum qui sum*. Nem Deos podia dizer mais de si, e nem de si podia dizer melhor. Salvaão; e bem pôde dizer tambem o nosso Monarcha: Eu sou quem sou; eu sou El Rey D. Joaõ o V.: *Ego*; Eu sou mayor; que todos; eu sou hum Rey Grande; porque por descendencia, e comunicação, eu venho não só de Reys, mas dos mayores Reys; porque eu sou do Real Tronco da Casa de Bragança. E quem não sabe, que a Casa de Bragança, por descendencia, e comunicação, vem não só de Reys, mas dos mayores,

e melhores Reys? Forão primeitos Fundadores da Casa de Bragança: o Senhor D. Affonso, e Dona Brites Pereira. Era esta Senhora filha do incomparavel D. Nuno Alvares Pereyra, segundo Condestavel do Reyno de Portugal, e por aqui de Reys; e os Grandes Reys; porque dos antigos de Leão, e Lombardia. Foy o Senhor D. Affonso filho do Rey D. Joaõ o I., chamado o Mestre de Aviz, e assim vinha a ser o Senhor D. Affonso noneto do famoso Rey D. Affonso Henriques, primeiro Fundador do Reyno de Portugal. Foy El Rey D. Affonso Henriques, filho do Conde Henrique, a quem, por casar com Dona Thezeta sua filha legitima, deo El Rey D. Affonso VI de Castella em dote.

dote as terras de Portugal com titulo de Condado. Foy o Conde Henrique neto de Roberto I. Conde de Borgonha, e este segundo, e terceiro neto de Roberto; e Hugo Capeto, Reys de França, os mais nobres, e illustres daquella Monarchia. E se taõ Regias, como isto; saõ desde o seu principio as raizes; de que brotou por descendencia o Real Tronco da Casa de Bragança, por communicação engrossou de tal forte este tronco; que nenhum he tambem taõ alto, e Regio como elle; pois para a Real Casa de Bragança tem dado Rainhas as mayores Coroas da Europa, e para todas ellas tem tambem dado Rainhas a Cata de Bragança. E se taõ grandemente Regio como isto he o

Real Tronco da Casa de Bragança, sendo o nosso laudozo Monarcha hum dos mais altos ramos deste Tronco Regio, bem pôde dizer: Eu sou D. Joaõ V.; Eu sou hum Rey Grande, Eu sou mayor que todos; porque pelo illustre da minha Pessoa; pela nobreza do meu sangue, e pela minha Real descendencia; Eu sou como nenhum: *Ego: Ecce magnus effectus sum.* Isto he pelo commum da Casa, ou do Tronco do Nosso Monarcha. E se attêdermos agora mais para o particular da sua Real Pessoa, ainda he mais que isto; pois teve a sorte incomparavel de ter por Conforte, e unir a este Tronco Regio a melhor flor de toda Alemanha; a Senhora D. Maria Anna de Austria

tria, taõ Illustre, taõ No-  
bre, e taõ Regia, como  
a q̄ he Neta de Impera-  
dor, Filha de Imperador,  
e Irmãa de Imperadores.  
Neta do Grande Im-  
perador Fernando, Fi-  
lha do Grande Impe-  
rador Leopoldo, e Irmãa  
de dous Imperadores  
tambem Grandes, Jozé  
Ignacio, e Carlos VI.:  
Rainha sempre Gran-  
de; como Esposa do  
mayor Rey; e muito  
Grande; como Rainha  
Mãe, que he do nosso  
Augusto, e Reinante  
Monarcha, Rey Gran-  
de, como Filho de taõ  
Grandes Pays; e Rey,  
que será muitas vezes  
Grande; como o está  
promettendo a singula-  
ridade tambem Grande  
do seu novo, e Augusto  
Nome: *Filius accrescens*  
*Joseph*; *Filius accres-*  
*cens*. Ou, para concluir  
melhor, digamos: Rey  
Grande huma vez, co-

mo Filho de hum Gran-  
de Rey: *Filius accres-*  
*cens*; Rey Grande ou-  
tra vez, como Filho de  
huma Rainha tambem  
Grande: *Filius accres-*  
*cens*; e muitas vezes  
Rey Grande em si mesmo  
por Joté: *Joseph accres-*  
*cens*, *Joseph accrescens*.  
Como daqui se naõ pô-  
de subir amais, passemos  
do pronome: *Ego*, ao  
nome: *Ecclesiastes*.

Eu, diz Salamaõ,  
fuy chamado *Ecclesi-*  
*astes*; e o nosso Mo-  
narcha tambem o diz:  
*Ego. Ecclesiastes*. He  
verdade; que Salamaõ  
foy o nome proprio  
deste Rey, e do nosso  
Monarcha o seu nome  
proprio foy Joaõ. Mas  
assim como por estes  
dous nomes se distin-  
guirão em quanto ás  
pessoas, pelo de *Eccle-*  
*siastes* se identificarão  
em quanto ás acçoens.  
Aquelles dous de Sala-  
maõ

maõ, e Joaõ: forão necessarios para se conhecerem por distinctos os sujeitos: este de *Ecclesiastes* foy precizo para se mostrarem equivocados nas accoẽs. Para lhes alcançarmos as accoẽs, vamos-lhes admirando a equivocacão do nome.

Chamou-se primeiramente Salamaõ *Ecclesiastes*; porq̃ foy hum Rey naõ só sábio, mas o mais sábio de todos, os que lhe precederaõ: *Præcesserunt ante me*; taõ sábio, que teve juntas, e aggregadas em tua alma, ou no seu entendimento, todas as sciencias de todas as cousas naturaes, juntamente com a alcançada por estudo, e adquirida por experiencia; que por isso em lugar da palavra Grega *Ecclesiastes*, põem o Texto Arabigo *Congregans*; e o Texto

Hebraico *Cohelleth*; *id est, Collector*; e quer dizer tudo, o que junta muitas cousas: *Dicitur Græcè Ecclesiastes, id est, Congregans; Hebraicè autem Cohelleth, id est, Collector, eò quòd anima Salomonis cunctas in se sciencias congregasset, vel potius Deus congregatas, & in unum collectas, in Salomonis sinu effudisset*, escreve o Alapide neste lugar.

Naõ quero dizer, que o nosso Monarcha teve sciencia deste modo infuza, como Salamaõ; mas digo, que da alcançada por estudo, teve toda a que bastava a constituir hum Principe perfeitamente sábio; e da adquirida por experiencia foy taõ sabiamente douto, como mostraraõ todas as operaçoens do seu entendimento: de tal sorte, que para se conhecer

era

era assim douto, e lábio, bastava olhar para a sua Pessoa; porque além de ser nella gentilmente bem disposto, e parecido; grave no aspecto; e na representação magestoso, com todas estas perfeições, e graças naturaes mostrava outra, não sey se superior, mas mayor que todas; e era aquella notavel circumspecção do seu entendimento, porque parecia, a quem o via, que media com reflexão, attentava com juizo; e contemplava com discurto a pessoa; as palavras, e acçoens de quem lhe fallava. Isto dava a entender a quem o via; e isto mostrou em todas as operaçoens do seu entendimento, pelas quaes, como a novo Salamaõ, lhe vem com muita propriedade o nome de

*Ecclesiastes: Ego Ec-*

*lesiastes: Congregans; seu Collector: Melhor o mostraraõ as mesmas acçoens.*

Huma das cousas, em que muito, e sabiamente contemplou Salamaõ; e sabio com ella á luz, como patto feliz do seu entendimento; soy o mostrar-se summamente inclinado á honra; veneração; e Culto de Deos. E para que da confuzão, e desordem, em que estava; se reformasse, e tornasse á sua melhor perfeição; edificou aquelle seu grande, e celebrado Templo; no qual, depois de adornado com a magnificencia; q̃ nunca se vio, tudo rico, tudo precioso, e com abundância tudo; pôs nelle Ministros, e Sacerdotes, ordenou Ritos, e Ceremonias, para que alli, como representação, de toda a Igreja,

Igreja, socegada, pia, e devotamente fosse Deus melhor servido, e honrado; e por isso, escreve Alapide, dizem commūmente os Sagra- dos Expositores, melhor que por outro principio algum, se dá a Salamaõ o nome de *Ecclesiastes*. *Melius alii censent. Sa- lomonem dici Ecclesiastem, quòd ex confuso hominum cœtu, & tumultuante turba fecerit Ecclesiam ordinatam, pacatam, & piam.* Grande debuxo do nosso Monarcha! Qual outro Salamaõ merece por isso, o nome de *Ecclesiastes*. Quem não sabe a inclinação natural, ou genio superior, que para o Culto Divino, honra de Deus, augmento da Igreja, veneração de seus Ministros, e exaltação do estado Ecclesiastico teve o nosso Monarcha, desde que

teve a luz do entendimento? Os Templos, que edificou, a magnificencia, com que os fez, a riqueza, com que os ornou, a perfeição, com que quiz se celebrassem os Officios Divinos, ordenando também para isso Ceremonias, e Ritos, com que melhor, e mais gravemente fosse Deus servido, e honrado; o gosto, e devoção, com que assistia ás funcões Sagradas, e nellas tão sábio, e previsto, que muitas vezes advertia, e emendava aos Ministros do Altar o minimo ápice, ou ponto, a q̄ faltavaõ, conseguindo assim no seu Reyno, melhor que Salamaõ no seu, ver a sua Igreja ordenada, quieta, pia, e devota. *Quòd fecerit, Ecclesiam ordinatam, pacatam, & piam, resplandecendo em*

em tudo isto a sua Real grandeza, liberalidade, e sabedoria: a sabedoria, com que dispôs, e ordenou tudo; a liberalidade, com que deo, e a grandeza, com que o fez.

Diga tudo isto a sua Sé nova, e Patriarchal; e melhor o diga a máquina, ou Templo de Mafra, que na forma, materia, e perfeição bem póde competir com o Templo, e a máquina de Salamaõ; e digaõ-no finalmente as novas fabricas das Necessidades, nas quaes, e em todas as mais, a variedade dos seus marmores, a idéa da sua architectura, o precioso dos seus ornatos, o rico das suas peças de ouro; prata, e bronze estão publicando; e publicarão eternamente, que são obras de hũ Monarcha não só Grande

no poder, mas grande na sabedoria, com que tudo dispôs, com hũa contempção tão sábia, como sua, de engrandecer a Igreja, augmentar o Culto, e honra de Deos, e exaltar o Estado Ecclesiastico. Este foy todo o fim, com que contemplou o seu entendimento sábio assentar no seu Reyno hum novo Patriarchado, nunca d'antes nelle visto; e nas suas Conquistas hum novo Bispedado na Cidade do Pará, emulação do seu Patriarchado de Lisboa; dous Bispedados novos nas Minas do Brazil, e no mesmo Estado novas Parochias, novos Curatos; e muitas Missões tambem novas; acerescentando as congruas, e porçoens de todos os Ministros da Igreja; e tudo para o mesmo fim de exaltar,

e engrandecer o estado Ecclesiastico.

Todo elle em commum o deve confessar assim; e em particular he grande testimunha de tudo isto a Religião Franciscana toda; pois foy taõ grande, e notoria para com ella o seu affecto, e piedade, que o moveraõ a tomá-la debaixo da tua Real protecção, particularmente a esta nossa Provincia do Brazil, dignando-se ser o seu Protector. Amava de coração aos seus Religiosos, fazia-lhes grandiosas esmólas. Lá o dirão os que melhor sabem, que nós cá diremos o que experimentamos. Para o Convento da Cidade da Bahia mandou hum todo de veludo negro para os seus cinco Altares mayores. Outro todo para o Convento da

Cidade de Olinda; de damasco de ouro com franjas do mesmo. Outro do mesmo modo para o Convento do Cayrú; e para o Convento de Sergipe do Conde outro da mesma sorte, além de outras graças, e mercês mais particulares. E para cabal cumprimento desta sua grande, e affectuosa devoção para com esta Serafica Familia, quiz que o teu corpo fosse amortalhado no habito pobre de S. Francisco, levando só sobre elle as armas, e manto Real de Gram Mestre da Ordem de Christo. Grande confusão para aquelles, que sendo inferiores aos Reys no habito, não se querem parecer com este Grande Rey na mortalha. Grande honra para a Religião Serafica, mas grande gloria para este sábio e pie.

piedoso Rey: Nem Sa-  
 lamaõ em toda a sua  
 gloria se soube por ul-  
 timo vestir assim: *Nec*  
*Salomon in omni gloria*  
*suã coopertus est sicut.*  
 Athé isto toy contem-  
 plaçãõ sãbia do enten-  
 dimento do nosso Rey:  
*Mens mea contemplata*  
*est multa sapienter,* pa-  
 ra que fosse Rey mayor  
 que todos; para que  
 fosse Rey Grande: *Ec-*  
*ce magnus effectus sum,*  
*& precessi omnes.*

Verdadeiramente,  
 que naõ podia o nosso  
 Monarcha contemplar  
 meyo mais acertado;  
 nem maxima mais dis-  
 creta para se fazer ce-  
 lebrado, famoso, e  
 Grande ainda aos olhos  
 do mundo, do que es-  
 ta da honra, e Culto  
 de Deos, reformaçãõ  
 da Igreja, veneraçãõ  
 dos seus Ministros; e  
 exaltaçãõ do Estado  
 Ecclesiastico. Reparem

para as historias anti-  
 gas, assim Sagradas,  
 como profanas, e acha-  
 rãõ nellas a todos a-  
 quelles Monarchas, e  
 Reys, que merecêrãõ  
 o titulo de Grandes;  
 ou Magnos, celebrados,  
 e applaudidos por taes;  
 mais pelo que mostrã-  
 rãõ de piedozos ao de  
 Deos, do que pelo que  
 tiverãõ de esforçados  
 ao do Mundo.

Quem fez a Ale-  
 xandre Magno conheci-  
 do por tal? Sem repetir-  
 mos os grandes votos,  
 e sacrificios, com que  
 se mostrou excessivo  
 para com os seus falsos  
 deozes; mais o exaltou  
 a grande reverencia,  
 com que, entrando vi-  
 torioso; e triunfante  
 na Cidade de Jerusa-  
 lem, e sahindo a rece-  
 bê-lo ás portas da Cida-  
 de o Summo Sacerdote  
 Jaddo revestido nas ves-  
 tiduras Pontificaes, as-

sim como o avistou  
 aquelle barbaro Rey ;  
 como le fora o mayor  
 Catholico , lançando-  
 se precipitadamente do  
 feroz bruto ; em que  
 vinha montado , com  
 summo acatamento , e  
 mayor espanto dos seus,  
 todo humilhado , e prof-  
 trado aos pés daquellè  
 Ministro de Deos ;  
 adorou o nome do Se-  
 nhor , que trazia o  
 Summo Sacerdote es-  
 culpido em huma lami-  
 na de ouro pendente  
 da Mitra sobre a testa,  
 e introduzido dalli ao  
 Templo, offerecêo sa-  
 crificio ao Deos verda-  
 deiro, honrou em gran-  
 de maneira ao Summo  
 Sacerdote ; e mais Mi-  
 nistros do Templo, con-  
 cedendolhes muitas gra-  
 ças, e exempçoens, e  
 livrando ao povo de  
 Jerusaleem dos muitos,  
 e grandes tributos im-  
 postos pelos Reys da

Syria. Estes extremos  
 da tua piedade , mais  
 que os excessos das suas  
 armas , lhe grangearão  
 o nome de Magno. O  
 que triunfou dos ho-  
 mens com as armas ;  
 pôs ao Mundo em  
 hum profundo silencio:  
*Siluit terra in conspectu*  
*ejus ;* o que tributou a  
 Deos em piedades, ain-  
 da hoje o está accla-  
 mando por Grande.

Quem mostrou a  
 Constantino Magno con-  
 nhecido por esse ? Naõ  
 as grandes victorias, que  
 alcançou dos homens ;  
 mas o muito que en-  
 grandeceo , e exaltou  
 a Igreja de Deos. Quem  
 pôs a Carlos I. de Fran-  
 ça o nome de Magno?  
 Mais os muitos Tem-  
 plos , e Igrejas, que  
 consagrou a Deos, do  
 que as façanhas ; he-  
 roicas ; que entre as  
 suas fabulas lhe attri-  
 buem as historias. E

Quem

1. Ma-  
 cab. 1.

quem finalmente deo a D. Affonso III. de Castella o nome tambem de Magno? Mais o que executou em honra de Deos, e da Igreja, do que o que conquistou dos Mouros. Os Mosteiros, Igrejas, e Templos, que fez, e especialmente o grande Templo de Santiago de Galliza, que sendo huma pequena Igreja de taipa, este famoso Rey a mandou fabricar de novo com grandeza Real: cuja consagração soy feita com a mayor solemnidade, e pompa, que athé alli se tinha visto em Hespanha; pois só de Prelados sagrados assistiraõ dezalette Bispos. O muito, que cuidou na reformação, e augmento do Estado Ecclesiastico: e para extirpação dos vícios introduzidos nella pela communicação,

e trato com os Mouros, fez celebrar hum Concilio nacional na Cidade de Oviedo; no qual; com authoridade do Summo Pontifice Joaõ VIII., e diligencia, e zelo deste piedozo Rey, se tornou a pôr na sua primitiva perfeição. Estas obras da sua piedade, mais do que as victorias das sues armas, lhe grangearaõ o nome de Grande.

Estes são os quatro Reys, e Monarchas; que acho nas historias expressamente decorados com o nome de Magnos, ou Grandes, e naõ tanto pelas preezas das armas, como pelas empresas da piedade. Antes digo que o nome de Magnos mercêraõ estes Monarchas só pelo que mostraraõ de piedosos, e naõ pelo que tiveraõ de esforçados. E se naõ, vames á His-

toria Sagrada. Quem mais esforçado que David? Quem mais guerreiro? Quem derramou mais sangue dos inimigos de Deos? Tanto, que o mesmo Deos o notou desta demazia:

Para.  
lip. 22.  
28.

*Multum sanguinem fudisti, & plurima bella bellasti*; e com tudo não lemos que merecesse David o nome de Grande, nem ainda encarecimento algum excessivo, que o singularizasse entre os mais: e a razão he, porque, ainda que foy taõ venturoso, guerreiro, e esforçado, não parecêo taõ zelozodo Culto de Deos; pois não se acha que edificasse hum só Templo para o Senhor: antes necessitando tanto d'elle, que em todo o tempo de David andou Deos na sua Arca por casas alhêas, nunca este Rey se resolveo a fabricar-

lhe o seu Templo; e se alguma vez cuidou nisso, o não quiz o Senhor, só porque tinha sido David muito guerreiro: *Non poteris edificare domum nomini meo, tanto effuso sanguine.* <sup>4. Reg. 23. 25</sup>

É quem fez entre todos os Reys taõ famoso Jozias, que affirma a mesma Escriitura, que nem antes; nem depois d'elle houve outro, que lhe fosse semelhante: *Similis illi non fuit ante eum Rex; nec post eum surrexit similis illi?* <sup>4. Reg. 23. 25</sup> Certamente; que não foraõ as em- prezas militares; porque na unica, que emprendêo contra o Rey de Egypto, nos primeiros recontros da batalha: encontrou com os ultimos alentos da vida, perdendo-se a si, e aos seus, e a victoria: o que o fez Rey Grande, e

lem

sem semelhante foy a piedade, com que mandou reedificar o Templo de Jerusalem, arruinado, e quasi destruido de todo pelos Assyrios; o zelo com que reformou a todo o estado; assim secular, como Ecclesiastico daquelle tempo das idolatrias, idolos, e abominacoens; e o muito que cuidou no Culto, e honra de Deos, celebrando, e fazendo celebrar em todo Israel a festa grande do Senhor chamada *Phase*, ou Paschoa, com a mayor solênidade, que nunca athé alli se tinha visto: *Non fuit Phase simile huic in Israel; nec de cunctis Regibus Israel fecit Phase sicut Josias.* Daqui se vê com toda clareza, como o que deo o nome de Grandes, ou Magnos a estes Monarchas; e Reys, nao foy tanto o que

venceraõ pelas armas; mais foy o que triunfaraõ com a piedade: ou, como hia dizendo, o serem piedosos, como Jozias, e nao esforçados como David, foy só o que lhes grangeou o nome de Grandes. E se para hum Rey, ou Monarcha, merecer o nome de Grande nao lhe he necessario conquistar Reynos, vencer batalhas, e alcançar victorias, basta-lhe só levantar Templos; augmentar o Culto de Deos; e engrandecer o Estado da Igreja; quera por acçoens como estas, e mais gloriosas ainda; poderá negar ao nosso Monarcha o nome de Grande?

Grande foy Alexandre, Grande Constantino, Carlos, e Alfonso tambem Grandes; mas o nosso Monarcha mais que todos estes

Grande. Não só porque no Culto, e honra de Deos, veneração, e augmento da Igreja, e do Estado Ecclesiastico excedêo a todos; mas sim porque depois dos quatro, que tiverão o nome de Grandes, foy o ultimo, que merecêo este nome. E ser o ultimo dos Grandes, he ser mayor que todos. Que fosse Grande Alexandre, muito foy; pois foy o primeiro, que no mundo merecêo este nome. Que fosse Grande Constantino, já foy mais; pois pode ser Grande á vista de outro Grande: e muito mais, e mais foy que fossem Grandes Carlos, e Afonso depois de tantos Grandes: mas depois de todos estes ser o nosso Monarcha ainda Grande; isto he, sem duvida, ser por ultimo dos Grandes o mayor

de todos; ou entre todos elles ser por ultimo só o Grande. Isto he por ultimo; e por Quinto não he menos que isto. He o Quinto depois dos quatro, que tiverão o nome de Grandes; pois ha de ser por Quinto o mayor de todos.

Ao ultimo Imperio, que ha de haver no mundo, chamaõ, porque assim ha de ser, o Quinto Imperio, e ha de ser sem comparaçãõ o mayor de todos: e a razaõ de ser taõ grande he; porque como Quinto ha de contêr em si os quatro Imperios Grandes, que houverão no Mundo: o dos Caldeos, o dos Assyrios, o dos Gregos, e o dos Romanos; porque todos estes grandes Imperios se hão de incluir naquelle Quinto, vindo a ser assim por Quinto  
o rlyor

o mayor de todos; e o fundamento he, pelo fim, com que como Quinto se ha de estabelecer este Imperio, para reformação de todo o mundo; e exaltação de toda a Igreja, e para augmento; e ultima perfeição do Culto, e honra de Deos.

Deixemos agora as conjecturas, por lhes não chamar profecias, que fazem ao nosso Reyno de Portugal, por singularizado na honra, e Culto de Deos, augmento da Igreja, e exaltação de todo o seu estado; este Quinto, e ultimo Imperio; que este foy tambem o fundamento, com que o mesmo Deos disse ao nosso primeiro Rey D. Affonso Henriques, que ria estabelecer nelle este ultimo, e Quinto Imperio: *Volo in te, et in nomine tuo Imperium*

*mihi stabilire; ut feratur nomen meum ad exteras gentes,* e deixe-mos tambem o affecto; e vontade Portugueza, com que aquelle Prêgador do seculo passado, tambem Portuguez, e tambem Grande, discorrendo do nosso defunto Monarcha, ainda antes de nascido, o fez ultimo, e Quinto Imperador deste Quinto, e ultimo Imperio; que o que eu posso concluir, he, que pelo muito, que contemplou o nosso Monarcha na exaltação da Igreja, e Estado Ecclesiastico, veneração dos seus Ministros, no augmento do Culto, e honra de Deos: *Mens mea contemplata est multa sapienter;* o que posso concluir; he; que se não foy o ultimo, e Quinto Imperador, do Quinto, e ultimo Im-

Vicira  
Palavr.  
de Prê-  
gador  
Empor-  
nã. §.  
IV. fol.  
161,

perio, foy por último, e Quinto entre os Reys, e Monarchas, que tiveram o nome de Magnos, ou Grandes, o mayor de todos, ou entre todos o que por último, e Quinto foy só o Rey Grande: *Ecce Magnus effectus sum, & præcessi omnes.*

Para coroa desta particular excellencia do nosso Monarcha, seja-me licito repetir aqui o

que, fallando em commum das suas excellencias, cantou, debuxou, e imprimio hum Engenho deste Pernambuco. Debuxou a Fama em figura de hum Genio alado, que cortando velozmente os ares, espalhava pelo Mundo todo com o sonoro som da sua trombeta este Disticho heroico, com humia só palavia mudada ao nosso intento;

Fon.  
fe.  
Opusc.  
Euchar

*Quæ surgit Cæleste iubar, quæ mergitur undis,  
Credite, nil maius Quinto Reverente Joanne.*

Quer dizer em Disticho tambem heroico;  
e Portuguez:

Deide. onde nasce, até onde se põem o Sol,  
Naõ se deo para o Pio Rey Mayor.

Depois de edificado por Salamaõ o seu Templo, e reformada aquella sua Igreja, contemplou este sabio Rey levantar tambem huma casa para a Sabedoria, onde-lhe por funda-

mentos sette columnas fortissimas: *Sapientia* Prô. verb. 9.

*edificavit sibi domum, excidit columnas septem.*

Esta casa, que para a Sabedoria edificou Salamaõ, como escreve Alapide com outros para

huma

huma famosa Universidade, de cujas cadeiras, que eraõ sette, se ensinavaõ todas as sciencias, e artes liberaes; ou, como tem Pineda, e o Cartagena, era huma Real Academia, na qual se elcreviaõ as obras notaveis dos Varroens antigos: *Sapientia edificavit domum, id est, Salomon Rex sapientissimus juxta Regiam, & juxta Templum, inmodò in atrio Templi, edificavit Academiam, in qua Doctores docerent sapientiam. Excidit columnas septem: septem ergo columnæ sunt septem gymnasia, in quibus totidem erant cathedræ, è quibus Doctores profiterentur omnes artes liberales.* E por isso se chamou tambem Salmaõ *Ecclēstastes*, ou *Cohelleth*, que querem dizer *Reador*, ou porque

nesta casa, como em huma Universidade, ajuntou todas as sciencias; ou porque nella, como em huma Academia, recopilou todas as historias: *Dicitur Græcè Ecclēstastes, id est, Congregans; Hebraicè autem Cohelleth, id est Collector; gnomas, & dicta David Patris sui, ceterorumque Patriarcharum, & Prophetarum hoc libro coacervavit, & in unum collegit.*

Nisto foy tambem no que muito, e fãbiamente contemplou o nosso Monarcha: levantou naõ só huma, senaõ muitas casas para a sabedoria; porque instituiu muitas Aulas, e Estudos, em que se ensinasse todas as sciencias. E porque naõ sahisse a sua contemplaçãõ da intelligencia de Salmaõ, dentro dos mesmos Templos, Con-

ventos, e nos seus Claustros quiz se estabelecessem essas Aulas, e Estudos, como os Geraes de Mafra, entregues aos Religiosos Franciscanos: *In atrio Templi*; eos novos das Necessidades commettidos aos Reverendos Padres de S. Philippe Neri, naõ só no atrio, ou Claustro do seu novo Templo; mas defronte do seu Palácio Regio, como o fez tambem Salamaõ: *Juxta Regiam... edificavit*: ennobrecendo assim estes, como as antigas Universidades, de novas rendas; novos privilegios; e izençoens: tambem novas, assistindo com a sua Real Fazenda a muitos sujeitos, assim Religiosos, como Seculares, que tendo talento; e muito para as letras; tinhaõ muy poucos talentos para as poder

continuar. Tudo contemplaçãõ sabia do seu alto entendimento: *Mens mea contemplata est multa sapienter.*

E como isto naõ bastava para o muito; que o seu entendimento sabio sabia nesta materia das sciencias contemplar, lá foy, como Salamaõ, levantar huma Academia Real: *Ædificavit Academiam*; na qual pelos seus doutos Mestres, e incançaveis Escritores se esquadrinhassem, ajuntassem, e escrevessem as obras virtuosas do espirito, as façanhas heroicas do esforço, e os partos scientificos do entendimento dos Varões notaveis em letras, armas, e virtudes; e das mais antiguidades do seu Reyno: *Ædificavit Academiam.*

E porque a esta Classe das sciencias,

erres

Ecclef.  
2. 8.  
Para.  
lip. 2.  
7.

artês liberaes pertencem a Musica, a Pintura, a Escultura, e outras, para que até na contemplação dellas se ajustasse o seu entendimento com o de Salamaõ: *Feci mihi Cantores. Mitte mihi virum, qui noverit operari in auro, argento, ere, & ferro, purpurâ, coccino, & hyacintho, & qui sciat sculperæ cælaturas &c.* Lá procurou introduzir tambem no Reyno a Musica mais consoante, os Pintores mais destros, e os mais apurados Escultores, sem que lhe escapasse da sua contemplação, porque tambem saõ artes, e tem sciencia, as novas fabricas de sedas, vidros, e outras, em que tudo mostrou sabia contemplar em tudo o seu entendimento alto: *Mens rea contemplata est multa sapienter.* Para se

mostrar assim em tudo, mayor que todos os Reys, hum Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes.*

E se a esta parte de ser o nosso Monarcha taõ amante da sabedoria juntarmos a primeira, que já tocamos de ser hum Rey em tanto extremo sabio, acharemos merece por isso naõ só o nome de Grande, mas hum nome muito grande. Tudo, por abbreviarmos, recopilou em outro Distico o Poetico engenho, que já apontámos, formando huma famosa mythologia entre o nosso Monarcha, e o Deos Apollo, e formalizando, que dera Apollo ao nosso Monarcha o seu entendimento, e com elle hum nome muito grande, o qual só o merecem aquelles, que no Palacio do Sol, ou da

fab'cedria

fabedoria, occupaõ a- aos sabios, e juntamente:  
 aquellas duas casas, ou amadores da fabedoria.  
 thronos, que são devidos

*Nomen utramque domum per Magnum Jolis  
 adimplet,*

*Ingeniumque dedit doctus: Apollo suum.*

E se pelo nome de Ecclesiastes tem tão grande analogia com Salamaõ, o nosso Monarcha, não a tem menor pelo titulo de Reys, que foraõ ambos do povo, e Reyno, em que o foraõ; que he o ponto, que se segue, conforme as partes da nossa Oração: *Ego Ecclesiastes fui Rex Israel in Jerusalem.* Ambos foraõ Reys, e Reys de hum povo escolhido por Deos: Salamaõ do povo Israelitico escolhido por Deos para fundar com elle o seu primeiro Reyno: *Elegit te Dominus Deus tuus, ut sis ei populus peculia:*

ris; o nosso Monarcha do povo Portuguez escolhido pelo mesmo Deos; para estabelecer nelle o seu ultimo Imperio, como o disse o proprio Senhor ao nosso primeiro Rey D.<sup>o</sup> Affonso Henriques no campo de Ourique: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* E se repararmos mais em o nome de hum, e outro povo, ainda apparece melhor a congruencia entre ambos. O povo escolhido por Deos; de quem Salamaõ foy Rey, chamava-se Israelitico; o povo escolhido pelo mesmo Senhor de quem foy Rey o

nosso Monarcha, he o povo Portuguez, e Portuguez, como já apontámos ao principio, val tanto, como dizer Iraelita. Iraelita não quer dizer outra cousa mais, que homem forte, homem valoroso, homem constante. Este foy o titulo honroso, que deo Deos a Jacob, depois que forte, valoroso, e constante pelejou a braços huma noite inteira como o mesmo Deos, mudando-lhe então o Senhor em o de Irael o nome de Jacob. *Nequaquam appellabitur Jacob nomen tuum, sed Israel; quia si contra Deum fortis fuisti; quanto magis contra homines prevalebis.* Isto quer dizer Irael, e não quer dizer menos que isto Portuguez. Quem mais fortes, quem mais valorosos? E que honras ha mais cons-

tantes, assim na fortuna, como na adversidade; do que os Portuguezes? Nem temos necessidade de nos determos aqui; porque disto de Portuguezes estão chéas as historias, e não falta nellas quem compare os Portuguezes com os Iraelitas: vamos a outra conveniencia.

Foy Salamaõ Rey de Iraelitas em Jerusaleem, foy o nosso Monarcha Rey de Portuguezes em Portugal: *Fui Rex Israel in Jerusalem.* Tambem por aqui concordão admiravelmente; porque tanto faz dizer Portugal, como Jerusaleem. Jerusaleem quer dizer Vizaõ de paz: *Jerusalem, id est, pacis visio*; lugar, em que se vê paz, e não de qualquer forte, senão huma paz, que sempre se vê. E assim como em

Genes.  
32. 28.

*Jacob. Nequaquam appellabitur Jacob nomen tuum, sed Israel; quia si contra Deum fortis fuisti; quanto magis contra homines prevalebis.*

Jerusalém nunca se viu mais paz do que no tempo de Salamaõ, porque a teve continuada por todo o tempo; que reynou, que por isso se chamou Salamaõ, que quer dizer pacifico: *Salomon, id est, Pacificus*; assim tambem quando se viu em Portugal mais paz, do que no Reynado do nõsso Monarcha? Esta paz foy todo o seu cuidado; esta paz foy a cousa, em que mais contemplou o seu entendimento. Quantos meyoõs, quantas indutrias, e que de maximas não contemplou para conservar esta paz, e tudo com discriçaõ, acerto, e sabedoria, sem que para manter esta paz reparasse, nem ainda em grandes dispendios do seu Real Theouro? Donde se segue outra contempla-

ção do seu entendimento, e tão sabia como tua; e he, que não contemplava em conservar esta paz por outro principio algum, senão só pelo bem commum do seu Reyno, quietação do seu povo, e socego dos seus vassallos. E quando não tivesse o nõsso Monarcha outra excellencia Real, esta só bastava para o constituir hũ Rey mais que todos Grande Rey, Grande, Rey Superior a todos chamou a Igreja a Christo, quando o viu nascido; e não por attributo algum da sua Divindade; só pela excellencia de Rey Pacifico: *Rex pacificus magnificatus est vehementer*. Isto foy o mais, que disse a Igreja deste Pacifico, e Soberano Rey; e nem do nõsso Rey se pôde dizer mais do que isto; que pelo

muito, que pela paz, e sua conservação contemplou sabiamente o entendimento do nosso Monarcha: *Mens mea contemplata est multa sapienter*, foy hum Rey mayor que todos, hum Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes.*

É se aqui fizermos mais huma breve reflexão sobre esta paz do nosso Monarcha, ainda o veremos por ella muito mayor. Sendo taõ

conhecido o nosso Monarcha dos mais Reys, e Principes por Grande, e Poderoso em tudo, ainda foy conhecido por mais Poderoso; e Grande por esta sua paz. Desorte q̃ conseguio o nosso Monarcha com esta sua paz só, o que com todo o poder das suas armas não pudéraõ alcançar os mais Reys. Tudo expirmio neste Disticho o Poetico Engenho, que já outras vezes deixamos apontado-

*Regia Gens timuit Magnum, sed pace potentem,*

*Quod nulli robur Pax dedit esse magis:*

Assim viveo, e acabou em paz o nosso Monarcha; e assim como acabou em paz a presente vida, assim podemos crer piamente entraria na outra tambem em paz. Para o q̃ fizermos assim nos dá

bastante motivo a ultima contemplação do seu entendimento, em a qual mostrou era verdadeiramente Rey sabio. Oito annos antes da sua morte, e depois de commettido por aquelle fatal achaque,

que sendo o seu primeiro effeito com os movimentos do corpo privar juntamente das operações do entendimento, para mostrar q̃ o do nosso Monarcha era superior a todos, nunca lhe offendeo o entendimento, ainda quando mais lhe prostrava o corpo; porque enfermo; e tão enfermo, sempre nas disposições, e acerto dellas; mostrou obrava com huma contemplação a mais sábia. Mas aonde acabou de mostrar, que sábiamente contêmplava todas as cousas o seu entendimento, foy, como hiamos dizendo, naquella famosa resolução, com que, conhecendo pelo achaque, ainda no seu principio, era mortal; quiz morrer antes de morrer: largou o governo, deixou a admi-

nistração do Reyno, e tratou só de preparar-se para a ultima hora, que com effeito a teve tão feliz, como mostrão os effeitos, pelas sette horas da tarde do dia ultimo de Julho deste mesmo anno. E aqui temos desempenhadas cabalmente nas ultimas contemplanções do nosso Monarcha as principaes palavras de Salamaõ: *Fui Rex, fuy Rey.*

He sem duvida, que quando Salamaõ disse que fora, ou tinha sido Rey, não o disse porque naturalmente effivesse já morto, porque entãõ o não diria elle; mas disse-o, porque moralmente se contemplou morto. Porque conhecendo era mortal, e havia morrer, levado deste conhecimento; contemplando a brevidade da vida, a va-

Hæc  
apud  
Alapid.  
hic, ubi  
pro hac  
pia  
opinio-  
ne pos-  
sunt vi-  
deri  
Autho-  
res, &c:

do Mundo; como elle  
mesmo o disse nesta oc-  
casião: *Vanitas vani-  
tatum, & omnia vani-  
tas, dixit Ecclesiastes;*  
e outras muitas cousas,  
que aqui deve contem-  
plar quem he sabio;  
movido de penitencia  
largou a administraçõ,  
e governo do Reyno, e  
por isso se tratou como  
morto, ou como quem  
já não era Rey como  
fora: *Fui Rex, fui,*  
*inquit, jam non sum, quia*  
*etsi sum idipsum, jam*  
*nihil esse agnosco quod*  
*sum,* conclue o Alapi-  
pide neste lugar. Todas  
estas cousas contem-  
plou aqui o entendi-  
mento de Salamaõ:  
*Mens mea contemplata*  
*est multa sapienter.* E  
que de cousas como es-  
tas não contemplou o  
entendimento do nosso  
Monarcha na occasiã;  
era que, conhecendo  
era mortal, deixou de

ser Rey: *Fui Rex!*  
Contemplou primeira-  
mente, que o Rey, que  
he sabio, deve enten-  
der todas estas cousas;  
deve conhece, que o  
Rey, entre todos os ho-  
mens he o mais mortal:  
tã mortal, que mor-  
re duas vezes; tã  
mortal, que sempre  
morre mais de pres-  
sa; tã mortal, que o  
mesmo he ser Rey, que  
estar já morto. Con-  
templamos nós agora  
tambem o como tudo  
isto he certo, e logo  
veremos, como isto  
tudo foy contemplaçõ  
sábia do entendimento  
do nosso Monarcha na-  
quella ultima resoluçõ  
de se conhecer mortal:  
*Fui Rex.*

A muitos Reys pa-  
rece, que aquella mes-  
ma fortuna, que os fez  
maiores, os fez tam-  
bem immortaes: pelo-  
menos quando o demo-

nio prometteo a Adão que havia ser Soberano: *Eritis sicut Dii*; logo lhe insinuou que havia ser immortal: *Nequaquam moriemini*; parecendo-lhe áquelle espirito mentirozo, que não poderia Adão crier a promessa da mayoria, sem o attributo da immortalidade. Assim parece ao Rey nescio, ao Rey ignorante; mas ao Rey, que he entendido, ao Rey sabio, não lhe parece assim. Não só. conhece que os Reys são mortaes, mas entende que ainda são mais mortaes, por isso mesmo que são Reys. E são mortaes, que morrem duas vezes. Ora notem. São são mortaes os Reys, que estando a morte avinculada á natureza humana; aos mais homens vem-lhes a morte pelo que tem de homens;

aos Reys vem-lhes a morte pelo que tem de homens, e pelo que tem de Reys. Morrem os homens por huma só via, morrem os Reys por dous principios; ou, para o dizer melhor, os mais homêes morrem hũa só vez como homêes: *Statutum est hominibus semel mori*; os Reys morrem duas vezes, morrem huma vez como homens: *Vos autem sicut homines moriemini*, e morrem

Psalm.  
81. 7.

outra vez como Reys: *Et sicut unus de Principibus cadetis*. E assim o pedia a razaõ; porque como vivem com duas vidas, huma, com que como homens vivem ao tempo, outra com que como Reys vivem ao officio; assim era justo tivessem duas mortes, ou morressem duas vezes, huma como homêes, outra como Reys.

Tendo disse áquelle. Prosta; que

que tambem foy Rey: Pfalm. *Non moriar, sed vivam.*

117.7. Naõ hey de morrer, hey de viver, dizia David. Hum destes termos parece demais. Quem naõ morre, he certo que vive; pois se diz David huma vez, que vive: *Non moriar*; como diz que vive outra vez: *Sed vivam*. Já está dito. Era David Rey, e era entendido, e como tal conheceo que, como Rey, tinha duas vidas, huma, com que vivia como homem, outra com que vivia como Rey; e por isso disse vivia duas vezes: *Non moriar, sed vivam*. E se os Reys tem duas vidas, ou vivem duas vezes; duas vezes haõ de morrer: faõ mais vivos, que os mais; pois sejaõ tambem mais mortaes: vivem como homens, e como Reys; por morraõ como Reys;

e como homens. Mas advirtaõ, que se como homens tem a morte certa: *Statutum est hominibus semel mori*; como Reys tem a vida breve: *Principatus vita brevis*, e taõ breve, que se como homens podiaõ morrer mais de vagar, ou mais longe: *Mori*, como Reys acabaõ mais depressa, morrem com maior brevidade: *Principatus vita brevis*.

Ainda mais: faõ taõ mortaes os Reys, que, ainda quando vivos, sempre se devem contemplar como mortos. Em casa de deus Grandes de Judéa entrou Christo em certa occasiã, em casa de Pilatos, e em casa de Herodes. Em casa de Pilatos vestiraõ ao Senhor com huma purpura vermelha, divita de Rey: *Induunt eum purpurã*. Em casa de Hero-

Marc:

15. 7.

Lv.

11.

des vestiraõ .no com huma roupa branca, mortalha de defunto: *Indutum veste albâ*. E assim devia ser, entrou Christo alli feito Rey: *Quia se Regem facit*; e anda taõ unida a mortalha com a purpura, que ao mesmo tempo, em que o Senhor teve a purpura de Rey na roupa vermelha, teve a mortalha de defunto na roupa branca. No mesmo dia, em que Pilatos o vestio como Rey: *Induunt eum purpurâ*; Herodes o amortalhou como defunto: *Indutum veste albâ*,

Que outra cousa era ferem os Reys antigamente ungidos, quando os coroavaõ, fenaõ fazê-los certos, de que o mesmo era nelles entrar a reynar, que começar a morrer. Melhor o diremos: ungidos quando coroados, por-

que entendessem que; se como homens estavaõ vivos, como Reys já eraõ mortos. Quando os antigos Romanos coroavaõ aos seus Imperadores, ao mesmo tempo, que lhes assentavaõ a coroa na cabeça, e na maõ o Cetro; entrava hum mestre de obras de canteria com huma salva, e nella tres pedaços de pedra: hum marmore branco, hum porfido negro, e hum polido jaspe; e dizia assim falando ao Imperador: *Elige ex istis saxis, Augustissime Cæsar, ex quo ipse tibi tumulum me fabricare velis*; escolhe, ó Imperador Augusto, de qual destas pedras que- res se lavre o teu sepulchro; como quem lhe advertia; entendesse, que o mesmo era subir para o Throno; que descer para a sepultura; porque se como ho-  
se

se achava vivo, como Rey se devia contemplar morto. Mas isto só o contempla hum Rey, que he sabio, por isto contemplando como sabio tudo isto Salamaõ, sendo ainda vivo, como homem, concluiu-se morto, como Rey: *Fui Rex.*

Etudo isto contemplou o nosso novo Salamaõ sabio, e defunto Rey: *Fui Rex.* Foy Rey, porque, como Rey que foy, morreo duas vezes, hũa quando naturalmente morreo, outra quando conheceo que havia morrer. Morreo huma vez, quando como homem se lhe acabou a vida; e morreo outra vez, quando como Rey sabio conheceo que essa vida se lhe havia acabar. Morreo antes de morrer. Morreo antes, e morreo depois. Morreo

cedo, e morreo tarde. Como homem havia morrer huma vez, quando com effeito morreo; mas como isto havia ser mais tarde, quiz como Rey morrer mais cedo; e morreo, quando na deixaçaõ do governo conheceo: que havia morrer. E isto mesmo foy mostrar que, sendo vivo como homem, era já morto como Rey: *Fui Rex.* Mas por isto mesmo, que contemplou sãbiamente todas estas cousas: *Mens mea contemplata est multa sapienter,* foy mayor que todos os Reys, foy hum Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & precessi omnes.*

Morreo finalmente assim o nosso sabio Rey; morreo o nosso Rey Grande, morreo El-Rey D. Joaõ V. Mas naõ disse hem. Naõ morreo; porque o Rey,

que he sabio ; o Rey, que sabe contemplar tudo isto, que contemplou o nosso Rey, ainda que se possa dizer que foy Rey, porque morreo ; naõ se deve dizer que acabou, porque foy hum tal Rey : *Fui Rex...* Ouviraõ tudo quanto contemplou o nosso Rey? Pois ainda contemplou muito mais ; ou, para o dizer melhor, tudo quanto contemplou para morrer, foy buscar hum novo modo para nunca acabar. Contemplou morrer duas vezes, para vir a naõ morrer nenhuma. Contemplou morrer antes, para naõ morrer depois. Contemplou-se sempre morto, para viver eternamente. Ahi naõ ha mais contemplar! Ora vejaõ como foy discreta esta sua contemplaçãõ. He tem duyda que

naõ ha remedio para fugir á morte ; mas se algam póde haver, he só a contemplaçãõ da mesma morte. Quando Deos creou a Adaõ naquelle primeiro estado de immortal, a primeira coula, que fez para lhe conservar esta immortalidade, foy pôr-lhe a morte na contemplaçãõ: *In quocũque die comederis ex eo, morte morieris*; como se disseta, ou quizesse dizer Deos : contemple-se Adaõ morto, que logo se conservará immortal ; porque a officina da vida he a contemplaçãõ da morte. Quem se contempla morto, faz-se immortal. E he isto tanto assim, que a cousa primeira, que o demonio intentou tambem tirar a Adaõ, para o fazer mortal, foy a cõtemplaçãõ da morte: *Nequaquam morietemi*; e af.

e assim aconteceu; por que o mesmo foy el-quecer-se Adão da morte, que achar-se logò morto: *Cum cognovissent se esse nudos*. Mas isto; que não entendeu aquelle primeiro Rey da natureza, por se querer fazer nescio: *Homo cum in honore esset, non intellexit*. Contemplou como sabio o nosso Rey: contemplou-se morto por tantos modos, para que por nenhum principio pudesse acabar.

Dizemos que o nosso Monarcha vive; e viverá eternamente, mas não dizemos ainda que vida he esta; que ha de viver. Digo que he a vida dos que morrem; porque conheceraõ que haviaõ morrer. He a vida dos Justos, porque só estes, como verdadeiros sábios; he que tem este

conhecimento. E por isto, ainda quando morrem, não morrem. Esta he toda a razaõ; porque á morte dos Justos se chama vida, e ao dia do seu transito se chama dia do seu nascimento: porque entãõ; quando morrem; he que começaõ a viver a verdadeira vida. E porque suppõmos que o nosso Monarcha morreo como Justo; porque que como Justo conheceo que havia morrer; por isto dizemos, que ainda vive, e viverá eternamente, quando conhecemos que já he morto: *Fui Rex*.

Ainda não dizemos tudo: vive, e viverá eternamente o nosso Monarcha, não só porque morreo como Justo, para sempre viver; mas porque ha de viver sempre na nossa lembrança. Teve duas vidas.

das, quando viveo, huma como homem, outra como Rey; morreo duas vezes, quando morreo, hũa como Rey, outra como homem: e assim depois de morto ha de tornar a viver duas vidas, hũa, com q̃; como homem Justo, ha de viver eternamente na Gloria, outra, com que, como Rey desejado, e faudoso, ha de viver para sempre na nossa lembrança. Teria a morte jurisdicão para o fazer acabar a vida, mas não terá poder para o tirar da nossa memoria; e como não pôde ser esquecido; ha de permanecer sempre vivo: *Recessit à nobis, sed non totus recessit*, dizia o Arcebispo de Milão S. Ambrozio, discorrendo na morte do Grande Imperador Theodozio. Morreo, he verdade: *Recessit*; mas não aca-

bou, porque ainda vive na nossa lembrança: *Sed non totus recessit*, He verdade, ó Monarcha faudoso, ó Rey D. Joaõ o Grande, he verdade que vos roubou a morte a nossos olhos: *Recessit*; mas como vos não pode tirar da nossa lembrança; deixou-vos nella eternamente vivo: *Sed non totus recessit*.

Assim he, Rey Grande, Monarcha entendido, assim he; se athégora vos choramos morto, já desde aqui vos devemos celebrar vivo: vivo, porque na certeza da morte segurastes a perpetuidade da vida; vivo, porque, ainda que fallastes a nossos olhos, viveis, e vivereis sempre na nossa lembrança. E tu, ó cadafalso enganoso, padraõ fatal de desgraças, emblema certo de t-  
rzas

tezas, se fostes troféo da morte, já te podes transformar em obelisco da vida; já as tuas luzes podem derrotar as tuas sombras; já os teus raios podem consumir as tuas trevas, e já podem romper o teu silencio essas tuas luminosas linguas; publicando a vozes, que ahí vive, e viverá eternamente aquelle Monarcha Portuguez, cujas acçoens, contempladas sabiamente pelo seu alto entendimento: *Mens mea contemplata est mul-*

*ta sapienter*, o estão mostrando, ainda quando morto; Rey vivo; como foy: *Fui Rex*; hum Rey, que foy maior que todos, hum Rey, que será, assim como foy, sempre Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & precessi omnes.*

Tudo recopilou ao nosso intento, faltando em commum das acçoens do nosso Monarcha, o Poetico Engenho; que já tantas vezes deixámos apontado, neste seu ultimo; e elegante Disticho.

*Nihil maius terris, Mortales fata dedere,  
Nec quamvis redeant aurea secla dabunt:*

Vem á dizer em disticho Portuguez:  
Por mais que venhão seculos dourados;  
Naõ darão Rey taõ grande os Fados.

E porque as acçoens de hum taõ grande Rey, resumidas ao breve epilogo das palayras do

meu Tema, fiquem eternamente, ou impressas na nossa memoria, como braçoens seguros da

da nossa faulade, ou  
gravadas nessas pyrami-  
des, como Epitafio  
Real da tua sepultura;  
cu as torno a repetir co-  
mo reclamo da nossa  
mágoa, como consólo  
da nossa perda, e como  
Memento ultimo das  
acçoens de hum Rey

sempre Grande: *Ego*  
*Eccl. fuistes tui Rex*  
*Israel in Jerusalem...*  
*Ecce magnus effectus*  
*sum, & precessi omnes*  
*sapientiã, qui fuerunt*  
*ante me, & mens mea*  
*contemplata est multa sa-*  
*pienter.*



SERMAO  
NAS  
EXEQUIAS

DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY

D. JOAÃO V.  
PREGADO

NO CONVENTO DE NOSSA SENHORA  
das Neves, da Cidade de Olinda,

POR

FR. SERAFIM  
DE SANTO ANTONIO,

*Lente actual de Prima de Theologia em  
o mesmo Convento, filho da Provin-  
cia de Santo Antonio do Brasil.*

SE R M A O

1713

EXEQUIAS

TOURNAIENNE & AUGUSTINIANE

D. JOAO V.

FRANCISCO DE

NOGUEIRA DE MATOS

de ...

1713

F. SERRA FIM

DE SANTO ANTONIO

Deus adest de ... de ...

o ...

de ...



*Rex pacificus magnificatus est, cujus vultum desiderat universa terra.*

Ex Ecclesia.

**S**endo credito dos defuntos as lagrimas dos vivos, grande de credito sera dos vivos, se saltarem com as suas lagrimas nesta morte. (A Vossa Real Magestade, Soberano Senhor, não posso deixar de tomar esta bem submissa venia; porque ainda que a morte tirou a Vossa Real Magestade a vida, para o pôr nesse Tumulo morto, o amor desceja tirar a vossa Real

Magestade a morte, para o repôr nesse throno vivo.) Sendo credito dos defuntos as lagrimas dos vivos, grande de credito sera dos vivos, se saltarem com as suas lagrimas nesta morte; porque aquella mesma obrigação, que a natureza pôs aos filhos de chorarem a morte dos pays, vinculou tambem aos vassallos de sentirem a morte dos Reys. Tanto que o Redemptor do Mundo padecéo nos braços

Matth.  
27. 51.

braços da Cruz a morte; logo se rasgou o véo do templo em pedaços: *Velum templi scissum est*: e que mysterio teria rasgar-se aquelle véo naquella morte? Muito grande, notem.

Joan.  
19. 39.

Era então costume entre o povo Hebraico rasgarem-se os vestidos nos sentimentos grandes: assim o fez Jacob na morte imaginada de seu filho Joseph; e assim o fez David na morte lastimosa de seu filho Absalaõ: e como Christo era legitimo Rey da Synagoga: *JESUS Nazarenus, Rex Judeorum*; por isso ella, piedosamente sentida, e sentidamente magoada, rasgou véo, com que se adornava, para mostrar a magoa, que sentia: *Velum templi scissum est*. Não ignoro a distancia, que se dá entre o Creador, e a

creatura; porêm também sey a differença, que ha entre Judeos, e Christaõs: e por isso se os Judeos se acreditáraõ muito em sentir a morte de hum Rey, a quem trouxeraõ sempre em huma viva guerra: *Crucifige, crucifige eum*; muito se desacreditáraõ os Christaõs, se não sentirem a morte de hum Rey, que sempre os trouxe em huma socegada paz.

Assim o prometteo o mesmo Rey, quando disse a seus Vassallos rogassem a Deos que os livrasse de fome, e de peste, porque de guerra elle os livraria: e assim o experimentáraõ os mesmos Vassallos; quando viraõ muitas vezes que o proprio Rey tratava de compôr, e dispôr por todas as partes o seu Reyno em paz, quando os Reys

estra-

estranhos lhe pediaõ, e rogavaõ se declarasse por alguma das partes para a guerra. Esta, e naõ outra, soy a razaõ, porque, para Thema desta Oraçaõ funebre, lancey maõ daquellas mesmas palavras, que a Igreja nosa Mãy applica ao Nascimento de Christo Redemptor nosso: *Rex pacificus magnificatus est, cujus vultum desiderat. universa terra:* porque se por ellas se nos dá a entender que deve toda a terra suspirar alegre pela presença de Christo, por ser hum Rey Pacifico, magnificado pelo teu Nascimento; por ellas tambem se nos dá a entender que deve todo o Reyno suspirar triste pela ausencia de D. Joaõ V., por ser hum Rey Pacifico, magnificado pela sua morte;

pois, como diz o Ecclesiastico, de mais magnificencia he o dia, em que morrendo se caminha para o tumulo; do que o dia, em que nascendo se caminha para o throno: *Melior est dies mortis die nativitat.*

E assim, se Christo merece toda a alegria, ou a alegria de todos; por ser hum Rey Pacifico, magnificado quando nascia, por se ver no throno: *Rex pacificus magnificatus est;* tambem D. Joaõ V. merece todo o sentimento, ou o sentimento de todos, por ser hum Rey Pacifico, magnificado quando morre para se ver no tumulo: *Rex pacificus magnificatus est:* e quando nada, sem muita difficuldade temos accommodado o Thema com o empenho presente; porque se pe-

la vida de Christo, por  
 fei hum Monarcha Ma-  
 gnifico, e hum Rey Pa-  
 cifico, suspiráraõ to-  
 dos alegres; tambem  
 na morte de D. Joaõ  
 V. devem suspirar to-  
 dos tristes: porque D.  
 Joaõ V. tambem foy  
 hum Monarcha Magni-  
 fico, e hum Rey Paci-  
 fico. Porém, como to-  
 dos os que devem sus-  
 pirar tristes na morte do  
 nosso Rey Pacifico, e  
 do nosso Monarcha Ma-  
 gnifico, ou saõ Vassal-  
 los de todo o Reyno,  
 ou saõ Vassallos de to-  
 das as Conquistas, ou  
 saõ Vassallos de todas  
 as Religioens; acerta-  
 do será, que para sen-  
 tirmos todos, como  
 devemos, esta morte;  
 vejamos em tres dis-  
 cursos tres motivos pa-  
 ra tres sentimentos: por-  
 que no primeiro discurs-  
 so veremos o primeiro  
 motivo para hum sen-

timento grãde dos  
 Vassallos de todo o  
 Reyno; no segundo  
 discurso veremos o se-  
 gundo motivo para hũ  
 sentimento mayor dos  
 Vassallos desta Con-  
 quista de Pernambuco;  
 e no terceiro discurso  
 veremos o terceiro mo-  
 tivo para hum senti-  
 mento maximo dos  
 Vassallos desta Reli-  
 giaõ Franciscana. Está  
 proposta a materia, en-  
 tremos a discorrer.

Dizem todos os Po-  
 liticos, que as preroga-  
 tivas, que constituem  
 a hum homem Rey;  
 saõ principalmente a  
 Justiça, a Liberalidade, o  
 Valor, a Vigilancia, a  
 Piedade, e a Religiaõ:  
 porém eu, sem me apar-  
 tar da opiniaõ commu-  
 disera, que só a paz  
 he o principal constitu-  
 tivo de hum Rey ho-  
 mem; naõ só porque;  
 como diz Santo Agosti-  
 tinho,

# Seraficos.

51

nhô, a paz he para o homem o summo bem: *Pax hominis maximum bonum*; senão tambem porque todas aquellas prerogativas, que, segundo a opiniaõ commã de todos os Politicos, são constitutivas de hum homem Rey, se incluem na prerogativa da paz, que, segundo a opiniaõ particular, e minha, he constitutiva de hum Rey homem. Foy o que nos deo a entender a Igreja nossa Mãe, quando retratando a Eterna Bemaventurança na Cidade Santa de Jerusalem: *Cœlestis urbs Jerusalem*, disse que era a Eterna Bemaventurança huma bemaventurada vizaõ de paz: *Beata pacis visio*; porque ainda que a Eterna Bemaventurança seja hum aggregado de todas as prerogativas,

como dizem os Theologos: *Beatitudo est status omnium bonorum aggregatione perfectus*; com tudo, como todas as prerogativas se incluem na prerogativa da paz, como dizem todos os Padres da Glossa: *Qui pacem dedit, uno verbo omnia dedit*; por isso se chama a Bemaventurança Eterna Bemaventurada vizaõ de paz: *Beata pacis visio*.

PP.  
Gloss.  
apud  
Silvestr.

E sendo o Rey, por quem suspiramos tristes, t:õ Pacifico; que ao mesmo tempo, em que todos os mais Reys, por terem sempre guerras, não souberão acertar com o caminho da paz, como disse David: *Viam pacis non cognoverunt*; elle soube caminhar pelo caminho da paz, com tanto acerto, que teve todo o Reyno em paz, em quãto viveo, e recõ-

Psal.

Hymn.  
Dedic.  
Eccles.

D 2 men:

mendou a paz do Rey-  
no todo quando mor-  
reo : bem se deixa ver,  
que o ser o nosso Mag-  
nifico Monarcha hum  
Rey Pacifico, e hum  
Principe da paz, he o  
primeiro motivo para o  
sentimento grande dos  
Vassallos de todo o  
Reyno ; porque ver-  
dadeiramente os Vassal-  
los de todo o Reyno  
devem ter hum grande  
sentimento na morte de  
hum Rey, que he Pacifi-  
co, e de hum Principe, q̃  
he da paz. Foy taõ gran-  
de o sentimento, que  
caulou a morte de  
Christo no Calvario,  
que de pena, e de ma-  
goa se rasgou o véo do  
Templo : *Velum Tem-  
pli scissum est* ; escure-  
ceo-se o Sol : *Obscura-  
tus est Sol*, e quebrá-  
raõ-se as pedras : *Petræ  
scisse sunt*. Naõ repa-  
ro em sentirem todas  
estas creaturas a morte

de seu Creador ; por-  
que como o povo se  
divide em tres estados,  
convêm a saber, no  
estado dos Ecclesiasti-  
cos, no estado dos No-  
bres, e no estado dos  
Plebeos ; por parte dos  
Ecclesiasticos havia de  
sentir, e rasgar-se o véo,  
a quem a sua sorte deo  
o primeiro lugar em o  
Templo : *Velum Tem-  
pli scissum est* ; por par-  
te dos Nobres havia  
sentir, e escurecer-se o  
Sol, a quem a sua luz  
deo o esclarecido de sua  
nobreza : *Obscuratus est  
Sol* ; por parte dos Ple-  
beos haviaõ sentir, e  
quebrarem-se as pedras,  
as quaes a sua fortuna  
pôs no humilde da ter-  
ra : *Petræ scissæ sunt*.

Todo o meu repa-  
ro está em ser taõ gran-  
de o sentimento, que  
houve naquella morte ;  
que de pena ; e de ma-  
goa se chegon a rasgar  
o mesmo

Luc.  
24. 45.

Matth.  
27. 51.

o mesmo véo, e escurecer-se o mesmo Sol, e quebrarem se as mesmas pedras. Mas não ha que reparar; porque como se faziaõ Exequias pela morte de Christo, que tinha sido hum Rey taõ pacifico: *Rex pacificus*, e hum Principe de tanta paz: *Princeps pacis*, que trouxe sempre em paz o seu Reyno: *Et in terra pax hominibus*; por isso os Vassallos de todo o Reyno tiveraõ grande sentimento na sua morte: tiveraõ grande sentimento os humildes, porque sentiraõ as pedras quebrando-se: *Petre scisse sunt*; tiveraõ grande sentimento os Nobres, porque sentio o Sol escurecendo-se: *Obscuratus est Sol*; tiveraõ grande sentimento os Ecclesiasticos, porque sentio o véo, rasgando-se: *Ve-*

*lum Templi scissum est*: para que se entenda, que os Vassallos de todo o Reyno. devem ter hum grande sentimento na morte de hum Rey Pacifico, e de hum Principe da paz.

Eu bem ley que o ter hum Rey, como o nosso, Justicozo, Liberal, Valoroso, Vigilante, Piedoso, e Religioso, he motivo sufficiente para sentirem a sua morte os Vassallos de todo o Reyno: porêm o que digo he, que este sentimento não deve ser grande; porque só a falta de hum Rey Pacifico; e de hum Principe da paz. he motivo bastante para o sentimento grande dos Vassallos de todo o Reyno. Assim o profetizou Isaias, quando profeticamente disse, que os mesmos Anjos do Ceo; como Vassallos do Rey

Isaias  
33. 7.

da paz, haviaõ sentir amargamente a sua morte: *Angeli pacis amarè flebunt.* Bem podia o Profeta naquella profecia chamar aos Anjos Vassallos do Rey da justiça; ou da liberalidade, ou da vigilancia, ou do valor, ou da piedade, ou da Religiaõ, ou de tudo; porque Christo, que era o Rey, havia ter Senhor de todas as prerogativas; *Dominus vir. tutum ipse est Rex;* porêm como Isaias nos queria dar a entender, q̃ a perda de todas as prerogativas, na morte de qualquer Rey; naõ he motivo sufficiente para sentimento grande, e que só a perda da prerogativa da paz he motivo bastante para grande sentimento; por isso disse o Profeta, que os Anjos, como Vassallos do Rey Pacifico, e

Psal. m.  
23. 10.

do Principe da paz, haviaõ sentir amargamente a sua morte: *Angeli pacis amarè flebunt.*

Sintaõ muito embora os Vassallos dos mais Reys a morte dos seus Monarchas, por se acharem nelles aquellas prerogativas, que seguindo a opiniaõ commãa constituem a hum homem Rey: porêm seja esse sentimento pequeno; que o sentimento grande só devem ter os Vassallos do nosso Rey, por se achar nelle a prerogativa da paz, onde se incluem todas as mais prerogativas: *Qui pacem dedit, uno verbo omnia dedit.* E se quereis saber a razãõ desta razãõ, dai-me atençaõ. Os Vassallos dos mais Reys devem sentir a morte dos seus Monarchas com sentimento pequeno; porque os mais Reys com

as prerogativas cõmũas quando muito sãõ Reys, e sãõ Senhores: os Vassallos porẽm do nosso Rey devem sentir a morte do seu Monarcha com sentimento grande; porque o nosso Rey com a prerogativa particular da paz, quando menos, era Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores.

Vio S. Joãõ no seu Apocalypse a hum homem de taõ grande personagem, que tinha por timbrẽ de sua pessoa o ser Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores: *Rex Regum, & Dominus Dominantium.* Notavel brazaõ por certo; pois he digno de toda a admiraçaõ! Porque se o mais, a que pôde chegar hũa creatura na terra, he a ser Rey, e Senhor; porque razaõ aquella creatura passou a ser Rey

dos Reys; e Senhor dos Senhores? A mesma Aguia dos Evangelistas responde dizendo: que a razaõ, porque aquelle homem mereceo taõ grande brazaõ, foy por trazer na boca huma espada, que cortava por huma, e outra parte: *De ore ejus gladius utraque parte acutus,* e por trazer todos os seus Vassallos vestidos de branco: *Vestiti bisino albo.* Pois por aquelle homem trazer na boca huma espada, e a seus Vassallos vestidos de branco, por isso chegou a taõ alta dignidade? Sim, e com razaõ; porque na espada se representa a guerra, e no branco se symboliza a paz: e Monarcha taõ pacifico, que chega a trazer sempre a guerra entre dentes: *Ex ore ejus gladius acutus,* e chega a trazer sempre a

Ibid. 13.

Ibid. 14

Apo-  
cal. 19.  
16.

D 4 seus

seus Vaílal'cs revesti-  
dos de paz : *Vestiti bis.*  
*sino albo* ; não pôde  
deixar de ser Rey dos  
Reys, e Senhor dos  
Senhores: *Rex Regum,*  
*& Dominus Dominan-*  
*tium.*

Naõ era Vossa Real  
Magestade, meu Sobz-  
rano Monarcha, aquel-  
la Personagem; porque  
para com V. Real Ma-  
gestade não são neces-  
sarios hyperboles, nem  
encarecimentos; potêm  
parecia-se muito com  
aquella Personagem  
Vossa Real Magestade:  
porque se aquella Per-  
sonagem foy Rey dos  
Reys, e Senhor dos  
Senhores; porque de  
tal sóite aborrecia a  
guerra, q̃a trazia sempre  
entre dentes, e de tal  
sóite amava apaz, que  
a trazia sempre nas pal-  
mas; Vossa Magestade  
tambem foy Rey dos  
Reys, e Senhor dos

Senhores: porque Vos-  
sa Magestade foy aquel-  
le Rey taõ contrario á  
guerra, e taõ amante  
da paz, que por con-  
servar em paz o seu  
Reyno, nunca teve  
guerras com os Reynos  
estranhos.

Fez o nosso Sobz-  
rano Monarcha em qua-  
si quarenta e tres annos,  
que teve de governo,  
o que não puderaõ fa-  
zer varios homens em  
muitos seculos: porque  
se Jacob não pode vi-  
ver em paz com Esaú  
no logro de hum Mor-  
gado; se Izac não po-  
de viver em paz com  
Ismael no logro da mes-  
ma herança; se Saul não  
pode viver em paz com  
David no logro de hum  
Reyno; e se Caim não  
pôde viver em paz com  
Abel no logro de hum  
mundo inteiro: o nos-  
so Soberano Monarcha  
viveo em paz com todo  
o Mundo.

o Mundo, com todo o Reyno, com toda a herança; e com todo o Morgado: porque como estimava mais as vidas de seus Vassallos, do que todo o Morgado, do que toda a herança, do que todo o Reyno, e do que todo o Mundo; por isso nem por todo o Mundo, nem por todo o Reyno, nem por toda a herança, nem por todo o Morgado queria arriscar as vidas dos seus Vassallos na guerra: antes sim, sem todo o Morgado, sem toda a herança, sem todo o Reyno, e sem todo o Mundo, queria conservar as vidas de seus Vassallos em paz. E hum Rey, que assim estimou as vidas dos seus Vassallos em vida, bem merece grande sentimento dos seus Vassallos na morte; pois,

como já temos visto, a falta de hum Rey pacifico he motivo sufficiente para o sentimento grande dos Vassallos de todo o Reyno: *Rex pacificus magnificatus est, cuius vultum desiderat universa terra.*

Sobre o sentimento dos Vassallos de todo o Reyno cresce o sentimento dos Vassallos da Conquista de Pernambuco: e assim; se deve ser grande o sentimento dos Vassallos de todo o Reyno, por se verem com esta morte privados de hum Rey Pacifico, e de hum Principe da paz; deve ser mayor o sentimento dos Vassallos desta Conquista, por se verem privados com esta morte de hum Rey Pacifico, ao mesmo tempo, em que se julga-vaõ de posse do mesmo Prin-

Principe da paz. Eu me explico melhor, para que me percebaõ todos. Estavaõ todas, ou quasi todas as Conquistas de Portugal a vinte e dous de Outubro solemnizando os annos do nascimento do nosso Monarcha, quando a esta Conquista de Pernambuco chegou em huma não Capitania a noticia da morte do nosso Rey Pacifico, e do nosso Principe da paz, razaõ porque trocáraõ logo os Vassallos desta Conquista as demonstraçoens festivas da alegria, que tinhaõ com os annos de vida do nosso Rey, em sinaes funebres de sentimento; que começaraõ a ter com as novas da morte do mesmo Monarcha Magnifico.

De maneira que os Vassallos de todo o Reyno sentiraõ a mor-

te do nosso Rey Pacifico, e do nosso Principe da paz, quando o não esperavaõ vivo, pois lhe não festejavaõ os annos de vida, quando tiveraõ novas da sua morte: porêm os Vassallos desta Conquista sentiraõ a morte do nosso Rey Pacifico, e do nosso Principe da paz, quando o esperavaõ vivo; pois lhe festejavaõ os annos de vida, quando tiveraõ novas da sua morte; e por isso, ainda que deve ter grande o sentimento dos Vassallos de todo o Reyno por lhes faltar precisamente hum Rey Pacifico, e hum Principe da paz, deve ter mayor o sentimento dos Vassallos desta Conquista, por lhes faltar hũ Rey Pacifico, e hũ Principe da paz, quando o esperavaõ vivo, solemnizando-lhe os annos de vida; porque as  
novas

novas de huma morte, no mesmo tempo, em que se esperava com solemnidade a vida, he motivo sufficiente para hũ sentimento mayor.

Grande foy o sentimento, que tiveraõ os Discipulos de Christo, quando ouviraõ dizer que morrera o mesmo Senhor no Calvario; porẽm foy maior o sentimento, que tiveraõ os mesmos Discipulos, quando caminhavaõ para o Castello de Emaüs; pois o mesmo Divino Mestre lhes perguntou a causa deste, e naõ daquelle sentimento: *Qui sunt hi sermones, quos cõfertis adinvicem ambulantes, & estis tristes?* Parece-me que se deviaõ trocar aquellas tristezas; para que se trocassem tambem aquelles sentimentos; porque que motivo mais sufficiente para o sentimento mayor

Luc.  
24. 17.

de huns Discipulos, do que a triste nova da morte de seu Mestre? Assim parece, porẽm naõ he assim, como parece; porque, attendidas bem as circumstancias de hum; e de outro lugar, ainda ha outro motivo mais sufficiente para hum sentimento mayor: e se naõ vejaõ. Antes da jornada para Emmaüs, naõ esperavaõ os Discipulos a vida de seu Mestre; antes esperavaõ a morte por meyo de sua crucifixaõ: e que noticias tiveraõ? Tiveraõ por noticias, que Christo acabara a vida entre os tormentos de hũa Cruz: *Crucifixerunt eum: Emit sit spiritum:* quando po-  
Math.  
26.
rẽm os Discipulos caminhavaõ para Emmaüs esperavaõ a vida de seu Mestre por meyo da sua Resurreiçaõ, como diz Estella commentando

do a resposta dos me-  
 mos Discipulos: *Nos  
 autem sperabamus eum  
 hodie resurrecturum: e  
 que noticias tiveraõ?  
 Tiveraõ por noticias,  
 que Christo existia .le-  
 pultado entre os horro-  
 res da morte: Sed jam  
 non est quid speremus.*  
 Pois para que se reco-  
 nheça que as novas  
 de humia morte, no mes-  
 mo tempo, em que se  
 espera a vida, são motivo  
 sufficiente para hum sen-  
 timento mayor; por if-  
 so sendo grande o sen-  
 timento dos Discipulos,  
 quando ouviraõ dizer  
 que Christo morrera no  
 Calvario, onde se espe-  
 rava a morte; foy mayor  
 o sentimento dos Dil-  
 cipulos; quando ouvi-  
 raõ dizer que Christo  
 morrera na sepultura,  
 onde se esperava a vi-  
 da: *Qui sunt hi sermo-  
 nes, quos confertis adin-  
 vicem ambulantes, &*

*estis tristes! Nos autem  
 sperabamus eum hodie  
 resurrecturum, sed non  
 est jam quid speremus.*

Foraõ as noticias  
 da morte do nosso Rey  
 para todas as mais Con-  
 quistas, assim como fo-  
 raõ as noticias da mor-  
 te de Christo no Cal-  
 vario para os Discipu-  
 los do mesmo Senhor;  
 foraõ porêm as noticias  
 da morte do nosso Rey  
 para esta Conquista;  
 assim como foraõ as no-  
 ticias da morte de Chris-  
 to no caminho de  
 Emmaüs para os Disci-  
 pulos do mesmo Se-  
 nhor; porque se as  
 mais Conquistas tiveraõ  
 noticias da morte do  
 nosso Monarcha, ou an-  
 tes, ou depois do dia-  
 dos annos do seu nasci-  
 mento, quando os Vaf-  
 sallos o não esperavaõ  
 vivo, não lhe solem-  
 nizando os annos de  
 vida; esta Conquista te-

ve a noticia da morte do nosso Monarcha no mesmo dia dos annos do seu nascimento, quando os Vassallos o esperavaõ vivo, solemnizando-lhe os annos da vida; e por isso, se deve ser grande o sentimento dos Vassallos das mais Conquistas, deve ser mayor o sentimento dos Vassallos desta Conquista. Grande deve ser o sentimento, que se deve ter com a morte da Roza, por ser a Roza a Rainha das flores; porêm deve ser mayor o sentimento, que se deve ter por morrer a Roza no mesmo dia, em que vive: grande deve ser o sentimento, que se deve ter com o Occaso do Sol, por ser o Sol o Rey dos Astros, porêm deve ser mayor o sentimento, que se deve ter, por ser o Occidente do Sol no mesmo dia

do seu Oriente: grande deve ser o sentimento; que se deve ter por se sepultar no mar o rio; por ser o rio o rizo do prado; porêm deve ser mayor o sentimento, que se deve ter, por ter o rio a sua sepultura no mesmo tempo, em que tem o seu berço.

Grande deve ser tambem o sentimento dos Vassallos de todo o Reyno com a morte do nosso Rey; porque para elles foy a morte do nosso Rey, como a morte da Roza, como o Occaso do Sol, e como a sepultura do rio: porêm deve ser mayor o sentimento dos Vassallos desta Conquista com a morte do nosso Rey; porque para elles foy a morte do nosso Rey, como a morte da Roza no mesmo dia da vida, como o Occidente do Sol no mes-

mo dia do seu Oriente, e como a sepultura do rio no mesmo tempo do berço: porque se aquelles Vassallos virão ao seu Rey morto nos braços da morte, e por isso com grande sentimento; estes Vassallos virão ao seu Rey morto nos braços da vida, e por isso com mayor sentimento. Agora se entenderá a razaõ, que teve Cicero para dizer, que a morte mais digna de mayor sentimento, que se acha nas letras humanas, fora a do famoso Diagoras Rhodio: *Extinctus morte omni lamentatione, & planctu digna*; porque esperando-se que aquelle Rey tivesse vida com os braços de tres filhos victoriosos, nos braços de tres filhos victoriosos teve a morte: *Cum tres filios victores coronari vidis-*

Cicero  
apud  
Tex.  
tor, &  
in Com.

*set, in oculis, & manibus filiorum animam efflavit.*

O mesmo, que aconteceu aos filhos de Diagoras, aconteceu aos Vassallos desta Conquista: porque se os filhos de Diagoras virão a desgraça da morte do pay nos mesmos braços da ventura, com que se coroavaõ alegres; os Vassallos desta Conquista virão a desgraça da morte do seu Pacifico Rey, e do seu Principe da paz nos mesmos braços da ventura, com que festejavaõ os seus annos plauziveis: e assim bem podemos dizer a respeito da morte do nosso Magnifico Monarcha, o que disse Cicero a respeito da morte de Diagoras: *Extinctus morte omni lamentatione, & planctu digna.* Foy a morte do nosso Magnifico Monarcha

narcha para os Vassallos desta Conquista digna de toda a magoa , e digna de todo o sentimento : e com razaõ ; porque esta pena de ver a desgraça nos mesmos braços da ventura, deve ser taõ grande , que mal se possa soffrer. Foy taõ grande a pena, que teve Joseph , quando Jacob leu pay lançou a bençaõ a Efraim , e não a Manassés ; que diz o Texto Sagrado mal a pudera soffrer :

Genef. 45. *Graviter accepit : egrè tulit*, lê o Texto Hebreo. Pois se assim Efraim, como Manassés eraõ filhos de Joseph ; porque razaõ levou Joseph tanto a mal , que Efraim levasse a bençaõ , e não Manassés, que não pode soffrer taõ grande pena?

Porque Joseph queria que Manassés levasse a bençaõ , e não

Efraim ; que por isso pôs a Efraim da parte esquerda , que era o lugar da desgraça , e a Manassés da parte direita , que era o lugar da ventura : e como Jacob, trocando as mãos:

*Cõmutans manus*, fez que a desgraça da falta da bençaõ se visse no braço da ventura , que era da parte direita , onde estava Manassés ; por isso foy taõ grande a pena de Joseph , que mal a pode soffrer: *Graviter accepit: egrè tulit*.

Que melhores braços da ventura , do que o dia , em que os Vassallos festejaõ alegres os annos de vida de seus Reys ! E que mayor desgraça , do que o dia ; em que os Vassallos sentem tristes a morte de seus Monarchas ! Pois para que os Vassallos desta Conquista tivessem huma pena taõ grande

que

q̄ mal a pudessem soffrer, permittio a sua adverfidade que vissem a mayor desgraça, qual foy a noticia da morte do feu Rey, no dia em que com grande ventura festejavaõ os annos de vida do feu mefmo Monarcha.

Passou a desgraça dos Vassallos de Pernambuco muito além do termo, a que pôde chegar a consideração dos homens: porque se a consideração das homẽs não pôde chegar a mais, que a dizer q̄ ás alegrias dos gostos se devem seguir os sentimentos dos lutos: *Post gaudia luctus*; para os Vassallos de Pernambuco não esperaraõ os sentimentos dos lutos para seguirem as alegrias dos gostos: porque no mefmo tempo, em que estavaõ com as alegrias dos gostos da vida do feu Rey

Pacifico, estiveraõ com os sentimentos dos lutos da morte do mefmo Principe da paz. E se as novas de huma morte com tristezas no mefmo tempo, em que com alegria se espera a vida, he motivo sufficiente para hum sentimento mayor: como já vimos; mayor deve ser o sentimento dos Vassallos desta Conquista na morte do feu Rey Pacifico; e do feu Principe da paz: *Rex pacificus magnificatus est, cujus vultum desiderat universa terra.*

Sobre o sentimento dos Vassallos desta Conquista de Pernambuco, crelce o sentimento dos Vassallos desta Religião Franciscana: e assim se foy mayor o sentimento dos Vassallos desta Conquista de Pernambuco, por se verem com esta morte priva-

dos

dos de hum Rey Pacifico no mesmo tempo, em que se julgavaõ de posse do mesmo Principe da paz ; deve ser maximo o sentimento dos Vassallos desta Religiaõ Franciscana, por se verem privados com esta morte de hum Rey Pacifico ; que era seu Principe da paz, e juntamente seu Irmaõ. Era o nosso Soberano Monarcha Irmaõ nosso, naõ só pelo amor, com que nos tratava ; naõ só pela protecçaõ, com que nos defendia ; naõ só pelos beneficios, com que nos favorecia ; senaõ tambem por ser verdadeiro filho de S. Francisco : pois para mostrar, clara, e evidentemente, que era verdadeiro filho de S. Francisco, na sua morte deixou os habitos de todas as mais Religioes, e fez eleiçaõ para sua

mortalha deste despreziavel burel, e deste cinzento sayal. E que motivo mais sufficiente para o sentimento maximo dos Vassallos desta Religiaõ Franciscana, do que perderem com esta morte a hum Monarcha Pacifico, que era juntamente seu Rey, e seu Irmaõ ? Nenhum ; e se naõ vejaõ.

Sabem todos, que apenas em tumulto de crystal se sepulta o Sol ; Monarcha das luzes, quando logo entraõ os lutos uiveraes na esfera de todo o Mundo ; porq̃ naõ só o ar se veste todo de negro ; e a terra se reveste toda de sombras, senaõ tambem o Ceo se enche todo de funeraes tochas, que como vigilantes sentinellas assilem ás Exequias do seu Rey defunto : mas nem todos sabem a razãõ, porque, sendo gran-

de, e ainda mayor o sentimento das Estrelas, ha de ser maximo o sentimento da Aurora; pois entre todos os Astros só a Aurora derrama lagrimas mais funestas: *Aurora funestas profert lacrymas*, disse o Cômmentador de Estacio. Porê n he, porque nem todos reparaõ para as razoens, que ha entre o Sol, e a Aurora, e entre o Sol, e os mais Astros; porque se repararem bem, que dos mais Astros he o Sol precisamente Rey, e da Aurora he Rey, e juntamente irmaõ, como diz o mesmo Author citado: *Aurora soror solis*, logo haõ de saber que, ainda que seja grande, e ainda mayor o sentimento das Estrellas na morte do Sol, por ser o Sol precisamente o seu Rey, deve ser maximo o sentimento da

Aurora na morte do Sol, por ser o Sol o seu Rey, e juntamente o seu irmaõ: *Aurora soror solis funestas profert lacrymas*.

Ah Sol amortecido! Todos os Vassallos de Vossa Real Magestade eraõ como Astros do Ceo; porque todos, como os Astros do Ceo, participavaõ na terra das benignas influencias, e pacificos influxos de vossa Real Magestade: porê m com esta differença, q̃ todos os mais Vassallos eraõ como as Estrellas, e os Vassallos desta Religiaõ eraõ como a Aurora: porque se para todos os mais Vassallos era Vossa Magestade precisamente seu Rey Pacifico, e seu Principe da paz; para os Vassallos desta Religiaõ, além de ser seu Rey Pacifico, e seu Princípe

da

Com.  
ad lib.

Theb.

dá paz; érá tambem seu  
 Irmaõ igualmente ama-  
 do, e amante: e por  
 isso, se para os mais  
 Vassallos deve ser a  
 morte de Vossa Real  
 Magestade de grande,  
 e ainda de mayor senti-  
 mento; para os Vas-  
 sallos desta Religião de-  
 ve ser de maximo senti-  
 mento a morte de Vos-  
 sa Real Magestade;  
 porque deve ser superla-  
 tiva a magoa, com que  
 se deve sentir a morte  
 de hum Principe, que  
 he juntamente Irmaõ.  
 Foy taõ grande a dor,  
 com que sentio David  
 a morte de Jonathas,  
 que só pelo superlativo  
 explicou bema sua ma-  
 goa: *Doleo super te.*  
 Pois comn assim? Se no  
 mesmo tempo, em que  
 morreo Jonathas, mor-  
 reo juntamente Saul;  
 porque razaõ, devendo  
 David, como politico  
 que era, magoar-se

mais da fatalidade de  
 Saul, que era seu Rey,  
 do q da delgraça de Jo-  
 nathas, que era seu Prin-  
 cipe, para com o Rey  
 exaggerou menos a sua  
 dor: *Abiectus est cy-  
 peus Saul*; e para com  
 o Principe encareceo  
 mais a sua magoa: *Doleo super te?*

Ora dai-me atten-  
 çãõ, que a razaõ está  
 taõ clara como a mes-  
 ma razaõ. Era Saul pre-  
 cisamente Rey de Da-  
 vid; porêm Jonathas  
 naõ só era seu Principe;  
 senaõ tambem seu Ir-  
 maõ amado, e aman-  
 te: *Frater mi Jonatha:*  
 e como deve ser su-  
 perlativa a magoa;  
 com que se deve sentir  
 a morte de hum Prin-  
 cipe, que he juntamen-  
 te Irmaõ; por isso, sen-  
 do menis o sentimen-  
 to, que David teve  
 com a morte de Saül,  
 que era seu Rey: *Ab-*

2. Reg.  
 c. 1.26.

*jectus est clypeus Saul,* foy superlativo o sentimento, que teve com a morte de Jonathas, que era o seu Principe, e juntamente seu Irmaõ :

*Doleo super te, frater mi Jonatha.* E que com paração pôde ter Jonathas a respeito de David, com o nosso Soberano Monarcha a respeito dos Franciscanos?

Muito pouca: porque ainda que Jonathas era Irmaõ de David, pelo amor com que o tratava, pois o amava como a sua alma: *Anima Jo-*

2. Reg. 18. 1. *nathæ conglutinata est animæ David;* pela protecção, com q̄ o defendia, pois não permittia que o offendessem ainda levemente: *Vade in pace, quæcumque juravimus ambo,* e pelos beneficios, com que o favorecia, pois lhe chegou a dar a propria tunica:

2. Reg. 13. 5. *Expoliavit se tunicâ,*

1. Reg. 18. 4. *quâ erat indutus;* e

*dedit eam David;* com tudo, Jonathas, e David não eraõ Irmaõs verdadeiros, por não serem filhos do mesmo pay; porque Jonathas era filho de Saul; e David era filho de Itai,

Porêm o nosso Soberano Monarcha era Irmaõ dos Franciscanos no amor, com que os tratava; pois para mostrar que os amava como a sua alma, só delles fiava, e confiava o governo do seu Reyno: na protecção, com que os defendia; pois para que os não offendessem, ainda levemente, parece-me que era Protector de toda a Religião, assim como era na realidade desta Provincia: nos beneficios, com que os favorecia; pois como os não podia vestir com a propria purpura, lhes vestia os

Altare

Altareſ de ricas alfayas, e os revestia nos Altares de precioſas télas, e em ſer verdadeiro Irmaõ dos Franciſcanos, por ſerem aſſim: os Franciſcanos; como o noſſo Soberano Monarcha, filhos do meſmo Pay; porque todos eraõ filhos do meſmo Patriarcha S. Francisco. E ſe David na morte de hum Principe, que naõ era ſeu Irmaõ verdadeiro, teve hum tal ſentimento, que chegou a ſua dor ao ſuperlativo da mayor magoa: *Doleo ſuper te, frater mi Jonatha*; conſiderem agora lá os Vaſſallos deſta Religiãõ, qual deve ſer o ſeu ſentimento na morte de hum Rey, que era ſeu Irmaõ verdadeiro! Oh q̄ deve ſer taõ grande, que naõ cabendo a magoa no peito dos de caſa, devem tambem della participar os eſtra-

nhos; porque naõ tó os de caſa, ſenaõ tambem os eſtranhos devem ſentir amargamente a morte de hum Irmaõ, que he verdadeiro!

Foraõ tantas as lagrimas, que derramou a Magdalena com os que a acompanhavaõ na morte do defunto Lazaro, que fizeraõ com que de compadecido choraffe tambem o meſmo Chriſto: *JESUS* ergo ut vidit eam plorantem, & Judæos, qui venerant cum ea, plorantes... lacrymatus eſt. Que choraffe Chriſto na morte de Lazaro naõ me admira, porque aſſim pedia a razão de amizade, que ſe dava entre Lazaro, e Chriſto: *Lazarus amicus noſter*; o que me cauſa eſpanto; he chorarem tambem naquella morte os Judæos. Naõ baſtava que Maria, que ſera de ca-

Joan.

II. 33

ta, se lastimasse na morte de Lazaro? Tambem era necessario que sentissem os Judeos, que eraõ estranhos? Sim, e com razãõ; porque Lazaro, que era o morto, era Irmaõ verdadeiro de Maria: *Domine, si fuisses hic, trater meus non fuisset mortuus; e deve ser tal o sentimento, que deve haver na morte de hum Irmaõ, que he verdadeiro, que naõ cabendo a magoa no peito dos de casa; como era Maria: Ut vidit eam plorantem, devem tambem della participar os estranhos, como eraõ os Judeos: Et Judeos, qui venerant cum eã plorantes.*

Para que respite pois a nossa dor, e della participem os estranhos, suspiremos todos os de casa na morte do nosso Magnifico Monarcha, pois era nosso Ir-

maõ verdadeiro; porque, quando com os nossos suspiros o naõ possamos livrar da morte, sempre com os nossos suspiros mostraremos claramente, que lhe desejamos restituir a vida. Lá suspirava aquella Esposa dos Cantares por aquelle seu amado Esposo, por ser Irmaõ verdadeiro, e filho da mesma Mãe: *Quis mihi det te fratrem meum succentem ubera Matris mee;* porque o muito amor a obrigava a imaginar, que a respiração daquelles suspiros o havia restituir á sua presença: *Ut inveniam te foris.* Isto mesmo, que dizia aquella Esposa amorosa ao seu amante Esposo, deve dizer cada hum dos Franciscanos ao seu Pacifico, e Magnifico Monarcha; porque naõ só

era

Cantl  
8. 1.Ibid.  
32..m.c.  
72.

era filho da mesma Mãe, que he a minha Sagrada Religião, te-  
naõ tambem filho do mesmo Pay, que he Francisco, meu mais  
que Grande Patriarcha: *Quis mihi det te fratrem  
meum suggestem ubera  
matris mee, ut inveniam  
te foris.* Oh quem me  
dera, meu Soberano  
Monarcha, e meu Ir-  
maõ verdadeiro, que  
vos achasse fóra del-  
te Tumulo: *Quis mihi  
det &c!*

Porém como; por  
mais que suspiremos, e  
tornemos a suspirar,  
naõ ha remedio para a  
nossa magoa; seja ma-  
ximo o nosso sentimen-  
to na morte do nosso  
Rey Pacifico, e nosso  
Monarcha Magnifico:  
*Rex pacificus magnifi-  
catus est, cujus vultum*

*desiderat universa ter-  
ra.* Sendo grande a dor  
dos Vassallos de todo o  
Reyno, sendo mayor  
a magoa dos Vassallos  
desta Conquista de Per-  
nambuco, e sendo ma-  
ximo o sentimento dos  
Vassallos desta Reli-  
gião Franciscana; com-  
tudo deve ser igual o  
lenitivo para o senti-  
mento maximo dos Vas-  
sallos desta Religião  
Franciscana; para a  
magoa mayor desta Cõ-  
quista de Pernambuco,  
e para a dor grande dos  
Vassallos de todo o  
Reyno; porq̃ huns, e ou-  
tros Vassallos bem te po-  
dem consolar, dizendo:  
q̃ piamente se deve crer;  
que quem viveo com  
tanta paz na terra, ha  
de viver na Gloria com  
muita paz. *Requiescat  
in pace.*



SERMAO  
NAS  
EXEQUIAS

DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY

D. JOAÕ V.

PREGADO

NO CONVENTO DE S. ANTONIO,  
da Villa de Iguarassu

PELO REVERENDO PADRE MESTRE

FR JOSEPH  
DA CONCEIC, AÕ,

LEITOR ACTUAL DE THEOLOGIA

*de Vespera no Convento de Olinda, Filho da  
Provincia de Santo Antonio do Brasil.*

SERMO

IN

EXEQUIAS

COMPOSITO E AUCTORISSIMO RITO

D. JOA. V.

FRANCISCO

NO CONVENTO DE S. ANTONIO

da Vila de Iguaçu

PELO REVERENDO PADRE MESTRE

FR. JOSEPH

DA CONGREGAÇÃO

LEITOR ACTUAL DE THEOLOGIA

de S. Pedro no Convento de Nossa Senhora, filho do

Reverendo de S. Antonio de Iguaçu.



*Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus.*

Ex Eccl. in Off. Defunt.

**O**m estas fúnebres vozes, cujos eccos tentidísimos, penetrando ha pouco os ouvidos de todos, fizeraõ pauza em nossos coraçõens, como em centro cabal das paixõens mais vehementes, nos convida hoje a Igreja: nossa Mãe: para as honras posthumas de hum defunto Filho, o qual por obediente foy della o mais querido, por virtuoso o mais estimado, e por excellente o mais benemerito de infinita duraçãõ, (se possível lhe fora na terra tal durar)

mas se dando ao tempo o que he seu; mostrou este Rey ser temporaneo no viver; [pois em fim morreo, como o testimunha o funesto daquelle Regio Mausoleo) com tudo, contra os mesmos contra-tempos, nos dá hoje a conhecer a fama universal, com que todos o applaudem por bom Rey, e a saudade Portugueza, com que ainda o veneramos por bom Pay, que vive elle infinito em nossos coraçõens penalizados; pois tanto nos tem chegado ao vivo a morte do

do muito Alto, e Venerando Rey, e Senhor nosso D. Joaõ V. deste nome, de gloriosa memoria, que Deos tenha: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus.*

O Invitatorio, com que para isto nos convida a Igreja; he o mais triste, e o mais commum. He o mais commum; porque com elle celebra a mesma Igreja as Exequias de todos os seus filhos, assim nobres, como mechanicos, e assim Reys, como Vassallos; claro exemplo na verdade, em que com evidencia nos mostra, ou que todos morremos, sem excepção de pessoas: *Vos*

*Psalm. 81. 7. autem sicut homines moriemini; & sicut unus de Principibus cadetis; ou que, depois de mortos, devemos todos ser tratados circunstantemente;*

como filhos em fim do mesmo Pay: *Deus unus creavit nos: delorte; que te na Filósofia da vida aprendemos alguns a fazer distincões Reaes entre as pessoas, admitindo por Alto na serie da Nobreza novas especies de individuos, huns superiores; e outros inferiores; na morte havemos todos acreditar, ou formaes identidades, como nos manda o Espirito Santo: Idcirco <sup>Eccl. 3</sup> unus interitus est... quia eadem cunctis eveniunt, ou defender em forma, como nos ensina Horacio, igualdades etpirituales entre Nobres; e mechanicos; ricos, e pobres; Reys; e seus Vassallos: *Mors equo pede pulsat pauperum tabernaculas; Regumque turres.* He o mais triste; porque na verdade he introito de funeraes; e todo o introito destes actos*

ad os he tristissimo, como se vio no da morte de Christo em toda a terra: *Sol obscuratus est...*

Luc. 23

*Et tenebræ facta sunt in universam terram*, e se ha de ver no acabamento do mundo em toda a gente: *Erunt signa in Sole, et Luna, et in terris pressura gentium.* Porêm

se por esta razão já he tristissimo o invicatorio, mais triste se faz ainda pelo que obra em nós; e na Igreja: na Igreja; porque lhe traz á lembrança hum Varaõ excellente, a quem mais não ha de ver; e em nós; porque nos objecta hum Rey defunto, a quem sempre veneramos como a Pay: e he maxima a dor, que causa na Igreja a lembrança de não ver mais a hum Varaõ excellente, como succedeo na de Epheso com a despedida de S. Paulo: *Do-*

Act. 20.

*lentes maximè in verbo, quod dixerat, quòd amplius faciem ejus non esset visuri;* assim como he a mayor tristeza, que se dá nos subditos, o objectarem-lhe defunto hũ Rey, a quem veneraõ sempre como a Pay; como se vio em David com as novas da morte de Saul: *Planxit ergo David planctum hujusmodi super Saul.*

2. Reg. 1.

Mas assim havia de ser; porque neste golpe mortal toda a tristeza he necessaria, e toda a dor nos he devida: que se lá se entristeceo taõ gravemente a mãy de Tobias pela ausencia deste filho, só porque lhe tardou com a sua vista, posto que logo o vio dahi a pouco. *Flēbat igitur mater ejus irremediabilibus lacrymis... eò quòd non venisset ad præstitutum diem;* e se lá se doeo tanto

Tob. 10. 4.

Joás

Joás pela morte de Elizeo ; a quem só obedecia como a pay , ainda que o não reconhecia por seu Rey: *Flebat corameo, dicebatque, Pater mi, Pater mi* ; que dor não terá a Igreja com a ausencia de hum filho , cuja vista não só lhe tarda ; senão que nunca mais o ha de ver! Ou que tristeza não teremos nós com a morte de hum Heróe, a quem não só obedeciamos como a Pay , senão que também reconheciamos como a nosso legitimo, e natural Rey ! Sem duvida q̄ terá aquella tanta dor, que, qual outra Rachel na ausencia de seus filhos, não consentirá allivio em suas penas: *Rachel plorantis filios suos, & nolentis consolari super eis, quia non sunt*; e teremos nós tanta tristeza, que, qual outro Jeremias, de dia,

e de noite clamaremos contra o Ceo, lamentando a solidão, em que ficamos sem Rey, e sem Pay por huma vez: *Vide Thre. Domine, quid acciderit nobis, pupilli facti sumus absque Patre.* nor. 5.

Porém cessem já as dores, e tristezas, pois com ellas não remediamos cousa alguma: e ainda que agora todos os sentimentos são licitos, e todas as lagrimas decentes para chorarmos a hum Rey, que si milhante não houve em Portugal, e em todo o Mundo; com tudo, quando a Igreja nos convida hoje a este acto, mais nos manda venerar a hum Rey vivo, que chorar a hum Rey morto: deforte que, se calladamente nos permite que o choremos morto; pelas consequencias da perda, que tivemos; clara, e primariamente

fô nos manda que o veneremos todo vivo, pelas inferencias do desejo, que lhe temos: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus.* Mas como pôde ser todo vivo aquelle, aquem nossos olhos registaõ todo motto; ou como pôde naõ ser totalmente morto hum Rey, a quem todo este apparatus representa já defunto? Ora direy: Quem morreo, bem pôde ainda ser vivo em nossos coraçõens, em nossas memorias, e em nossos louvores; como disse Cassiodoro: *Si laudandos tradas, obstulisti morientibus decenter interitum;* em nossos coraçõens pelo amor, em nossas memorias pela lembrança; e em nossos louvores pelo applauzo das suas excellencias: e quando estas razoens todas naõ bas-

tem, baste o saber-te; que quando os corpos ficaõ defuntos á vida, entãõ na fama, e na laudade dos que existem, he que vivem as excellencias dos que morrem, como se lê no Ecclesiastico: *Corpora ipsorum in pace sepulta sunt, nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem.* E aonde as excellencias vivem famosas, e faudas, tambem ahi, entre as ancias de quem as ama, e os applauzos de quem as louva, revivem os teus sujeitos; que na vida as executaraõ: *Videtur nobis in sermone reviviscere,* diz Santo Ambrosio: logo; conclue o mesmo Santo, logo naõ se diga, que de todo he morto esse Rey; nem que totalmente he defunto esse Monarcha: *Recessit; sed nontotius recessit*

mas diga-se que, ainda que morto, como vemos, vive em nossos corações, em nossas memórias, e em nossos louvores: *Si laudandos tradas; abstulisti morientibus decenter interitum*; e que, ainda que defunto, como mostraõ os apparatus, totalmente he vivo na fama, e na saudade: *Corpora ipsorum in pace sepulta sunt; nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem*: razaõ, porque a Igreja, permittindo tacitamente o sentimento da sua morte, claramente nos manda que o veneremos todo vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*.

Ex vi disto; já sabem todos que as excellencias dos mortos são a causa total das suas vidas infinitas: por isso hoje ainda vivem

em nossas memórias aquelles; antigos mais famosos; porque tambem as suas excellencias ainda hoje vivem eternizadas na fama; e na saudade: *Opera enim illorum sequuntur illos*.

Mas quaes seraõ as excellencias do nosso Rey já morto, que, vivendo ainda hoje, tambem o fazem vivo na fama, e na saudade? Pudéra dizer que são todas; porque todas exerceo elle em sua vida: e essas são as que hoje vivem, como diz o mesmo Thema: *Regem, cui omnia vivunt*; porém reparando na precisa razaõ de Rey, que he o objecto principal destas Exequias, e reduzindo a numero certo o incerto daquella palavra: *Omnia*, diz o Author do Enigma numerico, que são cinco: *Quinquè sunt omnia*: não  
ley,

sey, porque as Excel-  
lencias de hum bom  
Rey principiaõ, è aca-  
baõ neste numero, co-  
mo nota Santo Isido-  
ro.: *Sphericus autem*  
*hic numerus est, quia à je*  
*inchoat, & in se conver-*  
*titur*; ou porque a este  
numero saõ devidas to-  
das as honras de hum  
grande Principe, como  
se vio no funeral de An-  
chises: *Cædit quinas de*  
*mõre bidentes, totque*  
*sues, totidem. nigrantes*  
*terga juvencos..; animam*  
*que vocabat Anchise*  
*magni*: o que sey he, q̃  
o numero de cinco lhe  
indica grandes myste-  
rios, todos achados na  
sua vida, como foraõ  
as cinco Chagas de  
Christo, de cuja medi-  
taçãõ tirava elle o acer-  
to do seu governo; os  
cinco sentidos corpo-  
raes, de cuja guarda  
lhe procediaõ todas as  
suas boas obras; as

Isidor.  
Origin.  
lib. 3.  
cap. 7.

Virg.  
Ænsid.

Quinas Portuguezas;  
de cuja exaltaçãõ lhe  
provieraõ as mayores  
honras, e venturas: e  
para que tudo seu tec-  
frasse neste numero, athé  
foy D. Joaõ o V: no  
nome, quando *in re* foy  
o primeiro sem segundo  
de Portugal: *Quinque*  
*sunt omnia.*

Porêm o Doutissi-  
mo Berchorio; depois  
de aslentar comnosco  
em que saõ cinco as  
excellencias; que vi-  
vem, e que tem vivo  
ainda a este Rey, as  
declara com certeza,  
cotejando-as pelas con-  
diçoens requizitas de  
hum bom Principe, di-  
zendo que saõ: Sabedo-  
ria, Liberalidade, For-  
taleza; Comunidade;  
e Severidade; Sabeda-  
ria no governar, Libe-  
ralidade no premiar;  
Fortaleza no defender,  
Comunidade no jul-  
gar, e Severidade nõ

F castigar

castigar: *Iste Rex habet quinque conditiones boni Regis. Quilibet enim Rex debet esse sapiens ad gubernandum, liberalis ad præmiandum, fortis ad defendendum, communis ad iudicandum, & severus ad castigandum.* O que supposto; terá hoje o meu empenho mostrar nesta funebre Oração, que o nosso Monarcha em quanto vivo teve estas cinco excellencias principaes, que são todas as condiçoens de hum bom Rey: *Quinque sunt omnia*; pois na verdade foy Sabio em governar, Liberal em premiar, Forte em defender, Commum em julgar, e Severo no castigar, quanto era devido que fosse: *Quilibet enim Rex debet esse sapiens ad gubernandum, &c.*; e então viemos a conhecer, que

quem na vida exercẽo taes excellencias, posto que já seja morto em quanto ao corpo, ainda hoje vive com ellas em quanto á fama, e á saudade: *Corpora ipsorum in pace sepulta sunt; nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem:* na saudade, pelo desejo, que temos, de que fosse infinito o tal sujeito; e na fama, pelos repetidos louvores, com que sempre o applaudimos: e Rey, que ainda assim vive junto com as suas excellencias; permita-se muito embora que caladamente chorremos, como morto; mas claramente só se manda que o veneremos todo vivo, como quer a Igreja: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus.*

Tanto que as açoens são excellentes;

se vivem na fama eternizadas para as glorias; tambem os seus sujeitos vivem em nossas memorias infinitos para a saudade; e por isso Job, vendo que era hum homem sem semelhante nas excellencias:

Job. I. *Quod non sit ei similis in terra,* queria eternizar-se no Mundo, esculpindo em marmores, e bronzes o heroico das suas acçoens: *Quis mihi det, ut exarentur in libro stylo ferreo, vel celate sculpantur in silice:* porêm o que não alcançou o seu desejo, (talvez permittindo-o Deos, porque em marmores; e bronze tudo acaba) veyo a alcançar a sua dita; pois vive ainda hoje, e viverá sem nunca acabar em nossa memoria, e saudade; porque tambem as suas acçoens excellentes vivem ainda, e viverão

sempre na fama eternizadas: *Homo simplex, & rectus, ac timens Deum, & recedens à malo.* Milagres são da fama, e da saudade; que aquillo, que não conserva marmores, e bronzes na sua dureza, e solidez, conserva a fama em applausos repetidos, e conserva a saudade em suspiros continuados. Não sabem o como isto seja? pois ouçaõ.

Repetem-se os applausos, continuaõ-se os suspiros, e eis-ahi bem nascida a fama, e originada a saudade: multiplicaõ-se os applausos, retiraõ-se os suspiros; quando tambem cresce a fama, e fica adulta a saudade: espalhaõ-se logo os applausos, rodeando toda a terra; alargaõ-se em breve os suspiros, passando todo o ar; e

eis-que se ostenta forte o corpo da fama, e robusto o composto da faudade; e tão forte, e tão robusto, que gravando-se em suas entranhas as acçoens mais excellentes, conservaõ eternamente vivas não só as excellencias gravadas, tenaõ tambem os graves sujeitos, que na vida as exerceraõ: mas como não ha de ser assim; se de principios tão fortes. o que se gera na fama, he hum corpo tão grande, que só o ecco da sua voz he ouvido em todo o Mundo: *Exiit fama hec in universam terram*; e de causas tão robustas, o que provêm á faudade he hum composto tão potente; que dominando em todos os corpos, athé nas almas parece ter dominio; e tenhorio: *Memoriã memor ero, & tabescet in*

*me anima meã*. Pois por isso, o que não conservaõ marmores; e bronzes na sua dureza, e solidez, conserva a fama por grande em applausos repetidos, e conserva a faudade por potente em suspiros continuados: *Corpora ipsorum in pace sepulta sunt; nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem.*

Porém eu não me admiro tanto desta eterna conservaçoõ, quanto me espanto da producçoõ daquellas vidas. He certo, que toda a conservaçoõ suppõem producçoõ de vida: logo se a fama; e a faudade em seus suspiros, e applausos conservaõ eternamente aos sujeitos excellentes, segue-se que tambem lhes haõ de dar vida, pois os suppomos mortos ao Mundo. Assim he, e assim

Marth.  
9.

Ter-  
nor. 3.

assim hade ser ; porque na escola do Subtilissimo Doutor toda a causa conservativa , he a mesma productiva ; tanto assim, que athé a accaõ, com que se conserva qualquer cousa, he a mesma , com que se produz ; sendo depois continuada : *Conservatio est continuata productio* : mas o que não sabemos he , como se produzem estas vidas. Certamente , que isto he hum dia de Juizo , pois em fim he resuscitar mortos á vida eterna : porêm como a accaõ , ainda que difficil, he quotidiana , o que sempre se vê, facilmente se diz. Brada á fama por huma parte, applaudindo a hum Varão por excellente ; e ex vi destes brados vive logo o Varão com todas as suas excellencias : suspira a fãudade pela ou-

tra , desejando o excellente de hum sujeito ; e ex vi destes suspiros vivem logo as excellencias juntamente com o seu sujeito. Esteja embora morto o sujeito ; esteja sem duvida defuncto o Varão ; se foy excellente , nos brados da fama acha berço , em que renasca , e nos suspiros da fãudade regaço, em que reviva : com esta differença ; que os brados da fama , como soaõ mais, daõ vida aos taes por todo o Mundo ; e os suspiros da fãudade , porque soaõ menos , só daõ vida a estes no coração de quem os ama : mas huma tal vida , que se na primeira pagaraõ elles ao tempo o seu tributo morrendo , nesta primeira ha de o tempo tributar a elles a sua paga ; pois primeiro ha de acabar o Mundo , do que acaba-

bem os excellentes de viver na fama, e na fauldade.

Deſta forte he, que a fama, e a fauldade daõ eternas vidas aos ſujeitos excellentes: nem pareça iſto novidade, quando por experiencia ſabemos, que aſſim vivem entre nós os mortos de tantos ſeculos; e ſe os brados; e os ſuſpiros ſaõ huns ſons eſpiritofos; como ſente quem os dá; mal pôde ſer iſto novidade, quando já do principio do Mundo ſabemos, que eſſes ſons daõ vida a muitos corpos. Bradou

Deos a Adaõ: *Faciamus hominem*, e o meſmo foy dar eſte brado, que tambem dar vida a Adaõ: *Et creavit Deus hominem ad imaginem ſuam*. Suſpira Martha pela peſſoa de Lazaro: *Domine; ſi fuiſſes hic; frater meus non fuiſſet*

*mortuus*; e o meſmo foy ſuſpirar Martha, que viver tambem Lazaro:

*Et ſtatim prodiit, qui fuerat mortuus*. Bradou Deo; a huns oſos ſeccos: *Oſſa arida audite verbum Dei*, e o meſmo foy dar tal brado, que dar a eſtes oſos toda a vida: *Ingreſſus eſt in ea ſpiritus, & vixerunt*. Suſpirou huma viuva pela vida de ſeu filho unico: *Filius unicus matris ſue*; e o meſmo foy ſuſpirar eſta viuva, que tambem ter vida aquelle filho: *Et reſedit, qui erat mortuus, & cepit loqui*. Finalmente no eſpiritofos lom

de varios brados conſiſtio a vida de todo o Mundo: *Dixit Deus; fiat, & factum eſt*; e no eſpiritofos lom de alguns ſuſpiros he que ſe deo a vida a todos os homens: *Deus meus;*

Ezech.  
37.

Luc. 7:

Gen. 2.

Joan:  
11.

Deus

*Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Pois te estes tons espiritosos, já no principio do Mundo, déraõ vida a tantos corpos; que muito, que tambem hoje a dêem, em quanto ao nome, nos brados da fama, e nos suspiros da saudade! Logo não se deve ter por cousa nova, que a fama, e a saudade dem eternas vidas aos sujeitos excellentes: *Nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem.* Mas para que me canço em provar o que he sabido, quando ninguem ignora, que desta sorte he que a fama, e a saudade daõ vida, e conservaõ vivos aos sujeitos, e as suas excellencias? E se o nosso Rey foy hum Monarcha taõ excellente, como publicamente brada a fama, e em particular suspira a

faudade: tegue-se, que tambem elle, posto que morto, e já defunto, ainda vive, e viverá entre nós com todas suas excellencias nos brados da fama, e nos suspiros da saudade: *Regem, cui omnia vivunt, &c.* Para vermos isto resta provar, que fosse o nosso Monarcha excellente; porêm a isso digo assim.

Escusado fora mostrar deste Rey as excellencias, quando saõ taõ sabidas, que huns as viraõ, e outros as ouviraõ; mas bom he que tambem se lêaõ, para que com a sua lição faibaõ presentes, e futuros o que haõ de imitar para serem bons. Cinco foraõ as suas excellencias, quando vivo, e nestas se rezumem todas: *Regem, cui omnia vivunt...: Quinque sunt omnia;* e como des-

tas he a sabedoria a primeira, que governa: *Iste Rex habet quinque conditiones boni Regis: Rex enim debet esse sapiens ad gubernandam;* vejamos agora como nesta foy excellente o nosso Rey, e entã coñhecemos, que por ella ainda vive hoje entre nós na fama, e na faudade. Sábio foy o defunto Monarcha no seu governo, como bem o mostraõ as disposições do seu reynar: e nem seria elle verdadeiro Rey, se na verdade não fora Monarcha Sapiente. Taõ necessaria he a sabedoria, como necessaria he a alma a hum corpo: *Principi non aliter necessaria est sapientia, quam anima corpori,* diz Plataõ. Por isso muitos antigos tã elegiaõ por Reys aos sábios, porque a estes, mais que a todos, he de-

Plat.  
Dia.  
log. 5.  
de Re.  
publ.

vida a sabedoria: *Reg. 3. Reg. 21. nabit Rex; & erit sapiens:* e com razaõ; porque se o nome de Rey se deriva do verbo *Rego*, que significa reger, e para cada qual se reger a si já necessita de ser sabio; como diz David: *Da mihi intellectus, & vivam;* que será para hum Rey, que se rege a si, e a tantos subditos? Sem duvida; que lhe será necessaria tanta sciencia; que por ella se diga que he verdadeiro Rey, pois sabe mais que os seus Vassallos: *Qui stultus est, serviet sapienti.* Esta sciencia necessaria a hum Rey, he muito proveitosa a todos os subditos; tanto assim, que de a não ter aquelle, provêm ao Reyno mil desgraças: *Eccl. 10. Rex insipiens perdet populum;* e de a ter procedem aos subditos mil fortunas: *Reg. 3. Reg. 9. Rex sapiens populi*

S. Bern.  
Serm.  
S. Ste-  
phan,

*populi stabelimentum*: Por isso Salamaõ, vendo a Deos prompto para lhe conceder o que pediste, só pedio sabedoria, para dita do Reyno, e do seu povo: *Dabis ergo servo tuo cor docile, ut populum tuum judicare possit.*

Em gráo supremo logrou o nosso Rey esta excellencia. Diga-o o augmento do seu Reyno; a direcção das suas obras, e o acerto das suas acçoens: ao menos no seu tempo não houve Reyno mais ditozo, obras mais bem justas, ou acçoens mais bem lurtidas. Não dividio: agora calos, porque neste canto do Mundo, onde estamos; ou não chegaõ acçoens particulares, ou, se chegaõ, vem taõ variadas, e diminutas, que absolutamente as não pohnho aqui; por não fal-

tar á verdade pura; mas só direy o mais comum, que, pelo ser, he verdadeiro. Em cada cousa, que fazia, sabia de tal sorte occultar os seus intentos, que com o segredo dellas pasmava aos estranhos, e espantava aos naturaes; pois primeiro se viaõ *extra causas*, as suas determinaçoens, já muy bem justas, do que sobre ellas se pudesse ajustar algum discurso: tal como o rayo, que primeiro se sentem na terra os seus effeitos, que se alçancem no ar os seus intentos. Mas como não havia ser assim; se elle, como sábio, conhecia que o bom succésso dos negocios depende do segredo; que he a sua alma? Para isto elegia no Conselho muitos Conselheiros; conforme aquillo: *Salus autem, ubi multa consilia,*  
pro:

procurando sempre, não os mais velhos, ou os mais nobres, porque estes também errão, como erraraõ contra Christo: *Collegerunt Pontifices, & Pharisei consilium, ut IESUM dolo tenerent*; mas os mais sábios, e mais tementes a Deos, porque estes são os que sempre acertaõ, como se afir-

Joan.  
21.

Pro-  
verb. 8.  
32.

ma nos Proverbios: *Ego sapientia habito in consilio... timor Domini odit malum... per me Reges regnant, & legum conditores iusta decernunt.*

Como soube fugir de conselhos impios, e tyrannos, por isso soube abraçar os pios, e humanos de Religiosos graves; e prudentes, podendo delle dizer-se:

Psal. 3.

*Beatus vir, qui non abiit in consilio impiorum... sed in lege Domini voluntas eius.* Por esta razão, não saltaráõ criti-

cos, que lhe calumniassem a companhia continua de Varoens Religiosos, quando só deviaõ louvar a Deos, por verem o Palacio do seu Rey reduzido a hum Convento; mas tudo isto soube distargar aquelle Principe, continuandõ sempre cõ o seu dictame, fundadõ tãõ nesta razão: que se para os conselhos se requerem Varoens independentes, quem mais independentes, que os Religiosos, que já deixaraõ o mundo, e suas honras? Este destes ainda se diz que podiaõ errar, pela razão de serem homens: *Hominum est errare*; que se dirã daquelles homens, q; não sendo Religiosos, todo o seu pensamento tem no Mundo, e suas honras. Certamente, que tãõ se poderá dizer destes o que diz a Es-

critura:

Matth.  
6. 21.

critura: *Ubi thesaurus  
vester est, ibi & cor ves-  
trum erit*; pois o seu  
conselho só hade ser con-  
forme a sua convenien-  
cia, para que assim seja  
o effeito á medida do  
seu desejo.

Esta sabedoria, que  
mostrou no bom regi-  
mentos Vassallos, apu-  
rou muito no augmento  
deste Reyno; pois, qual  
outro Salamaõ; para  
que nelle não faltasse  
coisa alguma; chamou  
operarios estrangeiros;  
admittio fabricas novas,  
e modernas invençoens  
em tudo aquillo; que  
foy honesto; e util ao  
bem commum. Nas ar-  
tes liberaes não teve  
que invejar a Scipiaõ, a  
Annibal, a Augusto,  
ou a outros destes; por-  
que a huns excedeo, e  
a outros igualou nesta  
materia. Bem mostrou  
isto na estimacão; que  
fez dos sabios; pois

qual o insigne Vespasia-  
no, de quem diz Suet-  
onio; que: *Ingenia,  
& artes maxime fovit*;  
foy excellente Institui-  
dor da Academia Por-  
tugueza, dando a en-  
tender ao Mundo, que  
já podiaõ os Portugue-  
zes obrar façanhas me-  
moraveis, sem temor  
de que o tempo ascon-  
sumisse; porque; emen-  
dado já este erro antigo;  
tinhamos em cada Aca-  
demião hum Homero;  
com tanto, que fosse  
cada Portuguez hum  
Achilles. Nem tem mais  
lugar a passada queixa  
dos Singulares de Lis-  
boa; porque se estes se  
doiaõ do pouco flore-  
cer das suas Aulas, por  
não terem hũ Principe,  
que patrocinaffe os seus  
estudos; agora já tive-  
mos hum Rey, que in-  
stituiu, fomentou; e  
patrocinou estas Aulas  
com despezas, amor; e

Suet:  
in vit:  
Vespesi;

authoridade: razaõ, porque tem florecido tanto esta Academia, quanto floreceraõ a de Pavia, a de Sena, a de Ferrara; a Paduana, e Veneziana, a Florentina, a Bellonica; a Corusca, e a Nocturna; porque tiveraõ tambem Principes, que as amparassem, como affirma Thomaz Garçoens. Tambem foy exaltador supremo da Universidade Conimbricense; tanto assim; que para nas suas Classes haver emulação em serem mais doutos, premiava a huns, honrava a outros; e estimava a todos: acção na verdade indicativa da sua sabedoria, pois não pôde não ser sabio, quem aos sabios premia, honra; e estima, segundo aquillo: Chega-te aos sabios, ferás hum delles. Finalmente, em todas as ar-

tes, acçoens, e dispoziçoens do seu governo mostrou sciencia total; e adequada; e quem na sua vida teve excellencia desta forte, posto que morresse, não só huma; senão muitas vezes, com tudo, ainda com ella vive entre nós na fama; e na laudade.

Duas vezes morreo Adam, aquelle primeiro Principe, que vio o Mundo, huma no Paraizo, em quanto á graça: *In quocumque die* Genef. *comederis, morte morieris*, e outra fóra d'elle em quanto ao corpo: *Tēpus, quod vixit Adam, anni nongenti triginta: e com ferem tantas estas mortes, se diz no Genesis, que ainda não morreo: Nequaquam moriemini.* Eu bem sey, que este dito pôde ser mentirolo; pois quem o disse foy o pay da mes-

mesma mentira; mas por experiencia sey que he verdadeiro: porque se morreo em quanto á graça, e ao corpo, em quanto ás excellencias ainda vive com ellas na fama, e na saudade:

Ibid. v.

3:

*Ecce Adam quasi unus ex nobis factus est, sciens bonum, & malum.* Porém qual será a causa, porque morrendo elle huma, e outra vez, te diga que ainda vive com as tuas excellencias nessa fama, e saudade? Eu o digo. Adaõ no Paraíso teve sciencia total; pois entendo do do bem, e do mal: *Sci- entes bonum, & malum;* Adaõ fóra do Paraíso teve sciencia adequada, pois conheceo tudo por seus nomes: *Appellavit Adam nominibus suis cuncta animantia;* e quem na vida teve tal excellencia desta sorte, posto que morresse, não

fó huma; mas muitas vezes, com tudo ainda com ella vive entre nós na fama, e na saudade: *Nequaquam moriemini.*

Oh como por esta excellencia ainda hoje ap- plaude a fama a hum defunto Rey, e suspira por elle a nossa saudade! Mas por isso mesmo ainda hoje vive elle com a sua excellente sabedoria, posto que esteja morto, e já defun- to; pois quem na vida logrou sciencia total, e adequada, bem he que ainda viva, diz o Espi- rito Santo, quando taõ viva tem em todo o povo a lembrança da sua sciencia: *Sapiens in* Eccl. 17. *populo hereditabit hono- rem, & nomen illius erit vivens in eternum.*

Porém; ainda que a sciencia em toda a ma- teria dá eterna vida ao sujeito, que a logra; melhor a dá a sciencia

no morrer, por ser esta de todas a mais perfeita, e proveitosa: assim disse huma voz do outro Mundo ao Imperador Carlos V: em hũa detereto: *Carlos, Carlos, ta vanidad te engaña, saber morir es la maior hazaña*: e sendo o nosso Monarcha hum. Vacaõ em tudo sabio, por força havia de ter esta sciencia, que he principio das mais: *Initium sapientie timor Domini*, mas se a morte he da cor da vida, quem soube bem viver, porque não saberia bem morrer? Em oito annos completos o avifou Deos da sua morte, não em lo-nhos, ou enigmas, como fez com alguns Santos; e Profetas; mas com huma molestia repetida, que he o avifo mais proximo como affirmã S. Gregorio; *Cum iam per aegritudinis mo-*

*lestias esse mortem vicinam designat. Oh como em todo aquelle tempo esperaria este Rey pela ultima hora, preparando-se para Deos, como manda David aos hons Catholicos: *Expecta Dominum, viriliter age, confortetur cor tuum, & sustine Dominum*. Oh como em todos os instantes, que lhe restavaõ de vida, louvaria a Deos por mercê taõ singular: *Laudabo Dominum in vita mee; psalam Deo meo quandiu fuero*. Bemaventurado na verdade, pois o achou a morte com todos os Sacramentos preparado, e veyo a morrer com sinais claros de predestinado, como piamente acreditamos: *Beati servi illi, quos cum venerit Dominus, invenerit vigilantes*. Pois se assim soube morrer, quem taõ*

Psalm.  
26.

Psalm.  
145.

Matth.  
24.

Greg.  
homil.  
13. in  
Evang.

Sap.  
16.

taõ bem soube viver, bem digo eu que a sciencia no morrer, por ser a mais perfeita, dá melhor eterna vida ao fujeto, que a logrou, quando vivo: *Iustia uent. in perpetuum uent.* posto que o nosso Monarcha, como sabio em toda a materia, e principalmente na do governo: *Iste Rex debet esse sapiens ad gubernandum, sô com esta excellencia já se achava vivo entre nós nos braços da fama, e nos suspiros da saudade: Nequaquam moriemini: sapiens in populo hereditabit honorem, & nomen illius erit uivens in eternum.*

A segunda condição para hum bom Principe he a liberalidade no premiar: *Liberalis ad premiandum.* Esta excellencia nas mãos do nosso Monarcha achou

seu centro; pois nellas detearçou, e fez morada toda a vida. Naõ houve dia, em que naõ fizesse favores; hora, em que naõ expendesse mercês, e instante, em que naõ exhibisse beneficios: tendo para si, qual outro Agésilao; que o officio proprio de hum bom Rey era premiar largamente a seus Vassallos: *Boni Regis officium est, ut plurimis eos bonis cumulet, qui sub imperio constituti sunt.* Mostrem isto os subditos de hum, e outro estado, para cujos premios innovou elle no Ecclesiastico Dignidades, Cadeiras, e Prebendas; e no Secular Ducados, Marquezados, e Governos, parecendo-lhe poucos os beneficios já erectos, para com elles premiar aos Vassallos benemeritos. Mostrem os Mili-

Xeno-  
phi. in  
Orat.  
2. Lau-  
dib.  
1. g. 1.  
lai.

tares,

tares, e plebeos, huns  
 accrescentados nos pol-  
 tos, e soldo cada dia;  
 outros despachados em  
 lugares, e officios cada  
 hora. Mostrem os Mi-  
 nistros, ou de Justiça,  
 ou superintendentes de  
 outras Ordens, chegan-  
 do para com estes a ser-  
 taõ liberal nõ premiar,  
 que a alguns Ultrama-  
 rinos, além do seu do-  
 brado estipendio, dava-  
 com Regia mãõ vestido,  
 e mantimentos, como  
 se vio muitas vezes; e  
 agora proximamente nas  
 expediçoens passadas pa-  
 ra a India. Mas que  
 muito participassem des-  
 ta dita os naturaes, te-  
 athè a logravaõ os Es-  
 trangeiros! Pois a grã-  
 deza de suas acçoens li-  
 beralissimas, nõ caben-  
 do no limite de todo o  
 Portugal; lá chegávão  
 ao Imperio; lá parávão  
 em Roma; e lá se ficá-  
 vão por outras terras.

Agora entendo eũ por  
 verdadeira aquella sen-  
 tença de Aristoteles:  
*Liberales homines maxi-*  
*me fere omnium aman-*  
*tur;* pois por esta razaõ  
 nõ houve em todo o  
 seu tempo na Europa, e  
 sóra della, Monarcha  
 mais estimado, Príncipe  
 mais venerado, ou  
 Rey mais querido de  
 todos os homens; pa-  
 recendo a Corte nos  
 seus dias, pela frequencia  
 de Embaixadores, Mi-  
 nistros; e Enviados de  
 outros Reys; que pro-  
 curavaõ sua amizade  
 liberal; nõ Lisboa,  
 mas segunda Roma; ou  
 Cabeça universal de to-  
 do o Mundo.

Destá liberalidade  
 usava ellè, nõ só pre-  
 miando aos que mere-  
 ciaõ, e rogavaõ, senaõ  
 tambem aos que mere-  
 ciaõ, e nõ pediaõ;  
 porque conhecendo que  
 as naturezas nobres, por  
 mais

Ariũ:  
 l. 4.  
 Ethy:

Cass.  
od. in  
Epist.

mais que mereçaõ, nada pedem, tinha cuidado de fazer esta pesquisa para que, como o Imperador Adriano, premiando sem rogos, tivessem os subditos mais que lhe agradecer no liberal: *Gratius est donum, quod venit ante preces.* Mas no que mais mostrou a liberalidade nos seus premios, foy no Culto Divino, e acçoens pias, tribuindo para isso rendas taõ grossas, e despezas taõ altas, que esgotou os Erarios Regios em remunerar a Deos, e aos Santos os beneficios; que lhe faziaõ. Digaõ isto a magnificencia, e custo, com que devotamente ampliou a Prociçãõ annual do Corpo de Deos, as grandes estmólas nas Igrejas de todo o Reyno, o Lausperenne de toda a Corte, as excellentes peças

da Capella Real, e os custosos ornamentos da Basilica Patriarchal: sobre-tudo, digaõ isto os excessivos gastos; com que, além desta Basilica, fabricou em Mastra aquelle Convento Magestoso, obra taõ grande, e edificio taõ sumptuoso, que pasmando a todos com a soberba architectura, e formosa pedraria de sua fabrica; dá a entender, pelo sublime, que se quer levantar a terra ao Ceo; e pelo vistoso, que desceo por abi o Ceo á terra: *Cœlestis urbs Jerusalem, que celsa de viventibus saxis ad astra tolleris:* maravilha taõ rara, e singular, que com ella naõ fazem parallelo; nem o Templo de Salamaõ em Jerusalem, nem o de Ara Coeli em Roma, nem o de S. Dionyzio em Pariz, nem outros mais famo-

fos dentro ; e fóra do Reyno ; porque he esta maravilha taõ unica, entre as oito do Mundo, que será singular em todos os seculos preteritos, presentes, e futuros : *Nec similem visa est, nec habere sequentem.*

Porêm te estes edificios, por serem mudos, não pôdem dizer a liberalidade deste Rey no premiar, digaõ por todos os necessitados, os orlaõs, e os pobres, pois só estes, como diz Santo Ambrozio ; saõ os que pôdem fallar nesta materia: *Liberalitas perfecta est, quam laudat os pauperis.* Mas ah ! que a falla, com que o dizem saõ suspiros, com que se queixaõ ; e os ditos, com que em tal fallaõ ; saõ queixas ; com que suspiraõ. Nelle tinhaõ Pay ao seu desamparo, soccorro á sua

mizeria, e allivio á sua necessidade ; mas agora na sua necessidade, na sua mizeria, e no seu desamparo, nem tem Pay, nem soccorro, nem allivio. Mal de muitos, consôlo he: consolem-te pois estes pobres com outros não menos que comnosco pobres *ex professo*, por filhos de Francisco, meu mais que Grande Patriarcha. Sentem juntamente a morte deste Rey as nossas Igrejas, as nossas Capellas, e os nossos Altares, pois já não recebem delle ornamentos, cortinas, vazos, e outras peças semelhantes, que athè agora recebiaõ ; lentem porêm mais que tudo os mesmos Religiosos desta Serafica Familia, pois não só sentem como Vassallos a morte de hum tal Rey, senaõ tambem como amantes a falta

S. m.  
de  
bon.  
jur.

a falta de hum tal Irmao, [ Irmao na verdade, porque filho tambem de meu Santo Padre ) e tao liberal no premiar, que depois de nos dar Conventos, esmolas, e outras cousas, athé á sua custa doutorou em a Universidade de Coimbra muitos Mestres da nossa Religiao, podendo-se entao delle dizer : Divina accao, pois exaltou os humildes, os quaes por pobres nunca lograrao esta honra : *Exaltavit humiles... esurientes implevit bonis.* Oh liberalidade nunca vista ! E he certo ; que morreo hum tal Monarcha ? Sim ; que assim o sentem nossas ancias : *Quis mihi det te fratrem meum?* Pois naõ he certo ; locegum os sentimentos, e as penas, que quem na vida logrou desta sorte a liberalidade

no premiar ; posso que motto, e já em ossos, ainda com esta excellencia vive entre nós na fama, e na faudade.

Falla a Escriptura de Joseph Principe do Egypto, e diz q os seus ossos depois da morte profetizarao : *Ossa ipsius post mortem prophetaverunt.* Eccl: 49.

Já sabemos: que o profetizar suppoem viver no sujeito, que profetiza ; pois esta accao, quando nada, requer falla ; a qual so se dá em quem está vivo : logo se os ossos de Joseph depois da morte profetizarao ; he porque elle morto ; e já em ossos, ainda tinha vida : *Ossa ipsius... post mortem prophetaverunt.* Porém como poderá ser isto agora ? Se estes ossos com o seu sujeito na verdade estavao mortos como diz a Escriptura, que o sujeito morto, e já em

ossos, ainda vive? Ora reparem: o sujeito destes ossos era Joseph, aquelle Varão tão liberal no premiar, que vendendo-se senhor de toda a terra do Egypto, premiou com larga mão a todos os homens; aos Ecclesiasticos, dando-lhes largas congruas, e Prebendas: *Præter terram sacerdotum... quibus statuta cibaria ex horreis publicis præbebantur*; aos Seculares, innovando-lhes mais governos no dominio de Pharaó: *Emit igitur Joseph omnem terram Egypti, subiecitque eam Pharaoni*; aos Militares, Ministros, e mais povo necessitado, accrescentando-lhes cada dia o pão de municação, o pagamento commum, e o alimento quotidiano: *Clamabat populus alimenta petens, quibus ille respondit: ite ad Joseph, & quidquid*

Genes.  
45.  
47.

*vobis dixerit; facite*; mostrando se sobre tudo tão liberal com seus pobres irmaãos, que, depois de muitas dadas, e esmólas, até os sublimou com muitas honras á custa da sua fazenda: *Deus fecit me Dominum universe terre Egypti, descende ad me, ne moreris... & ego dabo vobis omnia bona*: e sujeito, que na vida logrou desta sorte a liberalidade no premiar; posto que morto, e já em ossos, ainda com esta excellencia se acha vivo entre nós, não no Mundo, porque implica; mas na fama, e na faudade, que he o lugar dos Excellentes: *Osse ejus post mortem prophetaverunt*.

Valente excellencia; que tirando das garras da morte aos seus sujitos; os restitue á vida, e vive com elles eternamente

nã fama, e na laudade! Por isso os Antigos reco-  
nheciam immortalidade  
naquelles sujeitos, que  
veneravaõ por Deoses:  
*Dii immortales*: Porque  
como da sua liberalidade  
suppunhaõ receber to-  
dos os premios, e for-  
tunas; ainda que os  
viaõ morrer, e ficarem  
em ossos; sempre os  
consideravaõ vivos, e  
immortaes pelas suas  
liberalidades: e ainda  
hoje sabemos; que o  
Verdadeiro Deos im-  
mortal de ser liberal  
adquirio o nome: *Deus*  
*à dando*; pois he a li-  
beralidade huma excel-  
lencia taõ famosa, que,  
ou ló se acha em Deos  
immortal; ou em ho-  
mens; que, vivendo  
eternamente, se pare-  
cem com Deos nesta  
materia: *Nunquam ho-*  
*mines* ( disse Philo Ju-  
deo ] *ad Dei similitu-*  
*dinem accedunt, quàm*

*cùm sunt benefici*: pois  
se isto he o que se vio  
em o nosso Monarcha;  
quando vivo: *Ille Rex*  
*debet esse liberalis ad*  
*premiandum*; oh como  
por esta excellencia ain-  
da hoje o; applaude a  
fama, e suspira por elle  
a nossa laudade: *Quis*  
*mih det te fratrem meum?*  
Mas por isso mesmo  
ainda hoje vive entre  
nós com a sua excellen-  
te liberalidade; posto  
que esteja morto, e já  
em ossos; pois quem  
nesta vida logrou desta  
forte a liberalidade no  
premiar; ainda depois  
de morto se acha vivo  
entre nós na fama, e  
na laudade: *Ossa ejus..*  
*post mortem prophetave-*  
*runt:: nunquam homi-*  
*nes ad Dei similitudi-*  
*nem accedunt, quàm cùm*  
*sunt benefici.*

He a fortaleza nõ  
defender a terceira con-  
dição de hum Rey per-  
feito

feito: *Fortis ad defendendum*: e se a fortaleza no accommetter he excellencia muito grande, mayor he no defender; porque a fortaleza no accommetter lá pecca em ira, cobiça; vangloria, ou temeridade, como foy a de Absalaõ, e outros muitos: mas a fortaleza no defender sempre se absolue de toda a culpa coma ley natural, que isto nos manda: *Nemo tenetur seipsum prode-re*. Esta excellencia se achou no defunto Monarcha; mas por modo taõ raro, que quando os outros se defendem com guerra; elle só se defendeo com summa paz. Dezafette annos tinha de idade, quando entrou a governar, e achando Portugal todo revolto, pelo soccorro que entaõ davamos ao Imperio contra Castel:

la, obrou tanto nesta guerra, que dentro em tres annos reduzio o Reyno á ultima paz, e com ella o defendeo quarenta e hum annos athé morrer, podendo-se entaõ dizer com David: *In pace factus est locus ejus*; assim como diria elle perto da morte: *In pace in idipsum dormiam, & requiescam*. Nem foy pequena fortaleza defender elle o Reyno com esta paz; quando nos seculos presentes tem ardido toda a Europa em guerras offensivas: mas como a guerra he a origem dos males, e a paz o principio dos bens, achou, que mais forte se ostentava bem pacifico, que bom guerreiro: *Pax omnibus bonis fuit optabilis*; e naõ se enganou; porque com a paz naõ só se defendeo fortemente, se naõ que tri-

Pfalm.  
75.

Pfalm.  
4.

triumfou com ella dos mais Principes ; que tambem a paz tem seus triunfos , como diz S. Cypriano: *Habet etiam pax coronas suas.*

Haveriaõ estranhos; que a esta paz chamaſſem cobardia, mas ſem razaõ ; porque além de ſe naõ dar cobardia em Varaõ fábio, como ſe diz nos Proverbios: *Vir ſapiens fortis eſt* ; bem mostrou elle que a naõ tinha em varias occaſioens ; que ſe lhe offereceraõ, como foy na fortificaçaõ da nova Colonia em o Brazil para o Sul, nos reparos das Fronteiras, e nas prevençoens de todo o Reyno: e naõ havendo neceſſidade de guerra, como naõ houve no ſeu tempo, antes foy fortalezaõ defender ſe em paz ; pois com iſto dava cuidado aos outros Principes, que

o temiaõ deſcancado ; com o Reyno forte, e abundante : *Fiat pax* Psalm. *in virtute tua, & abundantia in turribus tuis.* 122.

Por eſta razaõ algumas vezes o provocáraõ a declarar ſe, e a ſeguir alguma liga ; mas elle objectando eſperas, e demoras, ſe fez mais forte, defendendo os ſeus Vaſſallos com a paz, do que pelejando ſem cauſa urgente. De Fabio Maximo, diz Enio que com eſperas, e demoras ſora mais forte na paz, que Marco Minucio na guerra contra Annibal ; e dá logo por cauſa, vencer aquelle defendendo com paz os ſubditos, quando eſte ſe hia perdendo por ſahir a pelejar ſem cauſa urgente : *Unus homo cunctando nobis reſtituit rem*; e com razaõ; porque evitar os perigos da guerra honradamente,

Poli-  
crat.  
Hiſt  
1. 3.

Chry-  
fol.  
6erm.  
15.

he fortaleza; e não temer, como diz S. Pedro Chryfologo: *Bellifosus, quod fugit in bello, artis est, & non timoris; e não evitar; antes procurá-los sem necessidade, he querer perecer por vontade propria: Qui amat periculum, peribit in illo.* Para se defender desta sorte, todas as suas disposições punha em Deus o nosso Monarcha, mostrando que conhecia não haver sem elle fortaleza alguma no defender, como diz S. Cypriano: *Nemo suis viribus fortis est, sed Dei indulgentiâ, & misericordiâ;* e dando a entender que com elle se defendia qualquer fortemente, não só no exterior do mundo, senão também no interior do espirito: *Si Deus pro nobis, quis contra nos?*

S. Cy-  
priano  
Serm.  
de  
orat.  
Dom.

Porém tendo este Heróe taõ amante da paz, como se vio, o zelo da Ley de Deus o fez deixá-la, qual outro Elias punitivo: *Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum, quia dereliquerunt pactum tuum, filii Israël;* pois vendo que os Nacionaes da India, já Christaõs, hiaõ desamparando a nossa Fé, e por isso negandõ a sujeição ao nosso dominio; para defender esta causa, e exaltar aquella Fé, se fez sahir dos seus limites, e metter maõs á espada como S. Pedro. Por esta causa expedio para Gôa nos annos proximos passados huma Armada com gente, armas, e bons petrechos; a qual, ainda que para a grandeza da India era pequena no corpo, com tudo na fôrça dos Soldados era capaz para todo

3. Reg.

19.

Veget.  
dere  
milit.  
lib. 2.

todo o Mundo ; pois na guerra, como diz Vegecio, não se attende á grandeza, e multidão, mas sim ao esforço ; e valentia : *In omni conflietu non tam prodest multitudo ; quam virtus.* Bem pequeno exercito tinha Alexandre no Oriente ; e com tudo, com esses poucos, porêm fortes Soldados, sujeitou o Oriente, e o mundo todo: *Hac tamen parvâ manu ;* diz Justino ; *vicit univrsam terrarum orbem.* Bem pequeno no corpo ; era David ; e com tudo assim pequeno, porêm forte, derrubou a hum grandioso Gigante: *Percussit Philisthæum in fronte :* e se isto lá se vio ; o mesmo se vê cá nesta Armada pequena ; pois, chegando a Gôa, não só recuperou as nossas terras já perdidas, senão que hostilizando

aquellas gentes, por mar, e terra, lhes tomou novas Praças de estimação, como foraõ Rati, Alorna, e outras muitas, desbaratando ao Maratã, Bounsolós, e a outros Indios rebellados: e como continuaõ os progressos das nossas armas todos os dias, ( porque os modernos Portuguezes, em nada inferiores aos antigos, vaõ obrando na India ; theatro sempre das nossas glorias, acçoens famosas ; e memoraveis ; de tal forte, que já o nome Portuguez lá se ouve com espanto ; se respeita com temor, e se venera com humidade ) cedo tornarão os rebeldes ; e toda a India ao grémio da nossa Fé ; cujo zelo excessivo he que obrigou ao nosso Principe a fazer-lhes guerra tão cruenta: *Zelo zelatus sum pro Domino*

*mino Deo exercituum, quia dereliquerunt patrum tuum filii Israel.*

Assim se mostrou elle forte no defender de varios modos na causa propria, e cousa sua com paz; na de Deos, e cousas da Fé com guerras: porque o seu ardente zelo não dava para menos; pois de dia, e de noite aspirando ao bem da Fé; parece que este desejo lhe roia as entranhas impaciente: *Zelus domus tuæ comedit me.* Isto, que com os estranhos mostrava, melhor o fazia em si, e no seu Reyno: em si; aspirando sempre a mayor perfeição da ley, já rezando o Officio Divino em todo o tempo; já ouvindo Missa todos os dias, e já com outras obras supererogatorias todas as horas; e o que mais he, tão abso-

nesta vida, q̄ só se via nã rua, ou a Prociçoens; ou a romagens; no seu Reyno, já desterrando uzos, já destruindo abusos, e já prohibindo luxos, e superfluidades; de sorte q̄ com o seu incançavel zelo parecia em tudo não só hum Christão reformado, senão hum reformador dos Christãos; chegando com elle a procurar não só o bem dos vivos, senão também dos mortos, como se vio na Indulgencia; que agora alcançou para bem das almas, com se lhe dizem tres Missas no dia de Finados. Procedia este zelo de hum affecto excessivo, e de huma paz interior, que tinha na alma; pois quem defendia desta sorte a causa de Deos no externo, he porque no interno se achava primeiro sorte, e muy pacifi-

*cō: Cūm fortis armatus  
custodit atrium suum, in  
pace sunt omnia, que  
possidet.*

Pfal.  
117.

Falla David com-  
nosco; e diz estas pa-  
lavras: *Non moriar, sed  
vivam.* Senhores; eu  
nunca hey de morrer  
neste Mundo, mas sem-  
pre nelle hey de viver  
eternamente. Notavel  
dizer! Que esta vida  
seja na fama, e na fauda-  
de, claro está; pois na  
vida do corpo já sabe-  
mos que morreo: *Se-  
pultus est in civitate  
David;* mas se esta vi-  
da provém das excel-  
lencias: *Nomen autem  
eorum vivit in genera-  
tionem; & generatio-  
nem,* que excellencia  
teve David em quantô  
vivo, para dizer que  
nunca havia morrer na  
fama, e na faudade?  
Ora reparemos para a  
sua vida, e vejamos nel-  
la o que achamos.

Foy David aquelle  
sujeito taõ forte no de-  
fender, e defender com  
paz, que achando em  
certa occasiã dormin-  
do a Saul, que como  
inimigo o procurava ma-  
tar, contentou-se com  
lhe cortar hum pedaço  
da capa, e defender-se  
delle com toda a paz:  
*Cum præscinderem sum-  
mitatem clamydis, nolui  
extendere manum meam  
in te.* Aquelle Varã;  
que, para ser forte no  
defender, todas as suas  
disposiçoens entregava  
a Deos; como quem  
sabia que só nelle he  
que estava a fortaleza:  
*Fortitudo mea; & laus  
mea Dominus; & fa-  
ctus est mihi in salutem.*  
Aquelle Heróe; que  
movido do zelo da Ley  
deixou esta paz nas suas  
coufas; para usar da  
guerra na causa de  
Deos, naõ descancan-  
do de perseguir aos ini-  
migos

I. Reg. 24.

Pfal. 17.

migos do seu nome athé os sujeitar ao seu dominio: *Donec ponam inimicos tuos scabellum pedum tuorum*; e finalmente aquelle Rey que aspirando sempre á mayor perfeição das virtudes, depois de extirpar os vicios do seu Reyno; athé rezava o Officio Divino cada dia para defensão tua exterior, e interior: *Septies in die laudem dicam tibi... in psalterio decem cordarum psallam tibi*. E quem deste modo soy forte no defender, por mais que esteja morto; bem he que nos diga que não morreo; mas sim que vive ainda com esta tua excellencia na fama, e na saudade: *Non moriar, sed vivam*. E se isto diz David, por esta razaõ; que diremos nós do nosso Rey morto pela mesma? Diremos, como o Eccle-

siastico, que se morreo em quanto ao corpo; ainda vive em quanto ao nome: *Corpora ipsorum in pace sepulta sunt, nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem*. Oh excellente fortaleza! Que com a paz se defenda o corpo da morte, muito bem; mas que com ella tambem passem as almas da morte á vida; não o crera, se o não dissera o Real Profeta: *Redimet in pace animam suam*. E pois isto he tão certo, como sabemos, justo he que o nosso Monarcha, por mais que esteja morto; não se dê por tal, antes se diga que, pela excellencia de sorte no defender: *Iste Rex debet esse fortis ad defendendum*, ainda hoje vive excellente na fama; e na saudade: *Non moriar, sed vivam. Redimet*

Pfalm.  
164.

Pfalm.

54.

in

*in pace animam suam.* Na comunidade em julgar, e na severidade em castigar consistem a quarta, e quinta condição de hum bom Monarcha: *Communis ad judicandum, & severus ad castigandum.* Ambas estas excellencias logrou o nosso Principe na sua vida. Em quanto a primeira, logrou-a não em desejos; como fez Absalaõ: *Quis mihi constituat Principem; ut iuste judicem?* Mas em obras, como deve fazer hum Rey honrado; *Honor. Regis judicium diligit.* Nunca Deos; como justo Juiz, separou pessoas no julgar, como diz o Apóstolo: *Non est Deus acceptator personarum;* nem este defunto Principe as seube distinguir no seu juizo; antes cuidando só na mera justiça, com a mesma vara

media a todos, que a fim faz, quem quer ser justo: *Nescit enim personas distinguere, qui meram cogitat equitatem,* diz Cassiodoro. Por esta razão gastou os dias, não como Sardanapalo em deleites, nem como Zenon com comedias, nem como Helioabalo em vícios; mas qual outro Octaviano Augusto só os consumia em attender, e despachar a todos os homens igualmente; grandes; e pequenos; pobres, e ricos; bons; e máos, como se via; tendo para si, que só desta sorte exercia o Ceptro com agrado de Deos: *Statera dolosa abominatio est apud Deum, & pondus equum voluntas eius;* pois só para isto o ungio Rey de Portugal: *Dilexisti justitiam, & odisti iniquitatem, propterea un-*

Cass.

od. 2.

Ep. 3.

Pro-

verb.

12.

nit

*vit te Deus.* E quem na tua vida logrou assim a cōmunidade no julgara todos igualmente, posto que se naõ veja no Mundo, naõ digamos logo, que he morto, mas sim, que o parece; pois realmente vive com esta sua excellencia na fama, e na faudade.

*Fulgebunt iusti sicut Sol.* Diz o Espírito Santo, que os Principes justos resplandecem como Sol: valha-me Deus! E porque naõ ha de ser como outro Astro? Será porque entre todos he o Sol o jeroglyfico mais proprio de hum justo Principe, pois sendo Monarcha entre os Planetas, he taõ commum na sua justiça, que igualmente reparte a excellencia de suas luzes por todos os homens, grandes, pequenos, ricos, pobres, bons, e máos: *Qui. [olem suum*

*oriri facit super bonos, Matth. & malos?* Será por isso, eu naõ duvido; porẽm a mayor razaõ he, porque o Sol depois de morto ainda vive com esta sua excellencia na fama, e na faudade: *Oritur Sol, & occidit, Eccl. 1. ibique renascens gyrat per meridiem,* ouvi o como: morre o Sol, e apenas se sepulta nas ondas, quando logo entramos a louvar a justiça commũa, com que naquelle dia allumiará a todos com igualdade: *Omnibus unus,* diz o Padre Picinello. E como o mesmo he fallar-se nisso, que tornar este Sol já morto a viver com aquella excellencia famosa, e na faudade; por isso digo, que a mayor razaõ, porque os Principes justos nesta sua excellencia se comparaõ ao Sol; he porque tanto este, como aquellos;

àquelles, depois de mortos, ainda vivem com elle na fama, e na faudade: *Oritur Sol, & occidit, ibique renascens gyrat per meridiem.*

Diraõ agora; que o Sol nunca morre, pois viveo huma vez no quarto dia depois do Mundo creado para nunca morrer. Assim he, venero a instancia para complemento da prova; mas respondo, q̄ se o Sol na realidade não morre, morre na apparencia todas as noites; que escondido de nós se sepulta nas ondas: *Et occidit*; pois por isto mesmo se compáraõ com o Sol os Principes justos: *Fulgebunt justi sicut Sol*, porque assim como o Sol, quando de noite se não vê; parece que de todo morre, e com tudo pela igualdade da sua justiça realmente vive ainda famolo na

faudade: *Omnibus unus*; assim os Principes communs no seu julgar; quando se não vêm no Mundo, parecerão que estaõ mortos, mas he só na apparencia; porque na realidade vivem ainda com aquella excellencia na fama; e na faudade: *Oritur Sol, & occidit*. Por isto de Minos; e Rhedamanto dizem os antigos, que ainda vivem no outro Mundo: *Gnostius hæc Rhedamantus habet durissima regna*, porque como estes homens foraõ communs no seu julgar, como adverte logo o Poeta: *Castigatque, auditque dolos*, justo era que, ainda que morressem, se tivessem por vivos; pois esta excellencia sempre vive famosa na faudade. E se o nosso defunto Monarcha foy taõ famolo nesta excellencia, digamos

tambem que ainda vive; porque se, pelo não vermos no Mundo, cuidamos que elle está morto; pelo considerarmos excellente em ter commum no julgar:

*Rex enim debet esse communis ad iudicandum,* conhecemos que ainda assim vive na fama, e na laudade: *Fulgēbunt iusti sicut Sol. Oritur Sol, & occidit; ibique renascens gyrat per meridiem.*

Em quanto á ultima condicão, que he a severidade no castigar, se achou tão perfeitamente neste Principe; que lagrimas, respeitos, nem afeiçoens o tiraraõ de castigar gravemente a quem rectamente o merecia; mostrando com isto, que naquelle lugar tão commum era em julgar a todos igualmente, como era igual em castigar a todos severamente: *Iustitia, &*

*iudicium correctio sedis ejus.* Affimem isto os Vassallos, assim nobres, como mecanicos, huns prezos, outros desterrados, outros confiscados, e finalmente outros todos castigados segundo o merecer de suas culpas: *Unicuique secundum opera ejus.* Vejaõ lá, se algum dia na sua presença se alteraraõ vozes nos Magnates; se nos seus mandados se recambia-

raõ ordens nos Tribunaes, ou se nos seus designios se opuzeraõ oufadias em todo o Reyno. Tal era o temor de seus severos castigos, que desde o mayor até o menor não sabiaõ outra resposta mais do que esta: *Fiat fiat.* Mas nem por isso castigava elle á virga ferrea; pois sabia que os castigos tem seus termos; e a severidade seus limites. Cõ os olhos em Deos, cuja miseri-

cor:

cordia sabia que era mayor que a justiça: *Superexaltat autem misericordia iudicium*, modificava as leys, e as dispensava no possível; humas vezes castigando pouco, outras disfarçando muito, e outras perdoando tudo; não querendo que a tua severidade lá topasse alguma vez em tyrannia, e assim offendesse a Deos, e ao proximo, quando a sua natureza só o inclinava á compaixão; e as tuas Regias accoens á verdadeira misericordia: *Misericordia, & veritas custodiunt Regem, & roborabitur clementia thronus eius*. E quem desta sorte teve na vida a severidade em castigar, ainda que na realidade esteja morto, não o reconheço por tal os homens; mas digaõ sempre, que ainda vi-

ve com aquella excellencia na fama, e na faudade.

De Moyfés diz a Escritura que; vive ainda, pois ninguem por morto o reconhece: *Non cognovit homo sepulchrum eius*. Affirmaõ alguns, que esta vida he a do corpo, a qual lha conserva Dees milagrosamente para altissimos fins; mas isto he falso, pois da Escriptura consta; q̄ fizica, e realmente está morto: *Mortuus est Moyjes servus Domini*: logo aquella vida ha de ser a do nome; pois só nesta he que elle vive por meyo da fama, e da faudade, como nos affirma em outra parte: *Levabo ad Caelum manum meam, & dicam: vivo ego in eternum*: Mas quem cá nome a Moyfés, para que, morrendo realmente, não se diga que he morto, se-

Inter  
34.

naõ que vive ainda na fama, e na faudade? Sabem quem? A severidade no castigar. Moysés foy hum Principe taõ severo em castigar, que, havendo culpa, naõ deixava de a punir inteiramente em nobres, mecanicos, e em todo o proximo: *Ite per medium ceterorum, & occidat unusquisque fratrem, & amicum, & proximum suum*, mandou elle, quando peccou o povo no Dezerto; mas de tal forte, e com tal geito, que no mesmo tempo, que assim castigava, se mostrava benigno, como se vio na mesma occasiaõ: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo*: e quem desta sorte teve na vida a severidade em castigar, ainda que na realidade esteja morto, naõ he bem que os homens

Exod.  
33.

o reconheçaõ por tal; mas sim que digaõ sempre, que com aquella excellencia ainda vive famoso, e faudoso: *Non cognovit homo sepulchrum ejus*. Oh excellencia mais que grande! Por isso de Salamaõ se diz, que dorme como vivo, quando todos sabemos que dorme morto: *Dormivitque Salomon cum patribus suis*; porque como foy severo em castigar: *Dividite infantem in duas partes, no mesmo tempo, em que era benigno na sua justica: Date huic infantem vivum, & non occidatur*; bem he se diga, que dorme vivo, ainda que realmente esteja morto: *Dormivitque Salomon cum patribus suis*. Logo, se o nosso Monarcha morto desta sorte foy severo em castigar: *Rea enim debet esse severus ad casti-*

3. Reg.  
cap. 11.

3. Reg.  
c. 3.

casti-

castigandum; por mais que na realidade esteja morto, naõ o reconheçaõ por tal os homens, mas em fim digaõ sempre, que com aquella excellencia ainda vive na fama, e na saudade: *Non cognovit homo sepulchrum ejus: Dormivitque cum patribus suis.*

Eis-aqui como as cinco condições de hum excellente Principe se acháraõ todas em o nobre Rey quando viveo. Foy Sábio em governar, Liberal em premiar, Forte em defender, Commum em julgar, e Severo em castigar; e certamente mais fora, se mais fora necessario ao seu officio: *Iste Rex habet quinque conditiones boni Regis; Rex enim debet esse sapiens ad gubernandum, liberalis ad premiandum, fortis ad defendendum, communis ad iudican-*

*dum, & severus ad castigandum:* e se estas cinco excellencias ainda hoje vivem nelle, como nos diz a Igreja: *Regem, cui omnia vivunt;* por força que havi. mos dizer q̄ elle tambem vive junto com ellas: *Opera enim illorum sequuntur illos.* Naõ digo que vive; como nós vivemos; porque comnosco se naõ compara hum tal Monarcha; mas digo que vive, como excelente, na fama, e na saudade: na fama entre os applausos de quem o louva: *Si laudandos tradas abstulisti morientibus decenter interitum;* e na saudade entre os suspiros de quem o chora: *Corpora ipsorum in pace sepulta sunt, nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem.* Morreo; ninguem duvida; mas naõ de todo: *Recessit;*

*sed non totus recessit;* pois neste Sermaõ o vemos taõ presente, que nos parece outra vez vivo com todas as tuas excellencias: *Videtur nobis in sermone reviviscere.* Nem vos engane aos olhos aquelle tumulto, que vedes; porque aonde estas excellencias se achã todas juntamente, por força que ainda dentro do tumulto tem vida para largos annos o sujeito, que as possue.

*Job. 29.* *In nidulo meo moriar, & sicut palma multiplicabo dies meos.* Eu hey de morrer, diz Job; mas ainda dentro do tumulto por força hey de viver, como vive a palma. Já sey que nisto quer dizer; que por força ha de ter vida para largos annos; pois a palma vive tanto, que depois de cem annos he que dá o primeiro

fructo: mas que acha Job em si para tal dizer? Respondo que acha todas juntas as excellencias de hum bom Príncipe: ouvi-as numerar por elle mesmo. Eu, diz Job, em primeiro lugar sou Sábio no governar: *Qui me audiebant, expectabant sententiam; intenti tacebant ad consilium meum;* em segundo, sou Liberal em premiar: *Pater eram pauperum... oculus fui cæco, & pes claud;* em terceiro, sou Forte no defender: *Vocem suam cohibebant duces... verbis meis addere nihil audebant;* em quarto, sou Cõmum no julgar: *Vestivi me sicut vestimento, & diadmate judicio meo;* em quinto, sou Severo em castigar: *Iustitiã indutus sum:* logo se Job achava em si todas juntas as excellencias de hum bom Príncipe;

cipe, que havia de dizer, fenaõ deste antecedente tirar esta legitima consequencia: eu hey de morrer, mas ainda dentro do tumulto por força hey de ter vida para largos annos: *Dicebamque*, (notay a força desta deducção) *dicebamque, in nidulo meo moriar, & sicut palma multiplicabo dies meos.*

Affim Job; e affim o defunto Principe, por ter juntamente todas aquellas excellencias, tambem com ellas ha de viver largos annos naquelle tumulto. Em quanto nelle cuidarmos, em quanto nelle fallarmos, e em quanto por elle suspirarmos, vida tem o nosso Rey, entre nós mesmos; por isso eu, quando hoje entrey nesta Igreja, e ouvi entre grande concurso, que huns applaudiaõ as tuas boas obras, e outros suspiravaõ por sua

boa pessoa, logo disse: naõ he morto o nosso Monarcha, mas por certo que ainda vive nos applausos da fama, e nos suspiros da fauda-de. Morreo huma filha a hum Principe da Synagoga; e este magoado pedio a Christo lhe tornasse a vida, pois isto estava em tua mão: *Filia mea modò defuncta est, impone manum tuam super eam, & vivet.* Olhou Christo para a menina, e respondendo para o que della ouvia, diz que naõ estava morta, porém viva na fama, e na faudade: *Non est mortua puella.* Notavel dizer! Senhor, se esta menina está morta, como dizeis que está viva? Ou se vive na fama, e na faudade, que razaõ ha para isto? A razaõ he esta. Olhou Christo para hum grande concurso, que está:

va naquella casa, e ouvindo a huns, que louvavaõ as boas obras, a outros, que suspiravaõ pela presença da menina; disse logo que não estava morta; porêmsim, que vivia nos applausos da fama, e nos suspiros da saudade: pois he certo, que quem assim morre applaudida, e suspirada, nunca morre, mas sempre vive: *Non est mortua puella.*

Oh Varaõ applaudido, e suspirado! Se a morte vos levou por necessidade, consolamo-nos, que já vos restituio a vida por traças da fama, e industrias da saudade. Morrestes em quanto ao corpo temporaneo, mas lucrastes muito nesta morte; pois viveis agora para sempre em quanto ao nome. Oh, e como agora he que tem lugar es-

te bom nome! Na vida, diz o Espirito Santo que se não louve a alguém, por mais excellente que seja: *Ne laudes quemque in vita sua*, logo aos mais excellentes he que se deve louvar depois da morte. He o bom nome, como a sombra; porque assim como esta só segue a quem lhe foge; assim aquelle só se deve a quem se ausenta: logo necessario foy morrer o nosso Monarcha, para que, seguindo o bom nome a sua morte, da sua morte se seguisse tambem o viver hoje na fama. Demais que foy necessaria a sua morte, para que, dando a Deos boas contas de toda a vida, recebesse o premio das suas obras em outra vida mais perfeita. Oh, e como assim as daria multiplicadas! De hum

fer-

Matth.  
25.

servo bom, diz S. Mattheus que recebendo de Deos cinco talentos, déra de si taõ boa conta, que os restituira em dobro multiplicados: *Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sũ;* o que vendo o Senhor, dissera logo: homem, necessario he que morras, para que em outra vida mais perfeita recebas o premio de tuas obras: *Euge serve bone, & fidelis... intra in gaudium Domini tui*: isto mesmo se vê hoje á risca no nosso caso. Entregou Deos a este Rey, seu hom servo, cinco talentos, que foraõ as condiçoens requizitas de hum bom Rey: *Iste Rex habet quinque conditiones*; chegou a occasiã de lhe dar contas; e deo-lhas multiplicadas; porque com o seu bom governo lucrav pa-

ra Deos muitas virtudes. *Domine, quinque talenta tradidisti mihi; ecce alia quinque superlucratus sum*: logo necessario foy que por vontade de Deos elle morresse; para que em outra vida mais perfeita recebesse o premio de suas obras: *Euge serve bone... intra in gaudium.*

Diraõ que esta vida, ainda que he optima, e muy perfeita, nunca tira a nossa fauldade: quando muito; alegre a fama; mas a fauldade, nem ainda a allevia. Ora seuhores; ha de alegrar a fama, e ha de alleviar a fauldade. Alviçaras pela boa nova, que vos dou: que se a vossa fauldade só consiste em que aquella vida he só para a alma, e naõ para o corpo; cessem as vossas fauldades, que para a alma, e para o corpo

temos vida, pois em o  
nosso Rey vivo o Se-  
nhor D. Joseph, I. deste  
nome, que Deos guar-  
de, temos vivo em cor-  
po, e alma a seu Pay o  
Monarcha morto. Não  
he meu o pensamento,  
porque assim o diz o  
Ecclesiastico: *Mortuus  
est pater ejus, & quasi  
non est mortuus, similem  
enim reliquit sibi post se.*  
E quando não o disse-  
ra, quem o deixaria  
de acreditar? Na Pes-  
soa deste Alto, e Po-  
deroso Rey vivem as  
mesmas virtudes; as  
mesmas acçoens, e as  
mesmas excellencias,  
que viverão em seu  
Pay; pois se me não  
acreditaõ por suspeito-  
do no amor de Irmaõ;  
diga elle por mim o que  
he verdade. Mas que  
ha de dizer, tenaõ o  
que eu tenho dito:  
*Qui videt me, videt &  
patrem meum?* Por isso a

Ecccl.  
30.

Igreja, ainda que hoje  
tacita nos permite fen-  
timentos, claramente  
nos manda que adore-  
mos por vivo aquelle  
Pay; o que nós execu-  
tamos adorando vivo a  
este Filho com alegria,  
mais que com pezar:  
*Regem, cui omnia vi-  
vunt, venite adoremus:*

Acabara agora, se  
vos não ouvira dizer  
que; supposto esteja vi-  
vo o Monarcha morto;  
nem por isso lhe deve-  
mos dar adoraçoens;  
como mandaõ aquellas  
ultimas palavras: *Venite  
adoremus*; pois adora-  
çoens só aos Santos são  
devidas. Eu bem sey os  
decretos; e diplomas  
Pontificios, que ha so-  
bre esta materia; e as-  
sim não he meu inten-  
to canonizá-lo por San-  
to; porque esta averi-  
guação, e definição só  
compete á Santa Sé  
Apostolica; quero sim;  
que

que o reverenciemos, e adoremos por excellente; que esta adoraçãõ he humana, e devida aos Reys perfeitos: nem isto vos pareça novidade; porque se a huma estatua morta já se dá raõ estreitas adoraçoens no tempo de Nabuco: *Procidentes adorete statuatam auream*; que muito se dem no tempo de hoje adoraçoens amplifimas a hum Monarcha vivo nos applausos da fama, e nos suspiros da faudade: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus!*

Tenho sido extenso, bem conheço, mas por força; porque dar vida a hum homem morto, custa muito. Pudera dizer-vos tudo em tres palavras: *Joannes vivit occisus*; mas falta-me a energia de Chrysologo. Considera Chrysologo a hum Joãõ

jã morto; e diz que assim mesmo ainda vive; porque assim mesmo ainda falla com Herodes: *Joannes vivit occisus: Joannes mortuus adhuc loquitur; & clamat*; assim mesmo digo eu de outro Joãõ. Digo que o nosso Rey D. Joãõ V.; que piamente o consideramos glorioso na presença de Deos, assim mesmo morto, ainda vive, porque assim mesmo morto ainda falla conosco: *Joannes vivit occisus. Joannes mortuus adhuc loquitur; & clamat*: e se não entendes o que elle diz, por ser o idioma do outro Mundo, eu o explico. Reparay para todo este triste concurso, e vereis que a boca daquelle tumulto, a lingua daquellas tochas, e as lugubres vozes de todo o Clero nos estaõ dando a entender que diz elle:

S. Ped:  
Chryf.  
S. rm.  
S.  
Joãõ  
Bapt.

Tomemos exemplo no  
que vemos; porque por  
aqui haõ de passar todos  
os vivos: e que se quizer-  
mos viver tambem de-  
pois de mortos na terra  
dos vivos; onde suppo-  
mos que elle vive: *Credo*

*videre bona Domini in  
terra viventium, sejamos  
nesta vida virtuosos,  
para que com verdade  
se nos diga a todos o  
que a elle hoje se diz: Re-  
quiescat in pace. Amen:*



ORA.

ORACAO,  
PANEGYRICO  
FUNEBRE

NA MORTE  
DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY,

D. JOAÕ V.  
*EXPOSTA*

NO CONVENTO DE S<sup>TO</sup> ANTONIO  
do Lugar de Ipojuca.

PELO PADRE

Fr. JOAÕ DE S<sup>TA</sup> ANGELA,  
*EX-LEITOR DE THEOLOGIA,*  
*Filho desta Provincia de Santo*  
*Antonio do Brasil.*

FOR ACADEMY  
P. A. V. E. G. I. S. T. R. I. G. O.  
F. U. N. D. E. R. E.  
IN A. M. O. R. T. E.  
DO. T. I. P. I. S. T. I. C. O. S. T. A. T. I. M. O. N. I. T.

D. JOÃO V.  
R. E. P. U. B. L. I. C. A.  
NO. C. O. M. M. I. S. S. I. O. N. A. D. O. S. T. A. N. T. O. N. I. O.  
do. C. O. L. L. E. G. I. O. S. T. A. N. T. O. N. I. O.  
R. E. P. U. B. L. I. C. A.

F. JOÃO DE S. ANGELO  
R. E. P. U. B. L. I. C. A. D. O. S. T. A. N. T. O. N. I. O.  
Este livro pertence ao  
Arquivo do Estado



*Joannes est nomen ejus, & mirati sunt universi.*

Luc. 1.

**S**E a pezar da dura Parca re-tumba ainda hoje no clarim da fama o nome dos Varoens mais insignes, e Heróes mais illustres, que encherão de palmo a terra, e de assombro o univerlo, como não gritará nos ouvidos do Orbe o immortal Nome do mais preclaro Heróe, que conhecen a terra, e desconheceraõ as idades; o qual veneramos occulto, e encerrado, a violencias da morte, entre as tristes, e funeraes sombras, que á nossa vista representa es-

te lucuolo apparato nestas funebres Exequias do Rey mais sábio, e entendido, do Monarcha mais generoso, e magnanimo; e para dizer tudo do Fidelissimo, e Augustissimo Rey de Portugal o Senhor D. João V.!

Muito Alto, e muito Poderoso Rey, e Senher nosso, cuja fau-dosa memoria se eterniza hoje em nossos peitos para hum perpetuo monumento da nossa magoa, e hum eterno padraõ da nossa dor; explicada esta pelo penetrante golpe, e interior

terior sentimento, com que se nos apura o sensitivo; e significada aquella na exterior corrente de nossos olhos, q̃ em copiosas lagrimas pertende desaffogar a mesma dor, que lhe motiva taõ excessivo pranto, pela falta, que sentimos laudosos, da Real presença dessa Magestade já defunta, a qual, occultando-se hoje da esfêra da nossa vista; não se pôde esconder, nem ao vivo das nossas memorias, nem ao laudoso dos nossos coraçoes; porque servem os nossos coraçoes de animadas urnas, em que se deposita para eterna fauldade a regalia desse Ceptto, e as nossas memorias de huns vivos berços, em que hoje renasce para a immortalidade a soberania dessa Coroa: pois tendo nas nossas memorias actual exif-

tencia o vosso Nome para a fama: *Joannes est nomen ejus*, tem a sua etymologia nos nossos coraçoes perpetua duração para a fauldade: *Joannes, id est gratia*; bem merecido lugar, por devido, ás cinzas de hum taõ pio, e sabio Monarcha, que de ambos os principios da vida, do entendimento, e da vontade, soube erigir duas columnas, para nellas gravar a immortalidade do seu Nome, dando a entender ao mundo todo, que pelo entendimento, e pela vontade soy o *Non plus ultra* das admiraçoes, e palmo de todo universo: *Mirati sunt universi*.

Se a pezar da dura Parca retumba ainda hoje no clarim da fama o nome dos Varoens mais insignes, e Heróes mais illustres, que encherão de pismo a tẽra

ra, e de assombrio o universo, como não gritará nos ouvidos do Orbe o immortal Nome do mais preclaro Heróe, que conheceo a terra, e desconheceraõ as idades, o qual veneramos occulto, e encerrado à violencias da morte entre as tristes, e funeraes sombras, que á nossa vista representá este luctuoso apparatus, nestas funebres Exequias do Rey mais sábio, e entendido, do Monarcha mais generoso, e magnanimo, e para dizer tudo, do Fidelissimo, e Augustissimo Rey de Portugal o Senhor D. João V: em cuja vida descarregou o golpe a tyrannia da morte, para huma eterna dor dos coraçoes Portuguezes, que hoje se mostraõ extremos no sentimento pela perda de tal Monarcha, que foy a quin-

ta essencia dos Reys, por ser o mayor entre os mayores Monarchas do Mundo: *Non surrexit maior*; cujas prendas não são para repetidas, por não serem todas para declamadas: porque se huma só prerogativa de qualquer Monarcha basta para encher o campo de huma dilatada Oraçaõ; para os encomios do nosso Monarcha defunto, o Senhor D. João V., pouco seria todo o tempo, para nelle só fazer o exordio a qualquer virtude, e prologo a qualquer excellencia, e prerogativa.

Dous Sermoens acho que prégara o mayor Prégador do Mundo; Christo Bem nosso; e ambos de Exequias; hum na morte de Lazaro, e outro na morte do Grande Bautista quando ainda prezo; pois desde o carcere, em que

Matth:  
II. v.

II.

Matth.  
11. v. 2.

Ponte-  
vel in  
Matth.  
toin. 1.  
cap. 2.  
v. 20.  
n.

que se via: *Joannes in vinculis*, se deve computar a sua morte: porque desde entã fallece, e morre hum Monarcha, desde quando se lhe acaba o dominio, e fenecce o mando, como affirma o Douto Pontelense: *Hominibus enim tunc vita deficit, cum dominandi potestate privantur*. E como ao Bautista desde a prizaõ lhe fenecce o mando, e se lhe acabou o dominio, desde a prizaõ (e na prizaõ) falleceo, e acabou o Bautista, em cujas exequias noto, e he para notar, o diferente modo, e diverso estylo, com que se houve Christo prégando a respeito da Oração funebre, que fez nas exequias de Lazaro defunto; porque para estas, tomando por thema as palavras, que cita, e refere o Evange-

lista S. Joãõ: *Dixit eis manifeste: Lazarus mortuus est, & gaudeo, propter vos, ut credatis, quoniam non eram ibi, verdaideiramente prégou, como commenta Hugo Cardeal: Non eram ibi, tamen scio, & prædico, quoniam mortuus est*. Mas de que modo, ou athé quando se estendeo a prégacaõ de: Christo nas Exequias de Lazaro? Direy, Christo estava da outra parte do Jordaõ: *Abiit iterum trans Jordanem*, e començando ahi a prégar, veyo a dar fim ao Sermaõ em Betania, onde se achava Lazaro defunto: *Dixit, solvite eum, & sinite abire*; servindo-lhe todo aquelle dilatado campo, que vay de Jerusalema a Betania de theatro, onde explanava, e encarecia a virtude da conformidade em Lazaro

Joann.  
11. v.

Joann.  
10. v.

40.

zaro quando enfermo, e agora defunto: *Lazarus mortuus est.* Assim se houve Christo pré-gando nas Exequias de Lazaro.

Porém nas Exequias do Bautista mais que assim se houve Christo; porque, como refere o Evangelista S. Matheus, começou Christo a pré-gar: *Cæpit IESUS dicere de Joanne*, porém não diz que dera fim a este Sermaõ, que nas Exequias do Bautista pré-gava. Começou por huma das virtudes: *Quid existis in desertum videre?* Porém não passou do exordio todo o Sermaõ; porque nunca passou do principio aquella funebre Oraçãõ: *Cæpit dicere.* É pois qual seria a razãõ, porque dilatando-se tanto Christo na funebre Oraçãõ de Lazaro defunto, quando

chega a pré-gar do Bautista, nas suas Exequias não passa do exordio, ao menos em abono de huma só virtude? Desorte que para Lazaro ser na morte encomiafticamente louvado abundaõ figuras na Rhetorica, e para o Bautista não? Sim: porque essa he a differença, que vay do Bautista a Lazaro, de Joãõ aos demais. Ora vede.

Lazaro era figura de qualquer Monarcha; tanto pela qualidade do sangue, como pelo sublimidade do dominio, que se reconhecia em sua casa: pela qualidade do sangue, por ser Lazaro hum sujeito muy noble, e de grande opinãõ, como expõem Hugo Cardeal: *Erat quidam Lazarus: quidam nobilis,* Joan. (v. 1.) *et magnæ opinionis, et domus ejus;* pelo sublimidade do dominio, que em

sua casa se reconhecia; porque em seu nome; e em sua pessoa foy mandada a Christo a Embaixada: *Miserunt Sorores eius ad eum dicentes*: demais, que havendo arrayaes, ou Castellos no poder, e senhorio de Lazaro: *Erat autem quidam languens Lazarus de Castello*, he indicio de que Lazaro he figura de hum Rey, e que representa a qualquer Monarcha. Bem está: mas quem era, e a quem representava o Bautista? O Bautista não era menos, do que hum Monarcha, e tal Monarcha, que era a Quinta essencia dos Monarchas: *Ecce constitui te super gentes, & super Regna*, por ser o mayor entre todos os Monarchas da terra: *Non surrexit. mayor.* Este era o Bautista: e neste estado, a quem

cuidais que representava? Eu não sey; só o que sey he, que o nome do Bautista he Joaõ: *Joannes est nomen ejus.* E te agora lhe perguntarmos pelo throno, que he o lugar dos Monarchas, e divisa dos Reys:

Responder-nos ha Gerlon, Joaõ Ekio, e outros, que o throno, e lugar de Joaõ, ou que Joaõ tem o lugar do seu throno, logo immediatamente depois de MARIA Santissima Senhora nossa, em os Ceos, primeiro que todos os Serafins. Vay a authoridade: *Videtur Joannes Baptista primus post MARIAM post in ordine Seraphinorum loco Luciferi.* Agora estay cõmigo: Joaõ he depois de MARIA, e MARIA depois de quem? Depois da Trindade Beatissima em os Ceos: logo em os Ceos

tem.

Jerem.  
1. v. 11.

Joann  
Gerl.  
tract. 4.  
in Cõt.  
Mariæ  
Discip.

tem o primeiro lugar as tres Pelloas da Santissima Trindade, a quarta he MARIA Senhora Nossa, e he Joaõ o Quinto, que se segue em ordem ás Pelloas: e se Joaõ he o Quinto, e he Monarcha, ou se este Monarcha he Joaõ o Quinto, e se Lazaro he figura de qualquer Monarcha meramente, já se deixa ver a razaõ, porque Christn nas Exequias de Lazaro se houve taõ diffuso, e extento na ponderaçõ de huma só virtude; e nas Exequias do Bautista nem só huma excellencia, e prerogativa soy, nem pode ser proporcionado assumptn, que couhesse na esféra do tempo: para nos mostrar, que, se huma só prerogativa de qualquer Monarcha basta para encher o campo de hũa dilata da Oraçãõ; para

os encomios de hum Monarcha Joaõ o V., curto era todo o tempo, para nelle se fazer o exordio a qualquer virtude, e prologo a qualquer excellencia, e prerogativa.

E se a eloquencia do mayor Orador daquelle Joaõ só se contentou com começar: *Capit*; como poderey eu dar fim á minha funebre narraçãõ na ponderaçãõ de qualquer das excellencias do nosso Monarcha defunto, na perda de suas prendas, que sentem hoje lastimados os nossos coraçõens? Mas como para renovar este sentimento he costume dos Oradores ponderarem algumas prendas do defunto; para provocar as lagrimas dos ouvintes, e dezabafarem o sentimento pelos olhos; como nos ensinou Santo Ambrosio na

Oração funebre, que fez nas Exequias do grande Imperador Theodozio: *Fletus refrigerat pestus, & maestum consolatur*; necessariamente, para satisfazer esta obrigação, me hey de ajustar ás leys da magoa, para não encontrar os foros do allivio. E tudo parece nos inculca o nome do Monarcha defunto, que, por ser Monarcha de nome, assombrou com elle ao Universo: *Joannes est nomen ejus: mirati sunt universi.*

Este Texto soy o de que fiz eleição para prégar nestas Regias, e funeraes honras do nosso inclyto Monarcha defunto, por me parecerem as suas palavras muy proprias para esta funebre acção; as quaes são cortadas do Cap. 1. de S. Lucas descrevendo o nascimento do grande Bautista. E não he mui-

to que com ellas ore eu hoje na morte de outro Joaõ; porque se o dia da morte he o dia do nascimento para os Justos, (sendo o nosso Monarcha taõ Justo, como piedosamente cremos) nascendo vem o Texto para esta funeral acção. Mais: que o mesmo Evangelho, que trata do nascimento do Bautista; nem, porque falla no nascimento, deixa de ser Sermaõ de Exequias, por ser já fallecido o Bautista, quando S. Lucas o escreveu; e prégon: e como os Oradores costumaõ tratar das acçoens; e vida dos defuntos, de razão era que tratasse o Evangelista tambem do nascimento de Joaõ: *Joannes est nomen ejus.* Accresce a isto; que aquillo, que soy parto em Isabel, soy o mesmo que obito, fallecimento,

mento, ou morte em Joaõ, como o dá a entender a Purpura Dominicana sobre as palavras do mesmo Evangelista: *Impletum est tempus pariendi Elisabeth.* Nota usum *Scripturæ*, diz o Cardeal, *que utitur verbo impletionis in tribus, in ortu bonorum, in obitu, (reparay bem naquelle in ortu, e naquelle in obitu) ut ex verbo impletionis notet in bonis esse plenitudinem perfectionis.* O que tudo parece confirma o mesmo Christo quando disse, que entre os nascidos não resuscitara mayor que o Bautista: *Non surrexit maior*, equivocando o nascimento do Bautista com a morte, segundo o rigor daquella palavra *surrexit*, que propriamente significa resurreiçãõ; porque supõem morte; como diz o doutissimo Silveira:

*Surrexit, quod proprie significat excitationem eorum, qui ex morte, vel infimo statu eriguntur ad vitam.*

O que supposto: temos que ponderar [temos] que ponderar [temos] sahirmos do nome de Joaõ, e da sua etymologia: *Joannes est nomen eius: Joannes, id est, gratia* ] deste grande nome as suas excellencias, e prerogativas: segundo nos de exemplar do nosso Monarcha defunto o Grande Bautista, nesta funebre Oraçãõ. Mas como são muitas as excellencias; graças, e prerogativas, que se incluem em o nome de Joaõ, só de duas trataremos para alivio da nossa magoa; e credito da nossa dor. E assim, o entendimento; e a vontade do nosso Monarcha defunto haõ de ser os dous pólos, em que se ha de sustentat

toda a fabrica do Panegyrico nesta acção funeral. Comecemos.

A graça, segundo a etymologia do nome Joaõ: *Joannes, id est, gratia*, divide-se em varias especies na lingua do Apostolo: *Divisiones sunt gratiarum*; e como entre ellas se acha a graça, e dom de sabedoria: *Alii datur sermo sapientiæ*, a qual attende tanto ao entendimento, como ao coração: *Sapientia ab intellectu & à corde ducit originem*, tanto do coração, como do entendimento será a materia dos nossos discursos. A Agua dos Evangelistas S. Joaõ, fallando do Bautista, diz que era o Bautista huma lucerna, que ardia, e juntamente luzia: *Ille erat lucerna lucens, & ardens*. Pela luz já sabem todos que se entende a sciencia,

ou sabedoria; que se sujeita no entendimento; e que pelo ardor se entende o fervor da vontade, que reside no coração. E começando pelo entendimento: quem pôde negar ao nosso Monarcha defunto esta graça, ou dom de sciencia, e sabedoria, sabendo que esta he constitutiva de hum verdadeiro, e perfeito Monarcha?

Eu, diz David fallando do seu Reinado, eu fuy constituido por Deos em Rey sobre todo o povo de Israel: *Ego constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus*. E que novidade nos dirá David em dizer-nos que foy instituido, ou constituido Rey de Israel? Ora David, por não parecer em propria causa suspeito, encobrirá o mysterio; porêm nós estamos.

7. Corinth.  
c. 12. v.  
4.

Castil.  
de ornat. il.  
lat. 94.  
n. 45.  
pag. 82.

Jóann.  
5. v. 35

Psalmi.  
2. v. 6.

remos pelo testemunho de outro Profeta. O Cardeal Hugo, cõmentando as palavras de David, diz assim: *De constitutione huius Regis*: Jeremiæ vigesimo tertio; da constituição de David em Rey de Israel; lea-se ao Profeta Jeremias no cap. 23. E o que diz Jeremias naquella Capitulo? Diz estas formoes palavras: *Suscitabo David germen justum, & regnabit Rex, & sapiens erit.* Diz: (falla Deos por Jeremias) Hey de constituir a David por Rey do meu povo, e reinará como Rey, e será sabio: *Regnabit Rex, & sapiens erit.* E pois: só porque será sabio, he quẽ ha de David reinar como Rey? Ou por isso ha de David reynar como Rey, porque ha de ser sabio? Sim: porque como Deos queria constituir em Da-

vid hum. perfeito, e verdadeiro Monarcha, como feito por elle: *Ego constitutus sum Rex ab eo*; o mesmo foy dizer que seria sabio: *Et sapiens erit*, que dizer que havia de reinar como Rey: *Regnabit Rex*; para mostrar que só a sciencia; ou sabedoria he constitutiva de hum perfeito; e verdadeiro Monarcha. Que reinar sem ser sabio; he reinar sem ser Rey: trazer sem ser sabio a coroa na cabeça; he não ter cabeça para a coroa. Não sey se reparais em que trazendo os Reys na mãos os ceptros, insignia do poder, não tragaõ tambem nas mãos, mas sim na cabeça, as coroas. E porque? Para denotar, que o Rey deve ser sabio, e entendido; porque pella sabedoria se constitue hum Rey: *Reges, ac Principes,*

pes., diz Seneca, *mente alios supra pollere, ac iudicio reliquis prestare debent*. Não percamos de vista ao nosso Bautista.

Nem ao Bautista lhe faltou também esta prerogativa da sabedoria, ou sciencia. Zacharias seu pay, entre os assombros dos montanhezes, que suspensos tinhaõ grande expectaçõ no

Luc. I.  
66.

Bautista: *Quis putas puer iste erit?* Respondeo em hum Cantico, que o

Luc. I.  
76.

Bautista havia fer o Profeta do Altissimo: *Tu puer Propheta Altissimi vocaberis*; que foy o mesmo, que dizer, que o Bautista havia ter a perfeita sciencia, ou sabedoria, como diz o

Hug.  
hic.

Purpurado Hugo: *In responsione patris sapientie perfectio*. Também ao nosso Monarcha D. Josõ o V. não faltou o dom da sabedoria, em quem resplandeceo

com tanto excessõ; como pòdem testimianhar todas as acçoens da sua vida, que foraõ reguladas todas com tal prudencia, que parecia que só a sabedoria era a arbitra, e contelheira das suas determinaçoens; ou fossem estas particulares, ou fossem publicas; ou fossem militares; ou fossem politicas; ou fossem dirigidas ao Reyno, ou fóra delle.

Em fim, que tendo a sciencia, e sabedoria humana nos homens communmente seus eclipses, e minguentes, no nostro Monarcha nunca se vio com minguentes, nem eclipses a sabedoria: com eclipses não, porque não conheceo quem no Mundo lhe fizelle, nem pudesse fazer sombra; com minguentes menos, porque sempre esteve cheya a sabedoria, como quem possuia

possuia toda a sabedoria em cheyo; pois nelle parecia natural, e com elle nascida do ventre materno: mas como não havia ser assim, quem nascia para hum Monarcha Grande!

Predisse o Profeta Isaías, que da raiz de Jessé havia nascer huma vara, e que da mesma raiz havia nascer huma flor, sobre a qual descenderia o Espirito, e Dom de Deos: *Egredietur virga de radice Jessé, & flos de radice ejus ascendet, & requiescet super eum Spiritus Domini.* E que Espirito, e Dom de Deos he esse, que havia adornar a esta vara, ou abundar nesta flor? O mesmo Profeta diz que era o dom da sabedoria, e dom de entendimento; o dom de conselho, e fortaleza; o dom da sciencia, e piedade: *Spi-*

*ritus sapientiæ, & intel. lectus; spiritus consilii, & fortitudinis; spiritus scientiæ, & pietatis.*

Eu não reparo na flor, nem na vara; porque tanto a vara, como a flor, no sentir de S. João Chrysostomo, Santo Ambrosio, S. Clemente Alexandrino, e Origines, representa a Christo; no que reparo he, que fallando huma só vez na vara, e na flor o Profeta, falla quatro vezes na sabedoria, de que he adornada: *Spiritus sapientiæ*; eis-ahi huma vez: *Et intellectus*; eis-ahi outra: *Spiritus consilii*; eis-ahi a terceira: *Spiritus scientiæ*; eis-ahi a quarta vez: E não bastaria que fallasse huma só vez na sabedoria, assim como huma só vez fallou na vara, e mais na flor? Não; porque a flor na vara, ou a vara com a

flor

# 138 Gemidos

flor representa a Christo como Rey: *Nomine virgæ, & floris... Christus Dominus potestate regia præditus intelligitur*, diz o Castillo ; e como

nasceu Christo para hum Grande Monarcha do Mundo , como depois dividiu S. Joaõ no seu Apocalypse : *Princeps Regum terræ* ; por isso quando Isaias o descreve nascido, como Rey, ou para Rey: *Egræditur virga de radice Jesse, & flos de radice eius ascendet ; nomine virgæ, & floris Christus Dominus potestate regia præditus intelligitur*, no-lo descreve adornado, não só huma vez, mas quatro vezes, com o dom da sciencia, e sabedoria : *Et requiescet super eum spiritus sapientiæ, & intellectus ; spiritus consilii, & fortitudinis ; spiritus scientiæ, & pietatis* : para que na abun-

dancia, e enchentes de tanta sabedoria, entendessemos que lhe era esta muy natural, e com ella nascida no ventre materno.

Tudo isto nos quiz dizer em menos palavras o Evangelista S. Lucas, descrevendo, e referindo-nos a conferencia, que teve o Anjo com a Senhora, quando lhe trouxe a Embaixada. Este (falla de Christo o Anjo com Maria] este ha de ser Grande, e ha de chamar-se Filho do Altissimo, e ha de reinar no throno de David : *Hic erit magnus, & Filius Altissimi vocabitur, & dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus*. Notay, que o appellida com o renome de Magno, quando diz que se chamará Filho de Deos; e que ha de reynar; porque como ao Filho de Deos,

Castil.  
de Or.  
nat. il-  
lar. 216.  
n. 66.  
pag. 361

Apoc. 1.  
5.

Luc. 2.  
32.

Deos; que he o Verbo, se attribue a sabedoria, o mesmo foy dizer que seria Grande, e teria o renome de Magno, que considerá-lo Rey, e Sahio. Mas quando? Quando o considerava no ventre de Maria, e della nascido:

Ibid v. 31. *Ecce concipies in utero & paries filium;* para nos dar a conhecer, que do ventre da Mãy já trazia consigo toda a sciencia, e sabedoria, para se chamar Grande, e appellidar Magno: *Hic erit Magnus.* Não deixemos o Bautista, e passemos do parto de Maria para o parto de Isabel.

Tambem por Grande, e com o renome de Magno, foy anunciado o Bautista a Zacharias:

Luc. 1. 15. *Erit Magnus;* e que desde o ventre de sua Mãy seria cheyo do Espírito Santo: *Et Spiritu*

*Sancto replebitur adhuc ex utero matris sue.* Já todos sabem, que do Espírito Santo he proprio comunicar-se por meyo dos seus dons. E quaes são os dons do Espírito Santo? He a sabedoria, entendimento, conselho, &c.: *Sapientia, intellectus, consilium* &c., e cheyo o Bautista de tanta sabedoria (com a devida proporção, que ha entre Christo) desde o ventre de sua Mãy: *Replebitur adhuc ex utero matris sue,* oh como lhe vem adequado o renome de Magno: *Erit Magnus!* Não sey se Hugo Cardéal estaria no meu pensamento, quando, commentando aquelle: *Ex utero matris;* disse q̄ a Mãy do Bautista era a sabedoria, e a sabedoria de Deos: *Mater Joannis est sapientia Dei.* Hug. Porêm, passando agora <sup>ibi.</sup> de hum Joaõ a outro Joaõ:

João: se o Bautista foy nomeado por Magno: *Magnus erit*; porque não será chamado D. João o Magno o nosso Monarcha D. João o V. ? Se ao Bautista lhe deo aquelle renome o Anjo, por ver que a fabedoria do Bautista nascera com elle do ventre de lua Mãy: *Ex utero matris*; vendo nós que o nosso Monarcha defunto trouxe o dom da fabedoria do ventre materno, ( como supponho pelos seus prudentes, e sabios dictames) porque lhe havemos negar esse renome ? Finalmente: se o Bautista foy nomeado por Magno, porque a mesma fabedoria foy a sua Mãy: *Mater Joannis est sapientia*; porque não será também nomeado por Magno o nosso Monarcha, se a lua Mãy foy a mesma fabedoria: *Ma-*

*ter Joannis est Sophia* ? Verdadeiramente, que se não pôde negar ( le he certa a tradiçãõ, e noticia, que chegou a esta America, a qual fi: que na fé dos relatores ) não se pôde negar, que tão grande fabedoria foy portentosa; pois, segundo referem, acharãõ os Anatomicos na cabeça do nosso Monarcha defunto mais abundante cópia de cerebro, do que se costuma achar nos mais homens; indicio certo de mayor entendimento: e muito mayor indicio de ser esse entendimento, e fabedoria com elle nascido, por ser esse cerebro no ventre da mesma fabedoria organizado: *Mater Joannis est sapientia*; *Mater Joannis est Sophia*.

Blazone já agora muito embora Salamaõ de que foy amante da  
 (ciencia,

D. Maria Sofia Mãy del Rey D. João V.

Sap. 8.  
2.

sciencia, e sabedoria; e que por isso a buscara desde moço, desejando estar mui casado com ella: *Hanc amavi, & exquisivi à juventute mea,* (falla da sabedoria) *& quesivi sponsam mihi eam assumere:* blazone muito embora digo; porque fica muito a perder de vista, à vista do nosso Monarcha defunto; porque Salamaõ, se a desejou: *Hanc amavi,* só com os desejos se vio, e o nosso Monarcha a logrou: se Salamaõ a buscou desde moço, o nosso Monarcha a possuio nascendo: e se Salamaõ em fim a pertendeo por esposa: *Quesivi sponsam mihi eam assumere,* o nosso Monarcha defunto a reconheceo por sua verdadeira mãy: *Mater Joannis est sapientia: mater Joannis est Sophia.* De huma tal mãy. que se

podia esperar, senaõ hum tal Filho? De huma taõ vasta, e ampla sabedoria, que se podia colher, senaõ hum taõ Sabio Monarcha, o qual; com os documentos da sua propria sciencia, e conselho, soube de tal sorte governar o seu Reyno, que pôs em assombro ao Mundo: *Mirati sunt universi,* ao mesmo tempo, que pôs em quietação, e tranquillidade ao seu Reyno, e Vassallos; sendo elle a defensa de seus Vassallos, e escudo de seus subditos o seu grande entendimento; pois por elle se pôde dizer, que hum Rey sabio he a fortificação, e defeza de seu Reyno: *Rex sapiens stabilimentum populi est.* Testifi- que-o Portugal, e diga-o o Mundo todo: [a pezar da inveja, e do assombro) que Rey, ou que

Sap. 6.  
26.

que Monarcha soube como D. João V. conservar em paz o seu Reyno, ao mesmo tempo, que se abrazava toda a Europa em sanguinolentas batalhas? Ao mesmo tempo, que todas as Potencias delem-bainhando as espadas huns contra os outros, se via derramar de parte a parte o sangue Catholico com horror da natureza, e dor da Chriſtandade? Mas que? O nosso Monarcha, embainhando por estaõ a espada, desembainhou tãõ a espada de Mineira, e com a espada da sua grande sabedoria, e entendimento defendeo aõ seu Reyno, e aos seus Vassallos, com tal industria, que recebendo de todas as Potencias da Europa Embaixadas, para que se declarasse por alguma das partes, nunca o fez, sa-

hiamente mostrando-se portodas as partes indifferente. Maravilha verdadeiramente rara vez conseguida, e de muy poucos imitada! Já nos hia tardando o Bautista.

*Miserunt Judæi ab* <sup>Joan. 1.</sup>  
*Jerosolymis Sacerdotes,*  
<sup>19.</sup>  
*& Levitas ad eum, ut interrogarent eum: tu quis es? Mandáraõ os Grandes, e Potentados de Judæa os seus Embaixadores ao Bautista, para que se declarasse, de que parte era, ou quem era: Tu quis es? Mas o que responderia o Bautista a estas Embaixadas? O que? O que lhe dictava a grande sabedoria, de que era adornado. Com a indifferença respondia o Bautista. Perguntavaõ-lhe huns, se elle era Elias: *Elias es tu?* Com hum *Non sum*, respondia o Bautista: *Et dixit non sum*; naõ se de-*

declarando que era da parte de Elias. Outros lhe perguntavaõ se era algum Profeta, ou se era da parte de algum dos Profetas, ou fosse Jeremias, ou Itaias, ou outro qualquer: *Propheta es tu?* Mas o Bautista com o mesmo *Non sum* se ficava na mesma indifferença: *Non sum*. Em fim, por mais que instavaõ os Embaixadores, e cada hum em particular, não cõlbiaõ outra resposta, mais que o *Non sum*; athè que delengañados lhe disseraõ se declarasse, para que com a resposta satisfizessem aos seus Grandes, e Mayores, que os tinhaõ enviado: *Dixerunt ergo ei: quis es, ut responsum demus his, qui miserunt nos? Quid dicis de te ipso?* Aqui respondeo ultimamente o Bautista: dizei-lhes, que eu sou huma voz: *Ego*

*vox*, e voz de Deos, como commenta Hugo: *Hug. hic. Vox Verbi*. E isso, que se passou com o Bautista, não foy o mesmo, que se passou com o nosso Monarcha defunto: Lancemos os olhos por toda a Europa, quando entre os Potentados della ardia mais o furor da guerra; eis-ahi vem ao nosso Monarcha Embaixadores de todas as Potencias. Chega e Embaixador da Alemanha, ou do Imperio, e em nome do seu Monarcha lhe pergunta, de que parte he o nosso Monarcha: *Quis es tu?* Por ventura fois Imperial na parcialidade: *Germanus es tu?* Mas o nosso Rey com hum *Non sum* se mostra indifferente. Chega outro Enviado de França, e em nome do seu Rey lhe pergunta: *Quis es tu?* Quem fois vós, ou para onde se.

le inclina Vossa Magestade? Sois por ventura Francez no sequito das armas: *Francus es tu?* Com outro *Non sum* lhe responde o roffo Monarcha: *Non sum*; e assim a cada hum dos Enviados das outras Potencias satisfazia á pergunta: *Quis es tu?* com a resposta de *Non sum*. Em fim, defenganados lhe perguntaõ todos, e cada hum dos Enviados: E pois, Senhor, declarai-nos que resposta havemos dar aos nossos Soberanos, de quem fomos Enviados, acerca deste negocio; de vos declarares quem sois na propensaõ: *Quis es tu, ut responsum demus his, qui miserunt nos? Quid dicis de teipso?* Eu [responde a todos o nosso Monarcha] eu sou a voz do meu Reyno: *Ego vox*. Eu sou a voz do Reyno de Christo:

*Ego vox Verbi*. Eu sou D. Joaõ o V. Rey de Portugal, que tambem he o Reyno de Christo: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire: Ego vox Verbi*; eu sou a voz do Verbo, a quem compete a Sabedoria. Eu sou hum Rey Sabio, que dirijo o meu Reyno pela direcção, e voz da Sabedoria, porque a Sabedoria he a minha voz: *Ego* <sup>Hug.</sup> *vox: Vox significat intel-* <sup>hie.</sup> *lectum.*

E desta sorte, e com esta indifferença trouxe em socego ao seu Reyno, e pôs em admiração aos Estranhos; porque como Sabio, e tão Sabio, que era, penetrava todas as razoes, e proposas, que se lhe offereciaõ, por mais occultas, e palliadas, que apparecessem; e como as conhecia, não era necessario que uzasse das

das armas, quem sabia valer-se do entendimento: e deste modo, vencendo mais com o entendimento, do que com as armas, se fazia lugar no coração de todos; porque como viaõ que lhes decifrava os intentos, todos se davão por vencidos da sabedoria de taõ grande Monarcha, e applaudiaõ aquillo mesmo, que naõ desejavaõ. A indiferença, he verdade, segundo o testimonho, que he huma inimizade manifesta: *Qui non est mecum, contra me est*: mas que me importa que as demais Potências o julgassem assim, se viaõ que naõ podiaõ com elle medir as armas, por serem superiores as do nosso Monarcha, tanto, quanto vay do corpo á alma, do ferro ao entendimento: *Melior est sapientia,*

*quã virès; & vir prudens, quã fortis*: se bem; que naõ deixavaõ de alcançar, que a indiferença em o nosso Monarcha procedia da innata propensaõ, que tinha para a verdade; e como a verdade he o objecto do entendimento, em quanto mais descobria a verdade aquelle entendimento, tanto mais indifferente se mostrava. Oh Monarcha verdadeiramente Sabio! O Rey sabiamente verdadeiro! E sem duvida, Senhores, que hum Rey taõ Sabio, e entendido, e que assim governou com tanto acerto da prudencia, e sabedoria, naõ era para os limites de Portugal o seu mando, e imperio: a mais terra se devia estender o seu Reynado; porque a mais Mundo se podia estender a sua sabedoria. Porque

K hum

Luc.  
21. 29.

Sap. 7.  
31

hum Rey tão dotado de sciencia, merece ser Monarcha de todos os mais Reys do Mundo: hum Monarcha tão Sabio, que por antonomazia lhe he devido o nome de Sabio, merece, e se faz digno das demais coroas do mundo.

Lá divizou a Aguia dos Evangelistas no seu Apocalypsea hum mysterioso Cavalleiro, que trazendo na cabeça muitas coroas: *In capite ejus diademata multa*, trazia escrito por diviza de suas façanhas esta letra, que dizia: *Rex Regum, & Dominus dominantium*, Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores. Notavel Cavalleiro por certo! Porêm muito mais notaveis as coroas, com que vem adornado, e a letra, com que se inculca tão amplo no dominio, e na Monarchia! E de

donde lhe veyo aquelle titulo, e com que titulo possuia tantas coroas? Ora elle parecia ser homem de razaõ; porque trazia outra escriptura, pela qual declarava o grande dominio, que tinha sobre todos os Reynos, e sobre todas as coroas. E que escriptura era esta? Era a escriptura do seu nome: *Habens nomen: scriptum... & vocatur nomen ejus. Verbum Dei.* Dizia a escriptura; em que estava possto o seu nome, que elle se chamava a Sabedoria de Deos. Bem: e Monarcha de tão grande nome na sabedoria, Rey tão sabio; que só pela sabedoria se dá a conhecer por mais sabio, que todos os Monarchas da terra; elle sim terá Rey, porêm hum tal Rey; que domine a todos os mais Reys: elle sim terá a sua pro-

própria coroa, porêm ha de se adornar de muitas coroas: *Rex Regum, & Dominus dominantium: in capite ejus diademata multa*; para que se conheça, que hum Monarcha, que logra o nome de Sabio, ou he Sabio de nome, logra por justo titulo o titulo de Rey sobre todos os Reys; e que, além da própria coroa, merece ter com as demais coroas adornado: *Vocatur Verbum Dei; Rex Regum, & Dominus dominantium; in capite ejus diademata multa*. Vamos agora com o nosso Bautista.

Tambem o grande Bautista foy visto Rey sobre os todos os Reys; e com dominio não só sobre hum Reyno, mas sobre todos os demais Reynos: *Ecce constitui te super Reges, & super Regna*; e tambem

trouxe o seu nome escrito: porêm quem nos ha de dar delle informação, ha de ter Zacharias seu Pay, que foy o Escrivão, que o elcreveo: *Scriptit. E que nome foy? Propheta Altissimi vocaberis*. Diz Zacharias, que o nome do Bautista era huma Sabedoria Altissima. Pois então, se o Bautista tem tão grande nome, e he dotado de huma Altissima Sabedoria: *Propheta Altissimi vocaberis*; de razão he que appareça Rey, não sobre hum só Reyno, mas sim que domine todos os demais Reynos, e Reys: *Ecce constitui te super Reges, & super Regna*. E descendo agora de hum Joaõ para outro Joaõ; vendo nós que o nosso Monarcha defunto foy dotado de tanta sabedoria; que excedeo a todos os demais Reys;

porque não diremos que foy Rey sobre todos os outros Reys; e quem, além da própria coroa, se devia adornar com as demais coroas? Elegantemente em hum Epigramma diz o Padre

Antonio dos Reys da Sagrada Congregação do Oratorio, cantando da sabedoria do nosso Monarcha defunto, que elle fora o Rey mais sabio, e douto, que tinha tido Portugal.

Lib. 5.  
Epig.  
81.

*Tot, quot in his regnis vixerunt: doctior  
extas*

*Regibus; haud miror: Filius es Sophie.*

Disse bem; porém disse pouco, e poderia estender-se a mais, e dizer que foy o mais sabio, que teve o seu seculo, se não quizesse dizer o Mundo todo; e assim será bem que digamos: *Tot, quot in hoc mundo vixerunt: doctior extas Regibus;* pois que mereceo a coroa de todos os Reynos do Mundo, que os soube conquistar com a virtude do seu entendimento, e rara sabedoria, de que foy adornado, deixando

nome á posteridade: e porque tambem não faltasse a circumstancia de o trazer escrito, bem he que o leamos os Portuguezes, para nossa mayor ternura, no seu proprio nome: bem he que lêa Portugal no mesmo nome do seu Monarcha a tua confissão, e a sabedoria de tão desejado, e suspirado Rey; pois nelle temos que renovar o sentimento, e admittir o allivio: renovar o sentimento pela perda de hum tão sabio

Mo-

Monarcha, é admittir o allivio, pela confissão que fazemos de suas prendas. He pois a letra o mesmo nome do nosso Monarcha: João o V. ; he o seu nome, que no idioma Latino se diz: *Joannes Quintus*; e pelas letras do proprio nome, simbolicamente tomadas, cada huma de per si, vejamos o que diz este nome: consta pois de sette letras, este nome: *Joannes*, e de outras sette letras, consta este outro: *Quintus*; as quaes fazem quatorze todas por junto: *Joannes Quintus*. Agora notay. A primeira letra, q̄ he o I, diz *Imperatorium*; a segunda, que he o O, diz *Orbis*; a terceira, que he o A, diz *Adhuc*; a quarta, que he o primeiro N, diz *Nullus*; a quinta, que he o segundo N, diz *Nostros*; a sexta, que he o E,

diz *Ecce*; a settima, que he o S, diz *Sapientior*. Athéqui o nome de Joãõ: *Joannes*; cujas dicções todas, juntas, e unidas dizem assim: *Imperatorum Orbis adhuc nullus nostrorum extitit sapientior*; que, vertidas em Portuguez, querem dizer: dos Monarchas do Mundo ainda nenhum foy mais Sabio, que o nosso. Assim o confessa Portugal, e assim o pôde ler, no nome do seu Sabio Monarcha: *Imperatorum Orbis adhuc nullus nostrorum extitit sapientior*. Isto diz só o nome de Joãõ: *Joannes*. Vejamos agora o que diz este nome: *Quintus*; e assim continuando:

A outra letra, (é vem a ser a primeira em ordem a este segundo nome) a oitava, letra, he o Q, e diz *Quia*; a nona, que he o V, diz

*Viribus*; a decima, que he o I, diz *Intellectus*; a undecima, que he o N, diz *Nixus*; a duodecima, que he o I, diz *Totum*; a terciadecima, que he o V, diz *Univerſum*; aquartadecima, e ultima, que he o S, diz *Subegit*. Isto diz o nome *Quintus*, cujas dicções todas juntas, e unidas, dizem assim: *Quia viribus intellectus nixus totum univverſum ſubegit*; que em Portuguez. verdadeás querem dizer: que ſujeitou a todo o univverſo com as grandes forças, ou á força do ſeu grande entendimento: *Quia viribus intellectus nixus totum univverſum ſubegit*.

Ajuntemos agora huma couſa com a outra, o nome com o sobrenome: *Joannes Quintus*, e lêa-mos as dicções de ambos por junto: eis aqui *Joannes*

*Quintus*, q̄ he o nome do noſſo Monarcha defunto, o qual por inteiro inclue em ſi, e quer dizer: *Imperatorum Orbis adhuc nullus noſtro extitit ſapientior: quia viribus intellectus nixus totum univverſum ſubegit*. As quaes no noſſo idiommo dizem assim: dos Monarchas do Mũdo ainda nenhum foy mais ſabio do que o noſſo; porque ſujeitou a todo o univverſo á força do ſeu grande entendimento, e ſabedoria. Eſta he a letra, que traz por diviſa o noſſo Sabio Monarcha defunto; e isto he o que lemos para despertar nas noſſas memorias a laudade; e isto he o que dizemos os Portuguezes para allivio da noſſa magoa, confeſſando huma, e muitas vezes, que o dom da Sabedoria, que nelle reſplandeceo, ſervio de aſſombro ao Munda

Mundo ; e de pasmo a todo o Univerſo , pelo immortal nome , que adquirio , e hoje deixa :  
*Joannes est nomen ejus : Mirati sunt universi : Joannes, id est, gratia.*

Estamns na segunda parte da nossa funebre Oraçaõ, na qual temos que tratar do coraçã do nosso Monarcha defunto ; porque a sabedoria não só attende ao entendimento ; tambem respeita á vontade. E sendo o nosso Monarcha defunto taõ assignalado no entendimento, como poderia deixar de ser igualmente assignalado na vontade, quando elle tinha vontade, ou coração igual ao seu entendimento. Que ter hũ entendimento bom, com huma má vontade ; he saber obrar mal ; e ter huma boa vontade com hum máo entendimento, será obrar bem,

mas sem saber o que obra. Porém ter igual entendimento, e igual vontade ; ter a vontade boa ; e bom o entendimento, isso he ter o entendimento na vontade, e a vontade no entendimento : isso he obrar o que entende, e entender o que obra. Isso he ser hum Sabio assignalado.

David, que foy hum Rey muy Sabio, e entendido, dizia huma vez assim fallando com Deos : Senhor, vós nos assignalastes com o lume do vosso rosto ; e influistes alegria no meu coração :  
*Signatum est super nos* <sup>Psalm:</sup>  
*lumen vultus tui, Domine,* <sup>4.7.</sup>  
*dedisti letitiam in corde meo.* Pelo lume do rosto de Deos se entende o entendimento : *Vultus Dei dicitur ratio;* disse Hugo ; e foy como se dissera David : Senhor, vós me fizestes

hum Rey de assignalado entendimento; e me infundistes no coração alegria. Reparo neste modo de fallar de David. E pois dizeis David que vos assignalou Deos no entendimento, e fallais no plural: *Super nos*; e entãõ, quando fallais, que no coração vos infundio a alegria, fallais no singular: *In corde meo*. Já que fallais no plural, quando fallais no entendimento: *Super nos*; fallay tambem no plural, quando fallais no coração: *In cordibus*; e se haveis de fallar no singular, fallando no coração: *In corde meo*; fallay tambem no singular, quando fallais no entendimento: *Super me*. Oh deixem, que David fallou aqui com o entendimento no coração, ou com o coração no entendimento: David quiz mostrar, que

tanto o entendimento, como o seu coração eraõ iguaes; e por isso fallou daquelle modo: *Signatum est super nos*; (explica Hugo) *id est, in superiore parte nostri, id est, in anima*; diz o Douto Cardeal, que fora David assignalado de entendimento na parte superior do homem, que he a alma; e como a alma inclue em si tanto o entendimento, como a vontade, ou o coração; por isso quando falla no entendimento, falla juntamente no coração. Ou se naõ, digamos, que fallou aqui David com Deos em nome do seu coração; e do seu entendimento; para nos dar a entender, que quando Deos o fazia hum Sabio assignalado; o fazia de hum coração igual ao seu entendimento: *Signatum est super nos lumen vultus*

*tus tui; Domine vultus Dei dicitur ratio: signatum est super nos, id est, in anima.*

Entendo que Salamaõ, chamado o Sabio por antonomazia, aprendeo de David seu Rey esta doutrina, quando pedindo a Deos a sabedoria, para julgar, e reger, que pertence ao entendimento, só lhe fallou no coração: *Dabis ergo seruo tuo: cor docile; ut populum tuum iudicare possit inter bonum & malum;* como quem sabia muito bem, que pouco importava para ser sabio ter grande entendimento, se não tivesse esse entendimento igual ao coração. Do Bautista, a quem sempre seguimos, diz o Evangelista Mimoso q̄ era huma tocha; que igualmente ardia, e luzia; luzia pelo entendimento, e ardia pela vanta-

de: *Ille erat lucerna ardens, & lucens;* tendo aquelle, & o fiel da balança, em que o Evangelista pezou a igualdade daquelle coração ardente: *Ardens,* com a grandeza daquelle luzido entendimento: *Lucens.*

E se agora medirmos tambem o coração do nosso Monarcha defunto com a sua grande sciencia, e entendimento, acharemos, sem duvida, que se grande foy o entendimento, grande foy igualmente o coração, ou vontade. Se gundo huma relação; que passou de Lisboa a estas partes, contaõ, que assim como na cabeça do nosso Rey defunto acharaõ os Anatomicos mayor porção de cerebro; do que se costuma achar nos demais homens, assim tambem lhe descobriraõ no peito

Joann.  
5. 35.

3. Reg.  
c. 3. v.  
9.

peito hũ coração mayor, e mais dilatado, do que são commūmente os mais. E sendo assim, e que mayor porção de cerebro he indício de mayor entendimento, e de mais perfeita vontade o coração mais amplo, e dilatado; bem se deixa inferir; que achando-te no nosso Rey defunto mayor, e mais dilatado coração no peito, mayor, e mais abundante cópia de cerebro na cabeça; que além de exceder aos demais no entendimento, e coração, era o seu coração, e vontade igual ao seu entendimento. Demais, que não podia deixar de ser grande; e muito grande o coração de hum Monarcha, que em tudo soy tão pio, e amante de Deos, que sempre se ajustou com os seus Divinos preceitos. David em tudo

piadoso, em hum dos seus Psalmos diz, que o seu coração se lhe fizera, ou desfizera, como cera no meyo do seu ventre: *Factum est cor meum, <sup>Psalm:</sup> tamquam cera liquefscens <sup>21. 15.</sup> in medio ventris mei.* E pois o coração de David he tão grande, que lhe chega ao meyo do ventre? Assim soa no material das palavras; porém fallará em outro sentido David; mas como o assimilhou á cera, symbolo da piedade pelo brando, e enternecido; por isso materialmente o encarece tão grande; e dilatado: *Factum est cor meum tamquam cera liquefscens in medio ventris mei.* E no Psalmo 118, fallando outra vez no seu coração, ouço estar com Deos de todo o seu coração assim fallando: Eu corri, Senhor, e segui o caminho dos vossos mandamentos; quando

quando vós me dilatastes o coração: *Viam mandatorum tuorum curri, cum dilatasti cor meum*, medindo a grandeza do coração pela guarda, e observancia dos preceitos de Deos. Não deixemos o Bautista.

Tambem o Bautista, que tanto seguio, e guardou os caminhos, e preceitos de Deos, como quem foy cheyo do Espírito Santo para esse fim, e ministerio: *Spiritu Sancto replebitur*; por isto melmo, que os observou, tambem teve hum grande, e dilatado coração: *Erit Magnus*, cõmenta Hugo, *non virtute corporis, sed animi magnitudine*. E passando de hum João a outro João; bastava para o nosso Monarcha defunto ter hum grande, e dilatado coração, o observar (como ob-

servou) os caminhos do Senhor, que são os seus preceitos; e a piedade grande, com que sempre viveo; pois foy tal a sua piedade; e tal a observancia; e guarda dos mandamentos de Deos, que bem parecia ser dirigido pela mão do Omnipotente: bem parecia, que na mão de Deos estava o seu coração.

*Cor Regis in manu Domini: quocumque voluerit, inclinabit illud.*

Diz Salamaõ nos Proverbios, que o coração do Rey está na mão do Senhor, e que o ha de inclinar, e dirigir para onde quizer. Falla aqui o Espírito Santo por Salamaõ de qualquer Rey indeterminadamente. Mas oh! e quantos Reys, e Monarchas tem havido, que se não deixaram dirigir pela vontade de Deos, não pondo, e

entre-

Luc. 1. 15. latado coração: *Erit Magnus*, cõmenta Hugo,

Hug. hic. *non virtute corporis, sed animi magnitudine*. E passando de hum João a outro João; bastava para o nosso Monarcha defunto ter hum grande, e dilatado coração, o observar (como ob-

entregando nas mãos de Deos os seus corações! Diga-o Saul, e outros muitos Reys de Israel, quam longe estiverão de seguirem as Divinas direcções, e vontade Divina; quam longe se puzerao a si, e seus corações da poderosa mão de Deos. Ora eu tuido que este Rey, ou que o coração deste Rey, de quem falla Salamao, só deve ser o do nosso Monarcha defunto. Não percamos de vista ao Bautista.

Do Bautista diz o Evangelista S. Lucas, que estava elle, e o seu coração na mão de Deos: *Manus Domini erat cum illo*. E isto porque? Pela expectação grande, que nelle tinha o povo de Judéa, quando chegasse a ser homem: *Quis putas puer iste erit?* E se só pela expectação, que tinhaõ de futuro os

povos de Judéa no Bautista, chegou o Evangelista a dizer, e afirmar, que o Bautista, ou o seu coração estava na mão de Deos: *Etenim manus Domini erat cum illo*; como não afirmaremos nós, que muy particularmente estava nas mãos de Deos o coração do nosso Monarcha defunto, vendo com nossos proprios olhos; não o que seria de futuro, mas sim o que estava sendo de presente; desenganando-nos com a experiencia das suas boas obras, e virtudes a inclinação, que tinha para fazer a vontade de Deos aquelle coração: *Cor Regis in manu Domini: quocumque voluerit, inclinabit illud*. Verdadeiramente, que tanto o Bautista, o como o nosso Monarcha; cheyos de zelo, e piedade, seguindo os caminhos

Luc.  
1. 66.

minhos de Deos; forão por Deos dirigidos para os maiores empregos da vontade; como os que tinhaõ o coração entregue nas mãos de Deos: *Cor Regis in manu Domini*, obrando o que Deos queria, e inclinando-se á sua vontade: *Quocumque voluerit, inclinabit illud*. No coração do nosso Monarcha quantas vezes ardendo o amor de Deos, se enternecia pelos peccados do mundo, desejando que todos se salvassem; guardando os Divinos preceitos, fazendo por esse motivo o que Deos queria, e obra-va o Bautista.

Lançaý para o Jordaõ os olhos, e vereis alli ao Bautista. pré-gando penitencia por toda aquella Regiaõ, levado do zelo; e piedade, que lhe influa Deos de salvar as almas: *Venit in*

*omnem Regionem Jordanis prædicans Baptismum, pœnitentiæ, in remissionem peccatorum*. Olhay tambem, para o nosso Portugal, e para todas as Regioens do leu Dominio, e vereis tambem o nosso Monarcha pré-gando por mey dos seus Missionarios penitencia incansavelmente, só movido da piedade, e zelo da salvaçaõ das almas; e com tanto mais excesso ao Bautista, quanto vay de huma Regiaõ: *In omnem Regionem*, ao Mundo quasi inteiro; aonde tem os seus Dominios: em Portugal, na Azia, Africa, e America, sendo taõ repetidas as Missões por mandado deste piedoso Monarcha, que trazendo actualmente esta Provincia dous Religiosos Missionarios, assim pelas partes da Bahia; cabeça deste novo Mundo, comq

cômo pelas de Pernambuco; com tudo, sendo só treze os Conventos desta Provincia; achavaõ se por repetidos annos vinte e seis Missionarios actualmente desta Serafica Ordem, e Provincia, sahindo de cada Convento dous Obreiros Evangelicos; que penetrando o mais recôdito destes Certões; e atravessando o mais fragozo das suas serranias, e montanhas, hiaõ conquistando para Deos outros tantos Mundos, quantos se avaliaõ pelo dilatado destas terras; e isto sem fallarmos em outrôs Missionarios das demais Sagradas Religioens, que se achaõ neste Pernambuco, que em todos; e em cada hum prégava o nosso defunto Monarcha penitencia: *Prædicans baptismum pænitentiae.* E desta piedade, e Catho-

lico zelo bem se 'dêixa inferir a devoçaõ, que tinha ao estado Ecclesiastico, aquella vontade em tudo emula, e competidora do Grande Bautista, fazendo, e edificando o que lhe punha, e inspirava Deos no coraçãõ, para gloria do mesmo Deos. Mas o que fazia? Vamos com o Bautista, e veremos o que obrou.

Lá vio S. Jnaõ no seu Apocalipse sempre mysterioso ( e hoje mais que nunca ) aberta huma porta no Ceo, e ao pònto ouvio huma voz primeira; ou a primeira voz, a qual lhe dizia que subisse, porque lhe queria mostrar o que lhe convinha fazer, ou que se fizesse: *Ecce ostium apertum in Cælo, & vox prima, quam audivi, dicens: ascende huc, & ostendam tibi, que oportet fieri post hæc;* e mostrou-lhe

he primeiramente, o que:  
 Huma Sé posta no Ceo,  
 e huma Personagem col-  
 locada sobre essa Sé:  
*Ecce Sedes posita erat in*  
*Cælo, & supra Sedem se-*  
*dens.* E por final, que  
 essa Personagem, que na  
 Sé estava collocada, e  
 sentada, dava alguma si-  
 milhança á pedra Jaspe,  
 e ao Sardo. tambem pe-  
 dra preciosa: *Qui sede-*  
*bat similis erat aspectui*  
*lapidis Jaspidis, & Sar-*  
*dii.* Vamos por par-  
 tes decifrando a vizaõ.  
 Que porta pois he a quel-  
 la aberta no Ceo, e que  
 voz primeira he a quel-  
 la, que ouvio o Evan-  
 gelista? Pela porta do  
 Ceo se entende a da  
 Igreja: *Cælum est Ec-*  
*clesia militans;* diz, citan-  
 do o parecer de outros, o  
 Padre Silveira; e a quel-  
 la voz primeira, diz o  
 mesmo Padre, por ou-  
 tros, que era o Bautista:  
*Hanc tamen primam vo-*

*cem in Cælo, esse Ioan-*  
*nem Baptistam existimat.*  
 Bem está: Saibamos  
 agora o que queria, que  
 se fizesse, o Bautista?  
 Já disse que huma Sé;  
 e qué Sé era essa, e que  
 Personagem se sentava  
 nella, adornada daquel-  
 las pedras? Diz Aureo-  
 lo, pelo mesmo Silveira;  
 que significava essa Sé  
 huma nova Romana Sé;  
 e quem nella te scotava,  
 hum novo Pontifice:  
*Des Sedes, Ecclesia, in*  
*qua sedet Pontifex:* e  
 a pedra Jaspe huma das  
 preciosas, de que se  
 adornava; significava a  
 misericordia, e poder  
 de absolver peccados;  
 e a outra, que he o  
 Sardo, significa o po-  
 der de reter, e punir  
 estes peccados: *In hac*  
*est Japis virens, nuda mi-*  
*sericordia, potestis scili-*  
*cet absolvendi peccata, &*  
*Sardius rubens, id est,*  
*potestas ea retinendi, &*  
*punien-*

Ibid. v.  
2.

Ibid. v.  
3.

Silveir.  
hic.

Au-  
reol.  
apud  
Silv.  
hic.

*puniendi*, diz, citando a Aureolo, hum Douro Expositor, isto seria em Roma: *sup sup o rora*

Volta y agora a consideraçõ para Portugal, e vede o como a sua primeira voz, o nosso Rey defunto, tanto que vio aberta a Porta da Igreja por meyo do Sũmo Pontifice Romano, logo determinou fazer huma nova Sé, e hum novo Pontifice. A nova Sé, a Santa Sé Patriarchal; o novo Pontifice, o Eminentissimo, e Reverendissimo Cardeal Patriarcha, a imitaçõ do Romano Pontifice, tamhem com poder de abtolver, e reter os peccados, a imitaçõ, e com dependencia, da que disse o Bautista que se fizesse: Vio se mayor conformidade! Vamos continuando, e decifrando a vizaõ. E para isso pergunto: o que mostrou

mais o Bautista, que se havia de fazer; ou o que vio o Evangelista mais nesta factura; e obra do Bautista? Diz elle, que vira tamhem o Arco Iris em roda da Sé, como similhaça de emeraldalda: *Et Iris erat in circuitu Sedis similis visioni smaragdine*. E que significa o Arco Iris com aquella similhaça? O Padre Ribeira com outros, que allega o referido Expositor, diz que significa a misericordia: *Denotare Dei misericordiam*. E que se acha tamhem na Santa Sé Patriarchal, mais que as misericordias do Senhor para bem das nossas almas? Que mais se divitou naquella obra do Bautista? Naõ menos, que vinte e quatro Anciaõs, e vinte e quatro cadeiras; em que se sentavaõ, vestidos de vestidura

Apud.  
Silv.  
hic.

ras brancas, e com coroas de ouro na cabeça: *Et in circuitu sedis sedilia viginti quatuor, & super thronos viginti quatuor seniores sedentes, circumamicti vestimentis albis, & in capitibus eorum coronæ aureæ.* E o que representavaõ estes Anciaõs nesses alfentos assim adornados? Já se deixa ver, que em Roma representará aos Eminentissimos Senhores Cardeacs, e Bispos: porêm em Portugal representa os Excellentissimos Principaes, ou Ministros mayores da Santa Sé Patriarchal. Naõ pareça exposiçaõ livre; porque pelos vinte e quatro Anciaõs nas suas cadeiras, entende Hugo os Maiores na Igreja. *Maiores; scilicet, in Ecclesia.* E Nicolao de Lyra entende os Bispos: *Sunt omnes Episcopi.* Porêm o Pa-

dre Silveira nos adverte, com Santo Agostinho, que este nome: *Seniores* he o mesmo; ou derivado desta palavra, Senhor, a qual soy deduzida de outra Gotica: *Sior*, que na lingua Estrangeira val o mesmo que *Monseur*: *Hinc videtur*, conclue o Padre, *quod vox Hispanica, Senhor, dirivetur à Gotico nomine Sior, quod dominum significat.* E com as coroas de ouro na cabeça, se representaõ as ricas Mitras, com que se adornaõ os Reverendos Monsiures, e a alvura dos vestidos representa nelles a pureza da vida, de que he symbolo a candura.

Que mostrou mais na sua Fabrica o Baptista? Diz o Evangelista que se ouviraõ sahir daquelle Templo; ou Throno, humas vo-

zes, relampagos, e trovoens, e sette lampadas ardentes, que são os sette Espiritos de Deos: *Et de throno procedebant fulgura, & voces, & tonitrua, & septem lampades ardentes ante thronum, qui sunt septem Spiritus Dei* Por estas vozes, relampagos, e trovoens se entendem as vozes dos Pregadores: *Voces sunt Prædicationis*; e pelas sette lampadas, e Espiritos de Deos entende o Cardeal Dominicano os sette Dons do Espirito Santo: *Id est septiformis gratia Spiritus Sancti*. Isto mesmo se acha na santa Fabrica do nosso Monarcha defunto; porque achão-se Pregadores Sapiientissimos, que com o brádo das suas vozes, e efficacia da palavra Divina despedem rayos de ameaço contra os peccados, e jun-

tamente se achão os Dons do Espirito Santo, com que se enriquecem as almas, e se evitaõ as culpas. E que mais mostrou o Bautista na sua Obra? Hum mar como de crystal, e no meyo do assento, e à roda do assento se achavaõ quatro animaes cheyos de olhos. O primeiro leão, o segundo novilho, o terceiro homem, e o quarto aguia, ou cada hum delles com similhanças destes animaes, *In conspectu se lis tanquam mare vitreum simile crystallo, & in medio sedis & in circuitu sedis quatuor animalia plena oculis ante, & retro; & primum animal simile leoni, & secundum animal simile vitulo, & tertium animal habens faciem quasi hominis, & quartum animal simile aquilæ volanti*. Pelo mar de vidro

vidro se entende com-  
mūmente a penitencia:

Hug.  
hic.

*Per mare baptismus*,  
*qui purgat multitudinem*  
*peccatorum*, e na Santa  
Sé Patriarchal não se  
achia a todo o tempo efi-  
te segundo bautismo? He  
sem duvida: vejamos a  
significaçõ dos quatro  
animaes.

Apud.  
Sily.  
hic.

Pelos quatro ani-  
maes se entende no sen-  
tido de Joachim Abba-  
de a Jerarchia Ecclesi-  
astica: *In his animalibus*  
*adumbrari Ecclesiasticam*  
*Hierarchiam*: e que  
mais proprio se pôde  
achar, ou descobrir, do  
que nesta Santa Sé Pa-  
triarchal do nosso Mo-  
narcha defunto? Por-  
que tres são as Jerar-  
chias dos Reverendos  
Conegos da mesma  
Igreja, e a superior Je-  
rarchia de todas he o  
Eminentissimo Senhor  
Cardeal Patriarcha, que  
por si só faz Jerarchia á

parte, e ficaõ sendo qua-  
tro Jerarchias, corre-  
pondentes aos quatro  
animaes: o Texto o dá a  
entender assim; porque  
diz, que no meyo da  
Sé, e á roda, he que se  
achavaõ os animaes:

*In medio sedis, & in cir-*  
*cuitu sedis quatuor ani-*  
*malia*: logo se o do meyo

da Sé com os demais  
fazem quatro, sendo o  
que se senta no meyo  
o Eminentissimo Cardeal  
Patriarcha, elle entra no  
numero dos quatro; po-  
rêm sempre no seo thro:  
no fazendo a mais supe-  
rior Jerarchia: e por if-  
so se representa no pri-  
meiro animal, que he o  
leão, o qual, como  
aqui diz Laureto, re-  
presenta a Fortaleza da  
Igreja: *Designat forti-*  
*tudinem Ecclesie*. As  
primeiras duas Jerar-  
chias; depois do Emi-  
nentissimo Cardeal Pa-  
triarcha, se represen-

Le taõ

taõ .buma no novilho, outra no .homem, e a terceira, e ultima na agnia, que tambem he o ultimo animal. E com muita propriedade; porque como he proprio da agnia ir subindo cada vez mais; tambem da ultima das tres Jerarchias he proprio ir subindo de huma para outra Jerarchia. E todos igualmente cheyos de olhos, por serem estes o symbolo da vigilancia, e cuidado, de que saõ adornados.

Que mais? Diz o Evangelista, que nessa visaõ, que lhe mostrou o Bautista, estavaõ de mais a mais esses quatro animaes cheyos de olhos por dentro, e por fóra, e que as azas de cada hum eraõ leis: *Singula eorum habebant alas fenas, & in circuitu, & intus plena sunt oculis.* Os olhos já se deixa ver

que saõ symbolo da vigilancia; mas o que significarãõ essas seis azas? Hugo Cardeal diz que se entendem por essas seis azas de cada hum dos animaes as sciencias das Escrituras: *Alas fenas, he sunt sciencie Scripturarum.* E cheyos de olhos, para que pela vigilancia prevejaõ, e se denote a cautela, que tem do inimigo: *Ut prævideant, & caveant insidias inimici*, diz o mesmo Hngo. E naõ se acha tudo, vigilancia, e muita sciencia na Sé Patriarchal? Ninguem o duvida.

Teremos mais que ouvir da Fabrica do nosso Bautista? Diz o Evangelista, e eraõ os louvores, que davaõ esses Mitrados Principes, os quaes incessantemente louvavaõ a Deos, e diante d'elle depondo as corças, ou mitras; o aben-

abendiçoavaõ com encarecidos louvores, glorificando-o com muitas honras, e repetidas graças: *Et requiem non habebant dicentes, Sanctus, Sanctus, Sanctus,* e conclusãõ desta sorte: *Dignus es Dominus Deus noster accipere gloriam, & honorem, & virtutem, quia tu creasti omnia, & propter voluntatem tuam erant, & creata sunt.* E não he tudo isto o mesmo, que se vê na Santa Sé Patriarchal, Fabrica do nosso defuncto Monarcha? Tudo isto he, porque tudo isto fazem os Reverendos Conegos, e Monsiures, á imitação daquella, que foy Fabrica do Bautista: e para estes louvores de Deos he que hum, e outro Joaõ, o Bautista, e o nosso Monarcha, quizeraõ; que se fizesse taõ portentosa Obra, para imitação da-

quella; como aquelles, que por terem o coração na mão de Deos, o tinhaõ á sua vontade inclinados. Repatemos agora na conclusãõ dos louvores, que davaõ aquellãs mitradas Personagens: Sois digno, Senhor, e merecedor; de que vos demes todas as graças, e louvores; porque tudo, o que aqui está, he creação vossa, e por amor de vossa vontade he que fomos nós creados, como somos: *Tu creasti omnia; & propter voluntatem tuam erant, & creata, sunt.* Bendito seja Deos, que confessaõ todos a sua creação: e bendito Deos outra vez, que assim podiaõ, depois de lhe render as graças; como fazem, render também as graças a quem foy o Author, ou Promctor da creação de todos; pela sua vontade

L he,

he que foraõ todos creados naquellas altifimas Dignidades: *Propter voluntatem tuam creata sunt.*

Assim se houve naquella famosa Fabrica o nosso piedoso Monarcha, para desempenho da Divina vontade, como quem se dirigia por ella á imitação do Bautista: *Ostendam tibi, que oportet fieri post hæc:* se bem que nesta parte contemplo ad nosso Monarcha com excessos ao Bautista; porque se o Bautista estava cheyo de piedade, e zelo de Deos, e desse zelo, e piedade lhe nacia a veneração da Igreja, não descubro eu que n Bautista traçasse outro Templo, nem se lhe ouvisse mais a voz para outra Fabrica: porém o nosso Monarcha defunto, além da Santa Sé Patriarchal, ainda lhe coube no coração

outra igualmente magnifica, e sumptuosa, que na Villa de Mafra confagrou aos filhos de Francisco meu Padre, ainda se lhe pode ouvir a voz para executar os mandamentos, que Deos lhe inspirava. Ou se não; digamos, que como já o Bautista vivia entre os Serafins no Coo: *Joannes stat, quia amicus stat, quia ardens est, & Seraphim stare dicuntur;* quiz tambem o nosso Monarcha viver cá entre os Serafins da terra, para se enfiar a acabar como Serafim. E certamente, que naquelle magnifico Convento pela continuada assistência; que nelle fazia; chegou a ter hum coração de Serafim. Sim: porque se os Serafins taõ incendios no amor de Deos: *Serafim plenitudo amoris;* alli se encheo tanto do amor de

Deos,

S. Bernard.  
na d.  
de Verbo, H.  
p.  
Serm.  
1.

Deos, como pôde de te-  
munhar as acçoens, que  
alli obrava, e exercia,  
seguindo mais á risca,  
e com mayor diligencia  
os preceitos de Deos,  
exercitando-se com mais  
véras na piedade, e ze-  
lo Christão, e tendo  
mais conta com a lau-  
de dos seus, e bem  
espiritual dos demais,  
do que de sua propria  
vida, como se vio na  
ultima enfermidade, aon-  
de resignado nas mãos  
de Deos, como quem  
tinha posto o coração  
nas tuas mãos: *Cor Re-  
gis in manu Domini*,  
exhortava a todos ao  
amor; que a Deos de-  
vemos, e a todas as vir-  
tudes, como nascidas  
do coração. Em fim, co-  
mo quem já tinha tanto  
de antes tomado lição  
para aquella hora ulti-  
ma, abrazado no amor  
de Deos, despedindo se  
dos sentidos, e penali-

zados filhos, tendo-se  
de antes preparado com  
os Sacramentos Santif-  
simos da Igreja, encõ-  
mendou ao Principe  
Successor, e hoje Rey  
de Portugal, o Reyno,  
dando-lhe aquelles do-  
cumentos, que lhe da-  
ria hum Serafim do Ceo,  
sendo entre todos hum  
delles a sujeição á Igre-  
ja Catholica Romana;  
e com o conhecimento  
claro de que morria, e  
exhortava a vida, e fican-  
do o Reyno triste, e  
luctuoso, os coraçãoes  
taõ quehrados de dor, e  
a voz taõ embergada do  
sentimento, que não  
houve quem pudesse ar-  
ticular palavra, trocan-  
do-se a lingua em olhos,  
e fazendo os olhos o of-  
ficio da lingua, na con-  
sideração de que aca-  
bava o mayor Monar-  
cha da terra, o mais  
sabio Principe do mun-  
do, e o magnanimo Rey

do Universo. E com razão; porque quando hum sujeito, quando hum Monarcha he de tão raras prendas, nem o sentimento pôde deixar de ser menos, ainda que pôde subir a mais, suspendendo-se as melmas lagrimas igualmente cõ a voz, como devemos considerar na Augustissima Rainha, dignissima Conlorte do Rey defunto, e em toda a mais Casa, ~~recaí; a~~ ~~repeno~~ da dor nos demais Vassallos; porque sendo nestes muy grande a pena, fica sendo a outra muito mayor pelas duplicadas razoens: pela commua, e pela particular do parentesco. Vamos com o Bautista.

Morto o Bautista, foram os Discipulos entregar o seu corpo á sepultura, e não diz o Texto que fallaraõ, e nem que choraraõ tambem diz:

*Accedentes discipuli tulerunt corpus eius;* Matth. 14. v. 12.

po-  
rêm eu tenho para mim, e julgo que as vozes felhes embargaraõ á violencia das lagrimas, que derramaraõ: e a razão he; porque depois de sepultarem o corpo do Bautista, foraõ contar a Christo, e dar-lhe parte da morte de teu Mestre: *Et venientes nuntia-  
verunt JESU;* e diz aqui o Pontevel, que derramaraõ muitas, e muy copiosas lágrimas: *Quod non sine uberrimis lacrymis fecisse credendi sunt;* logo ( agora infiro eu ) se os Discipulos do Bautista ausentes do corpo defunto se desfazem em copiosas lagrimas pelos olhos, muito mais o fariaõ tendo-o á vista; como incentivo da mais viva pena. Assim he: reparo agora: Que chorem, tanto os Discipulos do Bautista

na morte de seu Mestre, deforte que as lagrimas lhes embarguem, e suspendaõ as vozes: e que Christo nem huma só lagrima derramasse, nem hum só suspiro em final de dor proferisse! Como pôde ser! Oh deixay, que essa falta de lagrimas, e vozes em Christo, na morte do Bautista, não he falta de amor; antes he excesso da vontade, acompanhada essa de hũa apertada obrigação, q̃ faz o sangue nos corações. E se não, dizei-me: qual he o motivo de tantas lagrimas nos olhos dos Discipulos do Bautista? He a morte de seu Mestre. E qual he a causa de que, chorando elles tanto, não tenhaõ alentos para dar hum só suspiro, e proferir huma voz? He a mesma dor, por ser moy grande, e muy forte. Bem está: logo em quan-

essa dor, for mais forte; e mayor, tanto mayor; e mais forte ha de ser o seu effeito, na suspensaõ das operaçoens sensitivas: e como Christo sentio mais que os Discipulos a morte do Bautista; porque desfazense naquelles a dor em lagrimas, lhes tapava a boca para os suspiros: ló em Christo, nem pelos olhos, nem pela boca se desaffogava a dor. Era o bautista aquella tocha luminosa, e ardente: *Ille erat lucerna ardens, & lucens*, constituido por Sabio Rey, entre todos os Monarchas: *Ecce constitui te super Reges, & Regna*, com huma vontade tão ampla para Deus, que se dirigia pela sua vontade. Estas, e outras prendas, que vistes finalizadas, para os discipulos Vassallos de tão sabio Mestre, e sciente

Mo-

Monarcha, e verdadeiro pay de todos; oh que he humã dor sem limite! Mas se sobre estas razoes todas accrescentares ao Bautista a razao de Espoto: *Amicus Sponse*; oh que dor muito mais sem termo, e muito mais sem limite, se he que ainda se pôde dar limite aonde o não ha! Meus Portuguezes, eu não applico o lugar, porque já sabeis, que o nosso Monarcha foy assimilhado ao Bautista, e assim, que o seu Reyno no delle se figura. Só o que digo he, que se a morte ferio sem dor aos nossos coraçoes por nos levar ao mais sabio Monarcha da terra, magnanimo, e piedoso; contra ella nos devemos queixar, por ser a nossa dor excessiva.

Contra ti, pois, ó dura Parca, deviaõ ser

agora as minhas queixas, se me dessem lugar as minhas magoas. Porque, tyranna, te quizera perguntar: para que nos levastes, e roubastes dos olhos hum Monarcha; que era a inveja dos mais Reynos, pelas virtudes, de que o adornou a graça, e dotou a natureza; ficando este Reyno sem Rey, este Hemisferio sem Sol, e todo o Orbe sem luz; porque elle era a luz, era o Sol, e era o Rey? Era o Rey de Portugal, era o Sol dos seus Estados, e a luz de todo o Orbe: luz de todo o Orbe; porque a sua luz a todos chegava: era o Sol dos seus Estados; porque com o calor deste Sol nunca se alliavaõ as sombras; e com o Regimento deste Rey não havia quem competisse, por ser tão sabio, e entendido; por ser dotado de hum tal en-

entendimento, e hum tal vontade, que chegou, e chegará com a fama a aslombiar ao Univerſo, e he o ſeu nome igual á ſua fama: *Joannes eſt nomen ejus; Joannes, ideſt, gratia: diſiſiones gratiarum. Mirati ſunt uniuerſi.* Na falta pois delle, te-nhoreſ, quem nos ha de reger? Quem nos ha de allumiar? Quem nos ha de defender? Ah Par-ca! E como outra vez es cruel! Quem ha de ſubſtituir o lugar do noſſo defunto Monarcha? Não ſey quem poſſa ſer. He neceſſario para encher o lugar de hum tal Monarcha, e de hum tal Rey, e Joaõ, muitos Joaõs.

Baſtarão pois, ſe-nhoreſ, dous Joaõs? Nada: he pouco. E pois baſtarão cinco? Não. Baſtarão dez? Tambem não. Baſtarão vinte?

Ainda não. Baſtarão trinta, quarenta, ou cincoenta? Não, que ainda he pouco. Baſtarão ſeſſenta? Ainda não. Baſtarão ſeſſenta e ſette? Ainda he pouco; porque ainda ſão neceſſarios mais alguns para ſubſtituirem o lugar de hum ló, que he o noſſo Joaõ Rey defunto. Deſpeçamo-nos do Bautiſta. Depois que morreo o Grande Bautiſta, foram ~~mandados~~ me-nos que ſeſſenta e dous diſcipulos, os quaes pelo Mundo evangelizafem, e prégaſſem. E advertem os Expoſitores, que o Bautiſta tinha nelle tempo fallecido: *Designavit Dominus & alios ſeptuaginta duos,* *& miſit illos binos ante faciem ſuam.* Eu não reparo tanto nos Diſcipulos; como na advertencia dos Interpretes; em dizerem que era

Luc. 10

Pon-  
tev.  
hic.

era fallecido nesse tempo o Bautista: *Pro hoc tempore iam idem Joannes vitam cum morte commutaverat.* Pois que tinha ser, ou não ser já nesse tempo fallecido o Bautista? O que? Muito: foy para advertir, que esses settenta e dous eraõ para supprir a hum só Joaõ. Esses settenta e dous Joaõs eraõ para substituir a hum Joaõ só. Reparay que me ilao chamaõ, senaõ Joaõs. Vay a authoridade de Maldonado: *Ut omnes intelligerent* (conclue o Padre) *pro uno Joanne de medio sublato, septuaginta duos Joannes* [reparay bem nesse *septuaginta duos Joannes*] *natos fuisse.* E se para o Bautista, se para aquelle Joaõ, que foy o exemplar do nosso, foraõ necessarios para substitui-lo, naõ menos que settenta e

Apud  
Pontev.  
hic,

dous Joaõs: *Septuaginta duos Joannes*; outros settenta e dous Joaõs nos saõ necessarios hoje: *Septuaginta duos Joannes*; para substituirem ao nosso Rey D. Joaõ: *pro uno Joanne.* Assim parece havia de ser: mas Alviçarás, ó Portuguezes, que aquillo, que haviaõ substituir, settenta e dous Joaõs, ha de substituir, e gozar, como com effeito goza, e substitue hum só Joseph, que por unico he o primeiro. E com muita razãõ; porque só o teu nome está indicando a mesma felicidade: *Joseph, id est, augmentum.* E parece que só hum Joseph Primeiro havia de substituir a hum Joaõ Quinto. Naõ sey se reparais em huma notavel determinação da Igreja Catholica, que ballumiada pelo Espirito Santo nun-

ca pôde errar; a qual  
 há poucos tempos ( não  
 sey, se com os olhos  
 em o nosso Portugal )  
 mandou que S. Joseph  
 nos Breviarios da Igreja  
 se puzesse logo depois  
 do Bautista. O q̄ suppos-  
 to; notay a equivocação  
 fallando em ordem ás  
 Pessoas. Primeiro que  
 tudo são as tres Divinas  
 Pessoas; MARIA San-  
 tissima he a quarta, que  
 se segue; he João o  
 Quinto, que depois de  
 MARIA se conta; bem  
 está; e depois de João,  
 quem se segue? Depois  
 de João, he Joseph o  
 primeiro. He Joseph o  
 primeiro, que se segue  
 depois de João, o quin-  
 to depois de MARIA  
 Santissima, e da Beatif-  
 sima Trindade. Assim  
 vemos em ordem ás Pes-  
 soas, entre aquelle João,  
 e aquelle Joseph; e assim  
 vemos hoje no nosso  
 Portugal em ordem aos

nomes; depois de hum  
 João, o Quinto no nome,  
 hum Joseph. Primeiro  
 do nome. Que bem pa-  
 rece, que só hum tal  
 Monarcha vivo he que  
 podia substituir o lugar,  
 que só deviaõ substituir  
 settenta e dous Joãos;  
 pela morte de hum só  
 João, que hoje chora  
 Portugal, que soy, e  
 será de eterno nome,  
 e fama eterna para a  
 admiração: *Ioannes est  
 nomen eius: mirati sunt  
 universi.*

Oh, e como não  
 menos será feliz Portu-  
 gal com este Joseph;  
 do que soy com aquelle  
 João! pois vejo que  
 lhe recahio a henção;  
 que já em outro tempo  
 recahio a outro Joseph:  
*Deus Patris tui erit  
 adiutor tuus*, dizia Ja-  
 coh a Joseph: o Deos  
 de vosso Pay em tudo  
 vos ha de favorecer, e  
 o Todo poderoso Senhor

Gen.  
49.

vos ha de encher de bençoens celestes; ha de vos abundar tambem com os dons da terra, e com todas as mais graças, e dons: *Omnipotens benedicet tibi benedictionibus Cæli desuper; & benedictionibus abyssi, benedictionibus uberrum, & vulvæ.* Era esta a benção de Jacob para Joseph, e esta será tambem a benção do nosso João Portuguez para o nosso Joseph de Portugal. Queira o Ceo

que, assim como se encherão todas aquellas bençoens em Israel, assim se cumprão neste Reyno. E assim como Deos olhou, e attendeo para aquelle Jacob, para o depositar em o Ceo, assim confio, que tambem attendesse Deos para o nosso Monarcha, e João de Portugal, depositando-o pelos seus grandes merecimentos lá na eterna Bemaventurança. Amen.



S E R M A Õ  
N A S  
EXEQUIAS FUNERAES  
DO SERENISSIMO REY , E SENHOR

D. JOAÕ V.  
QUE POR ORDEM

DO REVERENDISSIMO PADRE PREGADOR

FR. GERVAZIO  
DO ROZARIO

EX-DIFFINIDOR, E BIS-MINISTRO PROVINCIAL  
da Provincia de Santo Antonio do Brazil, se celebraraõ  
no Convento do Serafico Padre S. Francisco, da Cida-  
de da Bahia, capitulando, e cantando a Missa

O M. REVERENDO PADRE PREGADOR.

FR. MANOEL  
DE JESUS MARIA,

Ex-Diffinidor, e Guardiaõ actual do mesmo Convento,

PREGADO PFLO MUITO R. P. MESTRE

FR. JOSEPH DOS SANTOS  
COSME, EDAMIAM,

*Ex-Lector de Prima em a dagrada Theologia, Ex-Diffinidor da  
mesma Provincia, Examinador Synodal do Arcebispado da  
Bahia, e Qualificador do Santo Officio, pelo Supremo Tri-  
bunal da Inquisiçaõ de Lisboa*

Aos 26 de Janeiro de 1751

THE MARRIAGE  
EXERCISES FUNERALS  
OF THE REV. J. H. BROWN

D. JOAO V.  
THE PORTUGAL

F. GER VANTO  
BORROW  
OF THE REV. J. H. BROWN

F. M. A. M. O. H. L.  
THE REV. J. H. BROWN  
OF THE REV. J. H. BROWN

THE REV. J. H. BROWN  
OF THE REV. J. H. BROWN  
OF THE REV. J. H. BROWN



*Regem , cui omnia vivunt , venite adoremus.*

Ex Eccl.



Té agora cuidava eu, que estas canções rituaes, de que uza a Igreja nos Officios, e Exequias, funeraes, eraõ dirigidas a despertar em nós a memória para a compaixão, e sentimentos, e não a infundir alvoroco para a alegria, e applausos: (Soberana, e Augusta Magestade, se já defunta, e morta para o Mundo, como funestamente representaõ as tristes sombras desta Urna; sempre viva, e im-

mortal para os Ceos, onde piamente vos considero já collocado, e glorioso, logrando o premio das acçoens, que neste Mundo obrastes, taõ sublimes, como virtuosas, taõ heróicas; como meritorias; e por isso agora com mayor razão adorado por tanto mais Alto; e tanto mais Poderoso Réy; e Senhor nosso; quanto vay do Ceo á terra.) Até agora cuidava eu, que estas cançoens rituaes, de que usa a Igreja nos Officios, e

Exe-

Exequias funeraes eraõ dirigidas a despertar em nós a memoria para a compaixaõ ; e sentimentos, e naõ a infundir alvoroço para a alegria, e applausos: porêm já estou persuadido que errava no pensamento, pois queria medir, e regular as mortes de todos com a mesma igualdade, sem attender que, assim como ha muitas, que devem ser lamentadas, ~~ainm~~ também ha algumas, que pedem ser applaudidas, e festejadas:

As mortes lamentadas e sentidas saõ daquelles, de quem se ignora o premio, ou, para dizer melhor, o castigo; que lhes está destinado em satisfaçaõ das culpas, que nesta vida cometeraõ ; por cuja razãõ a Igreja nossa Mãe, taõ pia ; como compadecida, applica muitos ;

e diversos suffragios para allivio das penas, que padecem as almas no Purgatorio, para que as mesmas almas alleviadas das penas passem a gozar a Visaõ beatifica de Deos. As mortes, que se devem applaudir, e festejar, saõ daquelles, cujas acçoens virtuosas, e meritorias nos daõ fundamento provavel, e motivo vehemente para piamente arguirmos, e conjecturarmos, que logo, ou pouco depois do seu transito, passaraõ a gozar a melhor vida; que he a eterna; a respeito das quaes diz o Espirito Santo, por boca de Salamaõ, que mais se deve estimar o dia da morte, que o dia do nascimento: *Melior est dies mortis die nati-*

*Eccl.*  
c. 7.

*tatis.*  
E assim naõ será de estranhar: fallo com toda moderaçaõ, e respeito de-

devido aos decretos Pontificios; pois não he meu intento asseverar do nosso Soberano Monarcha defuncto assertiva, e definitivamente o estado da Bemaventurança; nem transcender os termos da credulidade meramente humana; e neste sentido, e com este protesto digo: que não será de estranhar que entre eu a convidar a todo este auditorio tão grave, tão douto, e tão discreto, a que venha adorar o nosso Rey, e Senhor D. João V., nunca mais Augusto, nem mais Soberano, do que quando eternamente vivo, e glorioso: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*: porque se atégora o adorámos na terra como Rey, que nos governou com amor de Pay; daqui por diante o adoraremos no Ceo como Patrono, para nos

proteger, e amparar com zelo, e fervor de Advogado. Esta foy a consolação, em q̄ prorompeo S. João Capistrano, quando teve a noticia da morte de seu Mestre, e Prelado S. Bernardino de Sena: *Magistrum amisi, Protectorem inveni*, consolo-me, que se perdi na terra hum Mestre, e Prelado, tenho agora no Ceo hũ grande Protector e Advogado.

Ferao tantas as acções heroicas, e meritórias, que obrou o nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. João V. nesta vida; pelas quaes se pôde arguir, e conjecturar a possessão da vida eterna, que se me faz impossivel o numerá-las; e só em fuma recopilarey, reduzindo-as a deus generos, ou classes. Quando aquelle Farizeo, presumido de Sathra, e Doutor da Ley,

Chiron:  
P. 5. l.  
l. c. 27.

perguntou a Christo o q̄ havia de fazer para possuir a vida eterna: *Magister, quid faciendo, vitam eternam possidebo*: Respondeo-lhe Christo com outra pergunta! Que he o que manda a Ley: *In lege quid scriptum est*? Vendo-se o Farizeo alcançado, e arguido com esta pergunta, confessou plannamente, que a Ley mandava amar a Deos com todo o coração, e ao proximo como a si mesmo: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & proximum sicut teipsum*. Pois isso mesmo, conclue o Divino Mestre, he o que debes fazer para viveres, e possuires a vida eterna: *Hoc fac, & vives*; porque da observancia destes dous preceitos depende a possessão da vida eterna.

Observeu tanto á

rica estes dous preceitos o nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. João o V., que não haverá quem com razão o possa duvidar. Vejamos o primeiro: todo o cuidado, e desvelo do nosso Soberano Monarcha, fundado no amor de Deos; foy solicitar o mayor culto, e gloria accidental do mesmo Deos; já na creação da Magnifica, e sempre Veneranda Igreja Patriarchal com tantas preminencias para o Eminentissimo, e Reverendissimo Cardeal Patriarcha, e para os Excellentissimos, e Reverendissimos Principaes, e mais Ministros della, que faz admirar o Universo, tanto pela sumptuosidade da fabrica, como pela summa, e excessiva despeza, que faz o Erario Real todos os annos com cada huma dos Prebendados;

dados; já na fundação de tantos Mosteiros Religiosos; já na edificação de tantos Templos, paramentando-os com alfayas muy ricas, e preciosas; já na criação de tantos Bispos na nossa America com rendas muy avantajadas para as suas Dignidades, Conegos, e Capellaens; já finalmente no accrescentamento, assim de novas Prebendas para as Sés do Arcebispado, e Bispos já erectos na mesma America, como de multiplicadas Vigairarias, ou Parochias, para melhor, e mais prompta administração dos Sacramentos aos seus Vassallos nestes paizes tão longinquos, e dilatados, com dispendio muy consideravel da sua Real Fazenda: tudo, para mayor culto, e gloria accidental do mesmo Deus.

Em quanto ao amor do proximo, bem se vio naquella epidemia geral dos vomitos negros no anno de 23, quando, sendo requerido dos Medicos, e instado dos Grandes do Reyno, para se retirar da Corte, respondeu: que não amava tão pouco aos seus Vassallos, que houvesse de assegurar a propria vida, deixando as dos Vassallos expostas a tão manifesto perigo; e assim resolveo a ficar, e buscar todos os meyoys, sem omittir diligencia alguma para livrar o seu povo daquelle contagio; como de facto conseguiu. Passados alguns annos, indo ás Caldas; e vendo as faltas, e necessidades, que nellas padeciaõ os enfermos, mandou fazer hum Hospital espaçoso, e provido de todo o necessario; para que os enfermos de

qualquer qualidade; ou doença, fossem tratados com todo aceyo; e assistidos com todo regalo, sem experimentar a menor falta para a recuperação da saúde.

Sobre tudo, para livrar os seus Vassallos de todos os vexames, e danos, que precisamente se leguem da guerra; assim em prejuizo da saúde temporal, como da espirital, pôs todo o cuidado em conservar o seu Reyno, e Conquistas, em paz, não obstante tantas Embaixadas, e instancias, com que os Reys Estrangeiros o incitavaõ para a guerra, fatisfazendo a huns, e divertindo a outros com varios pretextos, e muitas vezes com copiosas sômas de dinheiro; só por conservar em paz os seus Vassallos. Parece que, desde o dia da sua Acclamação so-

lemne, que foy em o primeiro de Janeiro de 1707, dia oitavo do Nascimento do Menino Deos, quando o Anjo deo aos Pastores aquelle tão grande annuncio, de que era nascido hum Rey, que só havia de cuidar da Gloria de Deos, e da paz dos homens: *Gloria in altissimis Deo, & in terra* <sup>Luc. c:</sup> <sub>2.</sub> *pax hominibus*; tomou o nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. João V. este annuncio Angelico por empreza, e braço do seu Reinado.

Levado eu deste pensamento, quando a obediencia me destinou para Orador destas Exequias; elegi por thema da minha Oração as sobreditas palavras do Anjo, para fazer dellas duas premissas em sôrma de argumento, deixando a consequencia ao arbitrio,

trio: e piedade dos ouvintes, e contentando-me sómente, para elogio do nosso Augusto, e Soberano Monarcha, com o que accrescentou a Igreja ás palavras do Anjo: *Gloria in Altissimis Deo, & in terra pax hominibus: laudamus te, & benedicimus te*: isto he, determinava eu louvar ao nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V. pela gloria, e culto; que tributou a Deos: *Gloria in Altissimis Deo, laudamus te; e dizer, ou rogar-lhe mil bens pela paz; em que nos conservou: Et in terra pax hominibus; benedicimus te*. Mas como esta minha idéa se fez anticipadamente publica, e notoria pela revelação de hum ingrato; e infiel, a quem a communiquey em segredo; me foy preciso retractar o pensamento, e dezistir

da idéa premeditada: e occorrendo-me varios Textos da Escritura para thema, e bracei as palavras, com que a Igreja principia o Invitatorio do officio funereal: *Regem, cui omnia vivunt; venite adoremus*, para com ellas ponderar hũa virtude singular do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V.; a qual comprehendendo simultaneamente o amor de Deos, e do próximo; me dá fundamento efficaç para plenamente o suppôr já glorioso, ou glorificado; e vem a ser a piedade misericordiosa com as almas do Purgatorio.

He esta virtude tão elevada, e relevante, q̃ S. Joaõ Chrysostomo a julgnu pelo melhor assumpto para panegyrico de hum Principe: *Siquis Principem laudare velit, nihil ei adeo decorum*

M adscribet;

Pfal. m.  
144.

adscibet., atque misericordiam: e o Profeta Rey, ponderando os attributos de Deos, deo a primazia sobre todos ao attributo da misericordia: *Miserationes ejus super omnia opera ejus; cuja razaõ assigna Santo Hilario dizendo: Ideo præstat cæteris operibus misericordia; quia magnifica ejus operatio virtutis suæ est, misericordia* ~~verò usus alienus;~~ por isso em Deos a misericordia logra a primazia; porque os mais attributos são creditos da sua grandeza, da sua sabedoria, e do seu poder; mas o attributo da misericordia he o remedio da nossa miseria: e quem poderá negar ser acção mais gloriosa remediar as misérias alheyas; que ostentar os lustres da propria grandeza?

Com esta consideração, dai-me licença,

Principe Soberano, e Rey misericordioso, para omittir, e passar em silencio as acçoens heroicas da vossa grandeza; e só celebrat a excellencia da vossa piedade, e misericordia; admirem se huns da generosidade, com que creastes tantos Bispos, fundastes tantos Mosteiros; e erigistes tantos Templos para mayor culto e gloria de Deos: passem outros do zelo, e amor, com que attendestes á tranquillidade dos vossos Reynos. e Conquistas, conservando em paz os vossos Vassallos; que só a piedade, e misericordia, que usastes com as almas do Purgatorio terá hoje o unico emprego da minha Oração; porque esta virtude, sendo dirigida pelo amor dos proximos mais necessitados, quaes são as almas do

Pur-

Purgatorio, se termina ao amor de Deos, pois he certo, q̄ as almas alleviadas das penas do Purgatorio passãõ a gloriar-se e regozija-se no amor de Deos: Donde fundamentando-me eu na resposta do Divino Mestre ao Farizeo, que na observancia do amor de Deos, e do proximo consistia a possessãõ da vida eterna: *Hoc fac, & vives; venho a inferir que, se morto para o Mundo, para Deos estais eternamente vivo.*

Esta he, Catholico; e discreto auditorio, a razaõ; porque com grande jubilo, e alegria vos venho hoje convidar com o mesmo invitorio da Igreja, que ha pouco ouvistes entoar naquelle Côro, a que festejemos, e rendemos a Deos as graças: *Venite exultemus Domino, jubilemus Deo salutari*

*nostro, præoccupemus faciem eius in confessione, & in psalmis jubilemus ei;* porque nos deo hum Rey, que fazendo viver tantas almas para a eternidade, o adoramos hoje eternamente vivo: *Regem, cui omnia vivunt; venite adoremus.* Está proposta a materia: para discorrer com acerto, e clareza; necessito da Graça; ajudai-me todos a ~~impulso~~ *com a Saudaçãõ Angelica.*

### AVE MARIA

**A** Virtude mais heroica, e meritória, em que se singularizou o nosso Augustlo; e Soberano Monarcha D. Joã V., foy o cordial affecto, e devoçãõ, que teve ás almas do Purgatorio, mandando todos os dias dizer quinientas Missas, repartidas pelas Igrejas de Lisboa;

boa;

boa, de etmola de 240 reis; para que, mediante estes suffragios de taõ Sacrosanto Sacrificio, tivessem as mesmas almas allivio nas penas, que padecem no Purgatorio, e pudessem gozar a vida eterna na clara visãõ de Deos. Em dias particulares de jubileo dobrava o numero das Missas: e houve occasiaõ, em q̃ só de hũa vez mandou dizer tres ~~rele quinhentas~~ Missas, como soy em o anno de 26., tendo noticia, de que se queimara no mar a Náo Capitania da Frõta da Bahia, com todos os homens, que levava; outras tantas mandou dizer no anno de 37. tendo tambem noticia, de que se queimara a Náo da India, chegando ao porto desta Cidade, ainda que escaparaõ com vida muitas pessoas da mesma Náo.

Era este fectõ do

nosso Monarcha taõ cordial, que duas vezes empenhou a sua authoridade, e soberania com a Sé Apostolica a favor das mesmas almas: a primeira, quando impetrou o indulto de celebrarem todos os Sacerdotes dos seus Reynos, e Conquistas, tres Missas em dia da Commemoraçaõ geral dos defuntos, applicadas por suffragios ás mesmas almas: a segunda, quando alcançou a graça, para que todos os seus subditos, que tomassem a Bulla da Cruzada, chamada dos vivos, pudessem tomar tantas Bullas de defuntos, quantas fossem as almas, a quem quizessem applicar as graças, e Indulgencias na mesma Bulla concedidas: e deste modo defvaneceo a opiniaõ vulgarmente recebida, que no mesmo anno não podia

dia pessoa alguma tomar mais de duas Bullas de defuntos. Por esta só virtude tão fructuosa para as almas, ainda no caso, que não tivesse outras tão relevantes, que industriosamente deixo de ponderar, posso piamente arguir, e conjecturar, que o nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V. está gozando a vida eterna em companhia daquellas mesmas almas, que fez viver eternamente; e por isso com grande regozijo entrey a convidar a todo este auditorio, para o adorarmos vivo; e gloriosamente reinante: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus.*

Antes que eu entre a discorrer, quero primeiro mostrar fundada a minha arguição, e conjectura na authoridade do Supremo Oraculo da Igreja. Elcreveo a San-

tidade reinante de Benedicto XIV. ao nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V., quando lhe mandou o indulto das tres Missas em dia da Commemoração geral dos defuntos; e depois de lhe expressar o conceito, e apreço; que fazia das suas Christianissimas virtudes, conclue dizendo-lhe: que só por esta virtude misericordiosa, que usava com as almas no Purgatorio; em summo; e superlativo gráo meritoria; esperava de Deos, como verdadeiro remunerador, que depois da sua morte o havia livrar das penas do Purgatorio; e collocar na Celeste Patria; para viver eternamente em companhia das mesmas almas já gloriosas. Vaõ as palavras do Santissimo Padre: *Ut majestati tue: de majori suffragio Christi fidelibus*

*fidelibus in Purgatorio detentis comparando benemerentissime, post mortalis huius vitæ cursum è Purgatorii pœnis exemptam ad æternæ beatitudinis in Cælesti statione tranquillitatem perducatur.* Pois se o Supremo Oraculo da Igreja, ainda vivo o nosso Soberano Monarcha, firmemente esperava que elle, pela virtude misericordiosa com as almas superlativamente meritória, como denota aquelle termo, *Benemerentissime*, havia de ser livre das penas do Purgatorio; e brevemente gozar a vida eterna; porque razão depois da sua morte, constando que morrera com todos os Sacramentos, e sinaes de predestinado, não poderey eu conjecturar que está ja livre dessas penas; e eternamente vivo? Com razão logo entrey

eu a convidar a todos para adorarmos a nosso Rey gloriosamente vivo, pelo beneficio dos suffragios, com que fez viver a tantas almas eternamente: *Regem; cui omnia vivunt, venite adoremus.*

Comecemos agora a ponderar as circunstancias, que occorrerão; concorrerão, e subseguitarão a morte do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V., para formar o discurso; que será mais academico, que conceituoso; e primeiro que tudo, ponderemos o nome. O nome de Joaõ, segundo a Biblia, interpreta-se pio; e misericordioso: *Joannes, id est, pius, ac misericors*; e adjuncta a diviza do numero quinto, que os antigos consideravaõ favoravel aos defuntos, valendo-se em todos os sacrificios funeraes

Virg.  
Æneid.  
l. 5.

nerces do numero qui-  
nario, como conta o  
Poeta: *Cœdit quinās de  
mere bidentes, totque  
sues, totidem nigrantes  
terga iuvenccs, vīnaque  
fundebat pateris, ani-  
mamque vocabat An-  
chisæ magni, manesque  
Acheronte remissos;* bem  
se vê, que com myste-  
riosa providencia foy  
imposto ao nosso Soberano Monarcha o nome de João V., para denotar o affecto misericordioso, em que se havia singularizar com as almas do Purgatorio,

Com similhante alluzaõ ao mesmo dictame dos antigos, esta minha Oraçaõ, que, a respeito das que tem havido nesta Cidade, he a quinta; trata da virtude especial, em que se esmerou o nosso Soberano Monarcha a favor das almas; pois certamente com esta virtude super-

lativamente meritoria acreditou o mesmo Monarcha o nome de João V., naõ só de Grande, mas de Maximo, como de Josué, diz o Texto Sagrado: *Magnus secundum nomen, maximus in salutem electorum;* e naõ só Grande, e Maximo neste Mundo, mas no outro, onde em companhia das almas ja beatificadas o adoramos gloriosamente vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus;* desorte que, anhelando nesta vida o nosso Soberano Monarcha a salvaçaõ das almas do Purgatorio; soube, sábia; e discretamente, assegurar a sua propria salvaçaõ na vida eterna.

Vejamos este pensamento provado em dous textos de Salamaõ; que, parecendo á primeira vista encontrados, se

Eccles.  
c. 46.

Pro.  
verb.  
cap. 9. c.  
c. 11.

unitormãõ em abono do mesmo pensamento. Falla Salamaõ no Cap. 9. dos Proverbios, e diz que o Sabio, e discreto ha de tratar de si, ou para si: *Si sapiens fueris, tibi metipsi eris*; e no Cap. 11 diz: quem tiver cuidado da salvaçaõ das almas, he Sabio: *Qui suscipit animas, sapiens est*. Quem naõ vê a contradicãõ, ou incõherencia destes dous textos? Se Salamaõ diz no Cap. 9. que o Sabio só ha de tratar de si, ou para si: *Si sapiens fueris, tibi metipsi eris*; como afirma no Cap. 11. que o ler Sabio consiste em tratar da salvaçaõ das almas? Oh que bellamente se conformaõ os dous Textos! E se naõ, vede: o mesmo foy ter o nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joã V. cuidado da salvaçaõ das almas, que

estavaõ retidas no Purgatorio, que cuidar, e tratar de si; porque a mesma Bemaventurança, e Visãõ beatifica; que pelos Sacrificios da Missa sollicitava para as almas do Purgatorio, grangeou, e assegurou para si: e por isso com fé pia, e conjectura muy provavel o adoramos ja glorioso: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*.

Agora se verá a verdadeira intelligencia daquelle texto de S. Joã, assaz difficultoso de se entender: *Qui scit fratrem suum peccare, non ad mortem, petat, & dabitur ei vita*, quem souber que teu irmaõ pecca com o peccado, que naõ induz morte, peça; e alcançará vida. Alguõs entendem este Texto do peccado venial; o qual he culpa, que naõ causa morte, nem

Epist.  
1.  
Joann.  
c. 5.

faz

faz perder a vida espiritual ; mas contra esta intelligencia está o mesmo texto , que diz que peça , e se lhe dará vida: *Petat , & dabitur ei vita*: logo supõem que a perdeo ; e se a não perdeo , não carece q̄ se lhe dê. Admiravelmente Rufense , citado pelo Doutissimo Godoy , o qual explica o Texto das penas , que padecem as almas no Purgatorio pelos peccados nesta vida commettidos , e já perdoados ; porque ainda que com o perdaõ dos peccados receberaõ as almas a vida espiritual da graça , sempre ficou o reato da pena , que se padece no Purgatorio , e impede ás almas o ver a Deos , e viver eternamente : e por isso diz o Evangelista Aguia , que quem orar a Deos pelas almas , que padecem no Pur-

gatorio ; e estaõ como mortas , privadas de verem a Deos , se lhe dará a vida eterna: *Qui scit fratrem suum peccare ; non ad mortem , petat , & dabitur ei vita*.

Bem está : mas a quem se ha de dar esta vida ? aos defuntos ; por quem se pede , ou ao mesmo , que pede ? Respondendo , que tanto ás almas do Purgatorio , como ao mesmo , que pelos Sacrosantos Sacrificios das Missas as allevia das penas , e lhes faz gozar a vida eterna : pois , assim este , como aquellas , participaõ da efficacia daquelle taõ Soberano , e salutifero Sacrificio : e a razão he ; porque o Sacrificio da Missa não só he suffragio para as almas , por quem se applica , mas tambem para o mesmo , que applica : *Sacrificia Deo oblata non animabus*  
tan;

*tantum suffragia sunt, sed etiam ipsi offerenti;* disse o Douro Pontavellense.

Corrobora se esta minha resposta com aquella proposição assertiva de David, em que dizia, que não havia de morrer, mas viver sempre: *Non moriar, sed vivam.* He certo que David não fallava da morte temporal; porque sabia muy bem, que desta ninguém se izença: *Statutum est hominibus semel mori;* logo fallava da eterna; e por isso, humas, e muitas vezes, dizia que esperava não morrer eternamente: *In te, Domine, speravi; non confundar in eternum.* E em que fundava David esta sua esperança? Direy: era David tão compassivo, e misericordioso com as almas dos defuntos, que em todas as occasiões de mor-

taidade, já por causa de peste, já por causa de guerra, mandava fazer muitos suffragios, e Sacrificios pelas almas dos que morrião; *Tibi sacrificabo hostiam laudis, id est, per Sacerdotes hostiam offerentes,* expõem o nosso Lyra: e como conhecia a efficacia destes suffragios; que tanto aproveitava ás almas, por quem se applicava, como á sua propria, que applicava; por isso anticipadamente rendia a Deos as graças; não só porque tinha livrado a sua alma do Inferno, mas porq̃ a tinha salvado das penas do Purgatorio: *Exaltabo te, Domine, quoniam eduxisti ab inferno animam meam; salvasti me a descendentibus in lacum.* Eis ahi em que fundava David a sua esperança; de que não havia de morrer, mas sim viver eter-

Pfalm.  
117.

Paul ad  
Hebr.  
c. 9.

Pfalm.  
30. &c  
70.

eter-

eternamente : *In te, Domine, speravi, non confundar in eternum:: Non moriar, sed vivam.*

Não se pôde dar mais proprio, e adequado original do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V. do que o Rey mais perfeito da Ley Escrita, talhado pelo molde do coração de Deos: *Inveni virum secundum cor meum*; porque se David teve esperança fixa de se salvar, e viver eternamente; porque era cordialmente compassivo, e misericordioso com as almas, e por isso convidava a todos a festejar este dia, e render a Deos as graças, com tanto jubilo, e applauso: *Venite exultemus Domino, jubilemus Deo salutari nostro; pre-occupemus faciem ejus in confessione; & in psalmis jubilemus ei*; com igual razão devemos

adorar vivo; e gloriofamente gozando a vida eterna, o nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V.; porque sendo taõ compassivo, e misericordioso com as almas do Purgatorio, as fez viver, e gozar a Vizaõ beatifica de Deos: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*; e por isso com grande jubilo, e prazer vim hoje convidar a este taõ Catholico, e Religioso Auditorio a render a Deos as graças em nome do mesmo Augusto, e Soberano Monarcha: *Venite exultemus Domino, jubilemus Deo salutari nostro, pre-occupemus faciem ejus in confessione, & in psalmis jubilemus ei.*

Para que vejais com toda a clareza a razão do jubilo do meu convite; passemos a ponderar, assim o dia em que nasceo, como o em que

N falleceo



bro; quarto dia do Oitavario de S. Pedro de Alcantara; e tendo por Pay o Serenissimo Rey D. Pedro II., naõ lhe foy imposto o nome de Pedro, mas sim o de Joaõ, certamente naõ se póde attribuir esta imposiçaõ, senaõ a del-tino superior da Divina Providencia; que assim dispõs, para que o nos-so Soberano Monarcha, com o nome de Joaõ, q se interpreta pio, e mi-fericordioso: *Joannes; id est, pius, ac mise-ricors,* e com a diviza de Quinto, número fa-voravel aos defuntos, ostentasse a sua piedade, e misericordia com as almas do Purgatorio.

Accrece outro myf-terio para a imposiçaõ do nome de Joaõ ao nos-so Soberano Monar-cha; e vem a ser: nas-ceo o nos-so Soberano Monarcha em 22 de

Outubro, Vespera de S. Joaõ Capistrano; tambem glorioso lustre da Religiaõ Serafica; que se celebra em 23. do mesmo mez; parece que, com o nome, quiz tomar a S. Joaõ Capis-trano por seu exemplar, e Patrono, e na verdade assim o verificou a expe-riencia; pois conseguiu que a Igreja o honrasse com o mesmo titulo; com que he condecora-dõ S. Joaõ Capistrano nas suas Vesperas. Na Antifona de Magnifi-cat, que canta a Igreja nas Vesperas a S. Joaõ Capistrano, lhe dá o sin-gular titulo de Fidelissi-mo; e Zelador de Fé: *O' Zelator fidei, Joannes Fidelissime:* com este mesmo titulo de Fide-lissimo, e Zelador da Fé, honrou tambem a Igre-ja ao nos-so Serenissimo Rey D. Joaõ V.; logo naõ se póde negar que

foy mysteriofa a imposi-  
 ção do nome de Joaõ  
 ao noffo Soberano Mo-  
 narcha por nascer na  
 vefpera de S. Joaõ Ca-  
 piftrano; quando a hum;  
 e outro, e a ninguem  
 mais, deo a Igreja o ti-  
 tulo de Fideliffimo, e  
 Zelador da Fé: *O' Zela-  
 dor fidei, Joannes Fide-  
 ffime.*

Nem obsta o que  
 ja ouviftes em huma  
 destas funçoens fune-  
 raes, que o Santo do  
 nome, a quem o noffo  
 Monarcha tinha por Pa-  
 trono, era S. Joaõ Evan-  
 gelifta; em cujo dia  
 todos os Grandes, e  
 Prelados da Corte lhe  
 beijavaõ a maõ em ob-  
 fequio ao feu nome: naõ  
 nego o facto desta ce-  
 remonia; mas ouvi o  
 fundamento, q' naõ des-  
 troe o jus do Patronato  
 do noffo Santo. He cer-  
 to, que o noffo Sobera-  
 no Monarcha, na fceo

em Outubro do anno  
 de 1689.; e como nelle  
 anno ainda naõ estava  
 folemnemente canoni-  
 zado para toda a Igreja  
 S. Joaõ Capiftrano, ten-  
 do que; por decreto  
 de Leaõ X., e de Gre-  
 gorio XIII., ja fe reza:  
 va delle em o Bifpado  
 de Capiftrano, e em  
 todos Conventos da Or-  
 dem Serafica; e dahi a  
 hum anno jufto em Ou-  
 tubro de 1690. foy fo-  
 lemnemente canoniza-  
 do para toda a Igreja  
 por Alexandre VIII.;  
 por iffo no anno do naf-  
 cimento do noffo Mo-  
 narcha elegêraõ o dia  
 do Evangelifta para ef-  
 fa cerimonia do heija-  
 maõ; mas como logo  
 no fequinte anno foy  
 univerfalmente celebra-  
 da a canonizaçaõ de S.  
 Joaõ Capiftrano; ad-  
 quirio, ou ratifiou o  
 Santo o jus do feu Pa-  
 tronato, e ficou fendo

Patrõno

Patrão do nosso Soberano Monarcha, por nascer este nas Vesperas do seu dia; e por isso condecorados ambos com o singular titulo de Fidelissimo; e Zelador da Fé: *O' Zelator fidei, Joannes fidelissime.*

Até aqui o dia do nascimento do nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. João V.: vamos agora ao dia da sua morte. Já sabeis que morreo em 31. do mez de Julho; dia em que a Religião Serafica celebra o dia oitavo de S. Francisco Solano; Apostolo da America, e Padroeiro das Indias Occidentaes: e como o nosso Monarcha era no affecto todo Franciscano; permittio Deos que fallecesse em o dia oitavo de S. Francisco Solano, cuja vida foy a norma, por onde se regulou; e computou

a do nosso Soberano Monarcha; e fenaõ, vede. S. Francisco Solano tinha 17 annos, quando entrou na Religião; viveo Religioso quasi 44. annos, e falleceo de 61 annos: assim o diz hum Historiador da sua vida. O nosso Soberano Monarcha tinha 17 annos, quando entrou a reinar; reinou quasi 44., e morreo de 61. annos. Mas perguntará a vossa curiosidade, porque razão não permittio Deos que fallecesse o nosso Monarcha em o dia proprio da festa de S. Francisco Solano; e só sim no dia oitavo? Duas razoes me occorrem, (além de huma especial, que rezervo, para quando ponderar o dia da semana] que confirmaõ o meu pensamento, ou o motivo do meu convite com tantos jubilos de alegria.

A primeira funda-se nas lições do 2.º Estatuto, que se rezaõ no dia oitavo de S. Francisco Solano, as quaes parece forão talhadas para esta função funeral, que celebramos pela morte do nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joã V: principia a primeira lição: *Gaudete in Domino, dilectissimi, qui inter continua sue pietatis beneficia indulget hominibus in mundo; cujus multi salvarentur exemplo;* como se differa, fallando com os Portuguezes: alegrai-vos Varoens os mais mimosos, e amados de Deos, porque o Senhor entre os continuos beneficios, que faz ao Reyno de Portugal; foy dar hum Rey, com cujos suffragios muitas almas se livraraõ do Purgatorio. Começa a segunda lição: *Hec dies gloriose mi-*

*grationis: ius, exultemus, & letemur in ea,* este he o dia, em que recordamos o seu glorioso transitto, alegremo-nos, e festejemos este dia. Finalmente, conclue a terceira lição, como fallando com o nosso Monarcha defunto: *Eia ergo, dulcis Patrone, Ad-vocate fidelis, exurge in adjutorium nobis, ut & nos de nostra ereptione gaudamus, & tu de plena victoria glorieris;* eia pois, se foltes ategora, nosso Rey, e Senhor Soberano, sedz, daqui por diante nosso Patrono, e Advogado fiel, para que, festejando a vossa dita, mereçamos alegrar nos com vosso nefsa gloria: Parece vem de molde as lições do dia oitavo de S. Francisco Solano para esta minha Oração, em que adorando ao nosso Rey gloriosamente vivo, por

ter dadò a tantas almas a vida de gloria: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*, venho a convidar a este auditorio para se alegrar, e render a Deos as graças pela vida gloriosa do mesmo Rey, : *Venite exultemus Domino, jubilemus Deo salutari nostro; præoccupemus faciem ejus in confessione, & in psalmis jubilemus ei.*

A segunda razaõ he; porque no dia oitavo, e naõ da festa de S. Francisco Solano concorrem as Vesperas de S. Pedro ad vincula, quando entre cadêas, ou correntes, foy prezo o Principe das Apostolos por mandado de Herodes, cuja prizaõ celebra a Igreja no primeiro de Agosto. Ja sabeis, ou deveis saber, que S. Pedro entre as cadêas; ou correntes daquelle tenebrozò carcere symboliza a hũa

alma entre as horrorozas prizoens do Purgatorio: e assim como para a soltura do Apostolo foy necessario que hum Anjo descesse ao carcere; assim tambem para a soltura de qualquer alma retida no Purgatorio he necessario que algum Anjo desça a livrá-la: por isso na tarde, em que falleceo o nosso Soberano Monarcha, foy cõveniente concorressem as Vesperas, em que se solemnizao as correntes da prizaõ de S. Pedro; para que elle, como Principe da Igreja, e Vigario de Christo na terra; confortasse, e anima se ao nosso Monarcha a sopportar a prizaõ do Purgatorio, em quanto descia algum Anjo, ao menos em figura, a livrá-lo dessas penas, como logo mostrarey assim succedera.

Accresce demais

com as Vesperas de S. Pedro ad vincula a cõmemoraçãõ dos Martyres Machabeos. He certo, que estes Santos Martyres morrerãõ antes da vinda de Christo; e he tambem certo, que a Igreja só solemniza os Martyres; que morreãõ em odio da Fé de Christo: pois como celebra, e faz a Igreja cõmemoraçãõ dos Machabeos, que padeceraõ antes de vir Christo ao Mundo? Se me não engano, descubro a razãõ: o primeiro, que introduzio darem-se estipendios, ou esmólas aos Sacerdotes para offerecerem sacrificios por suffragios ás almas dos defuntos, foy o famosissimo Judas Machabeo: *Duodecim millia drachmas argenti. misit Ierosolymam offerri pro peccatis mortuorum sacrificium; cujo costume*

vemos praticado na Igreja Catholica: e absolutamente o unico Texto da Sagrada Escritura; com que se prova haver Purgatorio; onde as almas se purificaçãõ das culpas, que nesta vida commetterãõ, he do livro 2. dos Machabeos: *Sancta ergo salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut à peccatis solvantur*: pois por isso a Igreja, em atençaõ a taõ grande beneficio, celebra o martyrio dos Machabeos, não obstante ser antes da vinda de Christo. E como o nosso Soberano Monarcha D. Joã V: foy perfeito imitador de Judas Machabeo, dispendendo todos os dias copiosa quantidade de dinheiro para se offerecer o Sacrosanto Sacrificio da Missa por suffragio ás almas do Purgatorio, por isso a sua

mor.

2. Mac.

11.

2. Mac.

c. 12.

morte foy no dia oitavo de S. Francisco Solano; em cujas Vesperas con-correo a commemora-ção dos Martyres Machabeos; para que naquelle dia, e hora do seu transito se alegrasse com aquella santa irmandade, que tanto imitou; e se consolasse com os suffragios dos mesmos Machabeos, como diz a Igreja na sua Oração: *Fraterna Martyrum corona letificet, & multiplici suffragio consoletur.*

Naõ pára aqui o mysterio do dia 31 do mez de Julho, ainda passa a mais: neste dia 31 de Julho, refere o nosso eruditissimo Astorga, succedeo aquelle celebre milagre, que obrou Christo do cego, e mudo; por cuja occasiãõ levantando a voz Marcella, entre as turbas das que presenciaraõ o mi-

lagre, e beatificando o ventre de MARIA SS. <sup>cap. 57</sup> por ter gerado a Christo Author de taõ estupendo prodigio: *Beatus Venter, qui te portavit,* <sup>S. Luc. cap. 11</sup> respondeo ao Divino Mestre beatificando aos que ouvem, e guardaõ a palavra de Deos: *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, custodiunt illud.* Agora o reparo: e que palavra de Deos he esta, que faz bemaventurado ao que a ouve; e guarda. ~~ouvi~~ e achareis confirmado o meu conceito.

Tinha Christo advertido aos seus Discipulos, que fossem pios, e misericordiosos; como era seu Eterno Padre: *Estote ergo misericordes, sicut, & Pater vester misericors est;* cuja advertencia lhes intimou ao depois com mayor efficacia nestas enfaticas, e mysteriosas palavras:

S. Luc.  
c. 11.

lavras:

Id. cap.  
16.

lãvras: *Facite vobis amicijs de mammona iniquitatis; ut cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula*; nas quaes, segundo o Cardeal Belarmino; lhes recommendou que fossem pios, emisericordiosos cõ as almas do Purgatorio, applicando muitos suffragios, e sacrificios, para que ellas, depois de beatificadas, á ley de agradecidas, fossem nossas <sup>eu</sup> invocadas; e sollicitas <sup>em</sup> a nossa felicidade em sua companhia: *Ut cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula*. Pois eis-ahi a razãõ, porque affirmou Christo que era bemaventurado o que ouvia; e guardava a palavra de Deos: *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*; porque na verdãde quem ouvir; e observar a palavra de Deos, isto he: a recõ-

mendaçãõ, que faz Christo sobre a piedade, e misericordia com as almas do Purgatorio, tem a certeza de ser bemaventurado. E este he tambem o mysterio, com que o nosso Soberano Monarcha morreo neste dia; para que, como foy taõ pio, e misericordioso com as almas do Purgatorio, applicando-lhes muitos sacrificios; e suffragios, se conhecesse ser do numero dos bemaventurados: *Beati, qui audiunt verbum Dei; & custodiunt illud*.

Agora entendo eu a razãõ, porque David, fiado nas cinco pedras do seu çurraõ, se pôsem campanha com o Gigante Goliath, tendo esperança fixa de o vencer. Diz o Author do enigma numerico, citando a Guilherme Orziaco, que David conseguiu a vitoria no mez

de,

de Julho, que he o sétimo do anno, que principia em Janeiro: *Septimo mense à David occisus est Goliath*; mas como não declara o dia, passo avante a ponderar a victoria. Diz o Texto sagrado, que aceitando David o desafio do Gigante, escolhera de hum ribeiro; que ficava em hum valle vizinho, cinco pedras mui limpas, ou lizas, e as metterá no seu currao.

I. Reg. cap. 17. *Elegit quinque lapides limpidissimos, de torrente, & misit eos in peram; e chegando á estacada, metteo a mão no currao, tirou huma pedra, pô-la na funda, e fazendo com duas voltas tiro á cabeça do Gigante, o derrubou no chaõ: Misit manum suam in peram, tulitque unum lapidem, & funda jecit, & circumducens percussit Philistæum in fronte, &*

*cecidit in faciem suam super terram.*

Estas cinco pedras tiradas do ribeiro daquelle valle representaõ, no sentir de S. Vicente Ferreira, as almas, que deste valle de lagrimas sahem limpas em graça pela penitencia final: e porque leuaõ consigo o reato da pena correspondente ás culpas, que nesta vida cometeraõ, ainda que ja perdoadas, vaõ a purificar-se no Purgatorio symbolizado naquelle currao de David, onde, como em hum calabouço escuro, estaõ pñivas das de ver a Deos em quanto se purificaõ: e como a pedra, que tirou David do currao, he figura de huma alma, que sahe do Purgatorio; por isso ella, como agradecida ao mesmo David, fez o emprêgo na cabeça do Gigante, em tanto acer-

to, que o proſtrou por terra. Eis ahi o q̄ obraõ ás almas do Purgatorio pelos ſeus devotos ; e por iſto, fiado , e confiado nellas, David entrou na peleja ſem ſuſto, nem temor ; antes com eſperança certa , e fixa de conſeguir a victoria : *In te, Domine, ſperavi, non confundar in æternum: Non moriar. ſed vivam.*

Esta pedra, com que David conſeguiu taõ grande gloria, e victoria, ja ouvistes com tanta energia ; e erudiçaõ applicada ao noſſo Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V.; mas como me naõ contento com ſer esta pedra do numero quinario ; permitta-me taõ engenhoso Orador dar mais huma voltinha na fundado meu diſcurſo ; e mostrar que esta pedra ſingularmente, por ſer

quinta, e ſymbolizar hũa alma ſahindo do Purgatorio, compete ao noſſo Soberano Monarcha. A pedra, com que David conſeguiu a victoria ; ainda que era do numero quinario das pedras, ſoy ſingular no tiro ; pois naõ conſta que David fizelle outro tiro, nem que deſſe outra pedrada ; e o ſer do numero quinario naõ a faz ſer quinta ; porque do meſmo numero quinario era tambem a primeira, ſegunda, terceira ; e quarta pedra: logo porque razaõ mais aquella; do que estas, ha de competir ao noſſo Sereniſſimo Rey, e Senhor D. Joaõ V. Ouvi, e dai-me atençaõ : as cinco pedras, que David eſcolheo no ribeiro, naõ foraõ collectivamente apanhadas, mas divizivamente huma por huma: eſcolheo a primeira, metteo-a

mettêo-a no çurraõ ; el-colheo a segunda , e depois a terceira, quarta, e quinta, e huma por huma foy mettendo no çurraõ ; deforte que a ultima , que na entrada foy quinta, na sahida foy singular , e representa va a huma alma sahindo do Purgatorio : e por isso singularmente compete ao nosso Serenissimo Rey , e Senhor D. Joaõ V.

Para mayor intelligencia desta minha explicação ouçamos ao Cardeal Hugo allegorizando as cinco pedras de David, de cuja allegoria se valeo o Grande Vieira nos seus cinco engenhosos discursos ; que prégou na Curia Romana. Diz este Eminentissimo Expositor ; que nas cinco pedras se symbolizaõ cinco considerações, a saber: o conhecimento de si mes-

mo, a dor do perdido, o pejo do commettido, o temor do castigo, e a esperança do gozo eterno: *Quinque lapides sunt: cognitio sui, dolor amissi, pudor commissi, timor supplicii, & spes æterni gaudii.* Reparti estas cinco considerações pelos cinco Reys de Portugal, que tiveraõ o nome de Joaõ ; e achareis que, competendo a cada hum com propriedade genõna a sua pedra, a quinta pertence singularmente ao nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V., a quem hoje adoramos gloriõsamente vivo na posse do gozo eterno, que sempre fixamente esperou; ora vede.

O *Cognitio sui* da primeira pedra symboliza o Serenissimo Rey D. Joaõ I., o qual, conhecendo-se illegitimo;

e re-

e reconhecendo a preferência de seu Irmão do mesmo nome, sobre legitimo, mais velho, ainda que ausente, e prezo em Castella, recuzava subir ao throno, contentando-se sómente com o titulo de Regente do Reyno, que Castella pertendia usurpar, e unir á sua Coroa; se os tres Estados do Reyno juntos no nosso Convento da Cidade de Coimbra o não acclamassem por Rey: eis-ahi o *Cognitio sui*. O *Dolor amissi* da segunda pedra compete ao Serenissimo Rey D. Joaõ II., o qual, pela morte do Principe D. Affonso seu unico filho, teve tal dor, e pena desta perda, que passou o restante da vida em huma profunda melancolia: eis-ahi o *Dolor amissi*. O *Pudor commissi* da terceira pedra pertence ao Serenissimo

Rey D. Joaõ III., o qual, achando o Reyno abastado de Conquistas; resolve-o inconsideradamente largar as Praças de Arzila, Alcacer, Caxim, e Azamor, de cuja resolução se arrependeo ao depois, já sem remedio, e se vio então envergonhado de ter cometido semelhante desacerto: eis-ahi o *Pudor commissi*.

O *Timor supplicii* da quarta pedra se applica ao Serenissimo Rey D. Joaõ IV., o qual não duvidando do direito, que tinha á Coroa de Portugal, não se resolveu a emprendê-la, a que por muitas vezes o estimulava a fidelidade, e valor dos Portuguezes, por recear a conclusão pelas grandes difficuldades, que se lhe representavaõ no entendimento, e temer com a vida pagar esta resolução,

resoluçãõ; que, a não ser com tanta felicidade finalizada, feria no juizo de Castella julgada pela mayor traiçãõ; e condenada ao mais rigoroso castigo; se a Sereníssima Senhora Duqueza, e depois Rainha, Dona Luiza Francisca de Gulman o não animasse, dizendo que de qualquer forte corria perigo a sua vida; e se havia de morrer Duque de Bragança, se expuzesse a viver, ou morrer Rey de Portugal: eis-a hi o *Timor supplicii*. O *Spes eterni gaudii* da quinta pedra se verifica do nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. João V. tão devoto das almas do Purgatorio; que com esta devoçãõ assegurou, e firmou a esperança do gozo eterno; em cuja posse piamente o consideramos ja glorioso: *Regem, cui*

*omnia vivunt, venite adoremus.*

Temos visto o dia do mez, em que falleceo o nosso Soberano Monarcha: passemos a ponderar o dia da semana, em que com mais individuaçãõ vemos verificado o assumpto da minha Oraçãõ. He certo, que falleceo em sexta feira á tarde pelas sette horas, quando o Sol, dando fim ao dia; se sepultava no Cyato; Se fora dada ao nosso Monarcha a eleiçãõ do dia para morrer, certamente não escolhera outro, senão o da sexta feira, em cuja tarde morreo o mesmo Deos humanado; para refulgir ao terceiro dia, que foy no Domingo, em que descendo ao Limbo trouxe em sua companhia as almas dos Santos Padres; que por elle estavam esperando; e pas-

passando pelo Purgato-  
 ris livrou as almas to-  
 das das penas, que nel-  
 le padeciaõ; sendo elle  
 dia para ellas de maxi-  
 mo jubileo, e indul-  
 gencia plenissima, como  
 diz Santo Agostinho; e  
 o Cardeal Beilarmino  
 dellas entende aquellas  
 palavras do Profeta Za-  
 charias: *Emisisti vin-*  
*Etos tuos de lacu, in*  
*quo non est aqua.*

Zach.  
 c. 9.

Aqui necessariamen-  
 te não hei de valer da  
 noticia, que corre vul-  
 gar de huma revelaçõ  
 de certa Religiosa, que,  
 mandada pelo feu Con-  
 fessor, declarou, que ef-  
 tando em Oraçãõ lhe  
 fora revelado, que o  
 nosso Soberano Mo-  
 narcha se salvara; e ef-  
 tivera tres dias no Pur-  
 gatorio: a esta revelaçãõ  
 não posso deixar de  
 dar pio assenso; porque  
 se conforma com o meu  
 discurso conjectural ex-

vi da devoçãõ; e affe-  
 cto, que teve o nosso  
 Monarcha às almas do  
 Purgatorio; e com as  
 noticias, que vieraõ na  
 relaçãõ impressa sobre a  
 morte do nosso Sobera-  
 no. Diz a relaçãõ, que  
 o corpo de Sua Magestade  
 vestido com o ha-  
 bito de meu Padre S:  
 Francisco, e adornado  
 com o manto de Gram  
 Mestre das Ordens Mi-  
 litares, estivera no seu  
 proprio leito recolhido  
 em huma sala interior  
 do Palacio athé passar  
 o dia de Domingo, em  
 cuja noite fora conduzi-  
 do para huma sala ex-  
 terior do mesmo Pala-  
 cio, para na segunda  
 feira se fazer o officio  
 solemne de corpo pre-  
 sente, como com effei-  
 to o celebrou o Emi-  
 nentissimo, e Reveren-  
 dissimo Cardeal Patriar-  
 cha com assistencia dos  
 Excellētissimos, e Reve-  
 ren-

rendíffimos Principaes, e mais Ministros da Santa Igreja Patriarchal.

Vamos conferindo a noticia da relação com a da revelação: primeiramente ja sabeis q̄ no Domingo, que era o terceiro dia da morte de Sua Magestade, cahio aquelle grande Jubileo da Porciuncula, q̄ alcançou immediatamente de Christo meu Padre S. Francisco, no qual se concede aos vivos remissão plenissima de culpa, e pena; e por especial indulto do Vigario de Christo na terra participaõ as almas do Purgatorio a mesma indulgencia. He tambem de saber que affirmãõ graves Authores, que no dia da Porciuncula desce meu Santo Padre ao Purgatorio, a livrar as almas dos seus filhos, e devotos, das penas que padecem pelas culpas

nesta vida commettidas: e assim; sendo o nollo Augusto, e Soberano Monarcha D. Joã V. filho professo de Francisco na Veneravel Ordem Terceita da Penitencia, e sobre isso muito seu especial devoto, como inculca a eleição do habito, com que só quiz ser amortalhado, he de crêr piamente, que no tal Domingo, dia da Porciuncula, e terceiro de sua morte, foy livre das penas do Purgatorio, extrahido por meu Padre S. Francisco em companhia de muitas almas, que com elle desceraõ ao mesmo Purgatorio a buscá-lo, para se congratularem na Gloria, e Visãõ beatifica de Deos. Note-se aqui a razão especial, que atraz. fiquei de dar, porque o nollo Soberano Monarcha naõ morreo no dia proprio de S.

O Fran-

Francisco Solano, mas  
 sim no seu dia oitavo ;  
 por ficar este dia mais  
 proximo ao da Porciun-  
 cula, e naõ passar o  
 nosso Soberano Monar-  
 cha de tres dias no Pur-  
 gatorio.

Grande confirma-  
 ção deste discurso nos  
 dá a Vizaõ, que teve  
 S. Joã no seu Apoca-  
 lypse: diz, que em  
 hum Domingo fora le-  
 vado em espirito ao Ceo;  
 e que vira a Deos sen-  
 tado no seu magestoso  
 Throno; e á roda dn  
 Throno vinte e quatro  
 Anciaõs sentados tam-  
 bem em suas cadeiras;  
 com Coroas de ouro nas  
 cabeças: *Et viginti  
 quatuor seniores sedentes,  
 et in capitibus eorum co-  
 rone auree*: diz mais,  
 que vira hum Anjo,  
 que subia com os sinaes  
 expressos de Deos vivo:  
*Vidi alterum Angelum  
 ascendentem ab ortu so-*

*lis habentem signum Dei  
 vivi, a quem acompa-  
 nhavaõ cento quarenta  
 e quatro mil espiritos,  
 assinalados tambem com  
 a mesma diviza: Et au-  
 divi numerum signato-  
 rum centum quadragin-  
 ta quatuor millia signati;*  
 e logo depois vio huma  
 innumeravel multidaõ  
 de espiritos, de todas  
 as sortes de gente, que  
 chegando á presença de  
 Deos faziaõ grande fes-  
 tejo em acção de gra-  
 ças pela salvação, que  
 tinhaõ conseguido: *Post  
 hec vidi turbam magnã,  
 quam dinumerare nemo  
 poterat, ex omnibus gen-  
 tibus::: Et clamabant  
 voce magnã dicentes:  
 Salus Deo nostro.* Pas-  
 mado, e attonito o E-  
 vangeliſta com a Vizaõ,  
 hum dos Anciaõs co-  
 roados lhe decifrou a  
 causa, e motivo do fe-  
 stejo.

Antes que eu en-  
 tre

tre a explicar a Vizaõ, he necessario saber quẽ eraõ aquelles vinte e quatro Anciaõs coroados. Saõ tantas, e taõ varias as interpretaçoens, que daõ os Expositores a este lugar, que cada hum lhe dá o seu sentido: *Unusquisque in suo sensu abundat*; mas todos se reduzem a duas classes: Huns tomaõ o numero de vinte e quatro por certo, e determinado; e assim entendem pelos vinte e quatro Anciaõs ja os doze Patriarchas do Testamento velho, e os doze Apostolos do novo, cujo numero de doze duplicado faz o de vinte e quatro; ja os doze Apostolos naturaes de Judea, discipulos de Christo no seu primeiro advento, e os doze Apostolos, que ha de eleger da Genti- lidade o mesmo Christo no seu segundo advento; para pregar contra o An-

ti-Christo; que huns, e outros completaõ o numero de vinte e quatro. E hũ gravissimo Orador proximamente na Cathedral em a primeira destas funcões funeraes com elevada elegancia, e facũdia applicou os vinte e quatro Anciaõs co- roados aos vinte e quatro Reys de Portugal, q̃ tem havido desde o felicissimo D. Affonso Henriques até o nosso Soberano Monarcha D. João V. Outros pelo contrario tomaõ o numero de vinte e quatro por incerto e indeterminado; e assim pelos vinte e quatro Anciaõs entendem ja a Universidade dos Bispos nas suas Cathedraes; ja a dignidade Sacerdotal dos Presbyteros; que pela madureza do juizo, e solidez da doutrina, de que devem ser ornados, se dizem Anciaõs.

Venero todas estas exposições pela reverencia, que merecem seus Authores : mas attendendo eu ao que diz o mesmo Evangelista no Cap. 7. do seu Apocalypse, que todos os que estavaõ á roda do Throno de Deos, eraõ Anjos, como creaturas mais puras, e perfeitas :

*Et omnes Angeli stabāt in circuitu throni*, accõmodo-me com a opiniaõ do erudito Alapide ; o qual, expõdo o mesmo lugar do Apocalypse, allude os vinte e quatro Anciaõs aos Anjos da primeira, e suprema Jerarchia : *Alludit ad ordinem Angelorum primæ Hierarchiæ*; e assim, fundado nesta alluzaõ, digo, que os vinte e quatro Anciaõs symbolizaõ os Anjos da primeira Jerarchia; deputados para Custodios dos Reynos Catholicos, que re-

conhecem a Christo por verdadeiro Deos, e Homem, representado naquella Magestade, que rezidia no Throno, como cõmumente entendem os Expositores com Santo Ambrosio. Estes Anjos estaõ sentados, e coroados em razã dos regios, e elevados ministerios; a que saõ deputados; e por differença dos mais Anjos deputados para guarda particular dos homens; que por inferiores naõ tem a mesma graduacã e preminencia. Donde venho a entender, que o Anciaõ coroadõ, que explicou a Vizaõ ao Evangelista, foy o Anjo Custodio do Reyno de Portugal; e nesta intelligencia entro a explicar a Vizaõ.

Aquelle Anjo; que vio o Evangelista subir com o final expresso de Deos vivo; e os

cento quarenta e quatro mil espiritos, que o acompanhavaõ assignalados tambem com a mesma diviza, dizem gravissimos Authores, com S. Boaventura, que era meu Padre S. Francisco com todos os filhos das suas tres Ordens; e aquella copiosa multidão de espiritos, que se não podia numerar, eraõ as almas, que purificadas no Purgatorio, e alleviadas, ou lavadas com o fangue do Cordeiro, representado no Sacrosanto Sacrificio da Missa, tinhaõ subido ao Ceo, como explicou o mesmo Anjo Custodio do Reyno de Portugal ao Evangelista, na intelligencia do Eminentissimo Hugõ Cardeal: *Hi sunt; qui venerunt de tribulatione magna, id est, in Purgatorio; et laverunt stolas suas in sanguine Agni.*

O Bem está: mas qual era a causa, ou motivo de tanto festejo no Ceo, que occasionou ao Evangelista tantos palmos, e assombros? Permitta-me a piedade Catholica dos Portuguezes dizer, de baixo do protesto ja feito no principio, que foi a subida do nosso Soberano Monarcha D. Joaõ V. ao Ceo naquella Domingo, dia da Porciuncula, e terceiro da sua morte; e por isso interpreta o meu discursõ dizer o Anjo a S. Joaõ: Naõ vos admireis, Evangelista Agua; todos estes festejos, que vedes, procedem da subida da alma de hum Rey de Portugal, de cujo Reino sou deputado Custodio: este Rey, sendo filho da Terceira Ordẽ de Francisco, e muito especial devoto dos filhos da

Primeira, e Segunda Or-  
 ção, e sobre isso cor-  
 dialmente pio, e mise-  
 ricordioso com as almas  
 do Purgatorio, man-  
 dando quotidianamente  
 fazer-lhes muitos suffra-  
 gios, mereceo que  
 neste Domingo, dia do  
 maximo Jubileo da Por-  
 ciuncula, e terceiro da  
 sua morte, o Serafico  
 Patriarcha acompañha-  
 do de seus filhos, e de  
 infinitas almas ja glorio-  
 sas, e agradecidas aos in-  
 numeraveis suffragios  
 deste Rey, descesse ao  
 Purgatorio, donde trou-  
 xe consigo a alma do  
 mesmo Rey, e por isso  
 todas essas almas estaõ  
 clamando, como ren-  
 dendo a Deos as graças  
 pela salvaçõ do mesmo  
 Rey, seu bemfeitor,  
 segundo a expõsiçõ de  
 Santo Agostinho: *Ma-  
 gnâ voce salutem decan-  
 tant, qui magna gratia-  
 rum actione recolunt,*

*non sua se virtute, sed,  
 ipso auxiliante, tribula-  
 tionum superasse certami-  
 na; ou, como trslla-  
 da; Menochio: Voce  
 magna clamabant, sem-  
 per saluus sit, vivat  
 Rex.*

Parece está cabal-  
 mente fundamentada a  
 minha arguiçõ, e con-  
 jectura, e juntamente  
 corroborada a noticia  
 da revelaçõ, que me  
 moveo a convidar a es-  
 te auditorio para ado-  
 rar ao nosso Rey ja glo-  
 rioso, ou gloriosamen-  
 te vivo: *Regem; cui  
 omnia vivunt, venite ad-  
 doremus.* Porém, para  
 que deponhais todo o  
 escrupulo, e fiqueis to-  
 talmente persuadidos  
 deste meu raciocinio,  
 ou discurso; quero-vos  
 ponderar huma circun-  
 stancia, que succedeo  
 na morte do nosso Au-  
 gusto, e Soberano Mo-  
 narcha D. Joã V. que  
 sen-

fendo publica, e notoria, quicã naõ tereis reflectido nella; e certamente he hum argumento forçoso, e convincente do meu assumpto; e vem a ser, que fallecendo Sua Magestade em Sexta feira, naõ se lhe fez o Officio funeral de corpo presẽte fenaõ depois de tres dias na Segunda feira, que era o quarto do seu fallecimento; pelo Eminentissimo e Reverendissimo Cardeal Patriarcha, com os Excellentissimos e Reverendissimos Principaes, e mais Ministros da Igreja Patriarchal: e naõ consta que alguma Comunidade, ainda de Religiosos; o fizesse antes; sendo que se podia fazer no dia seguinte do fallecimento, que foy Sabbado. E qual seria a causa da dilacãõ de hum suffragio taõ fructuoso,

e importante para huma alma, que sahe deste para o outro mundo? Eu a digo.

Naõ devo; nem quero attribuir esta dilacãõ a descuido de pessoas taõ elevadas, em quem naõ se pôde considerar a mais leve inadvertencia; mas sim a destino superior da Divina Providencia, que assim dispõs, para que se verificasse no primeiro Officio funeral, com toda energia, e propriedade a antifona, com que principia o invitatorio do mesmo Officio funeral: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*; porque no Domingo, dia da Porciuncula, sahio do Purgatorio a felicissima alma do nosso Augusto; e Soberano Monarcha a gozar a Vizaõ beatifica de Deos; só na Segunda feira propriamẽte com-

petia á Igreja Lusitana alegrar-se, e render á Deos as graças: *Venite, exultemus Domino, jubilemus Deo salutaris nostro, prooccupemus faciem ejus in confessione, & in psalmis jubilemus ei*; porque lhe dera hũ Rey, que, cuidando tanto em sua vida da gloria, e salvaçõ das almas, mereceo aoterceiro dia de sua morte a mesma gloria; e por isso adorado immortal e gloriosamente vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*

Quero por ultimo satisfazer a hum reparo, que naõ sey-se vos tem occõrrido; e vem a ser: porque razã, sendo o nõsso Augusto e Sobeyrano Monarcha D. Joaõ V. todo Franciscano, e taõ devoto da Religiaõ Serafica, que só com o seu habito quiz ser amortalhado, naõ

ordenou que seu corpo fosse depositado em algum dos Conventos de meu Padre S. Francisco, havendo tantos na Corte, e Cidade de Lisboa; e alguns tanto da sua devoçã, que nelles com os mesmos Religiosos assistia aos acaos do Coro, e ainda do refetorio; e só sim dispõs, que o seu corpo fosse depositado em o Cõvento de S. Vicente? Duas razões me occõrem para esta disposiçã: a primeira, porque como no Convento de S. Vicente está fundada huma Freguezia com o Orago de S. Miguel com as almas, quiz o nõsso Soherano Monarcha, ainda depois de morto; mostrar-se devoto, e freguez das almas, buscando o deposito do seu corpo na Freguezia de S. Miguel com as almas. A segunda,

da, porque quiz o nobre Soberano Monarcha imitar a meu, e feui Padre S. Francisco, cujo corpo foy primeiro depositado fóra da Ordem em a Igreja do glorioso Martyr S. Jorge, para dahi ser trasladado para o magnifico Convento, que a liberalidade, e devoção de Gregorio IX. lhe edificou, e consagrou: e por isso quiz o mesmo Monarcha que o seu corpo fosse tambem depositado fóra da Ordem Serafica em o Convento do glorioso Martyr S. Vicente, para dahi ser trasladado, como se diz, para o magnifico Convento de Mastra, que a devoção, e liberalidade do mesmo Monarcha fez edificar para os mesmos filhos do Serafico Patriarcha S. Francisco.

De todo este dis-

curso venho a concluir, que não nos devemos entristecer com a morte do nobre Augusto, e Soberano Monarcha D. João V., antes alegrar, e render a Deos as graças, por nos dar hum Rey, que ainda depois de morto o adoramos vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*: e não só vivo, porque piamente o consideramos viver eternamente: mas vivo, porque o vemos renascido, ou representado na viva imagem de seu filho o Serenissimo Rey, e Senhor nobre D. Jozé, que Deos nos guarde: pois não se pôde deixar de dizer, que ainda vive quem deixou Successor: não só com as mesmas virtudes, e excellencias; mas com espiritos dobrados, como insinua o nome de Jozé: *Filius accrescentis Joseph*. E se de So-

Socrates diz Seneca que fez que seu pay Sofronisco nunca morresse, e sempre vivesse: *Sofroniscum Socrates expirare non patitur*; dando por causa, que os filhos, que herdaõ as virtudes heroicas de seus pays, como foy Socrates, fazem que os mesmos pays sempre vivaõ na memoria dos vindouros: *Et vivunt ob nullam aliam causam, quã vi quòd illos liberorum, eximia virtus tradidit posteris*; com mayor razaõ podemos dizer, que com a successãõ do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joseph, que Deos nos guarde, naõ morreo o nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V., porque ainda vive o seu espirito, e o seu zelo no mesmo Serenissimo Rey Successor D. Joseph, o qual pôde dizer de seu Augusto, e

Soberano Pay, o que lá disse Christo de seu Eterno Padre: *Qui videt me, videt & Patrem meum.*

Assim o cremos: assim esperamos pelos merecimentos, supplica; e intercessãõ do nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V.; o qual lá dos Ceos, onde piamente o suppomos vivendo, e gozando a Visãõ beatifica de Deos; naõ cessará de orar, e rogar ao mesmo Deos pela conservaçaõ; e augmento de seu filho Successor, e nosso Serenissimo Rey; para que imitando as suas virtudes, e seguindo as suas maximas, taõ discretas, como Catholicas; nos governe em buma feliz tranquillidade, como do Imperador Theodosio disse Santo Ambrósio em similhante funçaõ de Exequias fune-

raes: *Quis dubitabit fi-  
lis Theodosii maximum  
praesidium fere apud  
Deum? Em morte pois  
tao feliz de hum Rey,  
a quem piamente con-  
jecturamos glorioso, e  
immortal: Regem, cui  
omnia vivunt, venite  
adoremus; fejaõ as de-  
clamaçoens festejos, e  
applausos: Venite, exul-  
temus Domino, iubilemus  
Deo salutari nostro, pra-  
occupemus faciem eius in*

*confessione, & in psalmis  
jubilemus ei: digamos  
todos alegres, e gratu-  
labundos: Viva El Rey  
D. Joaõ V. sempre vi-  
vo, e immortal para  
Deos, sempre pio, e  
misericordioso para nós:  
porque entao certamen-  
te, suffragados com a sua  
intercessaõ, iremos go-  
zar em sua companhia  
a eterna Bemaventuran-  
ça.*



212

1870

1871

1872

1873

1874

1875

1876

1877

1878

1879

1880

1881

1882

1883

1884

1885

1886

1887

1888

1889

1890

1891

1892

1893

1894

1895

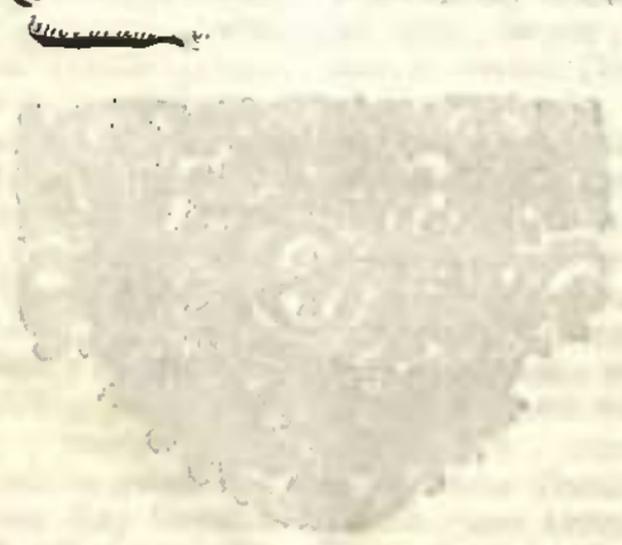
1896

1897

1898

1899

1900



SERMAO  
NAS  
EXEQUIAS

DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY

D. JOAÕ V.  
PREGA D'O

NO CONVENTO DO SERAFICO PADRE  
S. Francisco da Villa de Sergipe do Conde,  
PELO MUITO R. P. MESTRE

Fr. JOAÕ DE DEOS,  
EX-LEITOR DE THEOLOGIA  
*de Vespera, Filho da Provincia de Santo  
Antonio do Brasil.*

STERN

THE

EXERCISES

FOR THE STUDENT

D. JOHNSON

NEW YORK

1850

Published by D. Johnson, No. 107 Nassau Street, New York.

Entered as Second-Class Matter, July 16, 1879, Post Office at New York, N. Y., under No. 107.

THE JOHNSON

MANUFACTURING COMPANY

NEW YORK

1850



*Rex Israel mortuus est occidente Sole.*

2. Paral. 28. 34.

**I** Oda esta máquina universal da terra, q̄ Deos creou no espaço de seis dias, acaba, e desfaz a morte em hum só instante: *In ic̄tu oculi clauduntur omnia.* ( Muito Alto; Poderoso, e Fidelissimo Rey, e Senhor nosso, agora que vos lamenta a nossa dor neste triste, e funebre Mausoléo, como despojo da morte, vos considero eu por muito mais Alto, e por muito mais Poderoso Rey: por muito mais Alto, quanto vay do Ceo á terra; por muito mais

Poderoso; quanto vay do poder, com que se reina na terra, ao poder, com que se reina no Ceo.) Toda esta máquina universal da terra, que Deos creou no espaço de seis dias; torno a dizer, acaba, e desfaz a morte em hum só instante: *In ic̄tu oculi clauduntur omnia.* Em hum só instante sepulta a morte entre as negras sombras da noite aquêlla luz, que no primeiro dia da criação do Mundo sahio das mãos de Deos tão benéfica, como luzida. Também escutece a morte

norte em hum só instante aquelle firmamento, que no segundo dia formou Deos sobre a terra. Tambem despoja a morte, em hum abrir, e fechar de olhos, a terra da verde pompa das suas arvores, e plantas, da mimoza, e vistosa galla das flores, com que no terceiro dia enriqueceo Deos a mesma terra. Aquella tocha do Universo, aquelle Principe dos Astros, que Deos creou no quarto dia; tambem ecclipta, e escorece a morte. Não vale ao Sol o ser dos Planetas o mayor Monarcha: *Luminare maius*, para deixar de viver sujeito ás pensoens da morte; mas antes, por isso mesmo que he Rey, acaba, e morre no mesmo dia em que nasce: *Sol oritur, & occidit.* Este estrago tambem sente a Lua, que he

Princeza da noite; que se em hum tempo cresce para a nossa admiração; em outro mingua para a nossa lastima. Tambem cahem as estrellas; sem valer a algumas o serem fixas. Aquelle numero sem numero de peixes, que no quinto dia mandou Deos que dominassem o crystallino das agoas; aquellas aves taõ variamente pintadas; que no mesmo dia ordenou o Senhor que dominassem a esfera do ar, tambem não vivem izentas da tyrannia da morte. Aquelle vulgo todo de feras, e animaes; taõ diversos na condição, como diferentes na figura, a quem deo vida a terra no sexto dia; tambem acaba a morte em hum instante. Aquelle primeiro homem, que no mesmo dia creou Deos á sua Imagem, e similhaça, a quem

Ecclef.  
I. n. 5.

a quem constituição Rey de todo o Univerſo, tambem pagou tributo á meſma morte. Em ſim, tudo quanto Deos creou por ſua Omnipotencia no eſpaço de ſeis dias; acaba, e desfaz a morte em hum ſó inſtante: *In iſtu oculi clauduntur omnia.* Na Eſcritura Sagrada pinta ſe a morte com azas, e com humia fouce na mão: *Ecce falx volans*; porque na ſeara do Mundo quanto Deos ſemêa com a ſua mão, tudo corta, e colhe voando a morte com a ſua fouce. Oh Morte, quam univerſal, e tyranho he o teu dominio! Tudo dominas, e tudo acabas em hum abrir, e fechar de olhos: *In iſtu oculi clauduntur omnia.*

Esta penſão, e tributo; que inevitavelmente pagaõ todos os viventes; e todas as

creaturas á morte, tambem pagou; a pezar de hum Reyno todo, a mais Alta, e Soberana Mageſtade da Monarchia Portugueza. Depois de hum dilatado combate; em que tantas vzes ſe retirou a morte, como deſconfiada da victoria: *Abſorta eſt mors in victoria*; rendeo ſe ao poderoſo braço da meſma morte o ſempre invicto Monarcha de Portugal; em ſim, em hum Sexta-feira não por do Sol pagou o inevitavel tributo de nascido o muito Alto, Poderoſo, e Fideliffimo Rey o Senhor D. Joaõ V. Aſſim o teſtimunha eſte tão funebre; como mageſtoſo Mausoléo: aſſim o dizem com mudas linguas aquellas tremulas luzes: aſſim o representa aquelle Ceptro, e aquella Coroa cahida: *Cecidit corona capitis noſtri;*

Zach.  
5. 1.

nostri; e finalmente af-  
 fim o daõ a entender  
 as palavras, que citey.  
 por thema: *Rex Israel*  
*mortuus est, occidente*  
*Sole.* Esta palavra Israel  
 na Escritura Sagrada se  
 toma pelo povo, ou pelo  
 Reyno de Israel, como  
 nota Berchoio: toman-  
 do-se pelo povo, significa  
 aquelle povo, e naçaõ,  
 que vive constante na  
 fé, e observante no cul-  
 to, e honra de Deos:  
*Israel significat populum;*  
*qui sub fide, & cultu Dei*  
*residet,* diz Lyra. To-  
 mando-se pelo Reyno;  
 como neste lugar, re-  
 presenta a hum Reyno,  
 que Deos escolheo para  
 seu throno, como affir-  
 ma em nome de Deos  
 o Real Profeta: *Qui*  
*regis Israel intende:* e  
 o povo constante na fé,  
 e observante no culto  
 Divino he o povo de  
 Portugal: *Volo in te, &*  
*in semine tuo Imperium*

*mihî stabilire.* Donde se  
 intere que estas palavras:  
*Rex Israel,* representaõ  
 a hum Rey de Portu-  
 gal: e o Rey de Portu-  
 gal, que moirco ao pôr  
 do Sol, he, cnmo nin-  
 guem ignora, o Senhor  
 D. João V.

O dia da morte na  
 Escritura Sagrada cha-  
 ma-se dia do Senhor:  
*Veniet dies Domini;* e  
 naõ vi dia mais proprio.  
 do Senhor, que o dia  
 da morte do nosso Rey.  
 O dia da morte do nosso  
 Rey foy em huma Sexta  
 feira ao pôr do Sol;  
 em huma Sexta feira ao  
 pôr do Sol morreo  
 Christo Senhor nos-  
 so: *Et obscuratus est Sol:*  
*Clamans JESUS voce*  
*magna. expiravit.* Pois  
 se o dia da morte do nosso  
 Rey foy o dia da Sexta  
 feira ao pôr do Sol, bem  
 dizia eu, que o dia da  
 morte do nosso Rey  
 foy o dia proprio do Se-  
 nhor.

Sup.  
 verbũ  
 Israel

S. P.  
 Col.  
 792.

Pfalm.  
 29.v.  
 2.

2. P. 3.  
 10.

S. Luc.  
 22.

nhor. Oh ditosa alma, a quem cahio o dia da morte no dia proprio do Senhor: *Veniet dies Domini!*

Principes houveraõ, que, decretando sentenças capitaes, déraõ a escolher o genero da morte, como Nero a Seneca. Se Deos, quando decreta a morte, déra a escolher o dia; e a hora, todo o Mundo escolhera para morrer o dia da Sexta feira ao pôr do Sol; porque entre todos he este o mais fausto para commetter a perigosa jornada desta para o outra vida. Assim o deo á entender Christo nestas palavras: *Abraham Pater vester exultavit, ut videret diem meum.* O vossõ Pay Abraham, diz Christo, muito desejou ver o meu dia. Por este dia entendem Theophylacto, e S. Joã Chrysostomo o dia da morte

de Christo: *Diem meum, id est, diem Crucis.* Pois hum dia o mais lamentavel, e o mais triste; que vio o Mundo, he que Abraham muito desejava ver: *Exultavit, ut videret diem meum, id est, Crucis?* Sim; porque entre todos he o mais feliz para morrer, e entrar no Ceo. E assim foy para Abraham, porque tanto que chegou Abraham a ver este dia tão feliz para todos: *Vidit, logo se alegrõu: Et gavisus est.* Esta felicidade grande, que conseguio Abraham, tamhem mereceo alcançar o nosso Monarcha; porque em huma Sexta feira ao pôr do Sol, dia proprio do Senhor: *Diem meum, id est, Crucis,* passou desta vida para a eterna: *Rex Israel mortuus est, occidente Sole.*

Mas sendo este dia feliz; e prospero para

morrer, e entrar no Ceo, foy o mais climaterico para o Reyno de Portugal; porque nelle a cruel Parca, tal vez que invejosa das nossas ditas, cortou com a sua fouce o fio da melhor vida do nosso Monarcha: *Rex mortuus est*. Hum só foy o golpe, que delcarragou a morte; mastantos são os feridos, quantos são os Vassallos de tão Alta; e Soberana Magestade; porque a todos chegou o golpe, que deo a morte no nosso Rey. Os Vassallos se dividem em tres Estados, Ecclesiasticos, Nobres, e Plebêos: a todos tambem fere a morte com a fouce, com que corta a vida de hum Rey.

Tanto que Christo deo os ultimos alentos da vida nos braços da Cruz, logo se rasgou o véo do Templo: *Velum*

*templi scissu est: cobrio-se de luto o Sol: Et obscuratus est Sol: quebrao-se as pedras: Et petrae scissae sunt.* E porque razaõ? Direy. Era Chasto Rey: *Rex: era o véo do Templo figura dos Ecclesiasticos; o Sol retrato dos Nobres; e as pedras symbolos da plebe: e como a morte, que cortou o fio da vida ao Rey, ferio tambem a todos, por isso sentiraõ todos, Ecclesiasticos, Nobres, e Plebêos. Por parte dos Ecclesiasticos rasgou-se o véo do Templo: *Velum templi scissum este; por parte dos Nobres escureceo-se o Sol: Et obscuratus est Sol, e por parte da Plebe quebrao-se as pedras: Et petrae scissae sunt.**

A estes tres Estados ferio a morte com aquelle tyfanno golpe; que delcarragou sobre o

Au-

Matth:  
27.v.  
5.51.

Author da vida: e a estes mesmos deixou magoados o golpe, com que a mesma morte cortou o dourado fio da vida do nosso Monarcha. Todos igualmente sentiraõ; Ecclesiasticos, Nobres, e Plebêos, porque a todos com igualdade trespassou a dor. Nem obta o estarem muitos longe da vista, como estaõ os moradores desta America, para deixar de ser em todos igual a dor, e o sentimento. Na morte de Christo chegou a todos igualmente a pena: aos mais proximos, como erãõ as pedras, que estavaõ no Calvario, onde morreo o nosso Redemptor: ao mais retirado, como era o Sol, que estava no Ceo: ao mais distante, como era o véo, que estava no Templo. Na morte do nosso Soberano, a todos igualmente

ferio a dor: aos mais proximos, como saõ os que estaõ na Corte, onde felizmente acabou a vida o nosso Rey: aos mais distantes, como saõ os moradores deste Brazil, a quem o Principe dos Oradores Evangelicos chamou Ceo, ou Mundo novo: aos mais retirados, como somos nós os Franciscanos, que estamos no Sagrado deste Convento, onde todos, desde o mayor até o menor, partimos de dor em dous pedaços os nossos coraçoes; e assim partidos os sacrificamos como victimas do sentimento áquelle funebre Mausoléo, onde se representa, como despojo da morte; a Magestade mais alta de Portugal. Os Egyptios pintavaõ nos túmulos dos mortos os coraçoes dos vivos: e onde podem estar mais

In  
Serm.  
Epiph.

bem sacrificados os corações dos Franciscanos, como victimas do sentimento; que naquella magestoso Tumulo, onde se representa, como despojo da morte, hum Rey, que foy o thesouro da minha Religião Serafica. Lá disse o Evangelista S. Lucas, que o coração está, onde está o seu thesouro: *Ubi enim thesaurus, ibi & cor*: estando naquella Tumulo, como despojo da morte; hum Rey, que foy o thesouro da Franciscana: *Thesaurus*; com razão devem ahi estar sacrificados os nossos corações; como victimas do sentimento: *Ibi & cor*. Estalem pois de dor os nossos corações; sayão desfeitos em lagrimas pelos olhos, huma vez que morreu o nosso Rey: *Rex mortuus est*; huma vez que jaz sepultado nos horro-

res de huma Urna hum Rey, que foy o nosso thesouro: *Ubi enim thesaurus; ibi & cor*.

Mas, ó corações magoados, suspendey por hum pouco o vosso pranto, e os vossos gemidos, e suspiros: não pretendendo enxugar as vossas lagrimas, nem extinguir a vossa dor, e a vossa magoa; nem tudo isto faria, ainda que pudesse; porque de razão he que sintamos todos a morte de hum tal Rey:

*Non igitur penicillo sermonis mei vestras abstergam lacrymas, neque id facere velem, si possem; est enim piis affectibus quedam etiam flendi voluptas.* O: que pertendo, he mostrar a causa da nossa dor, para saber o coração com razão sentir. Deo-nos a natureza o entendimento, e o coração: o entendimento para conhe-

S. Am:  
br. in  
ob. Val.

cer, e o coração para sentir; e não pôde o coração sentir, sem que o entendimento conheça a causa. A causa da nossa dor, e o motivo do nosso sentimento não he a morte do muito Alto, Poderoso, e Fidelissimo Rey o Senhor D. João V.; porque esta não te deve lamentar, e chorar, mas sim festejar-se com jubilos de alegria; porque vivendo, como viveo, muito ajustado com as Leis Divinas, podemos piamente conjecturar que está reinando com Deos no Ceo: o que choro, e devemos chorar todos, he a perda, e a falta de hum tal Rey: *Non ploro, neque ille plorandus est, qui vocatus est ad mensam divitis, mihi potius ademptum doleo.* Todos sabem, que em huma Sexta feira, ao pôr do Sol, nos roubou a

morte ao nosso Rey: *Rex Israel mortuus est occidente Sole;* mas nem todos sabem que Rey he este; que perdeu Portugal com a sua morte. Isto, que nem todos sabem, mostrará o discurso, para saber com razão sentir o nosso coração. Dai-me attenção.

Naquella grande batalha, que teve Achab; Rey de Israel, com o Rey da Siria; despedio hum Soldado do Exercito do Rey da Siria a sua setta com tal ventura, que traspassou o Rey Achab: assim ferido; e traspassado o Rey ferido; tirou para o seu coche; onde ao pôr do Sol acabou a vida: *Rex Israel mortuus est occidente Sole.* Na morte deste Monarcha perdeu o Reyno de Israel hum Rey feito por Deos. He Deos o Creador, e Fundador de todos os Reynos, e

S. Bernard. In  
obit.  
Hum.  
bert.

Imperios do Mundo : *Ego edificator Regnorum, & Imperiorum sum*; mas na creacaõ dos Reys, e Imperadores do Mundo ha huma notavel differença ; e he: que huns saõ de Deos, e feitos immediatamente pelos homens ; outros saõ de Deos, e feitos immediatamante por Deos: os Reys, que saõ de Deos, e immediatamente feitos pelos homens.; foraõ os Reys sóra de Israel: os Reys; que saõ de Deos, e immediatamente feitos por Deos, foraõ os Reys de Israel: *Non auferetur vir de genere tuo de solio Israel.* Na morte dos Reys, que taõ feitos immediatamente pelos homens, perde o seu Reyno hum Rey feito pelos mesmos homens: na morte dos Reys, que saõ immediatamente por Deos, perde o Reyno hũ

3. Reg.  
9. c.

Rey feito por Deos. Foy Achab Rey de Israel: *Rex Israel*, e feito immediatamente pôr Deos: *Non auferetur vir de genere tuo de solio Israel:* e se na morte dos Reys feitos por Deos perde o Reyno hum tal Rey; clatamente se mostra, que quando ao pôr do Sol morreo Achab Rey, de Israel: *Rex Israel mortuus est, occidente Sole;* perdeo este Reyno hum Rey feito por Deos: *Non auferetur vir de genere tuo de solio Israel.* Este he o Rey; que perdeo o Reyno de Israel; quando ao pôr do Sol morreo Achab: *Rex Israel mortuus est; occidente Sole:* e tal como este he o Rey, que perdeo Portugal, figurado no Reyno de Israel, quando ao pôr do Sol morreo o Senhor D. Joaõ V. Quando ao pôr do Sol morreo Achab Rey

Rey de Israel, perdeu o Reyno de Israel hum Rey feito por Deos. Quando ao pôr do Sol acabou a vida o Senhor D. Joaõ V., perdeu a Monarchia Portugueza hũ Rey feito por Deos. Na morte de Achab perdeu Israel hum Rey feito por Deos; porque todos os Reys de Israel são de Deos, e feitos immediatamēte por Deos: *Non auferetur vir de genere tuo de solio Israel.* Na morte do Senhor D. Joaõ V. perdeu a Monarchia Portugueza hum Rey feito por Deos, porque todos os Reys de Portugal são de Deos, e feitos por Deos: *Volo. in te., & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* Mas alterando mais de pensamento, digo que quando ao pôr do Sol nos roubou a morte ao Senhor D. Joaõ V. ainda

mais perdeu a Monarchia Lusitana; porque perdeu mais hum Rey feito por Deos em quanto Trino. Todos os Reys de Israel, e todos os Reys de Portugal são de Deos, e feitos por Deos em quanto hum; que assim se deduz destas palavras: *Non auferetur, e: Volo in te,* pôrẽm o Senhor D. Joaõ V., Rey de Portugal; foy de Deos, e feito por Deos em quanto Trino: Ora hõtem.

Quando Deos obra fóra de si mesmo, a que os Theologos chamaõ operaçoens *ad extra*, he certo, com certeza de fé; que para qualquer effeito, mayor, ou menor; mais, ou menos perfeito; não ló concorre Deos em quanto hum; senaõ igual, e indubitavelmente a Trindade das Divinas Pessoas: *Operationes ad extra sunt indi-*

*Indivisim à tota Trinitate.* Com tudo ; na expressãõ deste concurso ha huma grande , e notavel differença , e he: que se a obra, posto que grande , naõ he a mais perfeita , se attribue a Deos em quanto hum; mas se he a mais perfeita de todas, se refere expressamente a Deos, em quanto Trino. Na mais antiga obra temos a melhor prova.

Creou Deos no principio do Mundo o Ceo, e a terra: *In principio creavit Deus Cælum, & terram.* A creaçãõ do Ceo, e da terra se seguiu a creaçãõ de todas as creaturas; desde a insensivel; que he a luz, athé a racional, que foy o homem. A creaçãõ do Ceo; e de todas as outras creaturas insensíveis; e sensitivas, se attribue expressamente a

Deos hum: *Creavit Deus Cælum, & terram.. di-* Gen. 1.  
*xitque Deus fiat lux, &* v. 1. 3.  
*facta est lux, &c. Verba creavit, dixit, & fecit, unitatem significant;* commenta o Alapide. A creaçãõ do primeiro homem, q̄ foy Adaõ, se refere cõ expressãõ a Deos em quanto Trino: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostrã.. Verba faciamus,* <sup>ibid. v. 26.</sup>  
*& nostram, Trinitatem significant.* He certo, como já disse, que para todas as obras *ad extra* concorre naõ só a Unidade de Deos, mas tambem a Trindade das Pessoas; porque em todas he huma sãõ potencia productiva *ad extra.* Pois se a primeira, e todas as mais creaturas se referem a Deos hum; porque razaõ a ultima, que foy o homem, se attribue expressamente a Deos em quanto Tri-

Alap.  
hic.

no? A razaõ he; por-  
que todas as mais crea-  
turas; posto que gran-  
des, e admiraveis, naõ  
eraõ as mais perfeitas;  
porèm o homem, crea-  
do para Rey do mun-  
do, era a mais excellen-  
te de todas: *Opus per-  
fectissimum*; e por isso  
só esta se attribue a  
Deos em quanto Tri-  
no: *Faciamus hominem,  
ad imaginem, & similitu-  
dinem nostram.. Verba  
faciamus, & nostram,  
Trinitatem significant.*  
Para a creaçãõ de to-  
das concorre a Unidade  
de Deos, e a Trinda-  
de das Divinas Pelloas;  
porèm as menos perfei-  
tas, como saõ as crea-  
turas insensiveis, e fen-  
sitivas, se attribuem a  
Deos hum: *Creavit . .  
dixit . . & fecit . . uni-  
tatem significant*: a  
mais excellente; e a  
mais admiravel, como  
he o homem: *Opus per-*

*fectissimum*., se refere a  
Deos Trino: *Faciamus  
hominem ad imaginem;  
& similitudinem nos-  
tram. . Faciamus, &  
nostram; Trinitatem sig-  
nificant.* Pois se a crea-  
tura mais perfeita se re-  
fere expressamente a  
Deos Trino, eis ahi a  
razaõ, porque se pôde  
dizer que o muito Al-  
to e Poderozo Rey, e  
Senhor D. Joaõ V. he  
de Deos, e feito por  
Deos Trino. Todos os  
Reys<sup>es</sup> de Portugal fo-  
raõ admiraveis, excel-  
lentes, e perfeitos;  
porèm o mais perfeito,  
o mais excellente, e o  
mais admiravel foy o  
Senhor D. Joaõ V. Os  
outros Reys, como  
perfeitos, admiraveis,  
e excellentes, saõ de  
Deos, e feitos por  
Deos hum: *Volo in te, &  
in semine tuo Imperium  
mihî stabilire*; o Se-  
nhor D. Joaõ V., que  
nos

nos roubou a morte ao pôr do Sol, como mais perfeito; como mais superior nas excellencias, he de Deos, e feito por Deos Trino: *Faciamus hominem.*

Que o Senhor D. Joaõ V. seja entre todos os Reys o mais superior nas perfeçoens; e excellencias, assim o mostra o sobrenome de Quinto. O numero quinto he o que significa a cousa mais perfeita de todas, como se vê quando queremos explicar a mayor perfeição, dizemos: He a quinta essencia da perfeição. Sendo pois; como he, certo este dizer, e vendo, e sabendo nós, que tem o nosso Monarcha o sobrenome de Quinto; bem podemos dizer que he a quinta essencia dos Reys, e entre todos o mais excellente.

Mas como o sobrenome de Quinto tiveraõ outros Reys, como o Senhor D. Affonso V., vamos á Escriitura a ver se acho prova mais fundamental.

Falla Christo por boca do Evangelista S. Lucas do grande Bautista, e diz assim: *Inter natos mulierum non surrexit maior Joanne;* entre todos os nascidos (depois da Mãe de Deos) nenhum mais excellente que Joaõ. Notavel dizer por certo! Onde estaõ, Senhor; tantos Patriarchas, e taõ grandes Profetas, que, sendo tochas brilhantes no mundo, hoje saõ maripozas no Ceo? Onde está hum Elias, no zelo da gloria, e honra de Deos taõ abrazado? Onde está hũ Evangelista, desvélo de vosso cuidado, e emprego de vosso amor excessivo?

Cap. 11  
v. 11.

cessivo? Bem sey que o Evangelista ficou no vossó peito encollado: Joann. 2. 1. v. 2c. Elias se ausentou para o Paraizo: *Ascendit Elias per turbinem in Cœlum.* Pois se estes, e outros muitos Santos foraõ Gigantes na perfeiçãõ; como affirmais que o Bautista a todos excede nas excellencias: *Non surrexit maior Joanne?* Porque o Bautista, responde Christo, include em si as perfeiçoens de todos: he Elias: *Ipsè est Elias;* he Profeta, e mais que Profeta: *Prophetam dico, & plusquam Prophetam;* e como nelle se achaõ as excellencias de todos os Patriarchas, e Profetas, por isso entre todos he o mayor: *Inter natos mulierum non surrexit maior Joanne.*

Assim o Bautista entre todos os Patriar-

chas, e Profetas; e assim o Senhor D. Joaõ V. entre todos os Reys de Portugal: S. Joaõ o mais perfeito de todos os Profetas, e nascidos: *Inter natos non surrexit maior;* entre todos os Reys de Portugal o mais excellente o Senhor D. Joaõ V.: S. Joaõ entre os Patriarchas o mais perfeito; porque foy tudo, Patriarcha, Profeta, e mais que Profeta: *Ipsè est Elias, Prophetam dico, & plusquam Prophetam;* entre os Reys de Portugal o Senhor D. Joaõ V. o mais excelente; porque recopilou em si as excellencias de todos: *Quinque sunt omnia.* Creou Deos ao noster Soberano Monarcha o Senhor D. Joaõ V., e nelle criou as perfeiçoens, que tinha communicado a todos os mais Reys: Houve-se Deos na crea-

Enigma  
Num  
tract. 5;

çãõ

Joann.

2. 1. v. 2c.

Reg. 4.

2. 1. 11.

Matth.

11. 14.

ção deste Monarcha, como se houve em todos os tempos: no tempo da Ley natural, no tempo da Ley escrita, e nas obras da natureza. Nas obras da natureza compendiou todas as creaturas em huma só; porque no homem unio o ser, o crescer, o sentir, e o entender; razão, porque disse S. Gregorio: *Omnis creatura est homo*. Na Ley natural compendiou todos os preceitos em hũ só; porque ao preceito do amor reduzio a observancia de todos; como diz S. Paulo: *Qui diligit, legem implevit*. Na ley escrita cifrou todos os sabores em hum só sabor; porque no maná unio todos os sabores: *Omne delectamentum in se habentem*, diz Salamaõ. Assim se houve Deos nas obras da natureza, na Ley natu-

ral, e na Ley escrita; reduzio a unidade o que tinha dividido em numeros; e assim parece que se houve na criação do Senhor D. João V. As perfeições, que tinha dividido pelos Reys, unio no Senhor D. João V.: *Quinque sunt omnia*. Nelle se achou a virtude da fé, e em tal gráo, que Benedicto XIV. o honrou com o titulo de Fidelissimo; nelle se vio o zelo do Culto Divino com tal excessão, que delle se pôde affirmar sem encarecimento o que disse a Escritura de Ezequias Rey de Israel: *Post eum non fuit similis ei de cunctis Regibus; sed neque in his; qui aute eum fuerunt*: nelle se admirou o amor a seus Vassallos, e taõ excessivo, que na epidemia geral dos vomitos negros expôs a perigo a sua

4. Reg.  
18. 5.

Sap. 7.

fua Real vida, só para af-  
 segurar a vida de seus  
 Vassallos: nelle se del-  
 cobrio a constancia em  
 tal gráo, que nenhum  
 dos Reys estranhos po-  
 de movê-lo a deixar os  
 sistemas do seu pacifico  
 governo: nelle admiri-  
 rou o Mundo a humil-  
 dade de David; a fere-  
 nidade de Salamaõ, e a  
 benignidade de Jozias:  
 em fim, quanto dividio  
 Deos pelos mais Reys,  
 cifrou no Senhor D.  
 Joaõ V.: *Quinque sunt  
 omnia.* E se S. João he  
 entre todos os Patriar-  
 chas, Profetas, e os  
 mais Santos o mais ex-  
 cellente: *Inter natos  
 mulierum non surrexit  
 maior Joanne,* porque  
 foy tudo, Patriarcha:  
*Ipse est Elias,* Profeta,  
 e mais que Proleta:  
*Prophetam, & plusquam  
 Prophetam;* podemos  
 dizer, que o Senhor D.  
 Joaõ V. he entre todos

os Reys: o mais perfei-  
 to, porque he huma  
 cifra das excellencias  
 de todos: *Quinque sunt  
 omnia.* Agora ao nosso  
 ultimo intento: se a  
 obra mais perfeita de  
 todas se attribue expres-  
 samente a Deos Trino,  
 sendo entre todos os  
 Reys de Portugal o  
 mais admiravel, e o  
 mais excellente o Se-  
 nhor D. Joaõ V.: *Non  
 surrexit maior Joanne;*  
 bem se, pôde dizer, que  
 he de Deos; e feito  
 por Deos Trino: *Fac-  
 ciamus.*

Donde se infere,  
 que o Monarcha grande,  
 que agora lamentamos  
 morto ao pôr do Sol:  
*Rex mortuus est; Occi-  
 dente Sole,* he Poderoso,  
 Sabio, e Amante:  
 Todos os versados na  
 Escritura Sagrada sa-  
 hem que á Pessoa do  
 Pay se appropria o pn-  
 der: *Pater in me ma-*

*nens facit opera*; á Pessoa do Filho a Sabedoria: *In quo sunt omnes thesauri sapientie, & scientie*; á Pessoa do Espirito Santo o amor: *Charitas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum*: e se estas tres Divinas Pessoas concorreraõ para a creação do nosso Soberano, a Pessoa do Pay lhe comunicou o poder, a Pessoa do Filho a Sabedoria, e a Pessoa do Espirito Santo o amor. Elegeo Deos a Moysés para Capitaõ General do povo Israelitico: *Constitui te Deum Pharaonis*; e diz o Sagrado Textõ, que a Pessoa do Pay comunicou a Moysés o poder representado na vara: *Tolle virgam*: *hac virga significatur summa potestas* accrescenta o Alapide. A Pessoa do Filho lhe comunicou a sabedoria:

*Ego ero in ore tuo*; e á Pessoa do Espirito Santo o amor: *Visitans visitavi vos*. E porque razão? Porque Moysés foy constituido Vice-Deos de Pharaõ por Deos Trino: *Deus Patrum vestrorum misit me ad vos* .. *significatur hic Mysterium Trinitatis*; expõem o mesmo Alapide citado neste lugar. Assim Moysés Capitaõ General do povo Israelitico; e assim o Senhor D. Joaõ V. Rey de Portugal. Moysés foy constituido Vice-Deos da Egypto por Deos Trino: *Deus Patrum vestrorum, Deus Abraham, Deus Isaac, Deus Jacob misit me ad vos* .. *significatur hic Mysterium Trinitatis*: o Senhor D. Joaõ V. Rey de Portugal foy de Deos; e feito por Deos Trino: *Faciamus*; a Moysés por ser eleito

Ex. 4.  
 Alap.  
 hic.

por

por Deos Trino, cõ-  
municou a Pessoa do  
Pay o poder: *Tolle vir-  
gam. . . hac virga signi-  
ficatur summa potestas;*  
a Pessoa do Filho a fa-  
bedoria: *Hgo ero in ore  
tuo;* e a Pessoa do Es-  
pirito Santo o amor: *Visitans visitavi vos:*  
ao Senhor D. Joaõ V.,  
por ser de Deos, e sei-  
to por Deos Trino: *Faciamus,* bem se pô-  
de dizer que a Pes-  
soa do Pay lhe cõmu-  
nicou o poder, o Filho  
a sabedoria, e o Espi-  
rito Santo o amor.  
Com o poder, cõmuni-  
cado pelo Pay, foy Rey  
poderoso; com a sabed-  
doria, cõmunicada pelo  
Filho, foy Rey Sabio;  
com o amor, cõmuni-  
cado pelo Espirito San-  
to, foy Rey amante.  
Ora vamos ponderan-  
do estas tres excellen-  
em particular no nosso  
Rey, que ao pôr do

Sol nos roubou a mor-  
te: *Rex Israel mortuus est, occidente Sole:*

Foy o Senhor D.  
Joaõ V. Rey poderoso;  
e taõ poderoso, que o  
seu poder, e dominio  
se estende a todo o  
Mundo. Ter poder, e  
dominio em todo o  
Mundo cuidou Augus-  
to Cezar que o tinha  
conseguido: *Ut descri-*  
*beretur universus orbis.*  
Nabuco, e Assuero af-  
sim o presumirão. Ale-  
xandre Magno o inten-  
tou com tal ancia,  
que sabendo que os  
discipulos de Anaxago-  
ras ensinavaõ que ha-  
viaõ mais Mundos, e  
vendo o pouco, que  
tinha conquistado, e  
o muito, que faltava  
para o cumprimento de  
seu desejo, começou  
a chorar; e dizer: *An*  
*videor merito flere*  
*quia cum mundi sint in-*  
*numerabiles; nos non-*

Luc. 21

Roder.  
in ejus  
vita. 1

Q um

*dum unius domini facti sumus.* Mas o que nestes Monarchas do mundo não foy mais que intento ; dezejo , e presumpção, no nosso Rey foy realidade. O Mundo se divide em quatro partes principaes: Europa, Azia, Africa, e América. Europa tem 900. legoas de comprido, e 800. de largo. Azia 2000. de comprido ; e 1400. de largo. Africa 1600. de comprido, e 1400. de largo. América 3000. de comprido, e 2500. de largo. Em todas estas quatro partes do mundo teve poder, e dominio o nosso Rey. Na Europa dominou o Reyno de Portugal, de que he cabeça a sempre illustre, nobre, e famosa Cidade de Lisboa ; a qual vendo Gonçalo de Avila disse: *Vidi Orbem in urbe ;*

tendo ja dito de Roma? *Vidi urbem in orbe.* No Reyno de Portugal dominou tambem cinco Provincias, a Provincia do Entre-Douro, e Minho ; a Provincia do Alentejo, a Provincia da Extremadura, a Provincia da Beyra, a Provincia de Tras dos montes. Tambem dominou o Reyno do Algarve. Na Africa, e mar Atlantico os Reynos de Angola, Monçambique, Congo, e Paté, e outros vinte e cinco nas Costas ; e Certaõ. A Cidade de Loanda, os Senhorios de Guiné, e Mazagaõ: trinta e huma Ilhas ; tres Portos, dous Castellos, e cinco Fortalezas. Na Azia e India o Vice Reynado da India, o Reyno de Ormuz seu feudatario ; sette Cidades, e muitas Praças. Na Améri-

Lib. 3. ca o Vice-Reynado do  
 Cap. 4. Brazil, nove Cidades,  
 oito Capitaniás, cujos  
 nomes declara a Aca-  
 demia universal, e sin-  
 gular. Finalmente em  
 todo o Mundo teve po-  
 der o nosso Monarcha.  
 Oh poder grande! Oh  
 Monarcha o mayor do  
 Mundo!

Depois que o Mun-  
 do começou a dilatar-se  
 em Imperios, e Mo-  
 narchias, o Rey mais po-  
 deroso foy Salamaõ:

3. Reg.  
 1. v. 23.

*Magnificatus est Rex  
 Salomon super omnes Re-  
 ges;* e a razão que nos  
 dá o Sagrado Texto he,  
 porque Salamaõ teve  
 poder, e dominio sobre  
 todos os Reys da terra:

2. Pa-  
 rali.  
 pom.  
 Cap. 9.  
 26.

*Exercuit potestatem su-  
 per cunctos Reges.* Sobre  
 todas as quatro par-  
 tes do Mundo se exten-  
 deo o dominio do nosso  
 Soberano: e se Salamaõ  
 foy o mayor no poder:  
*Magnificatus est Rex*

*Salomon super omnes Re-  
 ges;* porque a todos os  
 Reynos da terra se ex-  
 tendeo o seu dominio:  
*Exercuit potestatem su-  
 per cunctos Reges;* cla-  
 ro está, que o mayor  
 Monarcha, e o Rey  
 mais excelso no poder  
 he o Senhor D. João  
 V., que ao pôr do Sol  
 nos roubou a morte:  
*Rex Israel mortuus est,  
 occidente Sole.*

Sendo como foy taõ  
 extenso o dominio, e  
 poder de Salamaõ Rey  
 de Israel, ainda noto  
 eu huma vantagem, e  
 excessão no poder do nos-  
 so Rey. Salamaõ teve  
 poder, e dominio sobre  
 todos os Reys da ter-  
 ra: *Exercuit potestatem  
 super cunctos Reges;*  
 mas não consta que  
 em todos os Reynos, e  
 partes do Mundo obra-  
 se Salamaõ prodigios;  
 porque explicando o  
 grande Abulente este

Q. 13.  
in 2.ª Pa-  
rtilip.

Texto Sagrado: *Exercuit potestatem super cunctos Reges*; diz assim: *Hoc erat per solutionem tributorum, & per rationem aliorum servitiorum, adjuvando Salomonem in bellis, vel alias, si egeret eorum auxilio.* Porém o nosso Monarcha obrou maravilhas em todas as quatro partes do Mundo. Na Europa sagrou a Santa Basilica Patriarchal, inveja dos Reynos estranhos, glória singular de Portugal, e por isso digna de perpetua duração; no primor da arte, na riqueza; e preciosidade bem pode competir; se não excede, ao magnifico; e sumptuoso Templo de Salamaõ. Edificou o Real Convento de Mafra, que, entre as maravilhas do Mundo, bem se pôde contar por primeira. Edi-

ficou, e reedificou muitas Igrejas, ornou, e enriqueceo muitos altares, e com seu exemplo fez mais veneradas muitas Sagradas Imagens, E como se fora toda a Europa pequena esfêra para taõ grande poder, passou de Europa a Azia. Na Azia, ou Indias Orientaes sujeitou a seu Imperio, e dominio a Cidade de Lorna, a Fortaleza de Rolim, e a muitos Gentios. De Cesar se diz, que venceo tudo o que vio: *Venit, vidit, & vicit*; porém o nosso Monarcha venceo, e sujeitou a seu Real Imperio ainda o que não vio; assim como o Sol, que, sem fahir da sua dilatada esfêra, triunfa de seus inimigos. Passando de Azia a Africa; ahi renderaõ-se ao seu poderoto braço tres Reynos: o de Cayconda com todas as Pro-  
vin.

vincias, o Reyno de Olo, que confina com o rio Sena; a valoria Rainha Ginga, como publica a fama. Para Corfú enviou huma taõ illustre, como poderosa Armada, onde admirou o Mundo todo naõ só a grande, e sempre firme fé dos Portuguezes, senaõ tambem o seu valor, e estorço. Na America, além de muitas Igrejas, que edificou, erigio novamente tres Bispados; hum no Pará, outro na Cidade de S. Paulo, outro nas Minas, Cidade de Marianna. Em fim em todas as quatro partes do Mundo admiraõ todos, naõ sem espanto, e affombro, maravilhosos effeitos do grande poder do nesso Soberano; e o Monarcha, que assim usa de seu poder, hem merece que se consagre á immortalidade hũ arco

triumfal para credito de seu dilatado poder.

Depois de hum curso continuo de victorias, voltou David para a Corte, e querendo consagrar á immortalidade huma memoria de seu alentado estorço, fez hum arco triumphal: *Fecit David sibi nomen, cū reverteretur capta Syria. arcum triumphalem erexit,* commentaõ os Sagrados Expositores. Constava este arco de quatro faces, huma para a parte do Occidente, outra para o Oriente, outra para o Septentrião; outra para o Meyo dia. Na face Occidental deste arco mandou David gravar aos Filisteos vencidos, e humilhados aos pés do mesmo David com huma letra, que dizia: *Percussit David Philistim, & humiliavit eos.* Na face Oriental estavaõ es de Moab

prostrados todos por terra, e David com dous cordeis na mão, extendendo hum delles aos que mandava passar ao fio da espada, e cercando com outro aos que concedia liberalmente a vida; dizia a letra: *Per-*

N. 2.

*cussit Moab, & mensus est eos funiculo coequans terræ.* Na face Septentrional Adarzer, e Adad Reys da Syria vencidos, e maniatados com todo o seu Exercito, feitos tributarios a David, com esta letra: *Facta est Syria*

N. 6.

*David serviens suo tributo.* Na face Meridional se descobriaõ os Idumeos, descendentes de Esau, rendidos, e taõ sujeitos, que David lhes punha o pé sobre a cabeça com o verso do Psalmo 59., que nesta occasiaõ compôs: *In Idumæam extendam calcamentum meum.* Por remate deste arco pôs

David hum lyrio: *Vincenti super liliu testimoniu David,* o qual representa a Christo: *Ego liliu,* dando-nos nisto como a entender, que sobre o poder de David Rey de Israel só havia o poder de Deos.

Cant.  
2. 1. 1

Este he o arco, que mandou David fazer para ostentaçaõ do seu grande poder. Outro como este formo eu, e devemos todos formar, para que; adrairando nelle o Mundo as grandes maravilhas do nosso Monarcha, acabe de conhecer o imenso de seu poder. Consta o arco triumphal tambem de quatro faces: a primeira para a parte da Europa; a segunda para a parte da Azia; a terceira para a parte de Africa; a quarta para a parte da America. Na primeira parte; que corresponde á Europa

ropa, se admirará por todas as obras a Santa Basilica Patriarchal com esta letra: *Fecitque domum Sancti Sanctorum.*

2. Reg.  
3. 8.

Na segunda face, que corresponde á Azia, eltará a Cidade de Lorna, que sujeitou a seu Imperio o nosso Soberano:

Judith.  
cap. 2.  
v. 6.

diz a letra: *Urbem militam subiugabis mihi.* Na terceira face se veirão os tres Reys prezos, e maniatados com todos os seus Exercitos

Judith.  
1. v. 1.

com esta letra: *Subiugavit multas gentes imperio suo.* Na quarta face, que corresponde á America, se descobrião ricamente ornados os tres Bispos, que elegeo o nosso Rey para regerem a Igreja Santa de Deos, diz a letra: *Posuit*

Ab.  
Ap. 2.  
23.

*Episcopos regere Ecclesiam Dei.* Por remate de toda a fabrica estará huma grande Magestade com este epigrafe:

*Internatos mulierum non surrexit maior Joanne.*

Entre todos os Reys da terra nenhum mais poderoso, que o Senhor

D. Joaõ V.: *Quisquis Joanne plus est, non tantum homo, sed Deus est.*

S. Aug.  
d. 10. b.  
Joan.

Tambem foy Sabio o nosso Rey, que ao pôr do Sol nos roubou a morte, talvez que invejosa das grandes felicitades do nosso Reyno: Muitas são as virtudes; que deve ter hum Monarcha para ser grande no seu Imperio; mas entre todas a principal he a Sabedoria: as outras virtudes constituem a hum Rey grande, a Sabedoria o faz mayor: Falla o Texto Sagrado de Salamaõ Rey de Israel, e diz que se exaltara sobre todos os Rey da terra: *Magnificatus est Rex Salomon super omnes Reges.* E quem exaltou tanto a

3. Reg.  
10. 23.

Salamaõ ! A Sabedoria: *In Sapientia*. As outras virtudes, como foraõ as riquezas, e o poder, constituirãõ a Salamaõ grande na sua Monarchia; porêm a Sabedoria o exaltou, e sublimou sobretodos os Reys da terra: *Magnificatus est Rex Salomon super omnes Reges in sapientia*. As outras virtudes saõ grandes, e valem muito; porêm comparaças com a Sabedoria; aquellas valem mais que nada, e esta val mais que todas: *Venit in me spiritus sapientie... & preposui illam regnis, & sedibus, & divitias nihil esse duxi in comparatione illius*. Communique-me Deos, diz Salamaõ, a Sabedoria, deo-me grande poder, e muitas riquezas: porêm comparando eu a Sabedoria, que tenho; com o mais, que postuo; o

mais que postuo, he menos que nada na minha estimaçaõ: *Nihil esse duxi in comparatione illius*, e a Sabedoria, que tenho, he mais que tudo: *Et preposui illam Regnis, & sedibus*. Que monta serem muitas as riquezas, ser grande, e absoluto o poder, se naõ ha sabedoria para dispõr bem as riquezas, e usar melhor do poder. A sabedoria he a que ensina aos Reys a governar, e a dispõr com acerto as cousas pertencentes ao bom regimen: *Per me Reges regnant, per me Principes imperant*; e naõ havendo sabedoria, de que servem as muitas riquezas, e o grande poder? De nada, ou de mais que nada: *Divitias nihil esse duxi*. Agora se entenderá a razaõ, porque dizendo Deos a Salamaõ, quando o constituiu Rey de Israel; que

Sap. 7.  
8.

Prov. 8.  
15.

2. Pa-  
ralip.c.  
I. v. 10.

que pedisse por boca tudo quanto quizesse para o bom acerto do seu governo, pediu Salamaõ a Deos tã Sabedoria:

*Da mihi sapientiam, & intelligentiam.* Pois porque não pede Salamaõ a Deos as riquezas, e a extensaõ do seu dominio? Porque estas virtudes valem mais que nada, e a sabedoria val mais que tudo: *Nihil esse duxi in comparatione illius*; aquellas constituem a hum Rey Grande no teu Imperio, e esta exalta, e sublima a hum Monarcha sobre todos os Monarchas do Mundo: *Magnificatus est Rex Salomon super omnes Reges in sapientia.*

Desta virtude taõ necessaria para hum Rey der Grande, foy dotado o nosso Soberano. Alguns annos depois de nascido foy instruido nas

sciencias; mas não se consumou em todas por causa de huma grave enfermidade, que padecio na primavera dos annos: mostrou sim logo o muito, que havia de Saber: Foy assim como o Sol.

O Sol ainda nos braços da Aurora mostra o muito, que ha de luzir no dia: *Diem presignat ab ortu.* O Sol da Monarchia Portugueza na primavera dos annos deo a conhecer o muito, que havia de resplandecer no Mundo a luz da sua Sabedoria. Cresceo nos annos, e cresceo tambem na sabedoria: *Proficiebat etate, & sapientia;*

e nella se consumou delorte, que mais parecia sciencia infuza, que adquirida. Na agudeza do entendimento foy singular; na presleza do discurso sem igual; na madureza do juizo sem segundo; na discriçaõ, e ele-

Luc. 23  
52.

e elegancia das palavras hum aslombro. Digaõ aquelles, que chegado a ouvir suas palavras, naõ só ficavaõ consolados, mas tambem admirados; podendo-se delle dizer o que lá disseraõ de Christo no Templo os Doutores. A sabedoria, como ensina Aristoteles, he hum conhecimento de todas as cousas: *Cognitio omnium rerum*: todas as cousas conñecia o nosso Rey: as causas, os effeitos, e os accidentes das cousas; e por isso na eleição dos meyoys para conseguir o fim desejado sempre acertou. Todos os negocios, por mais difficultosos q̄ fosse, sempre rezolveo com acerto; em todas as materias, principalmente politicas, fallava com admiração dos que o ouviaõ: nelas naõ houve difficultade, que naõ vence-

se o seu entendimento; a todas dava taõ adequada, e genuina resposta, que fazia pasmar aos mais doutos; podendo se dizer com verdade, o que diz o Sagrado Texto de Salamaõ. De Salamaõ diz o Texto, que excedia na sabedoria a todos os Orientaes: *Præcedebat*<sup>Reg.</sup>  
*sapientia Salomonis sapientiam omnium Orientalium*; porque em todas as materias fallava, como Salamaõ, que era: Em todas as sciencias fallava o nosso Soberano; como se fora Salamaõ, e por isso entre todos os Reys o mais Sabio, e entendido: *Magnificatus est super omnes Reges in sapientia*.

E se querem saber a escõla, onde aprendeo o nosso Monarcha tantas letras, foy na observancia da Ley Divina. A observancia da Ley Divina

viña não só he boa para alcançar a graça, e para ir ao Ceo; mas tambem para ter mais sabio que todos os doutos. Falla de si o Real Profeta no Plalmo 118., e diz assim; *Super omnes docentes me intellexi*. Eu, diz David, fuy mais sabio que todos os Doutores, e Mestres. E onde aprendeste, meu Santo Rey, tantas letras? Na observancia dos Divinos preceitos: *Quia testimonia tua meditatio mea est*. Todo o meu estudo, diz David; foy na guarda da Ley Divina; *Testimonia tua meditatio mea est*, e esta me fez mais sabio que todos: *Super omnes docentes me intellexi*. Assim David Rey de Israel; e assim o Senhor D. Joaõ V. Rey de Portugal: como toda a sua applicaçõ; devêlo, e estudo, foy em observar á risca a Ley

de Deos; pôr isso foy entre todos o mais Sabio. E se a Sabedoria he a que exalta aos Reys sobre todos os Reys: *Magnificatus est Rex super omnes Reges in sapientia*; quem deixará de confessar, e dizer, que o Senhor D. Joaõ he entre todos os Monarchas o mayor; porque entre todos he o mais entendido: *Super omnes docentes me intellexi*;

Tambem foy Rey amante o Senhor D. Joaõ V. E de quem? De seus Vassallos. Assim o confessaõ, e devem confessar todos; como taõ obrigados a seu amor. Mas entre todos foy a Religiaõ Serafica a preferida no seu amor. Apenas sabio á luz este Sol abrazado; logo começou a arder no seu coração o fogo do amor Serafico. Com o mesmo ser, que recebo

nosso

o nosso Soberano do Senhor D. Pedro II., e a da Senhora Dona Maria Sophia, veyo acompanhado o amor á minha Religião Sagrada. Assim o deo a entender o mesmo Senhor, quando mandou chamar ao Prelado superior da Santa Provincia de Portugal, para lhe communicar a resolução, que havia tomado de estabelecer pelos Mestres da mesma Provincia as escolas no Real, e magnifico Convento de Mafra, introduzindo a practica com estas palavras sempre de immortal honra, e gloria para minha Religião Seráfica: Bem sabe o Padre Provincial, que eu sou Franciscano por pay, e mãy; como se dissera: Assim como de pay, e mãy recebi o ser, que tenho; assim tambem delles participey o amor

á Religião Seráfica. Quando o Pay *in Divinis* gerou ao Filho, communicou-lhe o mesmo ser, e o mesmo amor, com que ama as creaturas: com o ser; que communica o Eterno Padre ao Filho na geração eterna, vem acompanhado, *per identitatem*, o amor essencial, com que ama as creaturas. O Senhor D. Pedro II., e a Senhora Dona Maria Sophia foram em extremo amantes da minha Religião Seráfica: geraram ao Senhor D. João o V., e lhe comunicaram o ser; e parece que com este ser veyo acompanhado o affecto, que tiveram á Franciscana. Cresceo nos annos o nosso Rey, e logo começou a atear-se no seu Real coração o fogo do amor desorte, que, não podendo occultar-se na dilatada

latada esféra de seu peito, começou a publicar-se no exterior. O mar trasborda, e inunda fóra, quando dentro de sua circunferencia não pôde contêr as suas agoas. Assim o amor do nosso Rey. Não podendo por grande occultar-se na dilatada esféra de seu peito; começou a publicar os incendios, em que se abrazava o seu coração por amante da Franciscana. O amor, ou se manifesta pelas dadivas, ou se conhece nas obras: *Est amor in dono, & donum in amore manet.* Pelas dadivas se deo a conhecer o amor de Jonathas para com David: *Expoliavit se Jonathas tunica sua, & dedit eam David:* pelas obras manifestou Jacob o excesso, com que amava a Rachel: *Serviam tibi per Rachel:* no muito, que

deo Jonathas a David; mostrou o muito, que amava; no muito, que obrou Jacob por Rachel, significou o excesso, com que queria. Por hum, e outro principio manifestou o nosso Rey o grande, e o excessivo amor, que teve á minha Religião Sagrada. Principiemos pelo dar.

Na primavera dos annos, e antes de ser Rey, mandou o nosso Monarcha, hum Estrela de ouro para os Lugares Santos da Palestina, huma das cinco excellencias grandes de minha Religião Seráfica. Quando Christo pafceo em Belem, appareceo no Ceo huma Estrella, que, se não era de ouro, tinha dourados os rayos; e servindo de norte aos tres Reys do Oriente, tambem foy feliz pronóstico do muito, que haviaõ de dar por

1. Reg.  
18. 40.

Gen.

29. 18.

aman-

amantes: *Vidimus Stel-  
lam ejus, & venimus  
cum muneribus adorare  
Dominum.* Aquella Es-  
trelle de ouro, que man-  
dou o nosso Soberano  
para a Palestina, fer-  
vindo de luz para co-  
nhecemos o seu amor,  
tambem foy pronóstico  
certo do muito, que  
havia de dar no tempo  
do seu felicissimo rey-  
nado. Neste tempo man-  
dou para a sustentação  
dos Religiozes, que as-  
sistiaõ nos Santos Lu-  
gares, trinta e sette con-  
ductas taõ copiosas, que  
chegaraõ a fazer a som-  
ma de hum conto tre-  
zeptos e settenta e set-  
te mil cruzados. Man-  
dou mais muitas, e  
preciosas alfayas; que  
no primor, e valor ex-  
cedêrao a quantas man-  
dáraõ os mais Reys da  
Europa: hum só orna-  
mento, que mandou pa-  
ra cobrir o Santissimo

Sepulchro, fez a despeza  
de vinte e dous mil cru-  
zados. Voltando da Pa-  
lestina para Portugal;  
digaõ os Conventos, que  
levantou das ultimas rui-  
nas; confessem os que  
novamente erigio com  
immensas despezas dos  
seus thesouros. Diga  
por todos, os que levan-  
tou das ultimas ruinas,  
o Convento de S. Fran-  
cisco da Cidade, para  
cuja reedificação deo  
por esmola cem mil cru-  
zados. Confesse por to-  
dos, os que novamente  
erigio, o Real Con-  
vento de Mafra, onde  
tantas saõ as pedras,  
quantos saõ os espelhos,  
em que está vendo, e  
conhecendo o Mundo o  
amor do nosso Monar-  
cha; onde tantas saõ as  
columnas, quantos saõ  
os padroens, que consa-  
grou o seu poder á im-  
mortalidade para credi-  
to do seu amor:

Voltando de Portugal para América ; publique , por todas as Provincias , esta de Santo Antonio do Brasil , da qual foy tam- bem Protector: razaõ , porque taõ empenhada se mostrou nas suas Reaes Exequias. Além de largas , e annuaes esmólas , q̄ fez sua Magestade a muitos Conventos desta santa Provincia , mandou para o Convento da Cidade da Bahia hum todo de veludo preto : para o Convento da Cidade de Olinda outro todo de damasco branco ; guarnecido de franjas de ouro fino : outro naõ menos rico para o Convento da Villa de Cairú : outro tambem igual na preciosidade , e riqueza para o Convento da Villa de Iguaçu : a todos em fim enriqueceo com dadivas

o seu amor. E se o amor se conhece pelas dadivas , como ensinã Santo Agostinho : *Amor sentitur in donis* ; vendo o muito , que nos deo o nosso Rey ; quem deixará de confessar o fino de seu amor. Assim confessamos ; Rey Fidelissimo ; e Monarcha Soberano ; assim confessamos todos agradecidos : e para ter credito de fim ao vosso amor , basta confessarmos a vossa liberalidade. Déstes sem limite á minha Religiaõ Serafica , e por isso foy sem limite o vosso amor. No muito ; que deo Jonathas , sendo Principe , a David , mostrou o muito ; que o amava : *Jonathas diligebat David valde* : no muito ; com que enriquecestes a minha Religiaõ sagrada , déstes a conhecer o excesso de

de voslo amor.

Naõ se contentou o amor do nosso Rey com o muito, que nos deo; ainda passou a mais no que obrou. Para cuja intelligencia excito huma questãõ. Rezolvendo-se hum Rey a amar a hum Vassallo, em que mostra ser mais fino o seu amor; em dar, ou em receber do Vassallo o sayal? Ninguem ignora, que a segunda fineza he mais subida; porque dando muito, ainda a sua Purpura Real, nunca fica o Vassallo mayor que o Rey: mas tomando o sayal, fica o Rey menos, que o Vassallo: e quem duvida, que he mais subido o amor, que faz ao amante menos, que o amado, que o amor, que faz ao amado igual ao amante. Muito se encarece na

Escritura Sagrada o amor de Jonathas para com David: porẽm, dando muito Jonathas a David, naõ consta que recebesse este Principe do Pastor a çamarra. Pois se Jonathas deo a David até a sua Real Purpura, porque razãõ naõ recebe de David o sayal? Pode o amor obrigar a Jonathas, que desse a David, sendo Pastor, a sua Purpura; e naõ pode acabar com Jonathas, que, sendo Principe, receba de David; sendo Pastor, o sayal? Sim; porque dando o Principe a sua Purpura ao Pastor ficava o Pastor igual ao Principe, e isto pôde fazer o amor, que he grande; mas recebendo o Principe o sayal do Pastor, ficava o Principe menos que o Pastor; e isto naõ pôde fazer nem hum

hum amor tão encarecido, como o de Jonathas para com David.

Isto supposto, vede agora o que obrou por amante da Franciscana o nosso Rey. Depois de dar muito, como deo, também recebeu da Religião o pobre, e humilde sayal.

Tres Ordens fundou o meu Serafico Patriarcha S. Francisco. A Primeira dos Religiosos Menores: a Segunda de Freiras; e a Terceira da Penitencia:

In c.  
off.

*Tres Ordines hic ordinat; primumque Fratrum nominat Minorum; pauperumque fit Dominarum medius: sed Penitentium tertius sexum capit utrumque.* Nesta Terceira Ordem recebeu o nosso Monarcha o santo habito. No muito, que deo á Religião, mostrou o

muito, que amava; em receber o pobre, e humilde sayal, significou o excesso, com que queria. Muitas finezas obrou o amor de Deos pelos homens; porém na dadiua do Filho de Deos, diz S. João q̄ mostrara o mesmo Deos o mais fino de seu amor:

*Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret.* E

porque mais nesta, que nas outras finezas, mostrou Deos o excesso de seu amor? Porque o Filho vestio o habito da nossa humanidade:

*Habitu inventus ut homo,* diz S. Paulo: e

quando Deos, depois de dar muito, toma também o nosso habito, entã mostra o subido da fineza. Desorte que na Incarnação do Filho de Deos houverão duas finezas: huma no dar se a si: *Unigenitum*

R da

daret ; outra no receber o habito da nossa humanidade: *Habitu inventus ut homo* : no dar-se a si mostrou ser grande o seu amor ; no receber o habito da nossa humanidade subio de ponto a fineza : *Sic Deus dilexit mundum ; ut Filium suum Unigenitum daret . . habitu inventus ut homo*.

Oh fineza grãde de Deos para com os homens ! Oh amor tambem grandê para com a minha Religiaõ Serafica ! Deos , depois de dar muito aos homens , tambem recebeu o habito da nossa humanidade ; o nosso Rey , depois de dar muito á Franciscana , tambem recebeu o pobre , e humilde sayal . No muito , que deo Deos aos homens , mostrou o grande amor , que lhes tinha : o nosso Reyno , muito , com

que entiqueceo a minha Religiaõ Serafica , significou o seu grande affecto . Deos , quando se vestio da mortalha da nossa humanidade , mostrou o excesso de seu amor : o nosso Rey , em receber o pobre Sayal de Francisco meu Padre , mostrou os mayores quilates do seu amor . Ora noteinos huma circumstancia , que houve na profissãõ , que fez o nosso Rey , para melhor conhecermos todos o excesso de seu amor .

Aos 7 , de Dezembro , vespera do dia , em que solemniza a Igreja nossa Mãe a sempre pura , e Immaculada Conceiçaõ de Maria Santissima Mãe de Deos , e Protectora de todo o Reyno de Portugal , fez o nosso Monarcha a sua profissãõ de verdadeiro Filho de S. Francisco

cilco nas mãos do Padre Commissario dos Terceiros com tal espirito, e devoção, e com tal ternura de affectos, que, ditas as palavras da profissão, começou a lançar pelos olhos duas correntes de crystaes. Quem tal dissera! Suspendei, meu amante Rey, as vossas lagrimas, que parece indecente o chorar a Soberania de hũa taõ alta Magestade. Negou Pedro a Christo, e para chorar, diz o Texto sagrado que deixara o

Luc. 23  
62.  
Paço: *Egressus foràs flevit amarè.* Pois porque razã não chora Pedro no Paço, onde negou a Christo? De razã era que vissem a penitencia aquelles, que viraõ a culpa; para que sahe Pedro do Paço para chorar? Direi: era Pedro Principe: *Princeps*; e as lagrimas saõ indecentes á

Soberania de hũ Príncipe; como se dissera Pedro He conveniẽte á minha alma o chorar; he proprio á cõtrição o pranto: mas como o pranto he indecente á Magestade, não he de chorar onde me vejaõ os homens, e para isto tomei por acordo o fallir fóra do Paço. *Egressus foràs flevit amarè.* Pois se as lagrimas em publico saõ indecentes á Magestade; porque razã chorastes tantas lagrimas em publico? Para que, para nõ na Real face aquelles crystaes derretidos; se pudesse dellès formar hum crystallino espeelho, õnde pudessẽ todos ver os incêndios de seu peito amante. Assim foy, e assim õ devemos presumir todos; porque he o amor taõ ambiciozo de se dar a conhecer com

o pranto, que não pôde hum coração abraçar-se em finezas, sem que no candido papel do rosto as elevava com caracteres de lagrimas.

Quando Jacob se avistou a primeira vez com Raquel naquella poço de agoa, em que beboo tanto fogo o coração do amante Pastor diz o Texto sagrado que chorara muito Jacob: *Cumque eam vidisset; elevata voce, fleuit.* Eu não sey que razão teve Jacob para derramar tantas lagrimas. Se esta he a primeira vez; que Jacob vê a Raquel, porque chora? Porque amava muito a Raquel: *Præ amoris magnitudine.* O mesmo amor, que lhe ateou no coração o fogo, derreteo nos olhos as lagrimas; para que vendo Raquel o muito,

que choravaõ os olhos; conhecesse tambem o muito fogo, em que se abrazava o seu coração por amante. Vio Jacob a Raquel, e pelos olhos se introduzio no coração de Jacob o amor: e como o amor dezeja ser manifesto, e as lagrimas saõ as melhores testemunhas do excessõ, com que se ama: *Vis amoris per lacrymas manat;* para que Raquel conhecesse do seu amor o excessõ, começou a chorar Jacob: *Elevata voce fle.*

Agora se deixa bem conhecer a causa, porque chegando Christo á sepultura de Lazaro derramou muitas lagrimas: *Lacrymatus est*

**JESUS.** Porque como os homens tão sómente discorrem pelo que vem: *Homo videt ea, que parent,* vendo nos olhos de Christo Rey

muitas

Gen.  
29.

S. Bern.  
trat. de  
Lac.

Joan. 11  
v. 11.

1. Reg.  
16.

Joan.  
11.

muitas lagrimas, pudessem conhecer o muito, que o amava: *Ecce quomodo amabat eum.* Era Christo amante fino de Lazaro; levadas da vehemencia do amor subiraõ aos olhos as lagrimas: *Lacrymatus est JESUS*, e como saõ as lagrimas os verdadeiros interpretes do querer, deraõ a conhecer o muito, que amava Christo a Lazaro: *Ecce quomodo amabat eum.*

E se as lagrimas, como verdadeiros interpretes do querer, saõ as melhores testemunhas do excesso, com que se ama, quem naõ dirá, que derramarem os olhos do nosso Rey tantas lagrimas em publico, quando professo o ser filho de Francisco, soy empenho de querer por ellas dar a conhecer ao mundo o excesso, com que ama-

va a minha Religiaõ Serafica? Eu pelo menos nenhuma duvida tenho, naõ só pelo que diz o sagrado Texto de Jacob a respeito de Raquel, de Christo a respeito de Lazaro; mas tambem porque sey, que muito mais obrava só a fim de querer dar-se a conhecer por amante fino da Franciscana. Ora vamos descobrindo as finezas para se conhecer melhor o extremado do seu amor.

Feito o nosso Rey filho de seu, e meu Padre S. Francisco, prezava-se mais desta filiação adoptiva, que da que lhe vinha pela Real ascendencia. Assim o mostrava todas as vezes, que fallava na minha Religiaõ; porque sempre a tratava pela nossa Religiaõ Serafica. Quando á sua Real pre-

sença chegava algum Religioso Menor, o recebia nos braços; beijava a manga do santo habito; e muitas vezes a levava á Coroa de sua Real cabeça, dando-nos nisto a entender, que mais estimava o habito de S. Francisco que a Coroa de sua Real cabeça, ou que a Coroa de sua Real cabeça era o Habito de nosso Padre S. Francisco. A todos os Religiosos seus Irmaõs mostrava especial agrado, com todos fallava; e conversava com muita familiaridade. Grande firmeza de amor na verdade; extremo estranho de hum hem querer resignado, pois não se pôde dar amor com mayor excesso; que chegar hum Rey a ter familiar conversação com hum Vassallo tão humilde! Notavelmen-

te encarece a Escriitura Sagrada o amor de Jonathas para com David; dizendo, que tanto lhe queria, que como a sua mesma alma o amava: *Diligebat eum quasi animam suam.* Pergunto agora: em que descobrio o Sagrado Texto este amor tão grande? O grande Abulente delgadamente a nosso intento solta a duvida: *David venerat in habitu pastorali, hoc autem inhonestum erat, cum assumptus fuisset ad familiaritatem Regis.* Inda que eu compuzera as palavras, não as fizera mais proprias. Querem dizer: Jonathas era hum Principe, David hum pobre Pastor: travou pratica Jonathas com David, e começaram ambos a conversar com tanta familiaridade, como se foraõ ambos iguaes;

1. Reg.  
18.

iguaes: considerando pois isto resolveo-se o Sagrado Texto a dizer, que onde se achava esta acção, hum valente amor se descobria: *Diligebat eum, quasi animam suam.* E se isto diz a Escritura do amor de Jonathas para com David, que direy eu do amor do nosso Rey, vendo, e sabendo, que com tanta familiaridade convertava com os pobres, e humildes Franciscanos? Direy, como digo, que foy taõ grande fineza, e taõ estranho extremo de hum bem querer refinado, como foy o amor de Jonathas para com David: *Diligebat eum quasi animam suam.*

Naõ parou aqui o seu amor, ainda passou a mais. No Real Convento de Mafra servio á Mesa a todos os Religiosos, que nel-

le moravaõ. Fez o nosso Rey por amante dos Franciscanos, o que lá fez Christo por amor dos homens. Quando o Amantissimo Senhor vio que era chegada a hora de se ausentar dos homens, a quem amava, diz o Evangelista S. Joaõ que se cingira, e apertara com hũa toalha: *Linteo precinxit se*, e que assentara comfigo á Mesa aos Discipulos: *Hoc nemo servit discumbentium* e que os servira á Mesa, e administrara como servo, sendo o mais Soberano Senhor: *Ego in medio vestrum sum, sicut qui ministrat.* Isto he o que obrou Christo por amante dos homens; e isto he o que obrou o nosso Rey por amante dos Franciscanos: Christo por amante se cingio com huma toa-

lha : *Precinxit se lin-*  
*teo* ; o nosso Rey por  
 amante dos Francisca-  
 nos se apertou com  
 huma toalha. Christo  
 assentou á sua Mesa os  
 Discipulos : *Nemo sci-*  
*vit discumbentium* ; á  
 Mesa fez assentar aos  
 Franciscanos o nosso  
 Rey : Christo ; tendo  
 Rey ; e Senhor dos  
 Senhores ; servio á Me-  
 sa aos Discipulos : *In*  
*medio vestrum sum , si-*  
*cut qui ministrat* ; o Se-  
 nhor D. Joaõ V. ; tendo  
 nosso Rey e Senhor,  
 servio á Mesa aos Fran-  
 ciscanos. Oh amor ;  
 que a muito obrigas ;  
 quando chegas a ser o  
 mais refinado , e o mais  
 subido ! Obrigas hum  
 Deos a servir aos ho-  
 mens , e obrigas a hum  
 Rey a servir a huns po-  
 bres , e humildes Vas-  
 sallos.

Aqui vem nascen-  
 do huma questaõ , e he

qual destas finezas foy  
 a mayor : se o estimar  
 a Religiaõ Franciscana ;  
 se o conversar familiar-  
 mente com os seus Re-  
 ligiosos ; ou se a estes  
 servir á Mesa ? Pare-  
 ce-me , que ninguem  
 duvida , que esta ulti-  
 ma fineza he entre to-  
 das a de mayor realce.  
 Todas saõ em extremo  
 grandes , porèm esta  
 terceira he a maxima ;  
 e a razaõ he : porque  
 estimando o nosso Rey  
 a minha Religiaõ , con-  
 versando familiarmente  
 com os seus Religiosos  
 ficava a Religiaõ exal-  
 tada , e os humildes  
 Religiosos sublimados ;  
 porèm servindo lhes á  
 Mesa ficava humilhada  
 a Magestade : e quem  
 duvida , que mais in-  
 tento he o amor , que  
 humilha ao amante ,  
 que o amor , que exal-  
 ta ao amado.

Tres finezas obrou  
 Christo

Christo pelo amor dos homens: huma foy a Incarnação; outra foy a instituição do Divinissimo Sacramento; e outra foy o Lavatorio. A primeira fineza foy grande, a segunda mayor, e a terceira maxima: assim o diz S. João Chrystostomo; e assim o deo a entender o Evangelista Amado quando no Evangelho dos amores de Christo pôs em ultimo lugar, e como coroa de todos a fineza do Lavatorio: *Præcinxit se lin-*

Cap. I. 3  
4. 5.

*teo .. cæpit lavare;* e assim o mostrou o Principe dos Apostolos S. Pedro, quando olhando para Christo, e olhando para si, repugnou este excesso do amor de Christo: *Non lavabis mihi pedes.* O que supposto, pergunto agora: Qual será a razão, porque a fineza

do Lavatorio ha de exceder, e levar vantagem ás outras? Na Incarnação unio-se Deos com os homens com aquella tão intima, como indissolúvel uniaõ. No Sacramento fez Deos aos homẽs Deozes: *Verè come-*

S. Tho:  
m.

*dens Deus efficitur:* no Lavatorio lavou Christo os pés dos Discipulos: *Cæpit lavare;* e o lavar Christo os pés dos Discipulos he maior fineza; que o fazer aos homens Deozes, e que unir se Deos com os homens: Sim; e a razão he: porque naquella intima uniaõ de Deos com os homens, ficaraõ os homens exaltados: *De-*

S. An:  
l. 3. de  
Trin. 3.

*monstratum est homini, quem locum haberet in rebus:* no Sacramento ficaraõ sublimados, e levados a mayor altura; e iguaes, ou quasi iguaes

iguaes com Deos: *Deus efficitur*; porém no laboratório ficou humilhada, e abatida a Migestade: *Cepit lavare*; e como he mais fino o amor, que humilha, e abate o amante, que o amor, que exalta o amado; por isto, sendo aquellas finezas em extremo grandes, he esta entre todas a mais crecida. Na escola do amor, ha dous modos de obrar: exaltar a pessoa amada; abater a pessoa amante. Se o amor he grande, exalta a pessoa amada; se o amor he refinado, passa a mais: abate, e humilha a pessoa amante. Dous amores acho eu muito encarecidos na Escritura Sagrada; hum o amor de Jonathas para com David; outro he o amor de Jacob para com Raquel; e se me perguntarem, qual

dellas he o mais excessivo? Direi que he o amor de Jacob para com Raquel: *Præ amoris magnitudinis*. E a razão he; porque o amor de Jonathas exaltou a David: *Expoliavit se tunica sua, & dedit eam David*; porém não abateo a Jonathas; e o amor de Jacob, além de sublimar a Raquel; humilhou a Jacob, porque o fez servir: *Serviam tibi per Raquel*; e o amor, que he só grande, exalta ao amado, e não abate ao amante; porém o amor, que he excessivo, humilha ao amante depois de exaltar ao amado.

Tudo obrou por amante o nosso Soberano; exaltou-nos a nós, e humilhou-se a si: exaltou-nos a nós, quando nos seus braços nos recebia; quando a si nos unio o seu amor; quando

do comuelco conueita-  
 va familiarmente ; e em  
 todas estas acçoens mo-  
 strava o grande amor ,  
 que nos tinha : humi-  
 lhou se a si , quando no  
 Convento de Mafra nos-  
 servio á mesa , como se  
 fora servo , sendo o  
 mais alto , e Soberano  
 Senhor , e nisto nos mo-  
 strou os mayores quila-  
 tes , e os mayores real-  
 ces da fineza. Que Ja-  
 cob sirva a Labaõ por  
 Raquel , não me ad-  
 mira , que isso he servir  
 hum pastor a outro ;  
 mas que huma Maget-  
 tade taõ alta , que hum  
 Senhor taõ poderoso sir-  
 va a huns pobres , e  
 humildes Fradinhos ;  
 isso he que admira !  
 Mas assim havia de ser ,  
 para ser verdadeiro imi-  
 tador de Christo , e  
 extremadamente aman-  
 te da Franciscana.

Com todas estas fi-  
 nezas , com todos es-

tes excessos não foce-  
 gou ainda o coraçãõ a-  
 mante do nosso Rey :  
 porque em quem palpi-  
 taõ as chammãs do a-  
 mor , não pode focegar  
 nas finezas. Dizem que  
 o amor , quando chega a  
 ser o mais refinado che-  
 ga até a morte : *Ami-  
 cus usque ad aras* : e o  
 amor , que teve o nosso  
 Monarcha á minha Re-  
 ligiaõ Seráfica passou  
 além da morte ; porque  
 quando vivo ordenou  
 que o seu corpo , depois  
 de morto , fosse amon-  
 talhado no pobre , e  
 e cinzento sayal de nos-  
 so Padre S. Francisco.  
 Assim se executou ; e  
 assim devia ser para se  
 acreditar o seu amor de  
 sette vezes mayor ,  
 e de sem semelhante na  
 terra. Para exemplar  
 dos Reys na terra pós  
 Deos ao Sol no Ceo :  
 a este exemplar do Ceo  
 imitou na terra o nos-  
 so Rey. Em

Em dous lugares fa-  
la o Sagrado Texto do  
Sol no dia do Juizo: no  
Capitulo 3. de Ifaias, e  
no Capitulo 6. do E-  
vangelista S. Joaõ. No  
Capitulo 6. do Apoca-  
lypse diz S. Joaõ, que  
o Sol se ha de vestir de  
cilicio: *Sol factus est ni-  
ger tamquam saccus cili-  
cinus*; e Ifaias uo Capi-  
tulo ja citado diz, que  
o Sol ha de luzir sette  
vezes mais que nos ou-  
tros dias: *Erit lux So-  
lis sicut lux septem die-  
rum*. Quem naõ vê a  
diversidade destes Tex-  
tos? Que o Sol se vis-  
ta de cilicio no dia de  
Juizo, naõ me admira;  
porque he Principe, e  
he Rey: *Luminare ma-  
ius*, e quẽ no principio o  
levantou á Magestade,  
no fim do mundo o  
condenou a penitencia,  
naõ por culpas proprias  
mas sim por culpas a-  
lhêas; que esta he hũa

das obrigaçoens dos  
Reys, fazer penitencia  
ainda por culpas alhêas.  
Mas o que me espanta  
he, que o Sol brilhe,  
e resplandeça sette ve-  
zes mais, a tempo que  
ha de apparecer a mor-  
talhado em hum pobre;  
e cinzento sayal! O  
vestir-se o Sol de cilicio  
he amortallar-se: o a-  
mortallar-se o Sol, he  
deixar de luzir: o luzir  
sette vezes mais, naõ  
só he luzir, tenaõ luzir  
muito. Pois como ha  
de o Sol luzir sette ve-  
zes mais, quando ha de  
apparecer amortalhado,  
e vestido de cilicio: *Sol  
factus est niger tamquam  
saccus cilicinus: erit lux  
Solis sicut lux septem die-  
rum*? Por isso mesmo;  
que se ha de amorta-  
llar em hum cinzento  
sayal, ha de luzir set-  
te vezes mais. He o  
Sol Rey: *Luminare  
maius*; he a luz, pelo que  
tem

tem de fogo, emblema do amor; e quando hum Rey por amante se amortalha com hum pobre, e cinzento sayal, entã admira o mundo sette vezes mayor o seu amor: *Sol factus est niger tanquam saccus cilicinus. erit lux Solis, sicut lux septem dierum.*

Este he o exemplar do Céo, a quem imitou na sua morte o Sol da Monarchia Portugueza. Decretou este Sol abraçado, que no dia da sua morte, que tambem he dia de Juizo, se amortalhasse o seu corpo no habito pobre, e humilde de S. Francisco nosso Padre; e o mesmo foy amortalhar o seu corpo, e vestir-se de cilicio este luzido Sol: *Sol factus est niger, tanquam saccus cilicinus;* que conhecer o Mundo todo a seu amor por sette vezes mayor: *Erit lux Solis*

*sicut lux septem dierum.*

Em extremo grande foy o amor do nosso Rey; quando com muitas dadas enriqueceo a minha Religiaõ Seráfica; mais extremado, e mais de ponto subido nas honras, e estimaçoens, que nos fez; e como ja não podia subir mais, que tez? Decretou, que o seu corpo fosse, qual outro Sol, amortalhado no pobre, e cinzento sayal de nosso Padre S. Francisco. *Sol factus est niger, tanquam saccus cilicinus;* para que naquellas pardas sombras acabasse o Mundo de conhecer, que entre todos os seus Vassallos o mais preferido no amor, foy a minha Religiaõ Seráfica: *Erit lux Solis sicut lux septem dierum.*

Este he o Rey, que ao pôr do Sol nos roubou a morte: *Rex Israel mortuus est occidete Sole;* hum

hum Rey, que foy de Deos, e feito por Deos Trino; hum Rey, que, por ser obra de Deos Trino, foy Poderoso, Sabio, e Amante. Vejaõ agora se tem bastantes causas toda a Monarchia Portugueza para sentir com razaõ, para lamentar com repetidos suspiros, e gemidos a perda de hum tal Rey. E posto que a Providencia, e a bondade Divina nos deixou para lenitivo da nossa dor; e para allivio da nossa laudade outro Rey em tudo semelhante: *Similem enim reliquit post se*; com tudo, quem deixou de sentir, e chorar taõ grande perda? Na morte de Christo, nosso Redemptor sentiraõ todos, como ja disse; e a razaõ, que tiveraõ para taõ grande sentimento; foy o perderem hum Rey, que em quanto

homem foy obra de Deos Trino: *Faciamus hominem*; hum Rey Poderoso: *Omnia mihi tradita sunt à Patre meo*; hum Rey sabio: *Sciens*, e hum Rey taõ amante dos seus Vassallos: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos* Pois se na morte de Christo sentiraõ todos huma taõ grande perda, de razaõ he que gema, sinta, e chore toda a Monarchia Portugueza; huma vez que perdeu hum taõ grande Monarcha. Chore pois Portugal, gema toda America, sinta Azia, lamente Africa; porque como em todas estas quatro partes do Mundo teve poder, e dominio o Senhor D. Joaõ V., em todas he universal, e commua a perda; e quando he universal a perda, devc ser commum, e universal o sentimento.

Mas

Mas supposto comprehendida geralmente a todos taõ grande perda, a ninguem magõa mais, que a toda a Religiaõ Serafica: porque se quem mais perde, deve mais sentir; na morte do Senhor D. Joaõ V. ninguem perden mais, que toda a Franciscana. Perdeo a Franciscana, como perderaõ todos os Portuguezes, hum Rey, que foy de Deos, e feito por Deos Trino; hum Rey Poderoso, Sabio, e Amante; e perdeo mais que todos, porque perdeo hum Rey mais amante feu, hum Rey, que era o seu thesouro, seu Pay, e juntamente Filho feu: em fim hum Rey, que era o seu tudo: e quem tanto perde, deve sentir, e chorar mais que todos. Quando deo Christo os ultimos alentos da vida nos braços da Cruz, sen-

tiraõ, e choráraõ todas as creaturas; porẽm a dor que traspaslou o coração da Virgem Mãy, foy mais aguda, e mais intentia, que a dor de todas as creaturas: *Virginis dolor erat maior*, diz S. Bernardo. E porque razaõ? A razaõ he taõ clara, como natural. Porque na morte de Christo perdeo a Senhora mais que todas as creaturas. Todas as creaturas perderaõ na morte de Christo Rey, que por ser em quanto homem obra de Deos Trino, foy Poderoso, Sabio, e Amante: a Senhora perdeo mais, porque, além de perder tudo isto, perdeo mais hum Rey mais amante feu, que de todos: *Dilectus meus mihi*; hum Rey, que era o seu thesouro: *Heredem universorum*, hum Rey, que era seu Pay: *Tu*

Cent.

6.

Heb. 1.

2.

S. Ant.

d. lau-

dib.

Virg.

• *mihi*

*mihī Pater*, e juntamente Filho seu: *Tu mihī Filius*; em fim, hum Rey, que em quanto homem era todo seu, e emquanto Deos era o seu tudo: *Deus meus & omnia*: e como quem mais perde, deve mais sentir; por isso chegando a todas as creaturas a dor na morte de Christo, o coração da Senhora foy o traspassado de huma dor mais aguda, e mais intensa: *Virginis dolor erat mayor.*

Esta foy a dor, que padeceo a Senhora na morte de Christo, Rey do Univerſo; e tal como esta parece ser, como deve, o sentimento de toda a Religião Seráfica na morte do Senhor D. João V. Rey de Portugal. Na morte de Christo perdeu a Senhora igualmente com todas as creaturas hum Rey, que em quanto

homem foy de Deos, e feito por Deos Trino; na morte do Senhor D. João V. perdeu a Religião Seráfica, e toda a Monarchia Portugueza hum Rey de Deos; e feito por Deos Trino. Na morte de Christo perdeu a Senhora mais que todas as creaturas, hum Rey, q̄ em quanto homẽ era todo seu, e em quanto Deos era o seu tudo; na morte do Senhor D. João V. perdeu a Religião Seráfica hum Rey, que por amante era todo seu. Na morte de Christo perdeu a Senhora hum Rey, que era seu Pay, e juntamente Filho seu; na morte do Senhor D. João V. perdeu a Religião Seráfica hũ Rey, que era seu Pay, e juntamente seu Filho: a Senhora, porque tudo perdeu na morte de Christo, padeceo huma dor

dor mais intensa, que as dores, que padecerão todas as creaturas: *Virginis dolor erat maior*; o sentimento de toda a Franciscana he; e deve ser mayor que o sentimento de todos; porque quando roubou a morte ao Senhor D. João V. ao pôr do Sol, perdeu tudo: *Omnia simul in te uno*. Chore pois, sinta, gema, e suspire toda a Religião Serafica, huma vez que perdeu tudo: *Rex Israel mortuus est occidente Sole*. *Dilectus meus*. *Tu mihi Pater*. *Tu mihi Filius*. *Omnia simul in te uno*.

Estas são as causas, e estes são os motivos; que tem os nossos corações para com razão sentir, e os nossos olhos para chorar, posto que não ponderadas com aquella efficacia de palavras; com aquella energia de affectos, com

aquella profundidade de sentimento, que perdida é tão grande, e tão notavel perda. Agora quizerá eu, que neste theatro se mudasse a scena: que os lutos se convertessem em ricas gallas, que as caveiras se revestissem de vida, que os Cyprestes se produzissem em palmas, que os epitafios se convertessem em panegyricos, que as luzes daquella triste Urna, e funebre Mausoléo se mudassem em luminarias de alegria; porque, o que até aqui lamentamos, como despojo da morte: *Rex mortuus est*, agora o contemplo eu como triunfante no Ceo. Triunfou da morte, e salvou se o muço Alto, Poderoso, e Fidelissimo Rey o Senhor D. João V. Fallo com aquella modificação, que ordena os Summos Pon-

tifices da Igreja nossa Mãe. Esta conjectura, é esperança nos daõ as muitas virtudes de nosso Rey defunto. E quando não houvessem algumas, bastava, para assim o conjecturar, o cordial affecto, que teve em sua vida o nosso Rey ao nosso Serafico Patriarcha, e a toda a sua Religião Sagrada.

Falla o Mellifluo Doutor S. Bernardo de S. Joãõ Baptista, e diz assim: *Joannes stat, quia amicus.*, & *quia ardens erat, sicut Seraphim stare dicuntur.* S. Joãõ, diz o Santo Doutor, está no Reyno da Gloria; porque foy amante, assim como estão os Serafins no Ceo. Não reparo em que diga o Santo Doutor: que S. Joãõ está no Ceo, porque para o Ceo foy creddo; no que reparo, he na causal: *Quia ami-*

*cus, & quia ardens erat;* porque foy amante, e amigo dos Serafins do Ceo. Pois não teve o Grande Baptista outras muitas virtudes? Sim teve. Não foy tão Poderoso, que Deos o elevou, e exaltou sobre todos os Reys da terra? Sim, que assim o profetizou Jeremias: *Ecce constitui te super gentes, & super Regna.* Não foy tão sabio, que mereceo ser a voz, pela qual explicou o Eterno Padre o teu Divino Verbo? Sim; que assim o disse Santo Agostinho: *Beatum Joannem, quasi vocem, per quam ad nos verbum sum proferret assumpsit.* Pois porque razão não diz o Mellifluo Doutor, que S. Joãõ está reinando no Ceo; porque foy Poderoso; porque foy Sabio, mas sim porque foy Amante: *Quia ami-*

Jerem.  
c. i. v  
10.

Serm.  
76. in.  
Apend

cus

*cus, & quia ardens erat?* Porque só esta virtude, e só este extremado bat-ta para levár ao Ceo hũ Justo. Todas as virtu-des são degraos, por on-de se sóbe ao Ceo; po-rêm como o amor aos Serafins da Gloria he entre todas a principal; por isso só esta excel-lencia allega o Santo Doutor., quando diz que está no Ceo o Se-nhor S. Joaõ: *Joannes stat, quia amicus; quia ardens, sicut Seraphim stare dicuntur.*

Em extremo grande foy o cordial affecto; que teve o nosso Rey á aquelle Serafim Chaga-do, e a toda a tua Re-ligiãõ Sagrada: e se S. Bernardo diz que S. Joaõ está no Ceo; por-que foy amante dos Se-rafins do Ceo: *Joannes stat, quia amicus; & quia ardens erat;* porque não direy, do modo q̃ pos-

to dizer: *Joannes stat quia amicus, & quia ardens erat;* o Senhor D. Joaõ está no Ceo, porque foy amante do coração do Serafim de Assis, e de toda a sua Religiãõ? Ainda quando sey que esta he huma das excel-lencias, e favores que Christo Senhor Nosso concedeo ao nosso Se-rafico Patriarcha. Hum dos seus privilegios, e favores, que Christo Se-nhor Nosso concedeo a meu Padre S. Francisc-o, e a toda a sua Sagra-da Religiãõ he este: = Que qualquer pessoa, que amasse de coração a seus Religiosos, ( por mayor peccador que fosse ) alcançaria a miseri-cordia de Deos Nosso Senhor. = Pois se este he o favor, que Christo concedeo a meu Padre S. Franciscõ; e se o nos-so Rey foy cordial amante de meu Padre

S. Francisco, e de todos seus Religiosos, como fica provado, e todos nos confessamos, e tão obrigados, como agradecidos a seu amor, porque não poderey dizer com S. Bernaado: *Joannes stat, quia amicus, & quia ardens erat*, O Senhor D. João V. está, como piamente podemos crer, no Ceo, porque foy cordial amante dos Serafins da terra.

Assim piamente cremos todos, muito Alto, Poderoso, e Fidelissimo Rey, e Senhor nosso: assim como vos obedecemos, e servimos todos na terra, assim vos veneramos com a mesma piedade no Ceo. Gozay, gozay para sempre, não a Coroa, que deixastes na terra, mas sim a que merecestes alcançar no Ceo pelo cordial affecto, com que vene-

raistes sempre a nossa Religiaõ Serafica. E se he proprio dos Vassallos, o pedir mercês a seu Soberno, por mercê vos pedimos todos, que vos lembreis do vosso Reyno, alcançando de Deos para elle, e para todos nós a conservação da paz, em que tanto vos empenhastes na terra. Lembrai-vos tambem de todos os vossos tão leaes Vassallos, que se tanto merecerão a vossa memoria na terra, justo he que mereção a vossa lembrança no Ceo. Lembrai-vos de toda a Religiaõ Serafica, que se a enriquestes na terra com dadas, e honras; fazey com Deus, que a enriqueça de muitas virtudes, e graças. Lembrai-vos em fim desta Santa Provincia do Brazil, da qual se fostes especial Protector na terra.

terra, sedetambem nos-	e agradecidos a vosso
to Amparo, nosso Ad-	amor, á vossa protecçãõ;
vogado, e Protecctor.lá	e amparo, vos cantamos
no Ceo, que todos nós,	hoje para sempre: Re-
como tão obrigados,	<i>quiescat in pace.</i>

**FINIS**  
*LAUS DEO.*



1774  
LONDON  
Printed by R. DODD, in Pall-mall.

THE  
LAW



1774

1774







